



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO EM LETRAS/ESTUDOS LITERÁRIOS
LEITURA E RECEPÇÃO DA LITERATURA NO BRASIL

REGINA BARBOSA DA COSTA

**DALCÍDIO JURANDIR: LEITOR E CRIADOR DE PERSONAGENS-LEITORES NO
CICLO DO EXTREMO NORTE**

BELÉM / PARÁ
2019

REGINA BARBOSA DA COSTA

**DALCÍDIO JURANDIR: LEITOR E CRIADOR DE PERSONAGENS-LEITORES NO
CICLO DO EXTREMO NORTE**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Comunicação, da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Letras, na área de concentração de Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Marlí Furtado.

BELÉM / PARÁ
2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

C837d Costa, Regina Barbosa da
DALCÍDIO JURANDIR: LEITOR E CRIADOR DE
PERSONAGENS-LEITORES NO CICLO DO EXTREMO
NORTE / Regina Barbosa da Costa. — 2019.
215 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Marlí Tereza Furtado
Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em
Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade
Federal do Pará, Belém, 2019.

1. Personagem. . 2. Leitura.. 3. Leitor.. 4. Dalcídio
Jurandir. I. Título.

CDD 890

REGINA BARBOSA DA COSTA

**DALCÍDIO JURANDIR: LEITOR E CRIADOR DE PERSONAGENS-LEITORES NO
CICLO DO EXTREMO NORTE**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Letras e Comunicação, da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Letras, na área de concentração de Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Marlí Furtado.

Data de aprovação: 30 / 08 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Marlí Tereza Furtado – UFPA / PPGL
(Orientadora e Presidente da Banca)

Prof.^a Dr.^a Germana Araújo Sales – UFPA / PPGL
(Membro Interno)

Prof.^a Dr.^a Valéria Augusti – UFPA / PPGL
(Membro Interno)

Prof.^a Dr.^a Simone Cristina Mendonça – UNIFESSPA / PPGL
(Membro Externo)

Prof. Dr. Francisco Pereira Smith Junior – UFPA / PPLSA
(Membro Externo)

Prof.^a Dr.^a Juliana Maia Queiroz – UFPA / PPGL
(Suplente Interno)

Prof.Dr. José Guilherme Fernandes – UFPA / PPGEAA
(Suplente Externo)

Ao meu pai, Manoel Costa, um guerreiro
que deixou muitas saudades.
Ao meu filho, Ricardo Costa, pelo carinho
especial.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado a força necessária para superar os muitos obstáculos que surgiram no decorrer das etapas deste trabalho.

À orientadora, Prof.^a Dr.^a Marli Tereza Furtado, pela dedicação, compreensão, seriedade e competência com que conduziu a orientação de minhas pesquisas desde o mestrado e também pela valiosa contribuição para meu amadurecimento intelectual e pessoal. Eternamente grata por todo o apoio.

À professora Dra. Germana Sales, que vem acompanhando meu trabalho de pesquisa desde o mestrado e muito contribuiu com acertadas sugestões e referências para a qualificação deste trabalho.

À professora Dra. Simone Mendonça da UNIFESSPA, que desde o mestrado participa na composição desta pesquisa com orientações, sugestões e referências, contribuições que foram muito importantes para o desenvolvimento da Tese.

À professora Dra. Valéria Augusti, que me apresentou Roger Chartier nas aulas de Tópicos Avançados no PPGL.

Ao Professor Dr. Francisco Pereira Smith Junior – UFPA / PPLSA que gentilmente aceitou o convite para constituir a banca de doutorado como membro externo.

À professora Dr.^a Juliana Maia Queiroz – UFPA / PPGL meu agradecimento pela gentileza em aceitar o convite para suplente interno.

Ao professor Dr. José Guilherme Fernandes – UFPA / PPGEAA meu agradecimento por aceitar o convite para suplente externo.

E aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, Área de Estudos Literários – Literatura: Interpretação, Circulação e Recepção / Estudos Literários.

Aos secretários do PPGL, pela atenção e respeito que sempre dispensaram aos alunos do Programa.

Aos funcionários da biblioteca da UFPA, pela excelência no atendimento aos discentes.

Aos gestores da Secretaria de Estado de Educação, que me concederam licença-estudo.

Aos gestores do HPSM-MP, em especial aos Coordenadores do Centro de Estudos, Dr. José Raimundo Silva Arias e Dr. Marcus Vinícius Henriques Brito, pela compreensão e gentileza ao tratar das minhas dispensas, licenças, férias, trocas e substituições.

À equipe de trabalho do Centro de Estudos do HPSM-MP, pela compreensão e apoio durante as licenças: Eurides Cardoso, Suely Bastos, Celeste Miralha, Fernando Reis, Raimunda Reis, Telma Lima e Patrícia Malcher.

Aos colegas, gestores, professores e alunos da Escola Superior Madre Celeste, em especial à equipe de Letras Espanhol/Inglês, Educação Física, Enfermagem e Pedagogia.

Aos integrantes do Uber privado: Maria José, Ângela e Iracildo.

Aos integrantes do Projeto de Extensão Atletas da Alegria, do Projeto de Pesquisa Hemeroteca Tareja e aos futuros professores da turma LIE8N1/2019 pela compreensão nos momentos que não pude acompanhar nas atividades.

Ao meu pai, Manoel Costa, um lutador por excelência, que me ensinou como vencer as mais difíceis batalhas; a minha mãe, Joana Costa, que sempre me mostrou que os sonhos são ilimitados; ao meu filho Ricardo Costa, no incentivo das minhas atividades; aos meus irmãos Isac e Tiago; as minhas irmãs Luzia, Rute e

Odaléa, pelo apoio e incentivo; aos meus cunhados Roberto e Fabrício, pelo apoio; aos meus sobrinhos de primeira linha, Lílian, Laís, Andréa, Suellen, Patrícia, Adriana, Adriano, Louro, Márcio, Rodrigo e a Tamirys, leitora dos meus abstracts e extensão de conversas acadêmicas e também aos sobrinhos de segunda linha, Samuel, Rafael, Valentina e Gael.

Aos companheiros pesquisadores do Projeto Amazônia em Narrativas da UFPA, desenvolvido pela profa. Marlí Furtado.

Aos amigos/irmãos Suellen Batista e Edvaldo Pereira, pelo companheirismo, conversas acadêmicas e não acadêmicas, respeito, ética, enfim... por serem amigos.

À amiga Julia, leitora dos meus textos.

À amiga Dandy, pelo carinho e orações.

Ao Fred, minha paixão de quatro patas, pelo amor incondicional e companheirismo durante os momentos de escrita.

E a todos que contribuíram para a construção desta pesquisa. Uns, de forma direta e outros, de forma indireta.

“Livros que terei lido até o fim da vida... [...] Versos, personagens, conceitos, teses e antíteses formando uma espécie de música difusa, fundo geral de consonâncias e dissonâncias, sumo e resumo de páginas desfeitas, matéria de um único livro, delido”

Benedito Nunes

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar a proposta literossocial de Dalcídio Jurandir (1909 – 1979) quanto à elevação da condição social, por meio da cultura. Para isso, o escritor agregou realidade social e estética literária, expondo-as nos livros que compõem o Ciclo do Extremo Norte (1939 - 1978). Nesse projeto, o escritor deixou rastros a serem seguidos, o que resultou na investigação das práticas de leitura realizadas por personagens-leitores. No intuito de desvendar as leituras fictícias dos personagens, foi preciso adentrar no arquivo pessoal do escritor e conhecer o espólio cultural que o fez um grande leitor. Desta forma, a pesquisa traz um novo olhar sobre a produção ficcional do escritor, posto que, a partir das leituras dos personagens-leitores, foi possível recuperar textos de grande sucesso, que circularam na região amazônica, no início do século XX, mas que ficaram adormecidas, durante muito tempo, em estantes, livreiros, sebos, leiloeiros, bibliotecas físicas e virtuais. Esta pesquisa foi dividida em seis seções, para contemplar os dez livros do ciclo do Extremo Norte, com um prólogo, que apresenta um painel sobre a questão do desenvolvimento de projetos de pesquisa na região Norte, e as produções literárias do escritor Dalcídio Jurandir. Nas “Trilhas de leitura de Dalcídio Jurandir” terão destaque “As Imagens da biblioteca sem muros de Dalcídio Jurandir” com um detalhamento sobre os produtos culturais adquiridos pelo escritor. No tópico teórico acerca das “Leituras, leitores, personagens e personagens-leitores” serão demonstradas as produções de pesquisadores que trabalham essa temática nas mais diversificadas áreas de estudos. A análise dos livros do ciclo do Extremo Norte será agrupada em dois núcleos: um rural e outro urbano. O núcleo rural será analisado na terceira seção, e o urbano na quarta e quinta seções. O primeiro núcleo contempla os livros de ambientação na ilha do Marajó: **Chove nos campos de Cachoeira, Marajó e Três casas e um rio**, com a representação de uma comunidade de leitores numa ilha não hegemônica em relação à capital do estado do Pará. Na quarta seção, serão considerados os livros do núcleo urbano intitulados: **Belém do Grão-Pará, Passagem dos Inocentes e Primeira Manhã**, que apontam para a “desagregação de leitores num horizonte em ruínas”. Nesta seção, o romance **Belém do Grão-Pará** será evidenciado por focalizar as áreas centrais da cidade de Belém, sendo a periferia da cidade analisada em **Passagem dos Inocentes e Primeira Manhã**. Na quinta seção, ainda voltada para o núcleo urbano, as leituras são demonstradas num quadro terminal, em “O ciclo da Fênix no Extremo Norte”. Nesta seção, as imagens de aniquilamento de cidades, livros, leituras e estudos ficam evidenciados nos livros **Ponte do Galo, Os Habitantes, Chão dos Lobos e Ribanceira**, numa ambientação das leituras e da narrativa de maneira fosca e caótica, no entanto, no último livro, sutilmente emerge a ideia de renascimento dessa cultura antes fragilizada. O aporte teórico da pesquisa compreende os estudos realizados por pesquisadores pertencentes à História Cultural e História da Leitura, com destaque para Roger Chartier, que analisa o estudo da leitura como processo complexo e dinâmico, Carlos Reis e Antônio Candido no estudo das personagens, das estudiosas brasileiras Marisa Lajolo e Regina Zilberman, na análise da leitura e da figuração da leitura, além dos relevantes estudos realizados pela pesquisadora Marli Tereza Furtado sobre críticos e literários da obra do escritor Dalcídio Jurandir.

Palavras-chave: Personagem. Leitura. Leitor. Dalcídio Jurandir

RESUMÉ

La présente étude a pour objectif d'analyser la proposition littéraire et sociale de Dalcídio Jurandir (1909 - 1979) concernant l'élévation de la condition sociale au moyen de la culture. Pour cela, l'écrivain a ajouté la réalité sociale et l'esthétique littéraire, en les exposant dans les livres qui composent le Cycle de l'Extrême-Nord (1939 - 1978). Dans ce projet, l'écrivain a laissé des traces à suivre qui ont permis d'enquêter sur les pratiques de lecture des personnages-lecteurs. Afin de dévoiler les lectures fictives des personnages, il était nécessaire d'entrer dans les archives personnelles de l'écrivain et de connaître le patrimoine culturel qui faisait de lui un grand lecteur. De cette façon, la recherche apporte ainsi un nouveau regard sur la production fictive de l'écrivain puisque, à partir des lectures des personnages-lecteurs, il a été possible de retrouver des lectures de grand succès, qui ont circulé dans la région amazonienne au début du XXe siècle. Cependant, ils sont restés longtemps endormis dans les étagères, les libraires, les causeurs, les encanteurs, les bibliothèques physiques et virtuelles. Cette recherche était divisé en six sections, qui couvrent les dix livres du cycle de l'Extrême-Nord, le résultat de cette recherche est présenté avec un prologue, qui contient un panneau sur la question du développement de projets de recherche dans la région du Nord et les productions littéraires de l'écrivain Dalcídio Jurandir. Dans les pistes de lecture de "Dalcídio Jurandir", "Les images de la bibliothèque" sans murs "de Dalcídio Jurandir" sera mis en évidence avec un détail sur les produits culturels acquis par l'écrivain. Dans le thème théorique "Lectures, lecteurs, personnages et personnages-lecteurs" seront présentées les productions de chercheurs qui travaillent cette thématique dans les domaines d'études les plus divers. Dans l'analyse, les livres du cycle de l'Extrême-Nord seront regroupés en deux noyaux: un rural et un urbain. Le noyau rural sera analysé dans la troisième section, et l'urbain dans les quatrième et cinquième sections. Le premier noyau contemple les livres sur l'île de Marajó: **Chove nos campos de Cachoeira, Marajó** et **Três casas e um rio**, avec la représentation d'une communauté de lecteurs dans une île non hégémonique par rapport à la capitale de l'État de Pará. Cette section sera consacrée aux livres du noyau urbain intitulés: **Belém do Grão-Pará, Passage dos Inocentes** et **Primeira manhã**, qui évoquent la "désintégration des lecteurs dans un horizon en ruine". Dans cette section, le roman **Belém do Grão-Pará** sera mis en évidence en se concentrant sur les zones centrales de la ville de Belém, étant que la périphérie de la ville est analysée dans **Passagem dos Inocentes** et **Primeira manhã**. Dans la cinquième section, toujours centrée sur le noyau urbain, les lectures sont illustrées dans un cadre final intitulé "annihilation de villes, livres, lectures et études" en évidence dans les livres **Ponte do Galo, Os Habitantes, Chão dos Lobos** et **Ribanceira**, dans une atmosphère de lectures. et le récit de manière floue et chaotique. L'appui théorique de la recherche comprend les études menées par des chercheurs de l'histoire culturelle et de l'histoire de la lecture, notamment Roger Chartier, qui analyse l'étude de la lecture en tant que processus complexe et dynamique, Carlos Reis et Antônio Candido, dans l'étude des caractères, les érudites brésiliennes Marisa Lajoto et Regina Zilberman, en analyse de lecture et en figuration de lecture, ainsi que des études pertinentes de la chercheuse Marli Tereza Furtado sur la critique et l'écrivains littéraires de l'œuvre de Dalcídio Jurandir.

Mots-clés: Personnage. Lecture. Lecteur. Dalcídio Jurandir

ABSTRACT

The present study aims to analyze the literary and social proposal of Dalcídio Jurandir (1909 - 1979) regarding the elevation of the social condition through culture. For this, the writer added social reality and literary aesthetics, exposing them in the books that compose the Far North Cycle (1939 - 1978). In this project, the writer left traces to be followed, which resulted in the investigation of the reading practices performed by characters-readers. In order to unveil the fictitious readings of the characters, it was necessary to enter into the personal archive of the writer and to know the cultural heritage that made him a great reader. In this way, the research brings a new look at the fictional production of the writer, since, from the readings of the characters-readers, it was possible to recover readings of great success, that circulated in the Amazon Region, in the beginning of the 20th century, but were long dormant, in booksellers, auctioneers, physical and virtual libraries. Divided into six sections, to contemplate the ten books of the Far North Cycle, the research is presented with a prologue, which contains a panel on the issue of the development of research projects in the North region, and the literary productions of the writer Dalcídio Jurandir. In the topic "Trilhas de Leitura de Dalcídio Jurandir", "The images of the library 'without walls' of Dalcídio Jurandir " will be highlighted, with a detail about the cultural products acquired by the writer. In the theoretical topic about "Leituras, leitores, personagens e personagens-leitores" will be demonstrated the productions of researchers who worked on this topic in the most diverse areas of study. In the analysis, the books of the Extreme North Cycle will be grouped in two cores: one rural and another urban. The rural core will be analyzed in the third section, and the urban in the fourth and fifth sections. The first core contemplates the books that sets on the island of Marajó: **Chove nos campos de Cachoeira, Marajó** and **Três casas e um rio**, which brings the representation of a community of readers in a non hegemonic island in relation to the capital of the state of Pará. In the fourth section will be considered the books of the urban core entitled: **Belém do Grão-Pará, Passagem do Inocentes** and **Primeira Manhã**, which point to the "disintegration of readers in a ruined horizon". In this section, the novel **Belém do Grão-Pará** will be evidenced by its focus on the central areas of the city of Belém, being the periphery of the city analyzed in **Passagem dos Inocentes** and **Primeira Manhã**. In the fifth section, still focused on the urban core, the readings are demonstrated in a terminal stage, in "The Phoenix cycle in the Far North". In this section, images of the "city, books, readings and studie's" annihilation are evidenced in the books **Ponte do Galo, Os Habitantes, Chão dos Lobos** and **Ribanceira**, in a setting of the readings and the narrative in a matte and chaotic way; however, in the last book, the idea of rebirth of this previously weakened culture subtly emerges. The theoretical contribution of the research comprises the studies carried out by researchers belonging to Cultural History and the History of Reading, with emphasis on Roger Chartier, who analyzes the study of reading as a complex and dynamic process; Carlos Reis and Antônio Candido in the study of characters, and for Brazilian scholars Marisa Lajolo and Regina Zilberman, in the analysis and figuration of reading, in addition to the relevant studies carried out by researcher Marli Tereza Furtado on critics and literaries of the work of the writer Dalcídio Jurandir.

Key words: Character. Reading. Reader. Dalcídio Jurandir

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Livro: Os Sertões	23
Figura 02 – Correspondência Pessoal	23
Quadro 01 – Leituras em Chove nos campos de Cachoeira	45
Figura 03 – Revista La Hacienda	50
Figura 04 – Almanaque Agrícola Brasileiro	51
Figura 05 – Revista Chácaras e Quintais	51
Figura 06 – Livro: O Manuscrito Materno	69
Figura 07 – Livro: A mulher Adúltera	69
Figura 08 – Livro: Rainha e mendiga	72
Figura 09 – Livro: A dor de Amar	73
Quadro 02 – Leituras em Marajó	78
Figura 10 – Livro: Cultura dos Campos	82
Figura 11 – Almanaque Bristol	83
Figura 12 – Almanaque Bristol - assuntos	83
Quadro 03 – Leituras em Três casas e um rio	86
Figura 13 – Jornal A Gazetinha	88
Figura 14 – Livro: No país da arte , de Blasco Ibáñez.	90
Figura 15 – Livro: Formulário E Guia médico	91
Figura 16 – Livro: Força e Matéria , de Luiz Büchner	91
Figura 17 – Livro: História do Rio Amazonas , de Henrique A. Santa Rosa.....	92
Figura 18 – Livro: Livro: Segundo Livro de Leitura	92
Quadro 04 – Leituras em Belém do Grão-Pará / Didáticos.....	99
Figura 19 – Gramática Complem da Língua Portuguesa/ Paulino de Brito	99
Figura 20 – Dicionário Prático Ilustrado – Jaime de Seguíer	99
Quadro 05 – Leituras em Belém do Grão-Pará / Periódicos.....	100

Figura 21 – Jornal Folha do Norte	102
Figura 22 – Jornal A Província do Pará	102
Figura 23 – Revista O Malho	103
Figura 24 – Revista A Cena Muda	104
Quadro 06 – Leituras em Belém do Grão-Pará / Música, Cinema e Teatro.....	105
Figura 25 – Revista A Semana	107
Figura 26 – Jornal O Estado do Pará	107
Quadro 07 – Leituras em Belém do Grão-Pará / Literatura Estrangeira	107
Quadro 08 – Leituras em Belém do Grão-Pará / Literatura Nacional	109
Figura 27 – Álbum de Belém	110
Quadro 09 – Leituras em Passagem dos Inocentes / Didáticos	111
Quadro 10 – Leituras em Passagem dos Inocentes / Periódicos	113
Figura 28 – Anúncio na Revista Chácaras e Quintais	114
Figura 29 – Anúncios no Estadão	114
Figura 30 – Almanaques Bertrand	115
Figura 31 – A Comuna	116
Quadro 11 – Leituras em Passagem dos Inocentes / Literatura	116
Quadro 12 – Leituras em Passagem dos Inocentes / Religiosos.....	118
Quadro 13 – Leituras em Passagem dos Inocentes / Diversos	119
Quadro 14 – Leituras em Primeira manhã / Literatura.....	122
Figura 32 – A força do amor ou Alonso e Marina	125
Figura 33 – Le crime de Sylvestre Bonnard	126
Figura 34 – História Verdadeira da Princesa Magalona	128
Figura 35 – Contos e Lendas . Rabello da Silva.....	130
Figura 36 – História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França	131
Figura 37 – Paulo e Virgínia	132
Quadro 15 – Leituras em Primeira manhã / Religiosos	133

Quadro 16 – Leituras em Primeira manhã / Didáticos	135
Quadro 17 – Leituras em Primeira manhã / Periódicos	136
Figura 38 – O Tico-Tico	137
Figura 39 – O Tico-Tico / Verso da capa.....	137
Figura 40 – Guajarina	138
Quadro 18 – Leituras em Primeira manhã / Cinema.....	140
Figura 41 – La Strada (VHS)	141
Quadro 19 – Leituras em Primeira manhã / Diversos	142
Figura 42 – La Clefs du Diagnostic de l’individualité	143
Quadro 20 – Leituras em Ponte do Galo	148
Figura 43 – Revista Vida Doméstica	152
Figura 44 – Livro Contos Pátrios	153
Quadro 21 – Leituras em Os habitantes	155
Quadro 22 – Leituras em Chão dos Lobos	157
Figura 45 – Poema Luxo	159
Figura 46 – Livro A carne	160
Figura 47 – Nelly La Gigolete	161
Figura 48 – O Monge de Cister	161
Quadro 23 – Leituras em Ribanceira	163
Figura 49 – Cartaz do filme Garganta Profunda.....	165
Figura 50 – Partitura de O Guarani	165
Figura 51 – Bruges, a morta	166
Figura 52 – Encyclopedie Larousse	167
Figura 53 – Catálogos da Galeria Lafaiete.....	167
Figura 54 – Jornal O Paiz	169
Figura 55 – Cartilha método ABC.....	170

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 NAS TRILHAS DO LEITOR DALCÍDIO JURANDIR	21
2.1 Imagens da biblioteca sem muros de Dalcídio Jurandir	22
2.2 leituras, leitores, personagens e personagens-leitores.....	33
3 A FORÇA DE UMA COMUNIDADE DE LEITORES NO NÚCLEO MARAJOARA	43
3.1 As leituras em Chove nos campos de Cachoeira	44
3.2 As leituras em Marajó	76
3.3 As leituras em Três casas e um rio.....	85
4 A DESAGREGAÇÃO DE LEITORES: UM HORIZONTE EM RUÍNAS NO NÚCLEO URBANO	94
4.1 As leituras em Belém do Grão-Pará.....	97
4.2 As leituras em Passagem dos Inocentes	111
4.3 As leituras em Primeira Manhã	121
5 O CICLO DA FÊNIX NO EXTREMO NORTE: UM SENTIDO PARA DESTRUIÇÃO DE CIDADES, LIVROS, LEITURAS E ESTUDOS?	146
5.1 As leituras em Ponte do Galo	147
5.2 As leituras em Os habitantes	154
5.3 As leituras em Chão dos lobos	156
5.4 As leituras em Ribanceira	162
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
Referências	178
Anexos A – Correspondência Pessoal - Dalcídio Jurandir	190
Anexos B – Produção Intelectual de terceiros - Dalcídio Jurandir	195
Anexos C – Poesias da terceira seção	199
Anexos D – Figura da quarta seção - Galeria Lafayette	210
Anexos E – Poesias da quarta seção	211
Anexos F – Revista Belém Nova	215

1 INTRODUÇÃO

Condenados a uma existência que nunca está à altura de seus sonhos, os seres humanos tiveram que inventar um subterfúgio para escapar de seu confinamento dentro dos limites do possível: a ficção. Ela lhes permite viver mais e melhor, ser outros sem deixar de ser o que já são, deslocar-se no espaço e no tempo sem sair de seu lugar, nem de sua hora e viver as mais ousadas aventuras do corpo, da mente e das paixões, sem perder o juízo ou trair o coração.

Vargas Llosa

Os caminhos que nos levam a conhecer o escritor Dalcídio Jurandir (1909-1979)¹, sempre transitaram pelo binômio escrita/leitura. O escritor deixou bem definida sua marca no papel social que escolheu para representar, que foi a defesa dos pobres e do acesso à cultura, dados que são comprovados por sua participação social em periódicos, na produção de livros e nas cartas enviadas por ele a diversos interlocutores, que o consolidam como um cidadão amazônida empenhado na luta por melhorias sociais.

A arte do escritor proposta nesta pesquisa está em simular, em dez livros do ciclo do Extremo Norte², numa abordagem ostensiva, assuntos relacionados à cultura, numa região inóspita, em que tem destaque a pobreza e o analfabetismo. Esta fusão, estético-empenhada, se consolida no uso de personagens-leitores e narradores que praticam o ato da leitura e da narração de leituras nos romances do ciclo e em situações adversas, provocando um efeito que se parece com a técnica do “*mise en abyme*”³, visto que o leitor real lê aquilo que os personagens estão

¹ Dalcídio Jurandir nasceu na Ilha do Marajó (PA), no município de Ponta de Pedras em 1909 e morreu no Rio de Janeiro (RJ) em 1979. Morou em Cachoeira do Arari até 1922 e foi para Belém estudar, mas não concluiu os estudos. Além de escritor, foi também jornalista, tendo intensa atuação como redator e colaborador, no Pará em: **O Imparcial**, **Crítica Estado do Pará**, **Revista Escola**, **Revista Guajarina**, **Revista Novidade** e **Revista A Semana**; no Rio de Janeiro em: **O Radical**, **Diretrizes**, **Diário de Notícias**, **Correio da Manhã**, **Tribuna Popular**, **O Jornal**, **Imprensa Popular**, **Revista Literatura**, **Revista O Cruzeiro**, **Semanário Classe Operária**, **Para Todos e Problemas**.

² O ciclo do Extremo Norte: **Chove nos campos de Cachoeira**, (1941), **Marajó** (1948), **Três casas e um rio** (1958), **Belém do Grão-Pará** (1960), **Passagem dos Inocentes** (1963), **Primeira manhã** (1967), **Ponte do Galo** (1971), **Os habitantes** (1976), **Chão dos Lobos** (1976) e **Ribanceira** (1978). O escritor também publicou **Linha do parque**, em 1959, que não pertence ao Extremo Norte.

³ A técnica do “*mise en abyme*” foi proposta por André Gide e depois teve o conceito ampliado por Lucien Dällenbach. É num processo de reflexividade literária (auto-representação), de duplicação especular que pode ser total ou parcial, mas também clara ou simbólica e indireta. Conforme: DALLENBACH, Lucien. Intertexto e autotexto. In: Intertextualidades. Tradução de Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979, p. 51-76

lendo e narrando conteúdos de livros ficcionalmente e, ao mesmo tempo, analisando-os.

O uso da leitura sempre foi progressivo para o escritor Dalcídio Jurandir, visto que foi possível realizar um verdadeiro inventário das obras encontradas em seus textos de ficção e jornais. Isto não significa que ele tenha lido todo o espetacular repertório demonstrado nos textos mas, por certo, também não conseguiu citar todas as obras lidas por ele. Desta forma, no presente trabalho, foi possível construir uma biblioteca com imagens de leitura praticada pelo escritor e seus personagens.

Ao realizar um bosquejo sobre as marcas do escritor Dalcídio Jurandir na história literária brasileira, observou-se que ele ainda é um escritor à margem da história literária brasileira mas que, em contrapartida, as Universidades da região Norte, por meio de projetos acadêmicos, estão conseguindo realizar mudanças significativas no *status* dos escritores do Norte do país. Por isso, a tarefa de (re)escrever a história da literatura do Brasil e, em especial, a da região Norte, só é possível a partir do resgate de escritores prestigiados na região, mas que são pouco conhecidos no Brasil, como o escritor Dalcídio Jurandir.

O fato de a literatura produzida na região Norte ser pouco discutida nas canônicas Histórias Literárias existentes no Brasil, não diminui o dinamismo com que ela está sendo pesquisada em algumas Universidades do Norte e já vem ganhando certo respeito por parte de renomados escritores. O efeito desse resgate dos escritores amazônidas pode ser percebido no número de produções para periódicos e em eventos literários de nível local, nacional e até internacional, apresentados por estudantes ligados a programas de pós-graduação.

Num período que compreende quase duas décadas, a produção científico-literária da região Norte deu saltos significativos para se fazer conhecer; para isto, uma gama de pesquisadores, especialmente os da Universidade Federal do Pará (UFPA), estão reagindo a esse apagamento dos produtos literários regionais e prova disso são os projetos de pesquisa elaborados por estudiosos de universidades locais. Neste sentido, a UFPA desponta com variadas linhas de pesquisas voltadas para o estudo das produções de escritores amazônidas que, às vezes, não figuram no rol elencado pelos escritores das histórias literárias ou são comentados de forma inexpressiva.

Neste segmento, dar-se-á destaque aos projetos acadêmicos empreendidos pela pesquisadora Marlí Furtado, na UFPA que, durante 16 anos, já elaborou dez

projetos sobre a produção de escritores na região; dentre eles, o Projeto “A Amazônia em narrativas dentro e fora do Cânone: tradição e ruptura II” (2015), que é uma extensão de uma proposta que existia desde 2013 de realizar um estudo sistematizado da literatura na Amazônia, com pesquisa de obras e autores de diferentes períodos.

O escritor Dalcídio Jurandir figura em sete projetos de pesquisas na UFPA⁴; empreendidos pela pesquisadora Marli Furtado, que já geraram produções acadêmicas no espaço da pesquisa, de expressivo valor para uma discussão sobre os produtos literários da Amazônia Brasileira. Nesta perspectiva, podemos contar com produções, tais como: livros, capítulos de livros, periódicos, monografias, dissertações de mestrado, além de teses de doutorado, em andamento. Paralelas a esses estudos destacamos, também, outras pesquisas empreendidas por pesquisadores regionais, tanto da UFPA quanto de outras Universidades, como: Gunter Karl Pressler (UFPA); Josebel Akel Fares, da Universidade do Estado do Pará (UEPA); e Rosa Assis e Paulo Nunes da Universidade da Amazônia (UNAMA).

Nas Histórias Literárias, o escritor Dalcídio Jurandir chegou a ser visto como “representante de um regionalismo menor” (BOSI, 2013. p. 454) ou, segundo Carlos Nejar que, em sua História Literária, troca o nome de Dalcídio por Dulcídio, e o aponta como “um relator de imagens [...] derramado, disperso, fechado, um tanto contraditório entre a invenção e ânsia de dizer” (NEJAR, 2011. p. 529). Contudo, além de Bosi e Nejar outros escritores já esboçaram estudo a respeito de Dalcídio Jurandir, tais como: Afrânio Coutinho, Antonio Olinto, Benedito Nunes, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Massaud Moisés, Willi Bole. No entanto, Jurandir até hoje não chegou a ter um estudo mais aprofundado nas histórias literárias, somente um rápido reconhecimento, após vencer um concurso de romances⁵ em 1940 mas, após esse evento, ficou ligeiramente esquecido das histórias literárias, exceção feita a Temístocles Linhares em cuja **História crítica do romance brasileiro: 1728 –**

⁴ Projetos: Dalcídio Jurandir e Benedicto Monteiro: a incorporação estética do imaginário popular (2002-2006); Dalcídio Jurandir e o realismo socialista (2007-2009); Dalcídio Jurandir e o realismo socialista - 2.^a edição (2009-2011); Projeto PROCAD UFPA-UERJ - Circulação e produção literária no Pará: 1850 a 1950 (2009-2013); A Amazônia em narrativas de língua portuguesa (1850/1950): uma tipologia (2011-2012); Dalcídio Jurandir: o jornalista e o romancista (2011-2013); A Amazônia em narrativas dentro e fora do cânone: tradição e ruptura (2013-2015); A Amazônia em narrativas dentro e fora do cânone: tradição e ruptura II (2015-2017); Mulher e literatura na Amazônia: de personagens à autoria, entre 1850/1980 (2018).

⁵ Em 1940, Dalcídio Jurandir vence o concurso de romances promovido pelo jornal literário **Dom Casmurro**, em parceria com a Vecchi-Editora, em que foi vencedor o romance **Chove nos campos de Cachoeira**.

1981 (1987) dedica no segundo volume um capítulo de mais de quarenta páginas a análise da obra do escritor Dalcídio Jurandir.

A esse respeito, cabe lembrar que a História Literária Brasileira sempre foi regida por motivações muito subjetivas com preferências de ordem social, econômica, política e estética, por depender do viés utilizado pelo escritor da História literária. Segundo Humberto Hermenegildo de Araújo, é necessário discutir “a vigência de uma tradição literária no Brasil com força atuante nas regiões” (ARAÚJO, 2013, p. 108), haja vista que o modelo tradicionalmente utilizado para mostrar a literatura nacional não apresenta escritores que são referências nas diversas regiões do Brasil.

Em vista disso, urge a necessidade de uma história literária brasileira apoiada em estudos oriundos das academias, no sentido periferia-centro, visto que essas histórias estão em constante reconstrução e até porque os sentidos direcionais mudam conforme retifica João Cezar de Castro Rocha, que sugere a substituição da ideia de “periférico” por “não hegemônico”, uma vez que “as relações entre centro e periferia nunca são unívocas, pois no interior de zonas periféricas, frequentemente se produzem novas relações entre centro e periferia” (ROCHA, 2017, p.186). A esse respeito, as obras do escritor Dalcídio Jurandir constantemente reproduzem esse modelo, no sentido de mostrar uma hegemonia na vila, na ilha, na capital e no centro cultural do país, amplamente representada em desejos dos personagens.

Na periférica e não hegemônica Amazônia existe um Modernismo singular que seguiu uma trajetória com sua própria legenda, porque, segundo Figueiredo, “reside aqui uma história autônoma, em nada subsequente, reflexo ou eco de qualquer outra história forjada em um pretense centro da nação” (FIGUEIREDO, 2012, p. 20). Esta estética trilhou caminhos que não refletem os moldes do sul do país, por existir na região um grupo de intelectuais que acompanhavam os movimentos artísticos e os intelectuais da Europa de maneira mais próxima.

Um dos motivos para essa autossuficiência literária na Amazônia ocorreu em virtude de ter acontecido na região uma intensa comercialização do látex, conhecido como Ciclo da Borracha, que promoveu transformações sociais, econômicas, intelectuais, urbanísticas e políticas, a partir do século XIX, e que ocasionou a difusão de hábitos europeus que, por sua vez, se refletiram na literatura que circulava na capital.

O resultado de algumas pesquisas realizadas na UFPA comprova a existência de variados textos europeus publicados em periódicos no estado do Pará, a exemplo dos folhetins franceses de Dumas, Montépin e Du Terrail⁶ ou as Crônicas Portuguesas⁷. Além desses exemplos, podemos constatar que na presente pesquisa foi encontrado valioso acervo de obras literárias que circularam aqui na região e também no Brasil, mas que estavam adormecidas nas estantes da Biblioteca do Grêmio Literário Português ou na Biblioteca Arthur Vianna, da Fundação Cultural do Pará, em Belém, e começaram a ser revisitadas por meio de projetos de pesquisas realizados e/ou orientadas pelas pesquisadoras Germana Sales e Valéria Augusti da UFPA.

Segundo o pesquisador Vicente Salles, a importância do escritor Dalcídio Jurandir reside na valorização da região, no sentido de ficar atento aos movimentos sociais que aconteciam no Brasil e também no mundo e, ao mesmo tempo, fazer sondagens de sua própria região. Para Salles, é impossível escrever a história social paraense sem o conhecimento da obra de Dalcídio Jurandir, pela “soma considerável de informações folclóricas, com interesse etnográfico e antropológico” (SALLES, 2011, p. 19). Isso ocorre por ser o escritor, antes de tudo, um pesquisador que recolhe as informações e as concentra na literatura.

As pesquisas realizadas pelo escritor Dalcídio Jurandir, a respeito da cultura amazônica, demonstram o seu desejo em expressar nos romances o ser amazônida universal, já que “a realidade brasileira [...] leva o romancista a ficar mais voltado aos temas, [...] [da] difícil [...] vida brasileira na paixão de captar a sua essência, trazê-la para a obra de arte e com isto apresentar um romance brasileiro, [...] que se torne universal” (NUNES, PEREIRA; PEREIRA, 2006, p. 183). Esse viés nacional / amazônida e a singularidade traçada por Dalcídio Jurandir em sua obra, respeitando a cultura do ser amazônida em meio a precárias condições de subsistência, representaram também motivações que alavancaram o presente estudo.

Na pesquisa sobre as trilhas do leitor Dalcídio Jurandir, buscou-se demonstrar a existência das leituras efetuadas pelo escritor e que depois se espelharam nos personagens. Desta forma, empreendeu-se ampla pesquisa em bibliotecas do

⁶ Vide dissertação sobre Dumas, Montépin e Du Terrail: a circulação dos romances folhetins franceses no Pará nos anos de 1871-1880 / Edimara Ferreira Santos; orientadora, Germana Maria Araújo Sales. 2011.

⁷ Vide Crônicas portuguesas em jornais paraenses na segunda metade do século XIX / Almir Pantoja Rodrigues; orientadora, Germana Maria Araújo Sales. 2008.

estado do Pará, Marajó e Rio de Janeiro e na internet para averiguar textos, trechos entrecortados de possíveis leituras, autores com apenas um nome, detectáveis somente por trechos contidos nas leituras além, é claro, da experiência da pesquisadora da tese. Nas buscas diárias em que era comemorado algum achado importante, foi de incalculável importância contar com a solidariedade de alguns amigos e da orientadora na indicação de um caminho ou leitura não localizada.

A pesquisa realizada para a dissertação de mestrado também teve significativa importância, posto que abrange uma das obras da tese que pertence ao núcleo marajoara, além disso, direcionou um olhar no rastro de outras leituras e facilitou encontrá-las para adensar aquelas que já existiam. Algumas leituras reutilizadas no núcleo marajoara se repetirão de forma memorialística no núcleo urbano que não foi tratado na dissertação.

A organização deste trabalho obedeceu a um critério de cronologia das obras do ciclo do Extremo Norte e foi dividido em seis seções, com uma abordagem inicial sobre o desenvolvimento de projetos de pesquisa na região Norte e das produções literárias do escritor marajoara; em seguida, um estudo sobre o repertório do escritor em Trilhas do leitor Dalcídio Jurandir, com destaque para as Imagens da biblioteca sem muros de Dalcídio Jurandir, finalizando com um tópico teórico que aborda as Leituras, leitores, personagens e personagens-leitores.

O estudo sobre a leitura de leitores fictícios focaliza dois macroespaços: a ilha do Marajó e a cidade de Belém. A capital Belém, por sua vez, se fraciona em dois espaços: o centro e a periferia. Desta forma, as leituras empreendidas na comunidade do Marajó, serão apontadas nos livros: **Chove nos campos de Cachoeira, Marajó e Três casas e um rio.**

A partir do livro **Belém do Grão-Pará** será evidenciada a desagregação de leitores e também de leituras, visto que os leitores estarão em diferentes espaços, utilizando diferentes suportes de leitura. Este cenário aponta para uma transformação no contexto cultural, que será também constatado nos livros **Passagem dos Inocentes e Primeira Manhã.** Vale ressaltar que a partir do livro **Passagem dos Inocentes**, o texto apresentará um estilo mais intrincado em virtude do cenário político no Brasil. Por fim, o tópico que abre a quinta seção, aponta para uma representação simbólica do ciclo da Fênix no Extremo Norte, já que mostra um cenário de destruição de cidades, livros, leituras e estudos e exhibe a derrocada de leituras nos livros **Ponte do Galo, Os Habitantes, Chão dos Lobos e Ribanceira.**

O aporte teórico da pesquisa compreende os estudos realizados por pesquisadores pertencentes à História Cultural e História da Leitura, com destaque para Roger Chartier, que analisa o estudo da leitura como processo complexo e dinâmico; Carlos Reis e Antônio Candido no estudo das personagens; e para as estudiosas brasileiras Marisa Lajolo e Regina Zilberman, na análise da leitura e da figuração da leitura, além dos relevantes estudos realizados pela pesquisadora Marli Tereza Furtado sobre críticos e literários da obra do escritor Dalcídio Jurandir.

Por fim, o estudo traz também um novo olhar sobre a produção ficcional do escritor, posto que, a partir das leituras dos personagens-leitores, foi possível recuperar leituras de grande sucesso, que circularam na região amazônica, no início do século XX, que estavam adormecidas, durante muito tempo, em estantes, livreiros, sebos, leiloeiros, bibliotecas físicas e virtuais. O estudo desses textos pretende adensar as pesquisas já existentes sobre o escritor e, ao mesmo tempo, fazer soar a voz de um artista da palavra que introjeta, na obra, sensibilidade e consciência social.

2 NAS TRILHAS DO LEITOR DALCÍDIO JURANDIR

Ao longo do tempo, nossa memória vai formando uma biblioteca díspar, feita de livros, ou de páginas, cuja leitura foi tão prazerosa para nós que gostaríamos de compartilhá-la.

Jorge Luís Borges⁸

Ao percorrer as linhas que dão formato à obra do escritor Dalcídio Jurandir, percebe-se que ele não foi um leitor ingênuo, mas que procurou cercar-se de informações necessárias para o desenvolvimento de seu projeto sócio-literário. Para isso, ele empreendeu um caminho sinuoso que envolveu textos da literatura nacional e estrangeira, conforme veremos nas indicações de seu espólio cultural.

Na construção dos textos de Jurandir, tanto para livros quanto para os jornais, fica evidente que existe uma cadeia de interligações literárias que se move em suas produções literárias, já que o texto “tem uma família, um DNA, dissemina-se por vários escritos e os recolhe em suas páginas” (BRANDÃO; OLIVEIRA, 2011, p. 17).

Nas produções textuais de Dalcídio Jurandir, as retomadas aos textos lidos são feitas de maneira ostensiva e lúdica, conforme excerto de **Primeira manhã** (1967), em que o personagem Alfredo relaciona a Cigana Esmeralda, personagem de **O corcunda de Notre Dame**, de Victor Hugo, com a personagem Andreza da narrativa **Três casas e um rio**: “cigana Esmeralda, na ponta do pé, saltava do outro livro de capa portuguesa, caminhava pela perna do leitor, como uma ponte sobre a baía de Marajó, e caía [em forma de Andreza] debaixo dos jenipapeiros.” (JURANDIR, 1967, p. 43).

Seguir as trilhas de leituras do autor Dalcídio Jurandir não é tarefa fácil, mas é possível tentar construir uma biblioteca imaginária do escritor, não com paredes, mas por meio de fontes que estão espacialmente dispersas, tais como: entrevistas, citações, cartas, jornais, recortes, orelha de livros e personagens-leitores, que podem alinhar a trajetória deste escritor.

Assim, nota-se que as menções literárias se multiplicam nos livros e/ou textos produzidos por Jurandir, algumas de forma direta e outras de forma indireta. Isto

⁸ A lo largo del tiempo, nuestra memoria va formando una biblioteca dispar, hecha de libros, o de páginas, cuya lectura fue una dicha para nosotros y que nos gustaría compartir. Biblioteca personal. Em obras completas de Jorge Luís Borges. Tradução livre.

porque ler os textos de Dalcídio Jurandir é como estar percorrendo uma vasta biblioteca, onde os livros não são estáticos, mas interagem com o leitor na medida em que surge um novo personagem ou uma nova alusão à fala, conforme veremos nas seções seguintes.

2.1 Imagens da biblioteca sem muros de Dalcídio Jurandir

As produções do escritor Dalcídio Jurandir nos conduzem para uma visão panorâmica de leitura que percorre os clássicos de muitas nacionalidades, tais como os portugueses, os ingleses, além de seus favoritos: os franceses e os russos. As leituras dos franceses parecem definir um deleite estético-literário e a leitura dos escritores russos, uma opção político-social. Somando essas opções de leitura, veremos um Dalcídio Jurandir que procurou estudar a realidade do homem fixado no espaço amazônico, para alinhar sua vivência pessoal de amazônida à realidade observada e, posteriormente, canalizar para a produção de textos que assimilam seus conhecimentos e apontam para seu projeto sócio-literário.

Poderíamos enumerar, aqui, alguns romances e escritores que mais teriam inspirado o escritor marajoara; no entanto, isto seria limitar sua performance de leitor e, posteriormente, de escritor. Desta forma, optou-se em trazer uma parte da pesquisa realizada sobre seu espólio cultural, que se estende a variados materiais possíveis de acessar no Arquivo do Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, em 2016. São entrevistas, livros, cartas e acervo pessoal, material até hoje sob a guarda daquela Instituição.

No ano de 2018, o acervo do escritor, que estava em Niterói sob a guarda da família, passou para o domínio do Projeto Memorial do livro - Fórum Moronguetá⁹ / Fórum Landi na UFPA, numa intensa negociação política¹⁰ e acadêmica envolvendo o Coordenador do Memorial do Livro Professor Dr. Flávio Nassar – UFPA, Prof. Dr. Paulo Nunes – UNAMA e os familiares do escritor no Rio de Janeiro. Segundo informações do professor Paulo Nunes, o arquivo que está em Belém corresponde a 30% dos 70% que existe no Rio de Janeiro. Para compor o acervo do escritor no Fórum Moronguetá, o professor Paulo Nunes fez ainda uma doação de 1.500 livros.

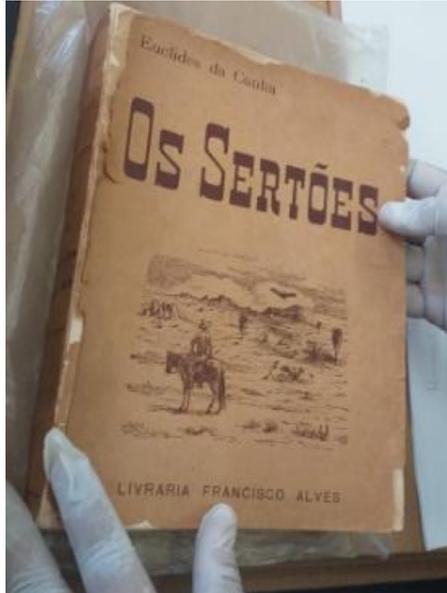
⁹ O nome Moronguetá é uma sugestão de Vicente Salles em homenagem a Nunes Pereira, segundo informações do professor Paulo Nunes que é um dos coordenadores do Projeto.

¹⁰ O Deputado Edmilson Rodrigues contribuiu para o projeto conseguindo um orçamento para a efetivação do acervo.

O acervo de Dalcídio Jurandir em Belém, até junho/2019, ainda não estava disponível para o público, pois o material estava passando por higienização e restauro para poder ser visitado.

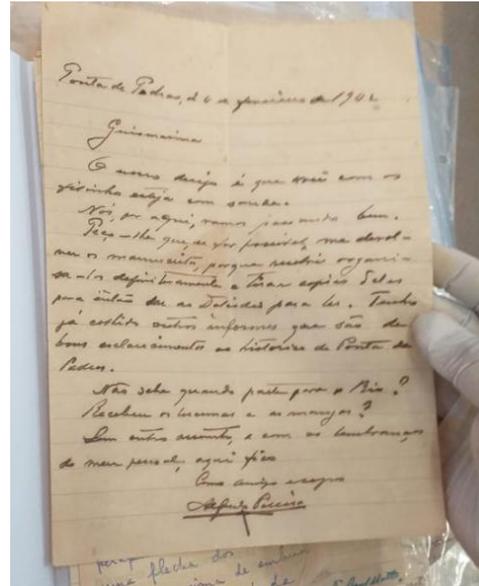
No Acervo do Fórum Moronguetá constam fotos, cartas, recortes de jornais, correspondências familiares, discos de vinil e livros.

Figura 01 – Os Sertões - Livro de cabeceira de Dalcídio Jurandir



Fonte: Memorial do Livro – Moronguetá

Figura 02 – Correspondência Pessoal



Fonte: Memorial do Livro Moronguetá

Além da pesquisa realizada na Fundação Casa de Rui Barbosa, foi consultado o material compilado pelo escritor e jornalista Renard Perez, no período em que elaborou a antologia sobre escritores brasileiros contemporâneos, de 1960 e de 1965. No entanto, essa explanação não se esgotará nesta seção, posto que no desenvolvimento desta pesquisa, conforme dissemos anteriormente, as leituras irão se multiplicar ao contato com o personagem-leitor.

O arquivo encontrado na Fundação Casa de Rui Barbosa soma os seguintes itens: correspondências pessoais, correspondência de terceiros, correspondência familiar, produção intelectual, produção intelectual de terceiros, documentos diversos, documentos complementares, produção na imprensa (pastas 1 e 2 – sobre Dalcídio Jurandir; pasta 3 – De Dalcídio Jurandir; pasta 4, 5, 6, recortes sobre a região norte, pasta 7 – assuntos diversos; pasta 8 – artigos sobre DJ post-mortem, (fita sonora e fotografias).

O acervo correspondências pessoais possui 134 cartas recebidas por Dalcídio Jurandir, entre os anos de 1930 até 1979, de diferentes locais do Brasil e do exterior,

por expressivas personalidades que, de alguma forma, alavancaram seu processo de leitura e escrita.

Dos remetentes, destacamos alguns contatos que formaram sua rede de intelectuais, como: Antônio Tavernard (1930), Coelho Neto (1932), Cléo Bernardo (1940-1978), Francisco Paulo Mendes (1940-1961), Omer Mont'Alegre (1940), Abguar Bastos (1940), Brício Abreu (1940), Cecil Meira (1940), Mário Couto (1940), Clóvis Ramalhete (1941), Nunes Pereira (1941-1977), Bruno de Menezes (1942-1958), Ritacínio Ramos Pereira (1943 -1979), Leda Drummond (1943), Rubem Braga (1944), João Cândido Portinari, (1952- 1967), Jorge Amado (1953-1979), Maria Martinelli Portinari (1954), Rainero Maroja (1956), José Olímpio (1961), Lindanor Celina (1961-1979), Ruy Barata (1967), Maria de Belém Menezes (1967-1979), Renard Perez (1969), Eidorfe Moreira (1972), Augusto Corrêa Pinto Filho (1972-1976), Líbero Luxardo (1972-1979), Zélia Gattai Amado (1973-1977), José Maria Varela Pereira (1977), Maria Leonora Menezes de Brito (1977), José Arthur Bogea(1978), Clóvis Silva de Moraes Rego (1979), Machado Coelho (1979), Nélida Pinon (s.d.) e Marquesa dos Oitis Olinci (s.d.).

No acervo correspondências pessoais, existem também algumas cartas de Dalcídio Jurandir a destinatários importantes, a saber: Ribamar Moura (1929-1944), Maria Wernek de Castro (1961), Cleo Bernardo (1971), Maria de Belém Menezes (1971-1978), Afrânio Coutinho (1979), Jorge Baleeiro Lacerda (1979), Bruno de Menezes (s.d.) e Cândido Portinari (s.d.).

No mesmo acervo, verifica-se que algumas instituições entraram em contato com o escritor marajoara, tais como as instituições culturais: Sport Club de Salvaterra (1939), Uberabinha Sport Club (1937), Rancho "Não Posso me Amofiná" (1937), Editora Vecchi (1941), Livraria Martins Editora S.A (1970), Academia Brasileira de Letras (1972-1976), Sindicato dos Escritores no Estado da Guanabara (1973-1974), Biblioteca Nacional (1973), Editora Artenova S.A (1976), Núcleo de Promoção Cultural e do Turismo do Estado do Pará (1977), Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro (1978), Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa (1978), Distribuidora Record S.A. (1978), Embaixada da URSS (1976-1978) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1979).

Em correspondências de terceiros, foram encontradas 17 cartas que são dirigidas à família do escritor ou a algum órgão com que ele mantinha ligação.

Dessas missivas, destacamos as seguintes: ao político Carlos Marighella¹¹ (1946); ao escritor Omer Mont'Alegre¹² (1940); ao filho José Roberto Freire Pereira (s.d.); ao irmão Ritacínio Ramos Pereira (194-). O levantamento sobre o acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa estão disponíveis nos anexos.

Dalcídio Jurandir era membro da Aliança Libertadora Nacional (ALN), organização fundada pelo Partido Comunista do Brasil, em 1935. O escritor participava intensamente da movimentação política de seu tempo; por essa razão, enfrentou perseguição política e foi preso durante dois períodos do governo de Getúlio Vargas: em 1936 e 1937.

A leitura das cartas enviadas pelo escritor à esposa Guiomarina, em 1937, durante o segundo período na cadeia, recupera o perfil do leitor/escritor e de sua biblioteca: “manda-me o 2º Fausto de Goethe, em francês - capa verde. [...]. Parei, estes dias de escrever. [...]. Mas são as coisas reais... Não se esqueça do 2º volume do Fausto - de Goethe.” (NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006, p. 33-34). Nesta referência, é possível extrair alguns dados sobre o escritor marajoara: o primeiro é que ele, na condição de preso político, não deixou de alavancar sua produção intelectual, haja vista que se mostra ativo na produção textual e nas leituras. O segundo dado diz respeito a sua habilidade de ler em mais de um idioma, já que ele solicita, à esposa Guiomarina, o clássico da literatura alemã, Fausto (Faust), de Johann Wolfgang Von Goethe (1806) em francês.

Nas cartas a seguir, Jurandir afirma estar informado sobre a produção literária de escritores pertencentes à Literatura Russa do Século XIX, especialmente Nikolai Gógol, autor de **Almas Mortas** (1842) e um dos precursores da moderna Literatura Russa.

[Guiomarina] os livros que recebi um é de Nicolau Gogol – e outro do nosso Dostoiewsky. Deste já lemos na **A novela** – as etapas da loucura - no livro tem o título **Nietótchka** - o nome da filha do músico louco. Quando te mandar creio que deves ler. Acabei de ler a novela de Gogol que achei magnífica. Gogol é da mesma linhagem dos Tolstói, Gorki, Dostoiewsky. (NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006, p. 33-34).¹³

¹¹ Carlos Marighella era um dos principais componentes do Partido Comunista Brasileiro e foi um dos principais nomes de luta no Brasil, durante o período do regime militar de 1964 a 1985. Vide Escritos de Carlos Marighella. São Paulo: Editorial Livramento, 1979.

¹² Omer Mont'Alegre – escritor que pertenceu ao integralismo sergipano.

¹³ A carta transcrita apresenta o nome de alguns escritores russos, conforme grafia nas cartas de Dalcídio Jurandir, porém alguns críticos, como Carpeaux, fazem uso de outras grafias: Corumbás (Corumbas), Nicolau Gogol (Nikolai Gógol), Dostoiewsky (Dostoiévski), Nietótchka (Nietótchka Niezvânova).

Ele cita, ainda, os escritores do século de ouro na Rússia¹⁴, especialmente Leon Tolstói, autor de **Guerra e Paz** (1869), **A morte de Ivan Ilitch** (1886) e **Ana Karenina** (1877), seguido de Fiódor Dostoiévski, criador de **Niétotchka Niezvânova** (1849), **Crime e Castigo** (1866), **O idiota** (1869) e **Os Irmãos Karamazov** (1880). Na mesma carta, Jurandir explica que recebe os livros russos apenas para leitura, mas observa-se que esta leitura não é unicamente de deleite; ela é seletiva e crítica. Um exemplo é o comentário que ele faz sobre a ascendência desses escritores russos, quando manifesta um interesse especial pelas ideias propostas no livro, a ponto de alinhar Nikolai Gógol, Tolstói, Dostoiévski e Gorki¹⁵ em uma classe específica na sua prioridade de leitura.

Dalcídio Jurandir também faz menções a livros da produção literária no Brasil, especialmente os que abordavam temática social que, segundo ele, careciam de maior estudo e aprofundamento; desta forma, ele solicita nas cartas suas preferências literárias: “vai **Mundos mortos** – que consegui ler por alto e **Mixuangos** que não li [...]. Não sei onde está **Os Corumbas**. Parece que tenho aí.” (NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006, p. 33-34).

Das obras brasileiras citadas no trecho acima, o escritor deixa claro que lança um olhar sobre o livro **Mundos mortos** (1937)¹⁶, de Otávio de Faria, visto que este livro é o primeiro romance do ciclo Tragédia Burguesa: romances que comportariam vinte volumes, dos quais foram publicados apenas treze livros. Nesta obra, Faria traça um cenário da vida fluminense e os problemas sociais decorrentes da classe burguesa, que atingem não só o indivíduo carioca, mas que alcança pessoas de outras partes do mundo.

Outro livro referido por Dalcídio Jurandir foi **Mixuangos** (1937), de Valdomiro Silveira, porém o escritor deixa claro que ainda não conseguiu ler o livro de Silveira, fato que nos permite inferir que ele reunia livros sobre temáticas do contexto

¹⁴Período de intensa produção literária na Rússia, ocorrido no século XIX, em que o romance, o conto e o teatro foram formas preferidas. Além disso, temáticas que envolvem o homem confuso do período da modernização foram apresentadas nos romances dessa época.

¹⁵Máximo Gorki foi o criador da literatura proletária e autor de livros como: **Uma confissão** (1908), **A mãe** (1907), entre outros, porém Jurandir não menciona livros deste autor.

¹⁶**Mundos mortos** (1937), de Otávio de Faria é o primeiro romance do ciclo Tragédia Burguesa, publicado em treze livros: **I Mundos mortos** (1937); **II Os caminhos da vida** (1939); **III O lodo das ruas** (1942); **IV O anjo de pedra** (1944); **V Os renegados** (1947); **VI Os loucos** (1952); **VII O senhor do mundo** (1957); **VIII O retrato da morte** (1961); **IX Ângela ou Areias do mundo** (1964); **X A sombra de Deus** (1966); **XI O cavaleiro da Virgem** (1972); **XII O indigno** (1976); **XIII O pássaro oculto** (1979).

brasileiro para, numa oportunidade, poder conhecê-los e assim escrever com mais propriedade sobre o assunto. **Mixuangos** é um livro em que são abordados os costumes e a linguagem do caboclo brasileiro. Nele, Silveira determina que quer preservar a cultura caipira tradicional, para não fragmentá-la e perder as raízes desta cultura ante a presença de imigrantes europeus vindos para trabalhar nas lavouras brasileiras.

Os Corumbas (1933), de Amando Fontes, é o último livro de temática social brasileira a que Jurandir faz referência. O livro aborda o deslocamento da família dos Corumbas da zona rural de Sergipe para a capital Aracaju. Vale ressaltar que Fontes não era seguidor de ideologias políticas¹⁷ e seu romance expressa uma crítica aos diversos grupos da sociedade brasileira, sem que ele tivesse a intenção de defender segmentos ou partidos políticos.

O escritor Dalcídio Jurandir, em sua listagem de leituras apontadas nas cartas de 1937, cita os livros *Religiões Negras* (1936), de Edison Carneiro e *Negro Brasileiro* (1934)¹⁸, de Arthur Ramos de Araújo Pereira “Manda [procurar] os livros *Negro brasileiro* e *Religiões Negras* que preciso estudar aqui.” (NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006, p. 33-34). Com essa indicação de leitura ele demonstra, mais uma vez, que sua preocupação com os problemas sócio-culturais não eram superficiais, pois procurava pesquisar para então explorar tais assuntos nos seus artigos e romances.

No terceiro fragmento de uma das cartas de 1937, Jurandir explica essa necessidade de estudar os livros que abordassem assuntos de sua época, especialmente os que se referiam às questões sociais e raciais, deixando claro que ele procurou fazer da cadeia um gabinete de estudo para os seus textos literários, uma vez que a obra desses escritores, contemporâneos a ele, de certa forma, fomentaram ideias sobre a sociedade brasileira e contribuíram decisivamente para sua produção literária.

¹⁷ FARIA, Otávio de “Dois Romancistas: Jorge Amado e Amando Fontes”. In: *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, (1, 18) 1933. p. 7- 8.

¹⁸ Nas correspondências de Dalcídio Jurandir observamos que ele cita o livro *Negro Brasileiro*; no entanto, o título original da obra é *Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise*, de Arthur Ramos de Araújo Pereira. Além disso, Arthur Ramos trocava cartas com Edison Carneiro, com Sigmund Freud e com escritores brasileiros, compondo um acervo em que predominava a temática do negro da Amazônia.

Em meio aos textos brasileiros, de temáticas sociais, o escritor solicita que lhe tragam o livro **O Comedor de ópio**¹⁹, do escritor francês Charles Baudelaire: “Vê se achas O Comedor de ópio, deve estar na estante velha.” (NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006, p. 33-34). Seria este um dos livros de deleite do escritor? Não sabemos, mas o escritor afirma no primeiro fragmento de cartas, aqui transcritas, que ele conhece o idioma francês e que dá preferência à leitura de alguns livros no idioma de origem²⁰. No entanto, em um dos fragmentos extraídos da obra em questão, é possível entender o que o livro proporciona para o escritor marajoara.

Charles Baudelaire, no momento em que está elaborando sua exegese sobre a obra, faz o seguinte comentário: “se naturezas grosseiras e embrutecidas por um trabalho diário e sem atrativo podem encontrar no ópio vastas consolações, qual será o efeito deste num espírito sutil e letrado, numa imaginação ardente e culta?” (BAUDELAIRE, 2000, p. 41). Possivelmente, o escritor marajoara queria utilizar os livros como um ópio, que causa num primeiro momento tranquilidade, sensação de bem-estar, alívio da dor e da ansiedade, para o momento em que ele estava vivendo.

Esta exceção ao livro francês destaca a fuga do escritor às leituras de livros de temática social brasileira mas, ao mesmo tempo, encontra nelas certa relação, em vista de não fugir de seu objetivo que é ler, procurar nos textos as nuances que possam provocar nele a produção de uma matriz, ou embrião, para uma posterior literatura de qualidade. Assim, Dalcídio Jurandir reafirma em seus manuscritos suas observações sobre as questões sociais e a exploração do tema nacional no romance brasileiro:

Experimentemos todas as técnicas ou concepções de romance mas, sobretudo, experimentemos em nossos romances este tema virgem, vasto e múltiplo que é o Brasil, a sociedade brasileira, isso que nos dá o nosso povo, essa sua verdade para que possam lhe retribuir com a nossa literatura - sermos dignos de uma vocação de nosso tempo e dos demais tempos (NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006, p. 182).²¹

¹⁹ **O comedor de ópio** é parte integrante do livro **Paraísos Artificiais** (1860), do escritor francês Charles Baudelaire. Em **O Comedor de Ópio**, Baudelaire comenta e analisa o livro “Confissões de um comedor de ópio”, do inglês Thomas De Quincey (1785 – 1859).

²⁰ O escritor Dalcídio Jurandir também fez traduções de livros em inglês.

²¹ Texto manuscrito encontrado no acervo de Dalcídio Jurandir, que constitui um ensaio sobre o papel do escritor.

Neste manuscrito, ele ressalta que o escritor brasileiro deve deixar a marca de seu tempo e, para isso, é fundamental conhecer a realidade brasileira e explorá-la nos romances que produz, pois considera que no Brasil há uma vastidão de assuntos que estão disponíveis para serem estudados, mas que ainda não foram pesquisados pelos escritores brasileiros.

Retornando ao acervo de Dalcídio Jurandir, da Casa de Rui Barbosa, a Pasta de Correspondência Familiar revela 34 missivas. Dessas cartas, destacamos algumas enviadas por Dalcídio Jurandir a familiares, que chama atenção pela quantidade de folhas: a Guiomarina Freire Pereira com 49 folhas e a Ritacínio Ramos Pereira com 47 páginas. Os remetentes de cartas a Jurandir também não foram econômicos: Margarida Maria Pereira Benicasa com 22 laudas, Guiomarina com cartas de 28 e 37 laudas.

Na pasta de produção intelectual, existe um total de 311 produções de Dalcídio Jurandir, incluindo 02 artigos, 29 contos, 07 diários, 03 discursos, 01 ensaio, 01 entrevista, 01 letra de música, 10 notas, 01 partitura musical, 242 poemas, 07 prosas, 01 revisão de texto, 01 relatório, 01 revista, 03 romances e 02 trovas. A maioria dessas produções não é conhecida do público que o reconhece apenas como o romancista do Extremo Norte.

Na pasta de produção intelectual de terceiros, há uma abrangência de diversas tipologias: trovas, discursos, poemas, conferências, monografia, artigo, conto, depoimento, letra de música, crônica, ensaio, romance, diário, notas, peça de teatro, relatório, prosa poética, rubrica e sumário, somando 76 documentos. A autoria destes documentos é de diversas personalidades do mundo literário e não literário, tais como: Jorge Amado, Abguar Bastos, Moacir Werneck de Castro, Bruno de Menezes, Carlos Marighella, Benedito Nunes, Vicente Sales e outros.

Em documentos diversos, foram encontrados 53 documentos com anotações, atas, atestados, bilhetes de passagens, boletins, bulas de medicamentos, calendários, capas, cartões, cartões postais (em francês e em russo), catálogos, certificados, circular, comunicados e convites.

Em documentos complementares, constam cartões, catálogos, colóquios comunicados, comunicações, contratos, convites, correspondências devolvidas, declarações, dizeres, envelopes, homenagens, lista de cartões, livreto, convite, ordem de pagamento, prestação de contas, recibos, telegramas, termo de responsabilidade, textos digitalizados, como: “o menino em busca do carço de

tucumã” e a partitura da Cantiga dos negros cativos, além de 22 cartas de personalidades literárias, instituições culturais, editoras e familiares.

A Produção na Imprensa é o último acervo detectado na Casa de Rui Barbosa que conta com 08 pastas. As pastas 01 e 02 são nomeadas de Dalcídio Jurandir, sendo que a primeira contém artigos de várias categorias, relacionados ao escritor e a sua obra, nos mais diversos jornais e revistas do país; e a segunda, possui uma série chamada de livro-caixa usada para coletânea de artigos, no total com 67 documentos. Na pasta 03, nomeada “De Dalcídio Jurandir”, destacam-se as seguintes subséries: crítico de arte, crítico literário, jornalista, necrológios, poeta, político, revistas e romancista. As pastas 04, 05, 06 de título “Recortes sobre a região norte”, guardam 578 recortes de jornais de Belém, Brasília, Cachoeira do Arari, Rio de Janeiro e Vitória; a pasta 07 é destinada a assuntos diversos, com 108 recortes; e, finalmente, a pasta 08 reúne artigos sobre Dalcídio Jurandir post-mortem, fita sonora e fotografias.

Além do acervo de Dalcídio Jurandir encontrado na Casa de Rui Barbosa, constam, ainda, alguns dados biográficos do escritor, na quarta edição de Chove nos campos de Cachoeira (1995), elaborada pela editora CEJUP. Nesta edição, Jurandir informa que recebeu alguns livros emprestados pelo Doutor Raynero Maroja, em 1928, quando regressava do Rio de Janeiro para Belém. Dos livros referidos no empréstimo, incluem-se os seguintes títulos: Fialho de Almeida, Antonio Feliciano de Castilho, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueira, Cruz e Souza, Balzac.

Faz parte, também, desta quarta edição do livro de Jurandir, a informação de que ele conseguiu levar consigo o livro **Dom Quixote de La Mancha**, de Miguel de Cervantes, para a cadeia, quando esteve preso pela primeira vez em 1935, e o leu durante dois meses em que esteve no cárcere. Dalcídio Jurandir, mais tarde, expressa sua admiração pela genialidade de Cervantes:

Se Cervantes anuncia com o seu humor o fim de uma classe e faz a caricatura da cavalaria, põe em ridículo as velhas instituições medievais que constituíam a força e o espírito do regime, agora ele contribui para despedir outra classe, a mesma classe que troçou do feudalismo através das páginas de D. Quixote, a mesma classe que, hoje, em vez de lutar contra os moinhos, quer lançar bombas atômicas sobre os povos na tentativa de sustentar o seu poder em plena decomposição. O gênio de Cervantes vem precisamente, como há trezentos anos, ajudar a enterrar uma classe que a história condenou e nos oferece o seu Quixote e o seu Sancho como indispensáveis a nossa jornada ideológica (JURANDIR, 1947, p. 45).

Este é um fragmento de artigo que Jurandir fez para a revista *Literatura*²², por ocasião do quarto centenário de Cervantes. No artigo “Nota sobre o centenário de Cervantes”, o escritor fala sobre Quixote, herói de um de seus livros preferidos, e também critica o Franquismo, regime político adotado pelo ditador Francisco Franco na Espanha, no período de 1939 a 1975.

O escritor e jornalista carioca Renard Perez (1964) elaborou uma antologia sobre escritores brasileiros contemporâneos, dividida em dois volumes: o volume 1, no ano de 1960 e o volume 2, no ano de 1965. No segundo número, Perez faz um apanhado sobre a produção do escritor Dalcídio Jurandir em que resgata, em forma de biografia, uma grande quantidade de livros lidos pelo escritor marajoara.

No capítulo destinado a Dalcídio Jurandir, Perez destaca algumas obras que aparecerão nos romances do ciclo do Extremo Norte. Das obras referidas por Perez, evidenciamos as que por vezes aparecem nos textos do escritor, tais como: **No País das Artes**, de Vicente Blasco Ibanez; as poesias de Albert Victor Samain; **Cultura dos Campos**, de Joaquim Francisco de Assis Brasil; **D’annunzio**, de Guerra Junqueiro; **Meu Tio Benjamim**, de Claude Tilier; **Serões Gramaticais**, de Carneiro Ribeiro; o filósofo e escritor Jidu Krishnamurti; o escritor e historiador italiano Cesar Cantú; As poesias, de Louis Racine; os textos de Cousin; **A Carne**, de Júlio Ribeiro; Camilo Castelo Branco; **Primo Basílio**, de Eça de Queiroz; **A Divina Comédia**, de Dante Alighieri em português; Castilho; Aluizio Azevedo; Charles Baudelaire; Balzac; Fialho de Almeida; Antonio Feliciano de Castilho; Antônio Nobre; Augusto dos Anjos; Cruz e Souza; **As Mil e Uma Noites**; **Dicionário Prático Ilustrado**; Primaveras, poesia; **As Grandes Lendas da Humanidade**; Oliveira Martins (capítulo Marco Antônio e Cleópatra); Ribamar de Moura - brochuras e cartas, **Hamlet**, de William Shakespeare; **Dom Quixote**, de Miguel de Cervantes e Coleções de **O Malho**.

Na abordagem que Perez faz dos textos utilizados por Dalcídio Jurandir não usa de uma norma técnica (ABNT); não se preocupou em fazer uma referência completa do texto citado e, assim, na maioria das vezes, foi necessário empreender pesquisa a respeito da citação de autor ou obra citada por ele.

Perez, no mesmo livro, ainda dá destaque à atuação de Jurandir na fundação SESP, elaborando legenda para filmes de educação sanitária e também como

²² Cf. JURANDIR, Dalcídio. Nota sobre o centenário de Cervantes. *Literatura*, ano 2, n. 5, jul/set. 1947.

jornalista, até 1965, época da entrevista, nos seguintes periódicos: auxiliar de revisão da Revista **Fon-Fon**²³, **Imprensa Popular**, **Voz Operária** e **Paratodos**²⁴.

Como Romancista, Perez destaca as produções iniciais do escritor Dalcídio Jurandir: o livro de Conto **Rés do chão**²⁵, **Chove nos Campos de Cachoeira** (1ª versão), **Lenda de São Benedito** (19?), **Chove nos Campos de Cachoeira** (1941), **Marajó** (1948), **Linha do Parque** (1959), **Três Casas e um Rio** (1958), **Belém do Grão-Pará** (1960) e **Passagem dos Inocentes** (1963). Como Perez publicou o segundo volume de sua antologia em 1965, não deu conta de acompanhar todo o ciclo do Extremo Norte de Dalcídio Jurandir, ficando citada a produção do escritor até o quinto volume do ciclo.

Além desses documentos que mostram o leitor e o escritor Dalcídio Jurandir, salientamos que, desde 2002, a pesquisadora Marli Furtado desenvolve projetos na UFPA, que se propõem a fazer pesquisa e análise documental sobre o escritor e, desde lá, já foi encontrado muito material para compor a fortuna crítica do escritor e jornalista Dalcídio Jurandir, que não são encontrados nos acervos da Casa de Rui Barbosa; no entanto, ainda não estão disponíveis, posto que estão em fase de organização para posterior publicação. Uma parte dessas pesquisas já está acessível em artigos, TCC'S, dissertações de mestrado e teses de doutorado que foram orientados pela pesquisadora.

Nas produções deixadas por Dalcídio Jurandir, encontramos vestígios de suas leituras e de experiências enquanto homem amazônida e do mundo; por isso, é impossível falar de personagens-leitores e não destacar a experiência leitora do escritor. Na trilha cultural do escritor, fica claro o quanto de universal existe em seus escritos, frutos de um longo processo de leituras, de vivências e de observações da realidade amazônica efetivadas por ele, que vê, nessa realidade, uma parte do mundo que comunga dos mesmos dilemas sociais que ele observou, ou melhor, leu.

²³ A revista Fon-Fon, a partir de 1930 abre espaço para a figura feminina e para divulgação de textos de beleza, comportamento, elegância e luxo, dentre outros assuntos relacionados a mulheres.

²⁴ O Grupo de Pesquisa Amazônia em Narrativas (UFPA) já empreendeu um trabalho de pesquisa sobre esses periódicos e brevemente será lançado no formato livro.

²⁵ O livro de conto *Rés do Chão*, de Dalcídio Jurandir não foi encontrado. No entanto, a expressão *Res do chão* (*rez-de-chaussée*) carrega um significado para os estudos literários, o de folhetim (*feuilleton*) que eram publicações de romances no rodapé de jornais. Cf. <https://cronicabrasileira.org.br/res-do-chao/9455/cronica-aguda>. Acesso em 20.07.2019.

2.2 Leituras, leitores, personagens e personagens-leitores

A leitura, para o escritor Dalcídio Jurandir, sempre esteve vinculada aos seus escritos. A apreensão do acervo bibliográfico, conforme visto na seção anterior, comprova a magia que os textos provocam no escritor e os desdobramentos que deles resultam. Esses textos provocaram no escritor o desejo de produzir figurações de leituras nos dez livros do ciclo do Extremo Norte, conforme registro nesta pesquisa.

A figuração do ato de ler, proposta por Dalcídio Jurandir, em dez livros do ciclo do Extremo Norte, utiliza uma estratégia que lança a literatura em defesa de uma causa social e a maneira de apregoar sua luta pelos mais pobres e analfabetos é justamente apresentar na literatura uma proposta em que uma gama de personagens figuram como leitores e leem incontáveis textos, assim como apresenta diversas maneiras de ler e de interpretar o texto lido.

No ciclo do Extremo Norte, as imagens de leitura surgem a partir de um número significativo de personagens que praticam leituras, conforme se falou anteriormente e, para entender esse circuito de leituras, leitores, personagens e personagens-leitores, é preciso entender o mundo teórico que os envolve, para compreender certas nuances que muitas vezes não são apreendidas.

As práticas de leitura participam ativamente da constituição do sujeito, a partir do momento em que este sujeito começa a observar o mundo a seu redor. As observações de ambientes, pessoas e situações são leituras captadas para serem ressignificadas, construídas num universo individual/coletivo.

A leitura é assunto que, de forma direta ou indireta, está presente na maioria das pesquisas de nossa área. A palavra leitura vem do latim “lectura”, originalmente com o significado de “eleição/escolha” e, a princípio, “consistia na mera capacidade de obtenção de informações visuais, com base em algum sistema codificado, bem como na compreensão de seu significado” (FISCHER, 2006, p. 11). Ao longo do tempo, este conceito foi se modificando e ganhando novos significados pela soma de contribuições feitas por estudiosos de diversas áreas que passaram a estudá-la de maneira mais específica.

Na área de linguística, vários pesquisadores já investigaram a prática de leitura, tais como Magda Soares (2006), que trabalha na perspectiva da leitura e do letramento. A pesquisadora Ângela Kleiman (2008), que considera a leitura de texto

uma construção que parte de diversos conhecimentos como o linguístico, o textual e o conhecimento do mundo “porque o leitor utiliza justamente [esses] diversos níveis de conhecimento que interagem entre si” (KLEIMAN, 2008, p.13), para construir um processo interativo. Para as pesquisadoras de linguística Koch e Elias (2011), a leitura exige do leitor uma série de estratégias que lhe possibilitam participar do processo de construção de sentido do texto, “tais como seleção, antecipação, inferência e verificação” (KOCH; ELIAS, 2011, p.13). Essas estratégias reforçam o papel do leitor como construtor de sentidos.

O linguista Vincente Jouve (2004), do Centro de Pesquisas para Leitura Literária, da Universidade de Reims, na França, adverte cautela para o estudo da leitura para não adotar um foco de estudo muito vasto ou muito restrito. Pondera que a “leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor” (JOUVE, 2004, p. 61). Destaca, desse modo, o papel interativo do leitor como receptor do texto.

No campo da linguística, os estudos sobre leitura são amplos e sempre levam em consideração a necessidade de interação do leitor com o texto para a construção de uma ideia. Neste sentido, verificou-se a necessidade de entender a leitura, vista sob a perspectiva linguística na área da análise do discurso, já que alguns personagens desta pesquisa que aborda o leitor fictício darão sentido ao texto por meio do silêncio, da taciturnidade.

A este respeito, a estudiosa da análise do discurso Eni Puccinelli Orlandi (2011) explica que, nos sentidos do silêncio, existe uma relação entre o dizível e o indizível e mostra que “há um processo de sentidos silenciados que nos faz entender a dimensão do não-dito, distinta daquela que se tem estudado sob a rubrica do ‘implícito’” (ORLANDI, 2011, p. 12). Esses processos de sentidos silenciados podem ser percebidos nos personagens-leitores nos romances do Extremo Norte.

A antropóloga francesa Michele Petit, que investiga a arte de ler em contextos de crise, considera o leitor um fator importante na “capacidade de construir sentidos” (PETIT, 2012), especialmente em situações adversas. Para ela “a leitura [...] tem poderes reparadores”, mas salienta que também esta já foi entendida como prática de poderes devastadores (PETIT, 2012, p. 15).

Na área da pedagogia, a leitura também é muito pesquisada. Destacamos, aqui, o relevante papel do pesquisador Paulo Freire (1988), que se notabilizou no Brasil por seu trabalho com a educação popular para a formação da consciência

política. Para ele, ler não significa caminhar entre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ele afirma: “[da] leitura result[a] a percepção crítica do que é cultura, pela compreensão da prática ou do trabalho humano, transformador do mundo” (FREIRE, 1988, p. 13), conferindo, assim, à leitura, um poder interpretativo e transformador, capaz de mudar uma existência social.

Para o filósofo e crítico literário paraense Benedito Nunes, a leitura é atividade de conhecimento pessoal e social mas pode ser entendida como prática dialética: “quem lê isola-se por momentos do mundo [...] e recolhe-se [...] a escuta de sua silenciosa conversa. Mas nesse recolhimento, trava-se uma singular dialética entre nós mesmos e o texto.” (NUNES, 1999, p. 175). Benedito Nunes considera que existe uma dialética entre leitor e texto que favorece a experiência de vida de forma geral e é também cumulativa para os novos processos da vida na sociedade.

Os enfoques de leitura abordados nas áreas de antropologia, pedagogia e filosofia, que a examinam como exercício dialético entre leitor e texto e que promove a transformação do indivíduo, corroboram no desenvolvimento desta pesquisa em que a leitura é analisada na ficção.

Neste sentido, e já caminhando para o recorte da ficcionalização da leitura, há o texto produzido pelo escritor argentino Ricardo Piglia, no livro **O Último leitor** (2006), em que o escritor identifica várias situações de leitura encenadas em livros literários de tradição ocidental. Estas figurações de leituras tangenciam as amostras de leitores fictícios apresentados nesta pesquisa, posto que ele considera que a arte da leitura é vista como “uma forma sintética do universo, um microcosmo que reproduz a especificidade do mundo” (PIGLIA, 2006, p.13). Mundos que, para ele, são pessoais e que produzem uma interpretação própria.

Piglia, ao formular suas considerações sobre a leitura, dá ênfase aos conceitos de Leitura de Ezra Pound e de Claude Lévi-Strauss, ao concebê-la como “arte da réplica” e “arte como modelo reduzido”, respectivamente. Neste segmento, é que se percebe que a prática dos personagens-leitores no ciclo jurandiano produz uma visão do mundo no universo amazônico.

Para finalizar esta abordagem sobre a leitura, recorreu-se ao estudo efetuado pelos pesquisadores Michel de Certeau²⁶, Carlo Ginzburg²⁷, Robert Darnton²⁸ e Roger Chartier²⁹ da História Cultural, vinculada à História da Leitura, visto que contribuem significativamente para compreender a prática de leitura no contexto social num processo complexo e dinâmico. Cabe ressaltar que, desses estudiosos, será evidenciado o pesquisador Roger Chartier pela ligação maior com esta pesquisa.

Este breve passeio pela História Cultural, inicia com as considerações de Michel de Certeau, uma figura da historiografia que colaborou para a consolidação de novos estudos no campo da História Cultural e História da Leitura, com pesquisas sobre a “apropriação cultural”. Ele elabora a concepção de leitura como operação de “caça” ou busca que configura a procura incessante do leitor por textos: “os leitores são viajantes; circulam em terras alheias; são nômades que caçam furtivamente em campos que não escreveram” (Certeau, 1994 p. 49). Ele informa que o autor não controla o significado do texto. Essa ideia de apropriação será tratada por Roger Chartier.

O pesquisador Roger Chartier explica que a comunicação do escrito adquire especial importância, pelas inúmeras significações. Considera a leitura como propiciadora de uma verdadeira revolução, e que ocasiona “apropriação, invenção, produção de significados” (CHARTIER, 1999, p. 77). Desta forma, considera que o leitor realiza uma construção de significados a partir do texto; além do mais, o pesquisador propõe a análise dos modos de ler, assunto que será trabalhado nas seções seguintes desta pesquisa. O objetivo do estudioso é uma melhor investigação para que se faça a história de leitura:

Uma história da leitura não se pode limitar unicamente à genealogia de nossos modos de ler, em silêncio e com os olhos, mas tem a tarefa de redescobrir os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos. A questão é de importância, pois não revela somente a distante estranheza de práticas

²⁶ Michel de Certeau, pesquisador francês que se formou em Filosofia, História, Teologia e Letras Clássicas nas Universidades de Grenoble, Lyon e Paris. Além de estudos complementares nas áreas da psicanálise, linguística, antropologia e outras disciplinas para responder as suas investigações.

²⁷ Carlo Ginzburg é um historiador e antropólogo italiano, conhecido por ser um dos pioneiros no estudo da micro-história.

²⁸ Robert Darnton é um pesquisador estadunidense, especialista em história da França do século XVIII e pioneiro nos estudos sobre a história do livro.

²⁹ Roger Chartier é um historiador francês, pesquisador da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais e professor do Collège de France. É ensaísta especializado em história da cultura, com destaque para a história do livro e da leitura na Europa.

por longo tempo comuns, mas também os agenciamentos específicos de textos compostos para os usos que não são os de seus leitores de hoje (CHARTIER, 1991, p.181).

Para Chartier, é necessário entender todo o processo que circunda a leitura, inclusive os gestos e hábitos (corpo e práticas). Ao discorrer sobre a leitura, ele elabora conceitos relacionados com a história cultural/leitura. Desta forma, propõe as noções de “práticas e representações” correspondentes aos modos de fazer e de ver, como também o conceito de “apropriação”.

A ideia de representação³⁰ é defendida por Roger Chartier como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço pode ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17). Esses esquemas ou recursos intelectuais que criam as figuras e dão sentido ao presente são importantes para o historiador na análise da história cultural do social. Já a ideia de apropriação pode ser entendida de forma simplificada como uma interpretação que não é levada a uma racionalidade, e que pode ser estudada na história social das interpretações.

As abordagens de Chartier estão relacionadas nesta pesquisa, haja vista que ela compreende uma variedade de leitores e leituras fictícias, num universo especialmente montado para este tipo de representação, em que há a apropriação das leituras por Jurandir e a representação delas na ficção, particularmente quando o pesquisador categoriza as leituras em intensivas e extensivas.

Na percepção de Chartier, a leitura intensiva é aquela que “se refere ao início do século XVIII, quando o leitor se confrontava com um número limitado de textos, que eram lidos, relidos e memorizados” (CHARTIER, 2002, p. 60). Já a leitura extensiva “passa a ser praticada no final do século XVIII, em oposição à leitura intensiva, uma vez que o leitor lia variados impressos e raramente retomava a leitura desses textos” (CHARTIER, 2002, p. 60).

As maneiras de ler, categorizadas por Chartier como intensiva e extensiva, são visualizadas nesta pesquisa em alguns personagens do ciclo, conforme seções seguintes. No entanto, estas duas práticas de ler podem ser complementadas, segundo o historiador francês, com o emprego de “protocolos de leitura adequados aos diferentes grupos de leitores e, [...] os traços de representações de suas

³⁰ A ideia de representação nos estudos de Roger Chartier não carrega a mesma significação que a palavra tem em outros campos de estudos.

práticas” (CHARTIER, 1996, p. 89). O historiador francês destaca, também, que o texto pode ser apresentado em diferentes suportes, e isso amplia ainda mais o conhecimento sobre o assunto leitura.

Nas narrativas do ciclo jurandiano, as leituras são apresentadas para pessoas fictícias e de classes sociais diferentes, da mesma forma que a materialidade textual lida por eles também será diversificada. Assim, entrarão em contato com textos impressos, tais como: livros, jornais, revistas, folhetos e almanaques mas, também, terão contato com a oralidade, o teatro, a fotografia, a pintura e o cinema³¹, que compõem outras conformações materiais do texto, além do impresso.

O historiador francês destaca que “se nos voltarmos para o artigo clássico de Walter Benjamin sobre a fotografia e o cinema, vemos que a fotografia e o cinema ligam-se ao homem comum e permitem uma abertura mais ampla para o mundo social” (CHARTIER, 1998, p. 82). Ele destaca formas modernas de texto que permite a construção de sentidos e efeitos sociais e culturais.

Assim, a leitura exige a presença de um leitor, que irá ler e interpretar as observações visuais e/ou auditivas, da matéria lida, que pode ser um texto, quadro, figura, fotografia, ou mesmo uma audição. A partir das interpretações do material lido e das experiências e expectativas do leitor, novas significações / construções de sentidos podem surgir. Por outro lado, a leitura sempre nos oferecerá diferentes visões e apresentará novas vidas, além de diferentes maneiras de pensar e de tomar atitudes, ou mesmo de julgar, pois a leitura de uma obra não oferece punição ao leitor que viaja nas asas do livro e as interpreta.

Na pesquisa que ora se apresenta, o leitor aparecerá de forma fictícia e será mostrado por meio de personagens-leitores que atuarão de maneira diversificada, ora como um leitor erudito e ora como um leitor popular, de maneira que cada um apresentará a sua maneira de ler o texto.

Segundo o pensamento chartierniano, a leitura não é realizada da mesma forma pelos leitores, pois guardam entre si grande diferença. A intenção do

³¹ Esta compreensão de texto foi ampliada por Don McKenzie e, segundo ele, “Entiendo por textos lós datos verbales, visuales, orales y numéricos em forma de mapas, impressos y música, archivos de registros sonoros, de películas, vídeos y La informacion computerizada; de hecho, todo desde La epigrafía a lás ultimas formas de discografía”. (MCKENZIE, 2005, p. 31). Conforme: MCKENZIE. Don F. **Bibliografía y sociología de lós textos**. Traducción de Fernando Bouza. Madrid: Ediciones Akal, S.A. 2005.

pesquisador é mostrar que existem diferenças históricas e sociais entre leitores, fato este que será demonstrado nesta pesquisa.

Outra observação de Chartier que contribui com esta pesquisa se refere à existência de um leitor singular que age, pensa e pratica a leitura de forma diferente. Enfatiza que há um distanciamento entre os leitores hábeis (letrados) e os menos hábeis já que há, por parte dos menos hábeis, a obrigação de “oralizar o que leem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas” (CHARTIER, 1996, p. 179). Esse leitor, que necessita oralizar o texto, será demonstrado nesta pesquisa pelos personagens Major Alberto e Salu que farão performances da leitura.

O leitor, elemento ativo é, portanto, um ser que possui liberdade relativa para dar significado ao texto e, dependendo de seu perfil bio-socio-cultural e sua capacidade de análise, tem o poder de gerar novos significados a partir da matéria escrita e, a partir daí, apresentar resultados positivos ou negativos para promoção ou não de avanços que irão nortear sua vida social.

Outro elemento que compõe este estudo é a personagem, pois é ela que desempenha um dos papéis fundamentais no texto, posto que é por meio da atividade executada por este elemento e seu envolvimento com as leituras, que será centralizada a presente pesquisa. Desta forma, a personagem se configura como elemento ativo que vai promover as ações de leitura e será estudada durante as ocorrências dessa prática. Assim, procurou-se refletir sobre o seu papel na narrativa jurandiana e, para isso, buscou-se um conhecimento sobre seu significado, manifestações e transformações ao longo dos séculos.

Para Reis (2002), a personagem é o elemento fundamental da narrativa posto que “evidencia a sua relevância em relatos de inserção sociocultural e de variados suportes expressivos [...] é o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a economia da narrativa” (REIS; LOPES, 2002, p. 314). Ainda para Reis (2015), a personagem esteve por muito tempo numa penumbra de onde só saiu nos últimos dez ou vinte anos. Para ele, trata-se de um “*défice* teórico gerando um complexo de rejeição que só há pouco tempo começou a ser superado” (REIS, 2015, p. 20). Atualmente Reis desenvolve na Universidade de Coimbra pesquisas sobre a personagem e um dos questionamentos que faz é sobre a sobrevivência que ela possui após o término da leitura, assunto que é visualizado nesta pesquisa.

De acordo com a tradição crítica, é Aristóteles quem propõe uma primeira discussão sobre esse problema da personagem quando explica a respeito da identidade entre pessoa e personagem “na tragédia os poetas recorrem a nomes de personagens que existiram, pela razão de que o possível inspira confiança” (ARISTÓTELES, [19--], p. 252). A relação entre personagem e seres reais era, para o pensador, indispensável, pois focalizava a confiança dos leitores.

Os estudos sobre a personagem caminharam, a princípio, com Aristóteles, seguido depois por Horácio, até que essa ideia começa a entrar em declínio a partir do século XIX, quando as personagens começaram a ficar mais complexas. É de relevância citar a obra *Aspectos do Romance* (2005), de Edward Morgan Forster, romancista e crítico inglês, que classifica as personagens em planas e redondas.

No Brasil, existe um importante estudo produzido por Antonio Candido, em colaboração com outros estudiosos como Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, para conhecer a personagem. Desse estudo, nasceu o livro **A personagem de ficção** e dele destacamos as considerações feitas por Antonio Candido quando observa que é na ficção “o único lugar [...] em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais sem referências a seres autônomos” (CANDIDO, 2000, p. 35), diferentes das pessoas reais que não se pode observar como elas realmente se apresentam, por não serem transparentes.

Antonio Candido, neste estudo sobre personagens (*Homo Fictus*), ressalta a importância das mesmas para o leitor. Destaca que “ao leitor importa a possibilidade de ser ele [o *Homo Fictus*] conhecido muito mais cabalmente, pois enquanto só conhecemos o nosso próximo do exterior, o romancista nos leva para dentro da personagem” (CANDIDO, 2000, p. 63). Desta forma, é possível entender mais intimamente a personagem.

O personagem é também um elemento da narrativa que pode provocar no leitor sentimentos contraditórios como a empatia ou a aversão, conforme sua representação. Este duplo sentimento, provocado pelo personagem, é possível ser fruído pela leitura de um texto literário, como a aversão pela leitora Emma Bovary e risos com o leitor Brás Cubas, personagens resultantes de um processo artístico, frutos de uma representação da leitura que promove o entendimento da necessidade

de conhecer este tipo de mecanismo para, então, redimensionar determinados aspectos que ocorrem na vida real, mas que às vezes não julgamos importantes.

Neste sentido, a leitura de um personagem se parece com a técnica do “mise en abyme”, conforme já afirmado na primeira seção, visto que é um processo de reflexividade literária e/ou auto-representação ou de duplicação, que pode ser total ou parcial mas, também, clara ou simbólica e indireta. Desta forma, o leitor real lê que personagens estão lendo e narrando nos livros ficcionais e, ao mesmo tempo, executam análises a respeito do material lido, como se estivesse no plano real.

Esta modalidade de personagem, que lê na ficção, pode promover críticas à sociedade e a políticos sem receber sanções, que geralmente sofre quem critica determinadas pessoas ou segmentos da sociedade. Exemplos de personagens-leitores são comuns, tanto na literatura nacional como na estrangeira.

O livro que marca este tipo de leitura fictícia é *D. Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616). No livro, o personagem-leitor D. Quixote perdeu a razão pela leitura constante de romances de cavalaria e resolve imitar os heróis dos livros lidos, mas acaba envolvendo-se em desastrosas aventuras com seu fiel escudeiro Sancho Pança.

Os estudos sobre o complexo literário que envolve a leitura e o leitor estão avançando. No Brasil, as pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman se dedicam a este tipo de investigação, atrelado ao trabalho das representações na literatura e justificam a presença das mesmas, no texto literário, afirmando que “[é no texto literário] o lugar privilegiado para o início do desenho de uma história social da leitura” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 17). Elas enfatizam, sobretudo, que o assunto pode ser tematizado na literatura, por ser o espaço privilegiado para discuti-lo.

Seguindo este percurso de leituras, leitores e personagens, é que se pesquisou, no ciclo de Dalcídio Jurandir, um universo de leituras feitas por personagens-leitores. Essas amostragens de leituras serão apresentadas em quadros e analisados em seções dentro da pesquisa.

Para examinar as preferências de leituras dos personagens, optou-se em demonstrá-las em quadros. A opção metodológica de apresentar os dados em quadros proporcionam a observação de certos detalhes que, às vezes, podem escapar da observação do leitor, pois somente a leitura do texto não oportuniza a visualização de dados quantitativos e cruzamento de informações. Assim, os

quadros estarão presentes nas próximas seções em que serão analisados os livros do escritor marajoara.

Além disso, na investigação das personagens no ciclo, utilizou-se parcialmente divisão proposta pela pesquisadora Marlí Furtado (2010) que estabelece um núcleo marajoara compreendendo os três primeiros romances: **Chove nos campos de Cachoeira, Marajó e Três casas e um rio**; um segundo, o núcleo belenense formado por seis romances: **Belém do Grão-Pará, Passagem dos Inocentes, Primeira manhã, Ponte do Galo, Os Habitantes, Chão dos Lobos**; e o terceiro núcleo formado apenas por **Ribanceira**.

Vale ressaltar que para este estudo sobre leituras, operamos modificação no núcleo belenense e redistribuímos as obras, de seis para três romances: **Belém do Grão-Pará, Passagem dos Inocentes e Primeira manhã**, ficando o terceiro núcleo com quatro romances: **Ponte do Galo, Os Habitantes, Chão dos Lobos e Ribanceira**.

3 A FORÇA DE UMA COMUNIDADE DE LEITORES NA ILHA DO MARAJÓ

Me lembro de Cachoeira
 ao entardecer, no tempo do inverno
 O quintal da casa, cheio d'água,
 para minha alegria de menino levado,
 doidinho pela água como filhote de pato brabo.
 [...]
 Infância, tempo de menino,
 Sucuriju te levou p'ro fundo das águas
 Com todas histórias de Sabina
 As canoinhas de miriti, os cabelos da mãe d'água
 O acalanto da rede no balanço bom demais que
 [mamãe me fazia...
 É por isso com meu velho dicionário
 Leio os contos de Perrault
 E compreendo a fala dos bichos de La Fontaine.
 (Dalcídio Jurandir)³²

O Marajó da ficção jurandiana é uma ilha que fica distante de Belém, capital do estado do Pará e que abriga uma inusitada comunidade de leitores vivendo em condições adversas em pequenas vilas/cidades que compõem o arquipélago marajoara. A expressão comunidade de leitores, que dá título à seção, foi tomada por empréstimo do livro **A ordem dos livros** (1994), de Roger Chartier.

No ciclo do Extremo Norte figura uma população de personagens que residem na ilha do Marajó; no entanto, a maioria é analfabeta mas, em contrapartida, também comporta grandes leitores. Esses leitores estão situados em Cachoeira e Ponta de Pedras, porém circulam por outros lugares da ilha como Muaná, Paricatuba e Areinha.

Neste trabalho, privilegiou-se um estudo focalizando as personagens, visto que, para Jurandir, as personagens precisam ter voz. Esta observação feita por FURTADO (2017) aponta que o escritor utiliza técnicas narrativas que “permitem que a essência do personagem não seja vista apenas pelo único olhar do narrador, [...], mas que possibilite ao leitor enxergar a personagem por outros ângulos, a partir de suas ações dentro da obra” (FURTADO, 2017, p. 114). Desta forma, a personagem construída por Jurandir permite ao leitor observar e entender as ações da personagem.

³² Revista Terra Imatura, março 1939. Segundo a Profa. Marli Furtado este poema apareceu pela primeira vez em maio 1935, na **Revista Escola** (p. 66-67) e foi reeditado tempos depois em **Terra Imatura**.

3.1 As leituras em *Chove nos campos de Cachoeira*

O livro **Chove nos campos de Cachoeira** é o primeiro romance do ciclo do Extremo Norte, de Dalcídio Jurandir. Foi publicado em 1941, após vencer um concurso de romances promovido pelo jornal literário Dom Casmurro, em parceria com a Vecchi-Editora. Vale destacar que o romance foi revisado pelo autor, tanto na linguagem, quanto na estrutura, na segunda edição, de 1976, publicada pela editora Cátedra e, após sua morte, foram publicadas mais cinco edições do livro, sendo que a Editora Cejup/Belém publicou a terceira, a quarta e quinta edições em 1991, 1995 e 1997, respectivamente. Esta última, uma edição especial, consorciada com a Secult/Pará e com o jornal A Província do Pará.

Em 1998, saiu a 6ª edição, como edição crítica realizada pela professora Rosa Assis e publicada pela Editora da Unama. Em 2011, despontou uma sétima edição do livro, editado pela editora 7 Letras, do Rio de Janeiro, considerada pela revisora, Professora Rosa Assis, como a edição de texto definitivo.

A publicação de 2011 difere muito da obra inaugural de 1941, posto que as mudanças foram significativas e resumidamente resultaram na retirada de um dos vinte capítulos da obra inaugural. Desta forma, o capítulo XIX, que deu nome ao livro **Chove nos campos de Cachoeira**, passou a não existir. Houve, também, modificações de títulos de alguns capítulos, alterações de formas verbais e até de nome de personagens.

Em 2019, a Editora Parágrafo organizou uma parceria com instituições e alguns colaboradores para editar a oitava edição do livro **Chove nos campos de Cachoeira**, aos moldes do livro de 1941, acrescentando a ele um glossário e uma lista de topônimos. A iniciativa veio suprir uma demanda do mercado, uma vez que as edições deste livro estavam esgotadas.

O romance está situado na década de 1920 e está localizado na ilha do Marajó - Vila de Cachoeira. Possui núcleos de personagens que se relacionam entre si, dos quais daremos destaque à família moradora no Chalé dos Coimbra: Major Alberto, D. Amélia, Eutanázio e Alfredo, além de outros personagens secundários que fazem parte da urdidura do romance, como o Salu, Dr. Campos, Irene, Felícia, Dona Gemi, Raquel, Bitá, Djanira, dentre outros que encenam a realidade social da Amazônia paraense.

A prática de leitura em **Chove nos campos de Cachoeira** (1941), por personagens-leitores, serão especificadas no quadro abaixo, conforme preferências de leitura:

Quadro 01 – Leituras em **Chove nos campos de Cachoeira** (1941)

LITERATURA	PERSONAGENS-LEITORES							
	MAJOR ALBERTO	EUTA NÁZIO	ALFREDO	AMÉLIA	CAMPOS	SALU	ELIAS SEIXAS	EZEQUIAS
As Mil e uma Noites	X							
Poesia: A vingança da porta, de Alberto de Oliveira		X						
O corvo, de Edgar Allan Poe ³³		X						
Se se morre de amor, de Gonçalves Dias		X						
I-Juca Pirama, de Gonçalves Dias	X							
Amor e medo, de Casimiro de Abreu		X						
Ouvir Estrelas, de Olavo Bilac		X						
Via Láctea, de Olavo Bilac	X							
O pássaro Cativo, de Olavo Bilac			X					
As pombas, de Raimundo Correa	X	X						
O Caçador de Esmeraldas, de Olavo Bilac	X							
Jesuítas, de Castro Alves	X							
Poesias condoreiras de Castro Alves					X			
O Estudante Alsaciano, de Acácio Antunes			X					
Poesias, de Tobias Barreto					X			
Paulo e Virginia, de B. Saint-Pierre		X						
O Conde de Monte Cristo, de A. Dumas		X						
Inocência, de Visconde de Taunay					X			
Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco					X			
Romance de Johann Wolfgang von Goethe					X			
A vingança do Judeu, de J. W. Rochester ³⁴		X						
Livro de Cordel, Marina e Alonso							X	
Poesia Que aspérrimo dezembro	X							

³³ Ao narrar a história, Eutanázio regionaliza o corvo e o chama de urubu

³⁴ É um livro espírita psicografado por WeraKrijanowski/Médium: WeraKrijanowski Espírito: Conde J. W. Rochester.

Quadro 01 – Leituras em **Chove nos campos de Cachoeira** (1941) - continuação

DIVERSOS	MAJOR ALBERTO	EUTA NÁZIO	ALFREDO	AMÉLIA	CAMPOS	SALU	ELIAS SEIXAS	EZEQUIAS
Opúsculo sobre a rara e ariscada profissão (de fogueteiro)	X							
Dicionário Prático Ilustrado, de Jaime Séguir		X						
Cartas para Ângela		X						
Cartas para João Galinha		X						
A filosofia de Georges Bataille					X			
Bíblia - Episódio de Rute e Booz, Parábolas de Salomão e Apocalipse		X ³⁵			X ³⁶			X ³⁷
Dores do Mundo, de Arthur Schopenhauer		X						
Livros de história sobre Nabuco	X			X				
Livros de história Natural			X					
Livros de história Roma Antiga					X			
Otto von Bismarck				X	X			
Mitologia Grega		X		X	X			
Nicolau II				X	X			
O gênio do cristianismo, de Chateaubriand (traduzido por Camilo Castelo Branco)				X	X			
Teoria de Charles Darwin				X	X			
Livro de Versificação (?)	X	X						
Oratória de Mont'Alverne	X			X				
Discursos, de Antônio Cândido	X			X				
Oratória de Demóstenes	X			X				
Arte/Dança - Isadora Ducan,					X			
Arte/dança - Margaretha Geertruida Zelle					X			
TEATRO	MAJOR ALBERTO	EUTA NÁZIO	ALFREDO	AMÉLIA	CAMPOS	SALU	ELIAS SEIXAS	EZEQUIAS
Teatro: Paixão de cristo	X							
Teatro: O Guarani ³⁸	X							
Teatro com Eleonora Duse					X			
Teatro: Le Tartuffe					X			

³⁵ Lia o Livro de Apocalipse³⁶ Lia o Livro de Apocalipse³⁷ Lia o Livro de Apocalipse para Eutanázio e os Episódios da Bíblia - Rute e Booz, as parábolas de Salomão.³⁸ Opera e musical de Carlos Gomes

Quadro 01 – Leituras em **Chove nos campos de Cachoeira** (1941) - continuação

ROMANCES FOLHETINS	MAJOR ALBERTO	EUTA NÁZIO	ALFREDO	AMÉLIA	CAMPOS	SALU	ELIAS SEIXAS	EZEQUIAS
A mulher adúltera, de H. Escrich (I, II, III e IV)						X		
O manuscrito materno, de H. Escrich (I, II e III)						X		
Rainha e Mendiga, de Antonio Contreras (I, II e III)						X		
A dor de Amar, de Henri Ardel,						X		
PERIÓDICOS	MAJOR ALBERTO	EUTA NÁZIO	ALFREDO	AMÉLIA	CAMPOS	SALU	ELIAS SEIXAS	EZEQUIAS
Jornal A província do Pará	X							
Jornal Independente de Muaná	X							
Jornal O Cachoeira	X	X						
Revista Brasil Agrícola I	X	X	X					
Revista Chácara e quintais II	X	X	X					
Revista La Hacienda III	X	X	X					
Revista Verdade					X			
Almanaque Agrícola Brasileiro	X	X						
Almanaque, com suplemento de literatura		X						

Fonte: COSTA, R.B. abril/2019

A análise do quadro sobre as leituras recolhidas em **Chove nos campos de Cachoeira** privilegia a figura do personagem. Destes, serão destacados os residentes no chalé dos Alcântara: Major Alberto, Eutanázio, Alfredo e D. Amélia. Esta última, na maioria das vezes, fazia leitura de escuta.

O Chalé dos Coimbra é o local onde ocorria a maioria das leituras. Era uma residência que se diferenciava da dos demais moradores da cidade de Cachoeira, que habitavam em casas muito humildes. No chalé, existia um espaço denominado de Saleta e era lá que estavam os livros do proprietário do Chalé dos Coimbra, o Major Alberto.

A saleta era um espaço sagrado “que não se varre, não se arruma, não se espana, não se abre ao sol” (JURANDIR, 1941, p. 250). No entanto, era um ambiente multifuncional pois, além de ser uma biblioteca, era também quarto, sala de visitas, local de refúgio, enfim, “A saleta era o universo”, conforme título do capítulo XVII de **Chove nos campos de Cachoeira**.

A organização e montagem da saleta foram projetadas pelo Major Alberto Coimbra:

Pôs na mesinha da saleta o seu retrato junto dos filhos, um retrato de Augusto Comte, uma Santa Rita de Cássia, o relógio redondo, a pasta com papéis municipais. As duas estantes de livros tomam espaço, as quatro cadeiras, a velha chapeleira negra, a janela para os campos. (JURANDIR, 1941, p. 45).

O Major possuía uma biblioteca particular na ilha do Marajó: “mandava buscar catálogos do mundo inteiro [e a]s estantes ficavam cheias” (JURANDIR, 1941, p. 68). Na narrativa, o personagem aparenta ter boas condições financeiras, por possuir uma boa casa, um considerável acervo de livros e não ser analfabeto; no entanto, ele era um representante da classe média baixa, mas com poder de articulação, por ser um secretário da intendência, fato que favorecia a aquisição de alguns títulos de livros e também de fazer com que estes chegassem até a ilha de Marajó.

O Major Alberto Coimbra é um personagem que percorre quase todos os livros do Extremo Norte, excetuando Marajó. A importância deste personagem nos livros do ciclo se dá pela protagonização da leitura, verificada nos dois primeiros livros em que ele aparece como personagem presente: **Chove nos campos de Cachoeira** e **Três casas e um rio**. Nos outros romances, ele revela-se nas lembranças do protagonista Alfredo e, na maioria das vezes, praticando leituras.

Nos romances de Dalcídio Jurandir, o personagem Alberto Coimbra ou Major Alberto, nasceu em Belém do Pará e depois foi morar na ilha do Marajó, onde ficou conhecido na ilha por sua bondade e inteligência, atributos conseguidos por saber ler e escrever, habilidade que contrastava com a maioria das pessoas locais que eram analfabetas. A leitura de textos pode ter sido a razão para o Major ter se tornado um sonhador e executor de projetos fugazes, conforme veremos adiante.

Ele era Major da Guarda Nacional, funcionário na Junta da Saúde, revisor de **A província**, fundou e dirigiu o **Independente de Muaná**³⁹, professor público, político, resolvia algumas questões de advocacia, mestre em pirotecnia, orador oficial nas festas públicas, programador de festa de santos, narrador de histórias sobre a vida de reis, rainhas do Brasil e guerras; além disso, era um excelente

³⁹ **A província** e o **Independente de Muaná** são periódicos que figuram na 1ª narrativa jurandiana.

tipógrafo⁴⁰, profissão que o fez conhecer os catálogos e revistas, que lhe apresentaram o mundo e a possibilidade de sonhar mais alto, editando um jornalzinho na ilha do Marajó, de nome **Cachoeira**, que durou pouco tempo e faliu. Nas leituras em **Três casas e um rio** será informado sobre a faceta jornalística do Major.

A vida profissional não diferenciava muito da vida familiar do Major, que também era cheia de instabilidades. Constituiu sua primeira família em Muaná, no Marajó, herdando deste primeiro relacionamento quatro filhos: Eutanázio, Letícia, Natércia e Marialva. A filha mais nova do casal, Marialva, era cega, mas gostava de ouvir histórias, entende-se que esta informação é uma crítica do escritor àqueles que enxergam mas não leem. Após a morte da esposa, Major deixou suas três filhas na cidade de Muaná e seguiu para Cachoeira com Eutanázio e uma segunda esposa, D. Amélia.

Em Cachoeira, os filhos do Major Alberto: Eutanázio e Alfredo principiaram suas leituras vendo os folhetos e livros do pai e também ouvindo as leituras que o Major fazia em voz alta. As leituras/recitações do Major permeiam os livros do ciclo, já que era a forma que ele encontrava para ler e socializar o que leu. Segundo Roger Chartier, o livro tradicionalmente representava “decoração; e a biblioteca, sinal de um saber ou de um poder” (CHARTIER, 1996, p. 90-91). O major ostentava saber e poder por meio de aquisição de uma biblioteca e pela demonstração de conhecimento decorando alguns trechos de livros.

A prática de ler e também de decorar a leitura para apresentá-la em outro momento será demonstrada não só pelo Major, mas por outro personagem do primeiro romance jurandiano, chamado Salu.

A reverência do Major Alberto pelas letras era enorme, e a vontade de conhecer e estar próximo dos textos era tamanha que montou até uma tipografia. A partir daí, começou a colecionar todos os tipos de impressos, como cartazes, panfletos, revistas e livros, e assim adquiriu grande e variada quantidade de obras literárias para o consumo pessoal⁴¹: “[n]o seu tempo de mais moço comprara coleções de livros enciclopédicos e bibliotecas populares portuguesas. Sempre foi

⁴⁰ Sobre a importância da tipografia como divulgadora do conhecimento e os tipos existentes no estado do Pará, a partir dos anos oitocentos, conferir estudos de (SALES, G. A.; NOBRE. I. G, 2009), exposto no capítulo que trata do personagem Salu.

⁴¹ Conforme AUGUSTI, Valéria. **Coleções editoriais de baixo custo e traduções de romances franceses no acervo do Grêmio Literário Português do Pará**. Revista Letras, Santa Maria, v.23, n. 47, p.21-36, jul. / dez. 2013. <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11753/7182>

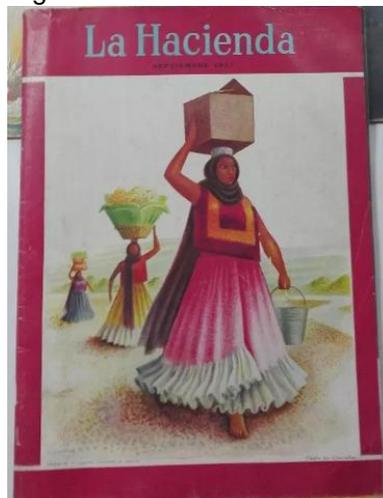
um desejo ler, de saber, de ter por alto uma noção do mundo e dos homens” (JURANDIR, 1941, p.192). O interesse deste leitor incidia principalmente nas revistas e catálogos, visto que essas publicações levavam o personagem a viajar por meio das paisagens.

Na pesquisa realizada sobre as revistas adquiridas pelo Major Alberto, descobriu-se algumas informações que ajudam a entender as aquisições das revistas e das estantes que o personagem possuía. Martins (2008) comenta as estratégias editoriais para venda de revistas e afirma que eram comuns os anúncios publicitários nas revistas oferecendo, como brinde, estantes a quem adquirisse coleções completas de revistas; um modelo para cada coleção de revista comprada. Esta informação vai se constatar em outro livro do ciclo quando o Major vai figurar como ex-assinante das revistas agrícolas.

O Major Alberto lia e colecionava as revistas: **La Hacienda, Chácaras e Quintais e o Almanaque Agrícola Brasileiro**. Segundo Martins (2008), a entrada destas revistas no mercado editorial brasileiro aconteceu entre o final do século XIX e início do século XX, visto que os agricultores brasileiros ainda usavam técnicas primitivas no setor agrícola, por isso a necessidade de revistas que impulsionassem a agricultura. Neste período, apareceu a Revista norte-americana **La Hacienda**, produzida especialmente para o mercado latino-americano e as revistas **Chácaras e Quintais e o Almanaque Agrícola Brasileiro**.

Sobre a revista **La Hacienda**, Martins informa que o primeiro número que circulou no Brasil data de 1907 e o último, no ano de 1944.

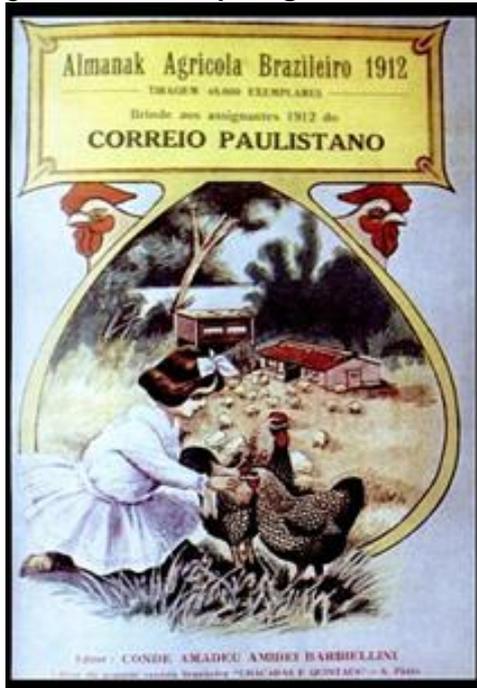
Figura 03: Revista **La Hacienda**



Fonte: https://articulo.mercadolibre.cl/MLC-462748565-revista-la-hacienda-1947-5-_JM

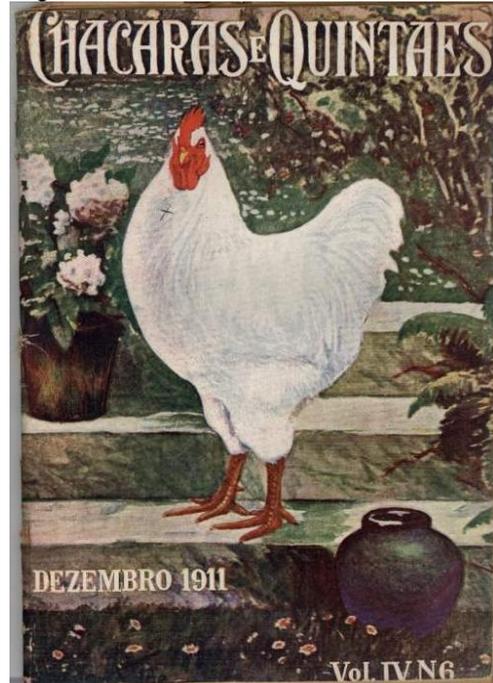
A revista **La Hacienda** era bilíngue (português /espanhol), editada em alto padrão e encantava pelas ilustrações e propagandas que continha. Segundo Martins (2008), na exposição da revista **La Hacienda** “anunciavam [uma] encadernação de luxo, após um ano da coleção completa [...] e estampavam para venda, o modelo de estante concebido para coleção” (MARTINS, 2008, p. 297).

Figura 04: **Almanaque Agrícola Brasileiro**



Fonte: Martins, 2008, p. 300

Figura 05: Revista **Chácaras e Quintais**



Fonte: Martins, 2008, p. 302

A Revista **Chácaras e Quintais** trazia como brinde um **Almanaque** que era distribuído pelo Jornal **Correio Paulistano**, onde os assuntos eram diversificados, traziam propaganda, técnica agrícola e literatura: “as revistas agrícolas acabam por ampliar o público leitor, habituando-o, pelo menos, à prática da literatura com viés técnico. Em particular o reticente leitor masculino, alcançando até a leitora feminina” (MARTINS, 2008, p. 284).

A pesquisadora Wanda Weltman (2008) comenta que a revista **Chácaras e Quintais** trabalhava com temas diversificados: “a publicação valoriz[ava] também, temas de cunho político, entre eles: a educação rural, a luta contra o **analfabetismo**, o saneamento rural, a policultura, o cooperativismo e o papel da ciência para o setor agrícola” (WELTMAN, 2008, p. 222, grifo nosso). Vale lembrar que uma das lutas de Dalcídio Jurandir era o analfabetismo.

A Revista **Brasil Agrícola** circulou entre os anos de 1869 a 1891, segundo o pesquisador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Begonha Bediaga (2013), e era uma publicação do imperial Instituto Fluminense de Agricultura (1860-1891), fundado pelo Imperador D. Pedro II, com o objetivo de apontar novas práticas agrícolas nas atividades rurais e também apontar caminhos para a modernização, haja vista o anúncio do final da escravidão.

Um dado significativo comentado por Martins (2008) é que a revista agrícola **Fazendeiro**, de 1916, que tratava de assuntos exclusivos sobre o café, publicou um artigo do escritor Monteiro Lobato sobre “O aproveitamento Integral da Laranja”. Como dissemos anteriormente, a colaboração dos escritores para essas revistas agrícolas era comum na época. Os almanaques e suplementos literários também contribuíam para estimular e intensificar a leitura, num país quase analfabeto.

O estímulo da prática de leitura trazido pelas revistas é expressivo, uma vez que os filhos do Major fizeram-se leitores a partir do manuseio de revistas, e o próprio Major ficou cativo das revistas, bem como D. Amélia que só as escutava. Além das revistas agrícolas, Major Alberto também lia Revistas religiosas como a **Revista de Santa Rita de Cássia**.

Sua habilidade de leitor também enveredava pelos caminhos da poesia, lia e recitava poesias, como: “O Caçador de Esmeraldas’ e os ‘Jesuítas’, de Castro Alves” (JURANDIR, 1941, p. 66). Ele as recitava com entusiasmo, já que a poesia também era uma das principais preferências de leitura desse personagem-leitor.

O personagem tinha até seu poeta preferido, o poeta romântico brasileiro Gonçalves Dias, e chegava a ponto de defendê-lo veementemente: “Um dia lhe disseram que o maior poeta era Bilac. Major foi a estante e trouxe um retrato de Gonçalves Dias: - Veja! Este que é o nosso poeta”. (JURANDIR, 1941, p. 67). Também nutria admiração pelos grandes oradores e não cansava de falar e recitar: “falava da gagueira de Demóstenes⁴² e repetia de Mont’Alverne o ‘**É tarde! É muito tarde!**’”⁴³ (JURANDIR, 1941, p. 67, grifo nosso). A poesia ‘É tarde’, de Castro Alves cita como epígrafes Junqueira Freire e a poesia ‘É tarde! É muito tarde!’, de Mont’Alverne.

⁴²Demóstenes (384 a.c-322 a.c) foi um grande orador e também político grego de Atenas. Na infância, sofria de gagueira, nesta fase se apaixonou pela oratória e venceu o problema da gaguez.

⁴³A expressão “É Tarde” pertence a Fr. Francisco de Monte Alverne (1784-1858) e foi proferida no Sermão de São Pedro de Alcântara em 1854. Esta expressão consta na epígrafe da poesia de Castro Alves “É tarde”, de 1869.

Além desses escritores, o Major reproduzia também a oratória de políticos: “lia para D. Amélia discursos inteiros de Antônio Cândido⁴⁴ e contava a história de Nabuco, o Nabuco da Abolição”⁴⁵ (JURANDIR, 1941, p. 67). O Major Alberto demonstra ser sensível à questão do negro, visto que vivia com uma negra e, constantemente, dava destaques a personalidades como Joaquim Nabuco (1849-1910), que defendia a liberdade religiosa e a causa abolicionista. Ele contava a história de Nabuco para D. Amélia numa tentativa de fazê-la conhecer sobre as personalidades que defendiam a causa negra.

Uma das atividades culturais de D. Amélia era escutar o marido e, desta forma, ela se configura como um personagem que pratica a leitura como escuta ou ouvida, uma vez que a experiência social de ouvir histórias difere da leitura individualizada. Ouvir a leitura de alguém é prática antiga e remonta aos tempos da Idade Média: “reunir-se para ouvir alguém ler [era] uma prática [...] comum no mundo laico da Idade Média” (MANGUEL, 2006, p. 158). Neste período, o número de pessoas alfabetizadas era pequeno, e só por meio de um leitor é que era possível fazer a divulgação de um trabalho escrito.

Para escutar o marido, D. Amélia se dividia numa dupla tarefa: a de escutar atentamente a leitura do Major e a de desenvolver as tarefas domésticas: “D. Amélia, cosicando as ceroulas do Major, se banhava de eloquência ouvindo discursos inteiros de Antônio Cândido, todo o ‘Caçador de Esmeraldas’, de Bilac, a ‘Via Láctea’, ‘I-Juca-Pirama’.” (JURANDIR, 1941, p.193). Assim, o Major Alberto desenvolve prática de leitura em voz alta, nos livros **Chove nos campos de Cachoeira e Três casas e um rio**. A leitura em voz alta, segundo Roger Chartier, existe desde a Antiguidade para “demonstrar que se [era] bom leitor, [ler] em voz alta, constituí[a] um ritual de passagem obrigatório para os jovens” (CHARTIER, 1999, p. 21-22).

A leitura oralizada praticada pelo Major difere da leitura silenciosa, que é a leitura visualizada com ares mais modernos; no entanto, segundo Chartier (1999),

⁴⁴Antônio Cândido (1852 – 1922) foi clérigo, orador e político. Foi considerado o maior orador do seu tempo. O seu papel na cena pública do seu tempo foi diversificado. Como pensador político, assumiu-se como um conservador, descrendo das teorias do chamado **socialismo utópico**, avançadas por filósofos do social como Proudhon, e também do positivismo de Auguste Comte. Antônio Cândido. In: Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-10-24]. Disponível na www: URL: [http://www.infopedia.pt/\\$antonio-candido](http://www.infopedia.pt/$antonio-candido).

⁴⁵Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910) foi político, diplomata, historiador jurista e jornalista. Defendia a liberdade religiosa e a causa abolicionista. Escreveu o Livro O Abolicionismo em 1883.

esses dois tipos de leituras coexistem desde a antiguidade, embora a leitura silenciosa só tenha sido conquistada pelos ocidentais a partir da Idade Média. Desta forma, cabe a afirmação de que a leitura oralizada do Major Alberto é o registro de que existem modos diferenciados de praticar a leitura: “os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação com o escrito” (CHARTIER, 1990, p. 178).

Por outro lado, a leitura oralizada desenvolvida por Major Alberto comporta certo ritual. As performances desenvolvidas pelo Major Alberto, durante as leituras que fazia, eram tão habilidosas de forma que D. Amélia, sua interlocutora, ficava imersa no texto reproduzido performaticamente por ele: “- Estou ouvindo, homem, diga... E Major exclamava: Pois choraste em presença da morte?/ meu filho não és...”⁴⁶ (JURANDIR, 1941, p. 193). A ouvinte, então, exercitava o processo de compreensão e interpretação, resultado de uma ação lógica: “D. Amélia ficava era vendo o velho índio danado com o filho que chorou em presença da morte.” (JURANDIR, 1941, p. 193), conseguindo assim, por meio da leitura ouvida e da *performance*, entender de forma razoável a poesia indianista de Gonçalves Dias.

Vale lembrar que as leituras e performances do Major são apresentadas em dois livros: **Chove nos campos de Cachoeira e Três casas e um rio** e, nos demais livros do ciclo, as leituras do Major aparecerão em forma de lembranças saudosas de Alfredo, conforme já informado. Além do mais, as imagens de leituras não serão representadas pelos personagens na instituição escolar no ciclo marajoara, e sim em ambientes particulares, como a saleta do Major Alberto, o comércio do Salu, varanda de casas e tronco de árvore. Depreende-se que o ensino, na maioria das vezes neste ciclo, era iniciado no lar e que, após esta iniciação, o aluno engajava-se no estudo por meio de um professor que, geralmente, era particular, se os responsáveis pelo estudante tivessem condições econômicas. Uma das saídas para que o aluno conseguisse uma formação escolar era encaminhá-lo para a cidade, conforme aconteceu com o personagem Alfredo.

No texto jurandiano, a figura do professor é mostrada em deformação, já que este profissional fazia uso de técnicas pedagógicas tradicionais que, na maioria das vezes, utilizava o castigo, torturas e humilhações. Alguns desses professores

⁴⁶Trecho de ‘I-Juca Pirama’, de Gonçalves Dias

aparecem na narrativa, como o Sócrates de Aquino, professor de Eutanázio, que tinha como prática de ensino as humilhações; o professor Proença, que tinha ares de louco e foi o carrasco de Alfredo durante o tempo de estudo em Cachoeira; e o Mestre Paiva, que castigava o personagem João Galinha.

As representações no texto de Dalcídio Jurandir demonstram que os professores apresentados utilizavam métodos de ensino agressivos e que não permitiam ao aluno o interesse pelo estudo. Somente percebe-se referência ao estudo e, principalmente, à leitura, na saleta do Major Alberto, que é um gabinete de leitura particular, ou na taverna de Salu, um pequeno comércio que conseguia reunir alguns intelectuais da cidade de Cachoeira.

Desta forma, é conferida ao personagem Major Alfredo, uma posição diferenciada na sociedade de Cachoeira, haja vista a influência como promotor da leitura e a utilização de sua habilidade nas recitações de poesias ou nas leituras de textos em voz alta, com performances extraordinárias, que o transformaram num exemplo de leitor em Cachoeira, além de ser vastamente lembrado nos livros do ciclo urbano.

Eutanázio é o personagem que representa a miséria e a falência do ser humano e, ao mesmo tempo, é um dos grandes personagens-leitores na narrativa de Dalcídio Jurandir. Por ser um leitor extensivo chega a perceber e refletir sobre problemas sociais que acontecem na cidade de Cachoeira, que não são observados por outros personagens prestigiados. No entanto, o personagem apresenta certas singularidades: é problemático e frustrado como pessoa e enquanto escritor, além de sofrer de amores por Irene e não ter alcançado sucesso, com a Mundiquinha, a Laurenciana, a Dadá e a Felícia.

Ele morava em Cachoeira com o pai, a madrasta, Mariinha e Alfredo, irmãos por parte de pai. Possuía um gênio difícil, “era raquítico, tinha os olhos sombrios, os dedos trêmulos, contínuas dores de dentes” (JURANDIR, 1941, p. 35). Conforme já informado, era filho da primeira esposa do Major Alberto e tinha três irmãs solteiras. As irmãs se comparam ao perfil do personagem Eutanázio, ou seja, uma representação de miséria e deteriorização do ser humano.

Eutanázio possuía aptidão para a vida cultural, inclinação que apareceu na adolescência, quando selecionou as profissões de sua preferência: general, enfermeiro e encadernador. Destas, selecionou o serviço de encadernador, por “[preferir] lidar com os livros, [...] maltratados e doentes” (JURANDIR, 1941, p. 38).

Desta forma, conseguiria encampar a profissão de enfermeiro ao cuidar dos livros por serem “mais pacientes, mais resignados, mais agradecidos, mais humanos” (JURANDIR, 1941, p. 38), além de ter o poder de um general sobre eles.

O escritor Dalcídio Jurandir consegue elaborar uma passagem excepcional para a reflexão sobre a necessidade de leitura e reflexão sobre ela ao criar no personagem Eutanázio as reflexões sobre livros, leitura e produção escrita no episódio do “sujeito bêbado”, que estimulou a personagem a iniciar e a valorizar uma inclinação que estava latente dentro dele, como se fosse uma outra vida convivendo no seu interior.

No episódio do “sujeito bêbado” Eutanázio apresenta uma visão particular a respeito do homem e cultura:

um sujeito muito bêbado se aproxima para lhe falar: Por que os livros ficam à margem? Diga... Por que os... livros ficam [...] A margem? Porque também... o homem... Fica [...] Na margem da... da... vida? Da nossa própria da... nossa própria... Consciência? (JURANDIR, 1941, p. 38).

Foi a partir deste belíssimo episódio, entendido como uma visão crítica do personagem Eutanázio sobre o ser humano e a cultura, que na narrativa é apontado um maior desejo pela leitura.

O manuseio de revistas e a experimentação de leituras surgiram na infância e no começo de sua vida estudantil. Sempre estava com mau humor e apatia, via certa displicência do pai e da mãe e não se sentia estimulado, apesar de o pai ser um leitor. Desta forma, ele considerava que a vida escolar não era significativa para sua formação inicial, pois “[a]prendia com aborrecimento ou com indiferença, frieza ou desapontamento [ele] acabou não adivinhando a utilidade de saber ler e escrever” (JURANDIR, 1941, p. 36).

Contudo, quando Eutanázio resolveu, de fato, estudar, foi estimulado por dois motivos: o primeiro, era empreender mudanças radicais no mundo; no entanto, se desanimava ao ver os pobres cada vez mais pobres. O segundo motivo de ir à escola eram as ameaças do professor, mas sentia medo de suas reações ante o castigo do professor. No entanto, mesmo estudando de forma pacífica, ele executava pequenas vinganças com o professor. Observa-se que este personagem, apesar de representar um ser caricato e, às vezes, burlesco, era extremamente crítico.

Além de Eutanázio ter sofrido a influência da leitura do seu pai, também era

influenciado por um tio conhecido por Jango, que lia para ele belas passagens da Bíblia; no entanto, este preferia ouvir do tio o Apocalipse, que combinava mais com seu estilo pessoal. Percebe-se, então, que há um maior interesse pela literatura no seio familiar, com o pai ou tio, do que na escola.

O ambiente escolar, descrito no primeiro romance de Jurandir, simboliza a escola da época em que é ambientado o romance, ou seja, início do século XX. Nestas escolas, existia uma única forma de pedagogia que era a tradicional, oriunda da Primeira República do Brasil (1889 – 1930). No modelo tradicional, o aluno sofria muitas retaliações por parte do professor. Na narrativa de Jurandir, estas retaliações são de professores que utilizavam uma única forma de pedagogia que era o castigo e/ou humilhação em público.

Os personagens silenciam sobre isso e, então, percebe-se uma pactuação do escritor com os personagens sobre o assunto, o que ocasiona múltiplas interpretações, provenientes dessa relação escritor x personagem x leitura. Uma delas se refere ao silêncio dos personagens, um apagamento das situações que lhes são adversas no ensino, onde o “silêncio é a própria condição da produção de sentido [...]” (ORLANDI, 2011, p. 68-83).

O interdito e a não divulgação da situação de miséria em Cachoeira, em relação ao ensino, são significações e/ou ressignificações de que trata Orlandi em seu estudo sobre o silêncio, o que é proposto em **Chove nos Campos de Cachoeira**, para possibilitar a retomada, pelos leitores, da obra sobre esta questão.

A prática de leitura do personagem Eutanázio pode ser considerada como leitura extensiva, conforme classificação de Chartier (2007), no sentido que abrange diversas modalidades de leitura. Suas leituras eram realizadas em contato com a natureza: [leu] uma tradução de **Paulo e Virgínia** [...] debaixo do cupuaçuzeiro⁴⁷. (JURANDIR, 1941, p. 139-140). No quadro desta seção, aparecem outros títulos lidos por Eutanázio, como **A vingança do Judeu e O Conde de Monte Cristo**.

É válido ressaltar que o assunto referido nas obras supracitadas giram em torno da temática vingança, tanto em **A vingança do Judeu**, quanto em **O Conde de Monte Cristo**. Essas obras representam não só a face sombria de Eutanázio, na busca de vingar algo que existe nele enquanto ser mutilado pela vida e pelas próprias opções. É relevante destacar a recorrência das obras do século XIX, como

⁴⁷Árvore do cupuaçu, fruta típica da Amazônia.

preferência de leitura na ficção, uma vez que, além de Eutanázio, outros personagens do ciclo também terão como preferência as mesmas leituras.

As leituras representavam, para Eutanázio, mais que prazer; elas extravasavam alguns anseios, como os desejos de viajar e conhecer mundos novos, como se deu pela ocasião da leitura de **O Conde de Monte Cristo**, de Alexandre Dumas (1844), obra que suscitou o desejo indefinido por viagens, ou melhor, por evasão de um lugar em que não se ouvisse os queixumes sobre a crise da borracha. Percebe-se que, mesmo lendo romances de aventuras, relacionados a outros países, ele consegue fazer relação com o seu mundo amazônica.

No seu roteiro de leituras, manifestou desejo de ler um livro, ao qual se referia como se não tivesse lido; no entanto, o romance aponta dados semelhantes aos do texto que confirmam que ele o leu. O livro, que lhe causou tanta afeição, chamava-se **Dores do Mundo**⁴⁸, que viu certa vez numa livraria em Belém. Esta menção ao livro de Schopenhauer suscita-nos uma reflexão, pois conhecendo a trajetória do filósofo e do personagem, nota-se certa identidade entre eles. São reveladores, para a afirmação, os temas do livro de aforismos de Schopenhauer. Nele, o filósofo trata do amor, da morte, da arte, da moral, da religião, da política, do homem e da sociedade, assuntos instigados por Eutanázio. Entende-se que esta marca no personagem foi fruto da bagagem cultural do escritor e leitor Dalcídio Jurandir.

Por outro lado, é possível uma aproximação de Eutanázio com o personagem Werther, d'**Os Sofrimentos do jovem Werther**, de Goethe, conforme explica a pesquisadora Marli Furtado: “essa aproximação [...] não se faz apenas pelo sabor da comparação, ela serve de veículo de reflexão de que algumas raízes da modernidade estão no Romantismo” (FURTADO, 2010, p. 33).

O personagem Eutanázio possuía predileção especial pelo gênero poesia, pois “decorava o ‘Se se morre de amor’, ‘O Amor e o Medo’ e o ‘Ouvir Estrelas’”. Tinha paixão pelo ‘As Pombas’” (JURANDIR, 1941, p. 39). Percebe-se que a leitura de Eutanázio acontece de modo gradual, de acordo com as fases literárias. No Romantismo, primeira fase, o ‘Se se morre de amor’, de Gonçalves Dias; Romantismo, segunda fase, ‘Amor e Medo’, de Casimiro de Abreu; Parnasianismo, com proximidade romântica, ‘Ouvir Estrelas’, de Olavo Bilac; e ‘As Pombas’, de

⁴⁸ Uma referência a Arthur Schopenhauer em seu ensaio filosófico **Dores do mundo**, livro de aforismos. De acordo com NUNES; PEREIRA; PEREIRA (2006), o escritor Dalcídio Jurandir considerava Schopenhauer o mestre do pessimismo e não conseguia ajustar suas ideias às dele.

Raimundo Correa.

Das poesias referidas, 'As Pombas' era a preferida de Eutanázio, talvez pelo fato de perceber que as pombas seguem o mesmo ritual todos os dias, retornando sempre ao lugar de origem. Porém, ele possui um tempo irrecuperável, posto que sua vida se dará de forma breve em decorrência de sua enfermidade, não podendo voltar ao tempo e reiniciar seu projeto de vida, assim como faziam as pombas.

O leitor Eutanázio alarga o seu campo cultural, pois só a leitura não o satisfaz e inicia a produção de versos, "dentro dele se agitava um caos e só a poesia daria ordem". (JURANDIR, 1941, p. 43). Inicia sua atividade poética fazendo alguns versos, mas recebe críticas de Major Alberto sobre seu fazer poético: "Uma porcaria. [...]. Nem métrica sabe, nem parece que na estante tem um livro de versificação." (JURANDIR, 1941, p. 39). Para o pai, que era arraigado a um estilo mais tradicional, fazer poesia só era possível se utilizasse a métrica, ao estilo dos poetas parnasianos; para isso, tinha livros de poesias que só serão conhecidos no núcleo urbano.

Apesar das críticas, Eutanázio, não desistiu: "animou-se quando leu [...] num Almanaque: O VERSO É TUDO" (JURANDIR, 1941, p. 39). Esta observação do Almanaque o fez prosseguir no seu intento de produzir poesias, e até conseguiu publicar um poema intitulado 'Ponto Final', na seção de "Ensaio Literários", d'**O Cachoeira**, jornalzinho do Major Alberto. O poema 'Ponto final' será lembrado mais tarde por Alfredo no ciclo urbano e é considerado o epitáfio de Eutanázio. A preferência deste leitor pelos assuntos literários, especialmente a poética, fica bem evidente a partir de referências em que ele lê informações sobre poesia no almanaque para aprimorar sua técnica e, em seguida, publicar o poema no jornal.

Após a fase de poeta, se inicia na fase de produtor de letras/versos para os folguedos da localidade. Assim, começou a atuar publicamente e passou a ser admirado na construção de versos para festas tradicionais de bois da região: "o povo gostava [dos] versos de Eutanázio [ele] achava assim que a sua pobre poesia tinha [...] alguma utilidade. Agradava o pessoal dos bumbás, era cantada pelo povo, falada pelos campos do Arari" (JURANDIR, 1941, p. 109).

Da vida sofrível de Eutanázio, restou sua arte em fazer versos para as festas folclóricas de Cachoeira. O momento de representação de seus versos musicados significava, para ele, o ponto máximo de sua arte, por conseguir alegrar um povo tão

sofrido, ao vê-lo cantar e representar seus versos que eram encobertos com tristezas. Só assim, era reconhecido e as pessoas podiam usufruir de sua arte.

A alegria do povo, contrastada com a tristeza dos versos de Eutanázio, provoca uma reflexão sobre a importância de se compreender e de se poder fruir da arte literária pois, segundo Antonio Candido, a leitura literária é direito inalienável e “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, [da mesma forma que] a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis” (CANDIDO, 2004, p. 191). O personagem Eutanázio consegue transmitir o fato literário e, ao mesmo tempo, atender ao seu desejo de ler, de escrever e de sentir o prazer literário.

A exposição do produto literário de Eutanázio representa sua passagem de leitor a produtor de texto, provavelmente motivada pelas leituras que ele fazia. Contudo, além da contribuição às festas tradicionais de Cachoeira, Eutanázio também praticava pequenas ações sociais como a de ler e de escrever cartas para as pessoas analfabetas daquele lugar.

Um episódio que mostra essas pequenas ações sociais praticadas por Eutanázio se deu com os personagens enamorados João Galinha e Ângela. Estes personagens eram analfabetos; portanto, precisavam de Eutanázio para trocar confidências amorosas. O personagem João Galinha faz pedido desesperado de que precisava demonstrar seu sentimento, mas que era incapaz de fazê-lo por ser analfabeto: “Escreva da sua cabeça, seu Eutanázio. [...] Faz de conta que é você que está sentindo isso. Eu quero me declarar” (JURANDIR, 1941, p. 206). O primeiro pedido partiu de João Galinha, que era conhecido como um vagabundo e ladrão de galinhas, mas que se apaixonou por Ângela e sentiu a necessidade de saber ler e escrever para fazer o cortejo e concretizar o namoro.

A atividade de enviar e receber cartas de amor eram comuns nos namoros da época e Eutanázio era o encarregado de escrever e também de ler as cartas que provavelmente o enamorado receberia. Nas cartas Eutanázio brincava com essas pessoas analfabetas pois, ele sabia que iria escrever e ler as cartas, por ser ele um dos que sabia ler e escrever em Cachoeira. Assim, tirava proveito em se divertir “daquela felicidade analfabeta e cheia de boa-fé” (JURANDIR, 1941, p. 233). Recebia dos correspondentes agradecimentos, porém estes não desconfiavam que as cartas produzidas por ele contivessem outro conteúdo, pois “ele podia escrever,

quando quisesse, os maiores desaforos de um para outro, os maiores insultos. [...] Podia escrever as infâmias que entendesse de fazer (JURANDIR, 1941, p. 232).

Um dado relevante com relação ao personagem João Galinha é que ele também sofreu humilhações de um professor, assim como aconteceu com Eutanázio e Alfredo. Foram os castigos do professor que fizeram o personagem João Galinha fugir da escola, pois tinha medo do grito do mestre, que era conhecido como homem terrível. Após essa fuga de João Galinha, da escola, ele não quis mais saber de estudar, mesmo que guardasse o desejo de saber ler e escrever, especialmente no momento em que estava apaixonado e precisava se comunicar com a amada. Há nos textos do núcleo marajoara uma insistência em macular a figura do professor. Mais tarde, esse fato também será observado no núcleo urbano.

A história de vida de Eutanázio é trágica e sua existência sombria se apagou na meia idade. Não conseguiu o objetivo de se tornar um escritor canônico, não conquistou a mulher por quem era apaixonado, não constituiu uma família, não teve filhos; é quase um Braz Cubas machadiano. No entanto, ele foi um personagem que contribuiu culturalmente para a comunidade de Cachoeira. A notícia de sua morte não foi narrada no livro em que ele divide o protagonismo com Alfredo, **Chove nos campos de Cachoeira** e só será conhecida a partir da leitura de outro romance, **Ponte do Galo** (1971), sétimo do ciclo do **Extremo Norte**.

O personagem-leitor Eutanázio tem um pré-velório marcado pela narração de muitas histórias pelo personagem Salu. Essas narrações no momento final de sua vida, figuram como um agradecimento a quem na vida amava a leitura e também, se configura uma prática comum, as pessoas que residem na zona rural, velarem por dias aquele que está condenado à morte. Ele expira numa noite em que o personagem Salu está narrando histórias.

No romance **Chove nos campos de Cachoeira**, o personagem Eutanázio é muito marcante; ele deixa um legado expressivo para a comunidade de Cachoeira, que é a sua arte elaborada na construção da poesia popular, já que mesmo depois de morto poderia ser lembrado a partir das canções por ele produzidas.

O personagem-leitor Alfredo é o quarto leitor do chalé dos Coimbra e é apresentado em **Chove nos campos de Cachoeira** na fase infantil, próximo da adolescência e, por este motivo, as imagens de prática de leitura deste personagem serão escassas neste ciclo marajoara. No entanto, será possível perceber uma força própria que o fará protagonista deste e de outros romances do ciclo do Extremo

Norte. Além do mais, ele reflete sobre questões sociais bem pontuais ao longo do ciclo, como o racismo, o alcoolismo, o analfabetismo, a discriminação, a pobreza, a corrupção, a situação da mulher, dentre outros assuntos.

Alfredo representa inicialmente o menino afrodescendente, visto que era filho de D. Amélia, da cor negra e Major Alberto, da cor branca. É Introspectivo e intuitivo e tinha o desejo de ascender socialmente para mostrar aos meninos de sua cidade que a cor não significava incapacidade e que, por meio do estudo e ensino de qualidade, seria possível vencer.

Para o personagem, o ensino em Cachoeira era inadequado, já que a metodologia tradicional não favorecia a aprendizagem. Os métodos utilizados eram pautados nas humilhações e castigos, como deixar os alunos de joelhos ou despidos diante dos colegas, configurando o atual *bullying*, bem como o uso de palmatória para castigos. Na narrativa, fica evidente o desânimo de Alfredo pelo ensino do professor Proença, evidenciando que nele ficou uma marca profunda da “educação” recebida. Sua apatia pela escola era imensa que simulava doença para não sofrer humilhações. Um dado observado na narrativa é que as leituras de Alfredo não foram mostradas no “ambiente escolar”. Essa não representação da leitura na escola é um indício de apagamento daquilo que não deveria ser lembrado e/ou mostrado.

Esse apagamento nas representações de leituras de Alfredo apresenta-se na ficção sob a forma de silêncio, descoberto por meio de pistas, que são as críticas ao método empregado pelo professor e, mais tarde, percebidas na fragmentação de leituras executadas pelo personagem. Estas pistas que culminaram no silenciamento da leitura na escola, por Alfredo, é a marca do seu protesto “é a própria condição da produção de sentido” (ORLANDI, 2011, p. 68), pois ele cala para dar um maior sentido ao seu silêncio.

O personagem prefere nada dizer para destacar a carência de textos de boa qualidade ou até a inexistência deles, já que não é registrado, neste ciclo marajoara, a representação de um professor leitor. É importante salientar que o estudo sobre apagamento/silenciamento está direcionado apenas para uma análise pautada no discurso e que não compreende desdobramentos filosóficos.

As primeiras amostras de leituras do personagem aparecerão na leitura do mundo marajoara, composto por inúmeras adversidades. É neste espaço que vai aflorar sua criticidade, de forma bem sutil. Ressalta-se, sobremaneira, que sua força

motriz está no desejo de sair daquele mundo e conseguir a tão sonhada instrução escolar, fato que será obsessivo na obra.

A técnica utilizada pelo narrador possibilita uma melhor observação das leituras de Alfredo, pois se percebe a voz do narrador que pactuará com a da personagem e com o carço de tucumã, que é personagem mágico e que ganhará vida nas mãos de Alfredo e, com ele, dialogará nos seus mais densos momentos. A utilização desses recursos permite, ainda, um caráter individual ao romance de Dalcídio, como forma de dar singularidade à ficção amazônica.

As primeiras experimentações de leitura de Alfredo acontecem na saleta do chalé, que é, para Alfredo, o espaço de leitura e, ao mesmo tempo, um porto seguro. As representações do ato de ler, em Alfredo, acontecem de forma irregular, pois é a partir de sua indicação para a récita de uma poesia denominada de ‘O estudante Alsaciano’⁴⁹, que ele se impõe para ler apenas aquilo que era prazeroso para ele. Desta forma, não conseguiu recitar a poesia de Acácio Antunes, gaguejou; enfim, um fracasso total. Porém, tempos depois, conseguiu êxito quando recitou, na Intendência, a poesia ‘O pássaro cativo’, de Olavo Bilac⁵⁰.

A poesia ‘Pássaro Cativo’ é tão longa quanto a poesia ‘O Estudante Alsaciano’, porém a poesia de Bilac foi elaborada com direcionamento para o público infantil. O sucesso de Alfredo, a partir deste momento de récita, foi fundamental para conseguir fama de menino inteligente em Cachoeira, mas o motivo pelo qual ele recitou melhor uma poesia que a outra, se deve ao fato de que seus sentimentos estavam expressos em ‘O Pássaro Cativo’, isto porque ele se sentia um pássaro cativo na gaiola de Cachoeira e, além disso, a poesia representava sua vivência na natureza amazônica. Já a poesia ‘O estudante Alsaciano’, traduzia justamente a imagem da escola que não desejava e da qual queria fugir, pois os métodos lá utilizados iam de encontro ao seu projeto educacional.

As estantes do personagem Major Alberto eram continuamente visitadas pelo filho, mesmo que não conseguisse entender algumas palavras, esses episódios eram partilhados com a bolinha de tucumã, seu talismã. Na imaginação do pequeno leitor, a História do Brasil era recriada, criticamente, tudo na companhia de sua bolinha fiel “tinha idade para pensar já que o Brasil andava errado. E sonhava com

⁴⁹ Poesia composta na época da segunda guerra, pelo poeta português Acácio Antunes (1853 -1927). A poesia não foi transcrita no livro **Chove nos Campos de Cachoeira**.

⁵⁰ Poesia de Olavo Bilac, pertencente ao livro **Poesias Infantis**.

um presidente da República que fosse o salvador do país. Nilo Peçanha⁵¹ (JURANDIR, 1941, p. 144). Para Alfredo, o presidente era um cidadão que não se corrompia e o fato de gostar de Nilo Peçanha talvez fosse por este ter inaugurado o Ensino Técnico no Brasil, já que parte das preocupações de Alfredo era com a Educação.

Alfredo lia confusamente os livros da estante do pai por conta de ainda não estar familiarizado com o hábito de leitura, além de possuir um segredo que era o de não conseguir terminar a leitura de um texto, ocorrência descoberta pelo padeiro. O iniciante leitor ficava aborrecido, porém aceitava a crítica, pois reconhecia que sua leitura era seletiva; procurava apenas aquilo que lhe interessava, ou que estivesse relacionado ao seu projeto de vida, longe de Cachoeira.

O desejo insistente de Alfredo de sair de Cachoeira para estudar na capital será concretizado no livro **Belém do Grão-Pará** (1960). As visões de Alfredo sobre a capital Belém, local para onde quer ir estudar, aparecem de forma meio confusa para ele, pois concebe a cidade de duas maneiras: a primeira, sob o olhar de Siá Rosália, personagem que guarda ainda na memória os reflexos do Ciclo da Borracha e que mostrou para Alfredo uma cidade com aparência de “reino de história encantada”. A outra visão da cidade ele conheceu quando esteve em Belém, na casa de mãe Ciana: uma cidade miserável, com barracas distantes do centro, ruas cheias de lama e moleques sujos; portanto, uma cidade distante da idealizada por Siá Rosália.

O saldo positivo deste personagem-leitor em relação aos personagens do núcleo marajoara é seu projeto de crescer, não ficar estacionado em Cachoeira, mas conhecer as faces de Belém, do Rio de Janeiro e do mundo, que estavam representados não só pelas leituras que fazia nos catálogos e revistas, mas também, pelas conversas que tinha sobre essas leituras com seu caroço de tucumã.

Para melhor esclarecer as leituras feitas em **Chove nos campos de Cachoeira**, além dos leitores que habitam a casa dos Coimbra, elencou-se os leitores que não habitam o chalé e são, portanto, secundários, com destaque para o Dr. Campos, Salu.

Dr. Campos é o primeiro dos personagens secundários na narrativa jurandiana. É um grande leitor; no entanto, utiliza seu conhecimento para a

⁵¹ Nilo Peçanha foi Presidente do Brasil (1909 a 1910).

corrupção. Ele tinha uma ampla risada, os cabelos em desalinho, o anel de bacharel no dedo e os olhos azuis enevoados. Ele agrega muitos atributos pessoais, culturais e também muitos cargos. Em Cachoeira, chega sob aplausos como Juiz de Direito, Intendente, tesoureiro e coletor de pastinha e caracteriza-se por ser um erudito, conhecedor da cultura letrada e do teatro.

O personagem se configura como um grande leitor, pelos títulos diversificados e a frequência com que dizia ler, posto que se mostrava tanto conhecedor das obras de escritores canônicos nacionais, quanto das obras de escritores estrangeiros. Conhecia a Bíblia, tinha afinidades com a política e conhecia os movimentos sociais que apareciam no mundo, além de interessar-se pelos fatos da história e da ciência.

Referia-se com veemência ao escritor português Camilo Castelo Branco, como tradutor, para exibir seus conhecimentos às pessoas da cidadezinha. Paralelo a isso, fazia a interpretação da teoria de Charles Darwin, a sua maneira, para defender sua posição quanto aos furtos nas repartições públicas e, assim, continuar no cargo que ocupava como servidor público. Na verdade, ele reutilizava o conceito da Seleção Natural Darwinista para dizer que os mais fortes (ou espertos) sobrevivem. Ele procede, desta forma, para incitar Major Alberto a praticar atos desonestos como ele, quando este era Tesoureiro da Intendência.

Sobre seus conhecimentos poéticos, mencionava Tobias Barreto e Castro Alves, com certa intimidade de quem tenta mostrar simplicidade disfarçada. Para ampliar seu discurso, falava sobre o precursor do Romantismo, Johann Wolfgang von Goethe, acrescentando o estadista Otto von Bismarck, sob a afirmação de que "a Alemanha é a pátria de Goethe, de Bismarck" (JURANDIR, 1941, p. 119).

Seus discursos empolados sobre cultura eram longos e não cansava de citar algumas personalidades da literatura e de outras artes, como o escritor e filósofo francês Georges Bataille⁵²; a artista e dançarina Margaretha Geertruida Zelle, conhecida como Mata Hari; a bailarina Isadora Duncan; a atriz Eleonora Duse; e até a estátua da sedutora Vênus Calipígia⁵³.

⁵² Georges Bataille (1897 – 1962) foi um escritor francês que atuava nos seguintes campos: literatura, antropologia, filosofia, sociologia e história da arte, abordava temas como erotismo, transgressão e também o sagrado, porém uma marca de sua obra é a experiência política ligada ao radicalismo de esquerda, visto que era influenciado por Karl Marx, dentre outros filósofos e pensadores do seu tempo.

⁵³ Vênus Calipígia famosa estátua exibida no Museu Nacional de Nápoles, se destaca pelas nádegas arredondadas.

O Dr. Campos gostava de exhibir seus conhecimentos sobre viagens, teatro, literatura e o fazia para deixar ainda mais diminuídos os seus interlocutores, moradores de Cachoeira, porém ele não era só leitor; também era escritor e, neste ofício, o personagem produzia textos religiosos para a revista **Verdade**, na taverna do personagem conhecido como Salu.

Salu possuía uma pequena venda, que comercializava produtos de pesca, gêneros alimentícios e também bebidas alcoólicas. Era neste local que se reuniam pessoas das mais diversas classes sociais, inclusive algumas mulheres vistas como prostitutas, que inspiravam o Dr. Campos a escrever sobre religião, e dizia que “só em presença do Vício é que se pode escrever sobre a Virtude” (JURANDIR, 1941, p. 120). Ali, sob a inspiração de cerveja e de mulheres que levava para as “festas pagãs”, ele se sentia um verdadeiro deus, numa alusão às festas dionisiacas do deus grego Dionísio⁵⁴.

O Dr. Campos se entregava aos desejos carnavais, mas não deixava de comentar com o comerciante Salu, um de seus principais interlocutores, sobre a grandiosidade de seus artigos, pois eles seriam os responsáveis por colocar sua alma no céu, ao contrário de seu corpo que era humano, e poderia ser usado da maneira que lhe aprouvesse.

Na condição de escritor, o Dr. Campos, conforme seus relatos, produziu onze artigos: cinco artigos referindo-se à política contra o bolchevismo, e seis religiosos, que versavam sobre a existência de Deus e sobre a Sagrada Eucaristia, além de receber solicitação para escrever sobre “o teatro e a igreja”. Assim, discursava longamente sobre seus artigos e se dizia acreditar nos princípios religiosos, porém não fazia uso dos mesmos, já que os “bons princípios”, que ressaltava, encontram-se em oposição aos atos praticados por ele, justamente por ser ele um homem da justiça e que deveria espelhar boas atitudes para a sociedade.

Ele utilizava a religião para esconder sua moralidade e criticar os movimentos sociais como o bolchevismo na Rússia. Com essa posição, ele toma a condição de representante de um pensamento antigo dos dominadores, que não consideravam positivo o movimento de luta por parte dos trabalhadores. Tal pensamento surgiu a partir da Revolução Russa (1917). Seu discurso era utilizado como instrumento de alienação às pessoas mais frágeis, como o vendedor Salu. Dr. Campos procurava

⁵⁴Dionísio é um deus grego, das festas, do vinho, dos ciclos vitais e da insânia. Possui denominação romana de Baco.

reforço para suas ideias nas passagens bíblicas, salientando que o Apocalipse⁵⁵ tinha profetizado o surgimento do bolchevismo na Rússia.

O personagem, que se considerava um erudito em seus inflamados discursos esnobava a população miserável de Cachoeira, em sua maioria representada por analfabetos que não conseguiam entender as palavras eruditas pronunciadas por ele. Assim, outros, e outros, como o personagem Eutanázio, tinham algumas vezes de recorrer ao dicionário.

Um dos principais temas de suas conversas são as críticas à cidade de Cachoeira, lugar que lhe garantia o cargo de juiz e o dinheiro para beber. Gostava de discursar como um político em defesa da educação e da literatura: “a poesia é muito infeliz em Cachoeira, meus amigos. A literatura devia ser cultivada aqui para educar esse povo” (JURANDIR, 1941, p. 119). Discursos como estes eram constantemente proferidos por ele em Cachoeira e desestimulava aqueles que desejavam iniciar uma trajetória cultural, como o personagem Eutanázio, na produção de poesia e Salu, na leitura e representação de livros de folhetins.

Dr. Campos lançava crítica aos poetas e também aos leitores de folhetins. Ele se referia ao tipo de romances lidos por Salu como “colossal romance” (JURANDIR, 1941, p. 156) e desdenhava do personagem Salu “[d]esgraçado taverneiro que lê o **Manuscrito Materno!**” (JURANDIR, 1941, p. 158). Justificava suas críticas dizendo que não lia qualquer romance e citava, como exemplo, o do Visconde de Taunay. Dr. Campos critica os leitores de romances de folhetins, produções comuns no final do século XIX, que será abordado no exame do personagem Salu, no tópico seguinte.

A avaliação que faz a personagem sobre seus conhecimentos culturais não é criteriosa, posto que se considera um intocável, livre de determinados comentários sociais por ser um religioso, ter um cargo de juiz, conhecer algumas leituras. Segundo ele, sua condição de Juiz Substituto era privilegiada moralmente em relação aos demais habitantes de Cachoeira e o eximia de qualquer acontecimento, que pudesse denegrir sua imagem.

No entanto, o que acontecia em sua gestão como Juiz substituto era a ocorrência de determinados julgamentos impróprios, conforme comentava durante suas conversas no comércio de Salu. Os atos do Dr. Campos, para as pessoas que

⁵⁵ Livro da bíblia que relata as revelações do final dos tempos.

conviviam com ele, como Salu e Eutanázio, eram reprováveis, principalmente o fato de ele ser um alcoólatra e cometer atos inconvenientes no estado alcoólico.

A caracterização, feita por Jurandir, sobre o momento final da carreira do Juiz Substituto é grotesca e insere nela uma crítica aos juízes da zona rural. Na narrativa, o juiz protagoniza uma cena em que sai bêbado de cueca e revólver na mão, tropeçando e caindo pela cidade. Este ato foi tão reprovável que seu superior determinou que deixasse o cargo imediatamente. O evento do juiz foi lamentado pelos moradores de Cachoeira e também será lembrado em outro romance do ciclo, por considerarem que ele era um erudito e poderia ter atitudes diferentes: “que pena! Um doutor com tamanha inteligência...” (JURANDIR, 1941, p. 276).

É interessante observar que alguns personagens que desconhecem a cultura letrada, em dado momento, sabem fazer uma leitura de mundo e dar uma melhor interpretação para os fatos recorrentes do dia-a-dia, do que aqueles que se julgavam eruditos, como o Dr. Campos, que não conseguia aplicar seu conhecimento em favor de um mundo melhor.

Assim, as constantes oscilações do Dr. Campos contribuíram para um desfecho infeliz na vida deste personagem jurandiano. Sua atitude de servidor da fé, aliado à prática de vida inescrupulosa, foram decisivas para a sua derrocada, diferente da realidade, na qual seres que se alinham ao comportamento deste personagem, na maioria das vezes, não sofrem nenhuma sanção.

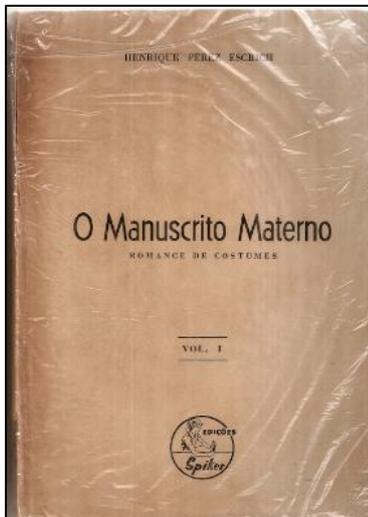
Desta forma, o estudo do personagem Dr. Campos permite reviver, pela literatura, seres e situações comuns na nossa sociedade, mas que alcançam uma ressignificação por meio do texto literário, posto que este representa os fatos de forma extensiva e, a partir daí, propicia discussões sobre temas importantes para seres reais de nossa sociedade, mas que só foi possível devido ao olhar diferenciado proporcionado pelo texto literário.

O personagem Salu, no romance, representa um nordestino, proprietário de uma pequena venda onde algumas pessoas ficavam reunidas para beber cerveja, conversar sobre assuntos diversos ou, simplesmente, para ouvi-lo narrar histórias. Ele passava horas lendo romances, fato que deixava as pessoas de Cachoeira muito admiradas, especialmente pela disposição em ler os grossos volumes de romances e também pela maneira como ele os narrava “da[ndo] sentimento as palavras, narrava a maneira dele, rudemente, com aquele sotaque nordestino” (JURANDIR, 1941, p. 185). Jurandir apresenta um leitor apaixonado pela leitura.

De acordo com Chartier, o leitor intensivo é aquele em que a leitura “apodera-se de seu leitor, o prende e governa” (CHARTIER, 1994). Desta forma, o leitor Salu se aproxima do leitor “intensivo”. Esta condição de leitor intensivo é atestada na prática de leitura realizada por Salu, na leitura de romances de costumes e/ou folhetins de origem estrangeira, como o do espanhol Henrique Perez Escrich⁵⁶ (1829-1897): **O manuscrito materno**. Vol. I, II e III. **A mulher adúltera**. Vol. I, II, III e IV; António Contreras (século XIX): **Rainha e Mendiga**. Vol. I, II e III; e do francês Henri Hardel (1863-1938): **A dor de amar (Le mal d’aimer)**, extraídos dos textos de Jurandir.

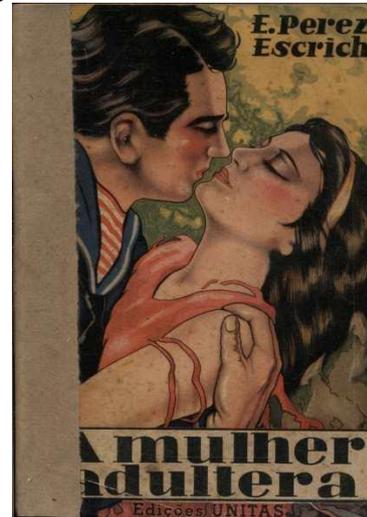
Das leituras de Salu, o texto mais ostensivamente lido em **Chove nos campos de Cachoeira** é o do **Manuscrito Materno**, do espanhol Henrique Perez Escrich, escritor que atingiu grande sucesso no século XIX e no primeiro terço do século XX. Segundo Pinheiro Filho, ele foi um escritor popular, romancista e dramaturgo que conseguiu popularidade no Brasil, principalmente como folhetinista. Seus livros eram muito consultados na Biblioteca Provincial do Ceará, visto que, durante a segunda metade do século XIX, a leitura de romances estrangeiros ocupou espaço privilegiado naquela província e também no Brasil.

Figura 06 – Livro: **O Manuscrito Materno**, v. I



Fonte: Arquivo particular de Costa, R. B., junho/19

Figura 07 – Livro: **A mulher adúltera**



Fonte: <http://www.lista.mercadolivre.com.br/>

A forma como está grafado o nome de Henrique Escrich no **Manuscrito Materno** difere da forma como está grafado nos volumes de **A mulher Adúltera** (Enrique Escrich). As publicações da obra de Escrich saíam por diferentes editoras

⁵⁶ Javier Huerta, Emilio Peral, Héctor Urzaiz, **Teatro español de la A a la Z**, Madrid: Espasa-Calpe, 2005.

de Lisboa, tais como as Typographia Portugueza e a Livraria e Editora Mattos Moreira & Companhia.

A explicação para a veemente leitura de Salu pode ser entendida se somada ao fato narrado e ao fato histórico, em consequência da grande repercussão que teve Escrich no Ceará e a origem nordestina de Salu, ocorrência que provavelmente provocou esta preferência do personagem Salu pelo escritor espanhol.

Além disso, é importante compreender e ressaltar a dinâmica do comércio de livros e a presença dos livreiros em Belém do Pará, no período do século XIX:

Na segunda metade do século XIX a cidade de Belém em decorrência da intensa imigração portuguesa, ocasionada pelo comércio e extração do látex, começava a intensificar seu mercado de livros, [...] a prática de impressão funcionava desde 1821, importava livros diretamente de Portugal e seu mercado livreiro aparecia representado em grandes catálogos como os de Garraux (SALES; NOBRE, 2009, p. 11-12).

Pelo exposto, é possível um entendimento da dimensão do comércio livreiro no Pará, já que Belém operava como centro difusor de cultura para os outros municípios do estado. Diante disso, é importante salientar a importância das tipografias como difusoras do impresso, como **Tipografia Imprensa Liberal; Tipografia Imprensa Imperial e Nacional; Typ. Nacional e Imperial; Typ. Sagitário; Typ. Philanthropica; Tipografia Santos e Irmãos; Tipografia Commercial; Tipografia do Diário Gram-Pará; Tipografia do Jornal do Amazonas**⁵⁷. Nesse cenário do comércio livreiro, as tipografias tinham importante papel, especialmente por fazer a divulgação de informações sobre uma cultura letrada em Belém do Pará oitocentista, com divulgação de livros, de notícias, bem como de anúncios de livros que vinham de outros países e de outros estados.

Do Espanhol Escrich, circularam no Brasil os seguintes títulos: **O cura da aldeia, A caridade cristã, O mártir do Gólgota, O último beijo, O casamento do Diabo, História de um beijo, Irmã Clemência, A inveja, A mulher adúltera, Cenas de uma vida, O inferno dos céus, A calúnia, Páginas da Desgraça, A esposa mártir, O gênio do bem, O maior dos amores, As redes do amor, e Os que riem e os que choram.**

⁵⁷ Ver Dissertação de mestrado de Izenete Garcia Nobre, intitulada Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém Oitocentista. Cf. NOBRE, Izenete Garcia. Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém Oitocentista. Belém do Pará, 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2009. p. 41-42.

Dos livros acima citados, pertencentes a Escrich, apenas **A mulher adúltera e o Manuscrito Materno** são mencionados no primeiro romance de Dalcídio Jurandir. A leitura de romance folhetim não será referenciada em outras obras do ciclo; no entanto, ressurgirão nas lembranças do personagem Alfredo.

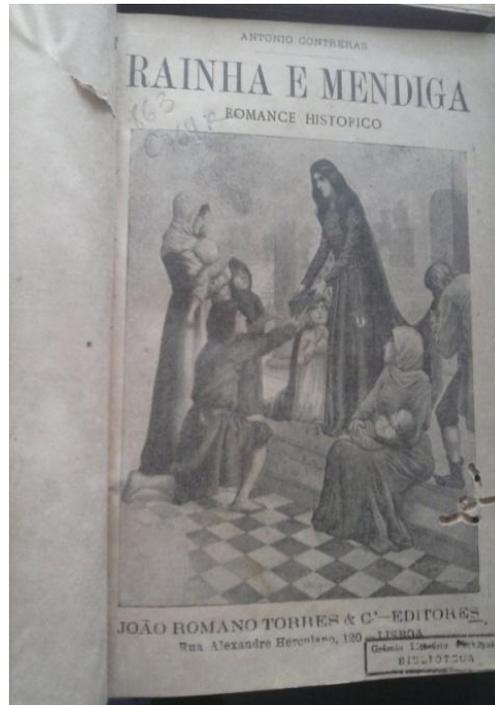
É relevante considerar que no estado do Pará a biblioteca do Grêmio Literário Português tinha disponível um acervo considerável de livros e que também recebia “coleções francesas e portuguesas de baixo custo” (AUGUSTI, 2016, p. 79), fruto de um projeto editorial que visava concorrer com os romances-folhetins e tornar o acesso aos romances mais simples: “as facilidades do pagamento parcelado permitiam, em lugar de alugar livros ou emprestá-los de um gabinete de leitura, constituir sua própria biblioteca guardando seus exemplares no espaço doméstico” (AUGUSTI, 2016, p. 87).

O personagem Salu consegue montar sua própria biblioteca, somente com a modalidade de leitura de sua predileção. O tamanho e a quantidade de livros serão informados na análise do livro **Ponte do Galo**.

Em relação ao escritor António Contreras (século XIX), não foram encontradas⁵⁸ informações sobre o mesmo, e a obra produzida por ele é de difícil acesso. Somente na Biblioteca Pública Arthur Vianna, setor de obras raras, e na Biblioteca do Grêmio Literário Português, foi possível encontrar os volumes que constituem os textos de **Rainha e Mendiga**.

⁵⁸Conforme consulta efetuada pelos bibliotecários da Biblioteca Pública Arthur Vianna, no setor de obras raras, nas áreas de bibliotecas conveniadas.

Figura 08: Livro: Rainha e mendiga – Antonio Contreras



Fonte: Arquivo do Grêmio Literário Português, maio/2014

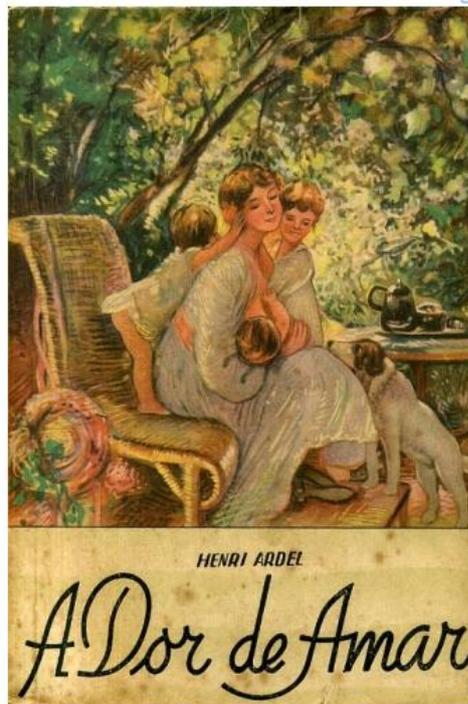
Sobre a obra de Contreras constatou-se variações na edição dos volumes por apresentarem data de publicação divergente quanto à sequência destes volumes. O primeiro volume é de 1910; o segundo, de 1907 e o terceiro, de 1908, tanto na Biblioteca Pública Arthur Vianna quanto na Biblioteca do Grêmio Literário Português. De acordo com as edições encontradas, a versão para o português foi feita por César da Silva, em Lisboa, editada por João Romano Torres & Cia, na **Typographia do Recreio**, também em Lisboa.

Outro livro dileto de Salu era **A dor de amar** (Le mal d'aimer), de Henri Hardel, que é um pseudônimo de Berthe Palmyre Victorine Marie Abraham (1863 - 1938), escritora francesa dedicada à produção de romances sentimentais para moças.

No Brasil, a Coleção Biblioteca das Moças (1920-1960), iniciou no momento em que os livros estrangeiros começavam a ser exportados para o Brasil, em

especial os franceses e portugueses. **A dor de amar** (Le mal d'aimer), de 1920, lido por Salu, não foi encontrado nas bibliotecas públicas em Belém do Pará.

Figura 09 – Livro: A dor de amar (Le mal d'aimer) - Henri Ardel



Fonte: <https://www.traca.com.br/livro/182480/#>

Os assuntos abordados nesses romances eram comuns ao público consumidor e giravam em torno de histórias de amores enfiados, paternidades trocadas, filhos ilegítimos, heranças usurpadas, todas elas seguidas de duelos, raptos, traições, assassinatos e prisões, que seduziam ainda mais os leitores, fato este que acontecia com Salu, quando ficava absorto nas leituras e perdia a noção do tempo e do mundo: “[Salu] foi furtado porque estava num pedaço do romance que não era possível deixar” (JURANDIR, 1941, p. 155-156). Sua distração com a leitura dos romances não o deixava prestar atenção ao seu redor.

As constantes leituras de Salu provocavam incômodo na comunidade local; no entanto, existe um pensamento que é explicitado pelo narrador e que mostra certa criticidade da personagem ao comparar o Dr. Campos com os personagens de seus livros:

E Salu, depois com os óculos na página do romance, sacode a cabeça: que pena! Um doutor com tamanha inteligência... [...] Salu voltou ao seu romance. O Juiz substituto, de porre, andara de cueca e revólver pela rua, caindo nas valas, gritando nomes, pior que Dionísio. Salu não via isso nos seus romances. Nos seus romances as autoridades não pegam porre. Os homens ou são maus ou são bons, ou se apaixonam. (JURANDIR, 1941, p. 276).

O trecho demonstra que o personagem Salu, que figura na primeira narrativa de Jurandir, parece não ter opinião própria e nem voz. No excerto acima, ele realiza comparações entre personagens: as que fazem parte de seu mundo fictício e as dos romances de folhetins lidos por ele.

Percebe-se que existe no texto um ser que não é exteriorizado e que só é possível conhecê-lo pela voz do narrador. Depreende-se que ele esboça certo caráter de formação moral, conseguida talvez pela leitura dos livros, haja vista que ele relaciona os personagens do livro ao personagem Dr. Campos. Esta informação revela o que a pesquisadora Valéria Augusti afirma quando se refere à “investigação sobre a possível atribuição de um caráter pedagógico moral ao romance moderno”⁵⁹ [...] [se deve a] uma crença de que este gênero literário era útil e eficaz instrumento de formação moral do leitor.” (AUGUSTI, 1998, p. 11). O caráter moral é demonstrado na comparação e no comentário velado do personagem, só escutado pelos leitores de Dalcídio Jurandir e comprovado pela influência da leitura que se percebe ter sofrido o personagem.

As intensivas leituras de Salu são comentadas no discurso de outra personagem que observa a maneira de interação deste personagem com a obra:

Mas é incrível o Salu. Pois dá uma surra todos os dias no Baltô e chora lendo o seu **Manuscrito Materno**. Um colossal romance. Não sei quantos volumes. Pois o homem sabe o enredo todo de cor. Passa os dias lendo. Se esquece dos fregueses, de tudo, e se encharca no Manuscrito. (JURANDIR, 1941, p. 156).

Desta forma, fica-se conhecendo não só a atividade intensiva de leitura, como também seu relacionamento com este tipo de narrativa: “homenzinho abandona o calhamaço. Fica doido. Acaba no hospício” (JURANDIR, 1941, p. 156). É interessante notar a crítica das outras personagens pelo fato de Salu ler os folhetins;

⁵⁹ Inferência fundamentada nos discursos de STAËL, Germaine de. *Essai sur lês fiction suivi de l'influence dès passions sur le bonheur des individus et dès nations*. Paris: Éditions Ramsay, 1979, p. 27. (ensaio de 1795) e de DIDEROT. *Éloge de Richardson In: Oeuvres Esthétiques*. Paris: Éditions Garnier, 1968.

no entanto, o narrador abre possibilidade para acrescentar mais títulos a serem vencidos por ele: “Salu, com o seu vagar, vai contando o seu **Manuscrito Materno** como contará, amanhã, a **Dor de Amar** e **A mulher Adúltera**.” (JURANDIR, 1941, p. 98).

No romance **Chove nos Campos de Cachoeira**, Salu tem a função de entreter as pessoas, inclusive nos momentos difíceis, como no pré-velório do personagem Eutanázio: “Alfredo se aquietou na rede [...] para ouvir Salu, na saleta, contando baixinho a Dadá o romance da **Rainha e Mendiga**.” (JURANDIR, 1941, p. 156). O personagem Salu será lembrado em outros romances do ciclo; no entanto, em **Ponte do Galo** o personagem demonstrará declinação para leitura.

Sobre Salu, existe ainda um comentário feito pelo próprio Dalcídio Jurandir, quando explicava sobre sua perseguição à técnica de “fabricar romances”, de que “a literatura deve fazer o leitor pensar, ao contrário da leva folhetinesca da época, [...] cujos folhetins [aparecem nas leituras] do personagem Salu” (FURTADO, 2008). Notadamente, há uma intencionalidade na criação deste personagem para mostrar a existência de um novo modelo de romance.

De fato, os textos lidos por Salu em **Chove nos campos de Cachoeira** vão ser sobrepostos por outros no Ciclo, de modo que não encontraremos leitores e leituras iguais a que ele fez. Haverá no Ciclo uma mudança não só das leituras, mas também, dos suportes lidos, com a presença do cinema, música e teatro.

Algumas leituras feitas neste primeiro romance foram detalhadas na análise de outros livros do ciclo, posto que os dados encontrados foram insuficientes para defini-los. É o caso do livro **História do imperador Carlos Magno e os doze pares de França**, que é tratado apenas como Carlos Magno pelo Major Alberto, sem outras referências, e é a partir das leituras de outros livros e das pesquisas que é possível desvendar o título do livro.

Outros personagens-leitores em **Chove nos campos de Cachoeira** são Ezequias e Elias Seixas que leem a **Bíblia** e **Marina e Alonso**, respectivamente. O livro lido por Elias Seixas terá destaque na próxima seção, com outro personagem-leitor.

Assim, o **Chove nos campos de Cachoeira** apresentado é denominado por Jurandir como livro embrião. Desta forma, os assuntos que foram discutidos serão adensados nos outros romances do ciclo. Em resumo, a pesquisadora Marlí Furtado

apresenta o universo narrativo deste primeiro romance do ciclo de Jurandir exposto num painel explicativo:

[sobre] a identidade étnica e cultural de Alfredo e a identidade cultural de Eutanázio; a aquisição de consciência social e política de Alfredo; o traçado de dramas do universo social dos pobres, chamados por Jurandir de “aristocracia de pé no chão”, sendo que nesse quadro aparece um grande painel de infantes desvalidos, de mulheres aprisionadas pela falta de perspectiva, pelo casamento, pela falta de casamento, pelas várias formas de preconceito, de trabalhadores braçais (brancos, negros, mulatos; proprietários decaídos, pequenos proprietários, posseiros); a decadência representada por variados signos e ícones (uma forma de demonstrar o vácuo deixado pela queda do ciclo da borracha); os malefícios do latifúndio [...] fazendo medrar como fruto imediato a ideologia do favor naquele universo; reivindicações sociais; a incorporação de narrativas orais da região na tessitura narrativa. (FURTADO, 2017, p. 109)

Em **Chove nos campos de Cachoeira**⁶⁰, o escritor faz desfilar um universo de personagens, que cumprem seu papel na narrativa expondo os dramas experimentados por homens, mulheres e crianças pobres e desvalidas, conforme ressaltou Furtado (2017). No entanto, os dados sobre esses personagens estarão em “*stand by*”⁶¹, até que se inicie o terceiro romance do ciclo jurandiano.

No próximo livro, **Marajó**, do ciclo do Extremo Norte, os personagens deste primeiro romance não vão figurar; no entanto, eles irão emergir com força no terceiro livro, **Três casas e um rio**, que dá sequência às ações do primeiro livro.

3.2 As leituras em Marajó

Marajó é o segundo romance do ciclo do Extremo Norte e foi publicado em 1947, apesar de já estar pronto em 1941, ano de publicação do primeiro romance. Um dado sobre o romance **Marajó**, se deu pela participação deste livro no mesmo concurso em que concorreu **Chove nos campos de Cachoeira**, enviado ao concurso por amigos e sem o conhecimento do escritor.

⁶⁰ O livro **Chove nos campos de Cachoeira**, publicado em 1941, foi o escolhido para esta pesquisa por apresentar o elenco de personagens completo e guardar as características originais da obra que foi idealizada pelo escritor Dalcídio Jurandir.

⁶¹ O “*stand by*” foi utilizado para assinalar uma espécie de interrupção nos eventos narrados no primeiro livro para que sejam narradas outras ações com outros personagens em um novo livro, segundo livro, e retornar com mais vigor no terceiro livro. Uma espécie de interpolação, conforme explica AUEBACH, Erich. **Mimeses**: a representação da realidade na literatura ocidental. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

O livro **Marajó** possuía o nome de **Marinatambalo** e foi enviado ao concurso de romances por Maciel Filho e Abguar Bastos, amigos que conheciam os textos do escritor e apostavam na sua arte. No entanto, o livro foi publicado somente em 1947, com uma distância de 06 anos, após já estar pronto, o que revela o sofrimento pelo qual passava o artista para levar a público a sua obra.

Para Vicente Salles (1978), o livro é de importância fundamental para quem quer conhecer verdadeiramente a região amazônica, sem artificialismos:

o romance é um mergulho profundo no acervo de conhecimento da vida popular, mas a sua estrutura é menos formal e conservadora do que se imagina. Ele entrega ao leitor uma soma considerável de informações folclóricas, com interesse etnográfico e antropológico, o mais vasto e coerente que já se tentou. (SALLES, 1978, p. 369)

Além dos conhecimentos sobre a Amazônia, presentes no livro, é importante destacar que ele representa uma espécie de interpolação⁶² para explicar alguns fatos, tais como a vida dos fazendeiros/coronéis em relação às pessoas humildes da ilha do Marajó. Conforme explicamos anteriormente, não haverá uma continuidade da narrativa do primeiro livro; no entanto, alguns personagens de **Marajó** serão lembrados nas outras obras do ciclo.

Os dez leitores em Marajó são representados pelos personagens-leitores: Missunga, Ciloca, Lafaiete, Coronel Coutinho, Nelson, Felipe, Guita, Manoel Rodrigues, Professor de Missunga, que não tem um nome definido na narrativa e Ormindia em que os textos fazem parte da vida da personagem.

Além dos personagens-leitores ainda é possível explorar outros personagens neste romance, especialmente os personagens que fazem narrativas orais, às quais não nos detivemos em vista de não fugir de nosso alvo que é o personagem-leitor, mas não podemos deixar de informar a importância que os personagens-narradores representam neste segundo livro do ciclo jurandiano.

Vejamos a seguir um quadro com os leitores da narrativa de 1947:

⁶² Conforme já referido na seção anterior por AUEBACH, Erich. **Mimeses**: a representação da realidade na literatura ocidental. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Quadro 02 – Leituras em Marajó (1947)

LITERATURA	PERSONAGENS-LEITORES									
	MISSUNGA	CILOCA	LAFAIETE	CEL. COUTINHO	PROF. MISSUNGA	NELSON	ORMINDA	FELIPE	GUITA	MANUEL RODRIGUES
História do imperador Carlos Magno e os doze pares de França	X									
A bela adormecida no bosque, de Charles Perrault		X								
As mil e uma noites, em especial o conto Ali Babá e os quarenta ladrões.		X								
Contos e lendas de feiticeiros, como a lenda amazônica do Pajé Sacaca e os contos de meninos encantados.		X								
Histórias de Pedro Malazarte		X								
Mal secreto, Raimundo Correia			X							
Biblioteca Internacional das Obras Célebres			X							
Odisseia, de Homero					X					
Leitura de cartas e crônicas de Manfredo	X									
DIVERSOS										
Almanaque Bristol			X							
Almanaque César Santos			X							
A cultura dos campos, J. F. de Assis Brasil ⁶³	X									
Georges Clemenceau ⁶⁴					X					
Coleção Rocha Pombo ⁶⁵				X						

⁶³ Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938) foi um advogado, político, orador, escritor, poeta, prosador, diplomata e estadista brasileiro; propagandista da República. Foi fundador do Partido Libertador, deputado e membro da junta governativa gaúcha de 1891.

⁶⁴ Georges Clemenceau (1841-1929) era médico, mas optou pelas atividades políticas para defender os ideais republicanos e anticlericais de extrema esquerda. Foi fundador do jornal La Justice, periódico de tendência radical que aumentou sua influência política. Disponível em: Clemenceau.

⁶⁵ A coleção Rocha Pombo versava sobre a História do Brasil.

Quadro 02 – Leituras em **Marajó** (1947) – continuação

PERIÓDICOS	PERSONAGENS-LEITORES									
	MISSUNGA	CILOCA	LAFAIETE	CEL. COUTINHO	PROF. MISSUNGA	NELSON	ORMINDA	FELIPE	GUÍTA	MANUEL RODRIGUES
Jornal: O Malho		X								
Folha do Norte	X		X							
Jornal do commercio, RJ			X							
Jornal Zenith						X				
Jornal O Zephyro						X				
Jornal O vento						X				
The Times			X							
Acalanto de Silvana							X			
RELIGIOSOS										
Bíblia (Sagradas escrituras)								X		X
Livros espíritas								X		
Nostradamus										X
O livro de São Cipriano		X							X	
Despertar da alma, de Rosmaninho										X

Fonte: COSTA, R.B. abril/2019

Dos personagens listados em **Marajó**, Ciloca é o representante mais expressivo dentre os personagens-leitores no romance. Ele é um padeiro, leitor, narrador de histórias e tocador de violão. Contraiu uma doença de registro bíblico: a hanseníase, também conhecida como mal de Hansen, mal de Lázaro, morfeia ou lepra. Essa enfermidade, naquela época, era incurável e mutiladora e requeria do doente isolamento social, motivo pelo qual Ciloca sofrerá discriminação no romance.

O universo retratado na ficção de Jurandir não difere da realidade pois, de acordo com Silva (2009), “uma das estratégias historicamente desenvolvida para barrar o avanço da endemia foi a implementação das colônias de hansenianos, [...] chamadas de leprosários, hospital de lázaros, lazarópolis, sanatório e hospício dos lázaros” (SILVA, 2009, p. 4). Este entendimento sobre a doença não considerava que a área mental do paciente não era afetada, assim seu sofrimento moral, possivelmente, às vezes, se tornava maior do que o sofrimento físico.

Na trama da obra, o personagem Ciloca é convocado pelo oficial de polícia a se recolher a um leprosário. O sentimento de rejeição o revoltava e suscitava nele o

desejo de vingança, como “fazer uma necessidade na porta da igreja, [...] servir-se das grandes orelhas de Úrsulo [além de] morre[r] cuspiendo em todos os poços da vila” (JURANDIR, 1947, p. 257). Naquele contexto, a exclusão social de alguns, os doentes, era a saída para a liberdade social de outros e, às vezes, de poucos.

Esses poucos pertenciam à elite local, formada principalmente pelos grandes proprietários de terra, no romance, representados pelo personagem do coronel Coutinho, que determinava a exclusão, ao exercer o poder político-partidário e social em sua grande propriedade. Em razão disso, em suas terras, pessoas como Ciloca poderiam ser descartadas para o bem-comum da elite. A figura do coronel latifundiário é bem representativa neste segundo romance de Jurandir e demonstra de que forma os pobres ficaram mais pobres e propensos a doenças naquele universo.

As condições sociais e sanitárias, em que vivia o personagem Ciloca, são bem assinaladas pelo narrador que aponta que Ciloca morava em uma “casa em ruínas, velha armação derreada cheia de ninhos de cabas. Só restava o quarto esburacado onde dormia” (JURANDIR, 1947, p. 276). No romance, são descritas não só as condições sociais e sanitárias em que vivia grande parte dos habitantes de Ponta de Pedras, mas também se destacam a falta de higiene e a miséria, elementos indispensáveis para a aquisição de doenças como a hanseníase, a tuberculose, a malária, a helmintíase, dentre outras que compõem a lista de enfermidades reveladas naquela realidade.

A difusão da cultura letrada, canonizada ou não, bem como de narrativas orais, dão o diferencial ao personagem Ciloca, uma vez que, apesar de ser marginalizado, percebia a necessidade da leitura e da transmissão destas para outras pessoas, ou seja, ele não guardava pra si o apreendido na leitura. Ele lia para narrar a outros e chegava até a ampliar algumas histórias, dando sua própria versão a respeito do assunto lido, fazendo-se um autor aos seus interlocutores, formados pelos meninos pobres da vila de Ponta de Pedras.

As narrativas de Ciloca, às vezes, eram inventadas e maldosas, possivelmente fruto da rejeição que sofria; no entanto, sua capacidade de criar deixava os meninos silenciados e fãs féis de suas narrativas,

contava amores que inventava, vícios que não tinha, padre que vira agarrado às devotas na sacristia, charadas d' 'O Malho' que decifrara, bruxarias de São Cipriano que o livro do santo bruxo não contava. Falava

do Pedro Malazarte e de proezas que o herói nunca fizera. (JURANDIR, 1947, p. 37-38).

Como se percebe, as leituras de Ciloca compreendiam principalmente as narrativas de mistério e ocultismo, comédia e pornografia. No entanto, são registradas leituras de contos de fada, como **A bela adormecida no bosque**, de Charles Perrault, as histórias de **As mil e uma noites**, especialmente o conto **Ali Babá e os quarenta ladrões**, além de contos e lendas de feiticeiros, como a lenda amazônica do **Pajé Sacaca** e os contos de meninos encantados.

O local escolhido por Ciloca para contar suas narrativas eram os postes da Vila de Ponta de Pedras e as pessoas da comunidade evitavam os postes em que o padeiro se encostava, mas o personagem contrariava a indignação popular e “conta[va] aos meninos anedotas obscenas, ensina[va]-lhes maldade, envenena[va]-lhes a curiosidade” (JURANDIR, 1947, p. 37-38). Ao contrário dos adultos, os meninos não sentiam medo de Ciloca; pelo contrário, estavam sempre disponíveis a conhecer as novidades trazidas pelas histórias narradas, as descrições de amor proibidas e os feitiços e pornografias ensinadas por ele.

Os receptores das narrativas de Ciloca não se preocupavam com a doença do personagem, talvez pela pureza de pensamento que ainda possuíam. Por outro lado, numa cidade em que impera a pobreza, o único momento de lazer a eles oferecido era cultivado com prazer, mesmo que acontecesse nos encontros com o personagem estigmatizado. Da mesma forma que contava as misteriosas histórias aos meninos, Ciloca desaparece na narrativa de Jurandir e não ficamos sabendo se ele foi para o leprosário, se cometeu suicídio ou se simplesmente ficou vagando pelos lugares sombrios da comunidade de Ponta de Pedras.

Cabe, por fim, destacar uma comparação entre personagens Ciloca e Eutanázio, posto que nutriam paixões avassaladoras: Ciloca vivia das lembranças de sua falecida Sinhazinha, por quem foi correspondido, e Eutanázio morreu amando Irene, que nunca correspondeu ao seu amor. A entrega total ao amor representa, nos personagens, que o sentimento de amor e paixão fazem parte do ser que, mesmo em situações adversas, consegue sonhar, idealizar a realização do amor e, às vezes, sublimar tudo por meio da literatura.

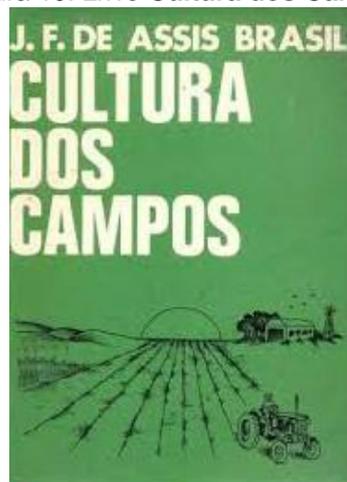
O personagem Missunga é o filho do fazendeiro Coronel Coutinho, que controla a comunidade de Ponta de Pedras, não dá importância ao estudo, o que

mostra um contraponto entre ele e Alfredo, de **Chove nos campos de Cachoeira**. Alfredo deseja adquirir ensino de qualidade; para isso, aspirava estudar na capital e Missunga não tem inclinação para os estudos.

A vida de estudante de Missunga é muito parecida com a do estudante Brás Cubas, de Machado de Assis, que esbanja volumosas quantias em dinheiro do pai para estudar na Europa mas, na verdade, gastava com mulheres e volta para o Brasil, próximo ao falecimento da mãe. A sequência na vida estudantil de Missunga é idêntica, com exceção aos cenários: Brasil-Europa, em **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis x Marajó-Belém em **Marajó**, de Dalcídio Jurandir, além do fato de Brás Cubas conseguir se formar, mesmo não sabendo nada de advocacia, e Missunga não realizar o desejo do pai que queria ter um filho advogado.

Sobre as leituras, descobriu-se que Missunga lia as cartas e crônicas de Manfredo, leitura não encontrada fisicamente, e também **Cultura dos campos**, de Joaquim Francisco de Assis Brasil, que foi editado em Paris, 1905, por Mounier Jeanbin & Cia. Sobre o escritor Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938), foi desvelado, em pesquisa, que ele foi advogado, político, orador, escritor, poeta, prosador, diplomata e estadista brasileiro e propagandista da República, além de ter sido fundador do Partido Libertador, deputado e membro da junta governativa gaúcha de 1891.

Figura 10: Livro **Cultura dos Campos**



Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br/martins-livreiro/assis-brasil-cultura-dos-campos-1787982118>

Além da **Cultura dos campos**, Missunga lia a **Folha do Norte** e Carlos Magno. Na leitura dos outros livros, revelou-se que Carlos Magno era, na verdade, a **História do imperador Carlos Magno e os doze pares de França**, que será melhor historiado na seção seguinte, conforme afirmado na leitura de **Chove nos campos de Cachoeira**.

O personagem Lafaiete era leitor de poesias, livros literários, periódicos e almanaques. Ele lia **Mal secreto**, poesia de Raimundo Correia, os livros da Biblioteca Internacional das Obras Célebres, os jornais: **Folha do Norte**, **Jornal do Commercio**, do Rio de Janeiro e o **The Times**, além do Almanaque **Bristol** e do Almanaque **César Santos**, pertencente à Fármacia Cesár Santos, de Belém do Pará.

Figura 11: Almanaque Bristol



Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-682514302-bristol-1959-almanaque-ilustrado-antigo-_JM

O almanaque Bristol oferecia seus produtos e funcionava como uma revista informativa de assuntos úteis aos leitores:

Figura 12: Almanaque Bristol - assuntos



Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-682514302-bristol-1959-almanaque-ilustrado-antigo-_JM

A personagem Ormindá desponta em **Marajó** com grande força enquanto personagem feminina; no entanto, a relação da personagem com a leitura emerge a partir da referência ao romance **Dona Silvana**, sob forma de acalanto.

Segundo Vicente Salles (1996), o romance *Dona Silvana* chegou até nós por fontes ibéricas e “modificou-se neste contexto em que se agitam pretos e mulatos, caboclos e bancaranas em geral” (SALLES, 1996, p.67)⁶⁶. O pesquisador analisa que o “rimance” *Dona Silvana* começa a se enunciado no segundo capítulo:

Missunga interrogativamente revela a situação inicial: Ormindá, filha da negra Felismina, sua ama-de-leite, pode ser sua irmã. Um rei tinha uma filha [...] o romancista precisa deixar claro o seu pensamento, não se contenta com a sutileza e, no quinto capítulo, estabelece a ligação de ambos os textos pela citação: Cavaleiro de meu pai / Dá-me um jarrito d’água... [...]. O texto folclórico emerge da narrativa sob forma de “acalanto”. É a forma adequada, funcional, que melhor define a situação do paralelismo e do encadeamento das duas diversas estruturas literárias. Assim, como acalanto, há de se repetir, em várias partes do livro, como ideia incompleta, fragmentada, indefinida, insinuando-se não como simples evocação da estória tradicional, mas poderíamos quase afirmar – como **leitmotiv**. Ormindá cresce continuamente no livro, na sua desdita e na fuga de seu trágico destino. (SALLES, 1996, p.68, grifo nosso)

No texto em que estabelece os caminhos da personagem Ormindá no romance de Jurandir, Vicente Salles utiliza o termo “leitmotiv” que significa motivo condutor, segundo tradução do alemão, ou seja, uma frase musical curta e recorrente. Verificando o texto de Dalcídio Jurandir, se constatam três momentos evolutivos de Ormindá, bem marcados pelo acalanto de *Dona Silvana*, como se indicassem, início meio e final. O primeiro momento localiza-se no início da narrativa:

Voz de Mariana, história de tia Esperança e logo sua mãe tentando imitar siá Felismina no acalanto:
Cavaleiro de meu pai
Dá-me um jarrito d’água...
(JURANDIR, 1947, p. 53)

O segundo momento da narrativa revela que Ormindá está feliz, aproveitando bons momentos ao lado do personagem Ramiro, um músico tocador de Chulas:

Ormindá pôs o cacho dos jasmims já murchos dentro do violão de Ramiro, e os dois saíram pela beirada. Ela encostou a cabeça no peito do vaqueiro e cantarolou:
Cavaleiro do meu pai
Dá-me um jarrito d’água
(JURANDIR, 1947, p. 248)

⁶⁶ Salles, Vicente. **Chão de Dalcídio**. In *Asas da Palavra*, nº 04. Julho/1996 – Belém (PA): Unama.

O desfecho da história de Ormindá ocorre no terceiro momento em que aparece o acalanto:

Falava para a doente como se suas palavras fossem remédio. [...]
 — Cheguei agora, Ormindá. Venho te buscar para ir comigo pra Belém. Tu te cura e nós vamos. [...]
 — Cata, prima... Estou na igreja. Me marcaram.
 [...]
 — Mamãe, cante... o acalanto.
 A mãe curvou-se e cantou:
 Cavaleiro do meu pai,
 Me dá um jarrito d'água
 Se te der água, Silvana
 Tenho a cabeça degolada
 O acalanto misturava-se às vozes de muita gente mostrando a marca do corpo na torre. Silvana prisioneira da torre. Ela e Silvana nas mesmas torres que se confundiam.
 (JURANDIR, 1947, p. 362)

Neste terceiro momento, ainda é possível verificar a fusão de Ormindá e Silvana, além das vozes em forma de coro que a condenavam. Um remate músico-teatral, em três atos, para uma personagem que é orientada na narrativa pelo acalanto⁶⁷, e encerra com um coro.

3.3 As leituras em Três casas e um rio

O livro **Três casas e um rio** é o terceiro livro do ciclo do Extremo Norte. Está dividido em quatorze capítulos sem definição de título, diferente de **Chove nos campos de Cachoeira** que tinha os títulos nominados. Neste romance, será desenvolvida a narrativa iniciada no primeiro romance, com a maioria dos personagens e quase os mesmos cenários, visto que o local ainda é a ilha do Marajó.

O personagem Alfredo, protagonista no romance, continuará a reivindicar seus estudos na capital paraense. Sua reivindicação se tornará cada vez mais intensa, de forma que no quarto livro do Ciclo, **Belém do Grão-Pará**, ele conseguirá seu objetivo.

No texto que prefacia a quarta edição de **Três casas e um rio (2018)**, a pesquisadora Marlí Furtado (2018) esclarece sobre a construção da narrativa:

⁶⁷ Acalanto é uma composição musical baseada nas cantigas de ninar.

Muito bem urdida, esta narrativa literária tem um início típico dos romances do realismo clássico: a pintura da paisagem, com um olhar panorâmico que depois vai se aproximando do objeto pretendido, como um zoom, passando do sumário para a cena. (FURTADO, 2018, p.08).

A pesquisadora ainda adverte para os planos existentes neste terceiro romance, em que “o tom lendário se torna a chave de leitura de **Três casas e um rio**, cujo enredo se assenta em três planos entrecruzados: o da realidade ficcional, o do imaginário popular e o da simbologia” (FURTADO, 2018, p.08). Neste sentido, vale destacar alguns episódios, como o da fazenda de Marinatambalo em que é amplamente desenvolvido em boa parte do livro, com destaque para as “ressonâncias da tragédia grega **Antígona**, de Sófocles e [...] ao conto **Maiby**, publicado por Alberto Rangel em 1908” (FURTADO, 2018, p.11). Representações de leituras do escritor marajoara.

A seguir, será mostrada o quadro – Leituras em **Três casas e um rio** em que as leituras estão organizadas por personagem; contudo, os textos recorrentes serão evidenciados na coluna do personagem-leitor. Para esta análise, optou-se pela supressão das leituras / personagens já historiados nos livros anteriores.

Quadro 03 – Leituras em **Três casas e um rio** (1958)

LITERATURA	PERSONAGENS-LEITORES							
	MAJOR ALBERTO	JUIZ DE DIREITO	ALFREDO	D. VIOLANTE	Dr. BEZERRA	FARAUSTO	CAVALEIRO DE CHAPÉU	D. AMÉLIA ⁶⁸
Livro de mitologia	X		X					X
Walter Scott							X	
Camilo Castelo Branco	X							
No país da Arte, de Blasco Ibanez	X							
PERIODICOS								
A gazetinha	X							
Jornais				X				
Revistas				X				
Catálogos (França, Inglaterra e EUA)	X		X					
RELIGIOSOS								
Bíblia	X		X					X
Livro dos mortos						X		
Livro Força e Matéria	X							
Livro Depois da morte	X ⁶⁹							
Fascículo Santa Rita de Cássia	X							

⁶⁸ A personagem Amélia ouve as narrativas do Major Alberto, portanto faz a leitura ouvida.

⁶⁹ Major escrevia notas nas margens do livro.

Quadro 03 – Leituras em **Três casas e um rio** (1958) - continuação

TEATRO/MÚSICA/ ARTES	MAJOR ALBERTO	JUIZ DE DIREITO	ALFREDO	D. VIOLANTE	Dr. BEZERRA	FARAUSTO	CAVALEIRO DE CHAPÉU	D. AMÉLIA ⁷⁰
Can-can (opera)					X			
Caruso (músico do teatro)					X			
DIVERSOS								
Livros de Flamarion	X							X
Chernoviz	X							X
Dicionário Prático Ilustrado			X					
Livro de Anatomia			X					
Livro Felisberto Carvalho (2º volume)			X					
Tupi na Geografia Nacional	X							
História do Rio Amazonas	X							
Prática das Falências		X ⁷¹						

Fonte: COSTA, R.B. abril/2019

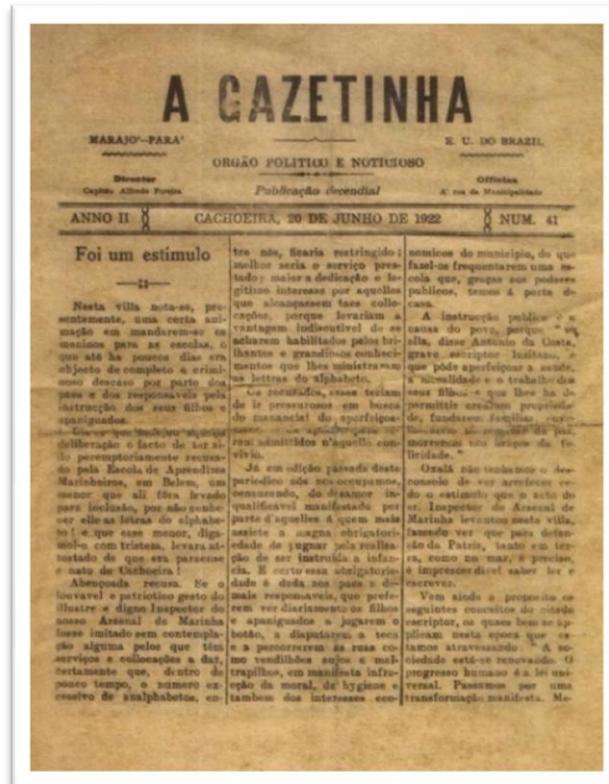
Na comunidade de leitores, no núcleo Marajoara, o Major Alberto é o personagem de maior relevância, isto porque ele é o responsável pela leitura de grande número de títulos em **Chove nos campos de Cachoeira** e **Três casas e um rio**, já que ele não faz parte do elenco de personagens em **Marajó**, segundo romance. Ele lê poesias, romances, biografia, história, culinária, jornais, folhetos, revistas, geografia, filosofia, religião, teatro, dentre outros. Manifesta uma maneira singular de executar a leitura expondo-a de forma oralizada e decorada.

Em **Três casas e um rio**, o Major Alberto, além de leitor, é proprietário de um prelinho em que editava um pequeno jornal de nome **A Gazetinha** e também o **Livro Práticas e falências**: “o Major olhava com fastio para as páginas compostas da “**A Gazetinha**”, ainda não distribuídas. Junto a estas, alinhavam-se [...] **Prática das Falências**, o segundo livro do Juiz de Direito” (JURANDIR, 1659, p. 16).

No plano da realidade, o Jornal **A Gazetinha** foi fundado em 1922, pelo Capitão Alfredo Pereira, pai de Dalcídio Jurandir. No jornal do capitão Alfredo, há um trecho, citado abaixo, que faz alusão ao fato dos pais encaminharem seus filhos para a escola.

⁷⁰ A personagem Amélia ouve as narrativas do Major Alberto, portanto faz a leitura ouvida.

⁷¹ Estava no prelo do Major Alberto para ser impresso.

Figura 13 - Jornal **A Gazetinha** (ano 2, 1922)

Fonte: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (Org.). 2006, p. 26

O texto do jornal aborda a necessidade da leitura e da escrita, para a renovação da sociedade e crescimento do cidadão e da pátria. No livro **Chove nos campos de Cachoeira**, o Major Alberto terá que encaminhar seus filhos, Eutanázio e Alfredo, à escola. O principal dilema é vivido por Alfredo, filho mais novo do Major, que pretendia estudar na capital,

Nesta vila da Cachoeira nota-se, presentemente, uma certa animação em mandarem-se os meninos para as escolas, o que até há poucos dias era objeto de completo e criminoso descaso por parte dos paes e dos responsáveis pela instrução dos seus filhos e apaniguados. (...) Para defesa da Pátria, tanto em terra, como no mar, é preciso, é imprescindível saber ler e escrever. (GAZETINHA, ano 2, 1922).

Além da produção de **A Gazetinha** e do livro **Prática das Falências**, o Major lia Catálogos⁷² provenientes da França, Inglaterra e EUA. Os catálogos possuíam

⁷² Os catálogos citados por Dalcídio Jurandir podem ser comparados a revistas informativas com muitas figuras, livros, quadros, pincéis oriundos de diferentes países: Itália, França, Inglaterra, EUA.

informações e paisagens de vários países e foi por meio deles que os filhos do Major Alberto iniciaram o gosto pela leitura.

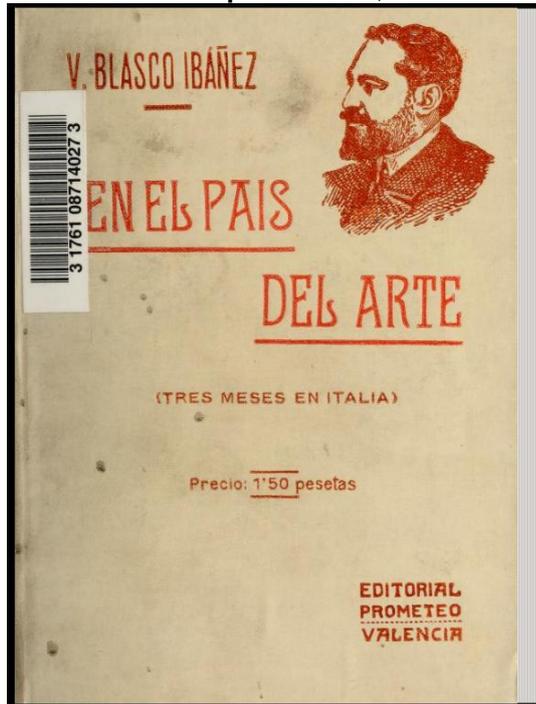
Sobre os livros literários, o Major faz citações dos autores, mas não refere aos títulos das obras. Cita o livro de Mitologia, o de Camilo Castelo Branco e os livros de **Blasco Ibáñez**⁷³. Sobre os livros de Ibáñez, existe um episódio significativo que marca a citação deste escritor em que é discutida a situação de talentos artísticos locais e coloca em cena o pintor Raul.

O próprio major Alberto, sempre em dúvida a respeito dos valores locais, mandou uma vez chamar o pintor na Intendência. [...]. Levou Raul ao chalé onde lhe mostrou catálogos de tintas, quadros e pincéis. A propósito da Itália, citou **No país da arte**, de Blasco Ibanez e representou na varanda a cena em que Miguel Ângelo, na Capela Sixtina, pintando o Juízo Final, proibia a entrada do papa. Foi um dia de satisfação, mas, também, de insatisfações para Raul. Recolheu ao casebre com um suspiro: “Nós, os pobres, poderemos saber as coisas? Poderemos estudar o ofício que a gente escolher, que a natureza nos deu?”. Cachoeira estava tão longe da Itália, da arte... Abriu um velho mapa, pousou o olhar e a imaginação no Mar Mediterrâneo, na Itália... Fechou o mapa com impaciência, levantando um pouco de poeira. (JURANDIR, 1958, p.41, grifo nosso)

O pintor toma conhecimento, por meio do Major Alberto, da existência de uma arte canônica e este lhe apresenta os catálogos de tintas, quadros e pincéis italianos, além do pintor do Juízo Final, na Capela Sistina, Miguel Ângelo. Ele também vai ser responsável por lhe apresentar o livro: **No país da arte**, de Blasco Ibáñez. Esse contato gera em Raul a reflexão sobre as possibilidades de produção artística em um centro mais avançado, diferente do contexto social no qual o artista Raul estava inserido. Assim, ele pondera sobre segregação em que vive o artista sem condições financeiras.

⁷³ Vicente Blasco Ibáñez (1867 – 1928). Foi político, jornalista e literato. Tinha preferência por assuntos escabrosos, pelos ambientes sórdidos e pelas personagens de forte traço psicológico, nos livros revela não só a face da literatura, mas da arte que caminham uma única direção. Publicou os livros: **A los pies de Venus, Argentina y sus grandezas, Arroz y tartana, Cañas y barro, Cuentos valencianos, El Caballero de La Virgen, El femater, El intruso, El papa del mar, El paraíso de las mujeres, El préstamo de La difunta, El sol de los muertos, En busca del gran Khan, Los enemigos de la mujer, Entre naranjos, El fantasma de las alas de oro, Flor de mayo, La araña negra, La Barraca, La bodega, La catedral, La condenaday otros cuentos, La horda, La maja desnuda, La tierra de todos, Los argonautas, os quatro ginetes do Apocalipse, los fanáticos, los muertos mandan, luna benamor, Mare Nostrum, Militarismo mejicano, Novelas de la costa azul, oriente, Puesta de sol, Sangre y arena, Sônnica la cortesana, vistas sudamericanas, ¡Viva la república! La voluntad de vivir, La vuelta al mundo de um novelista**, dentre outras publicações. Algumas de suas obras foram adaptadas para o cinema.

Figura: 14 – Livro: **No país da arte**, de Blasco Ibáñez



Fonte: <https://archive.org/details/enelpaisdelartet00blas/page/n9>

O personagem Raul foi o responsável pela pintura de placas que delimitavam as propriedades do fazendeiro Dr. Lustosa, denominada de “Bem comum”. O pintor consegue perceber a sagacidade de Lustosa na ampliação de seus domínios e na exploração da população de Cachoeira, e se recusa a fazer novos trabalhos para o fazendeiro dizendo que “[n]ão pint[ava] mais uma letra” (JURANDIR, 1958, p.46). Raul entende que não adiantava fazer novas placas se a população era analfabeta e que ele e a comunidade de Cachoeira estavam sendo oprimidos. No entanto, o fazendeiro explorador argumenta que:

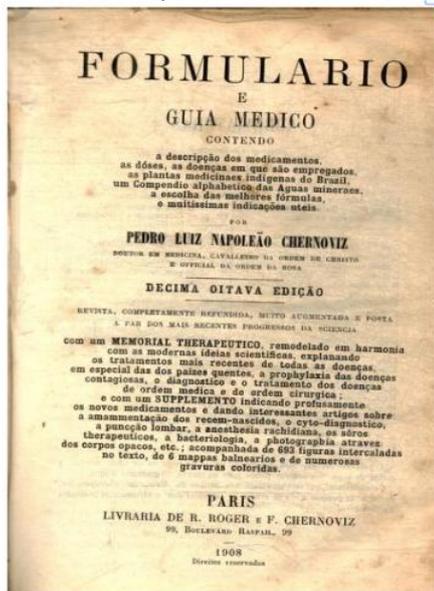
Era necessário educar o povo. Se bem que o povo não soubesse ler... Mas uma tabuleta com letras significava sempre proibição. O valor da alfabetização estava também em saber as leis, ler as tabuletas que proibem... (JURANDIR, 1958, p.45).

O pintor permite uma reflexão sobre a importância do domínio da leitura e apresenta a necessidade comum aos moradores de Cachoeira que era a Alfabetização, já que o alfabetizado reconhece seus exploradores e sua verdadeira liderança política e, assim, consegue exercer o poder do voto, assunto comentado na pequena comunidade.

O Major Alberto lia diversificados livros religiosos, isto porque tinha sede de conhecimentos e não fazia julgamentos acerca de religiões. Desta forma, lia livros de cristãos e espíritas, como a **Bíblia, Depois da morte** e livros de Camille Flamarion⁷⁴, apesar de ser um católico, por ter devoção por santa Rita de Cássia, conforme comprovação pela leitura do **Fascículo Santa Rita de Cássia**.

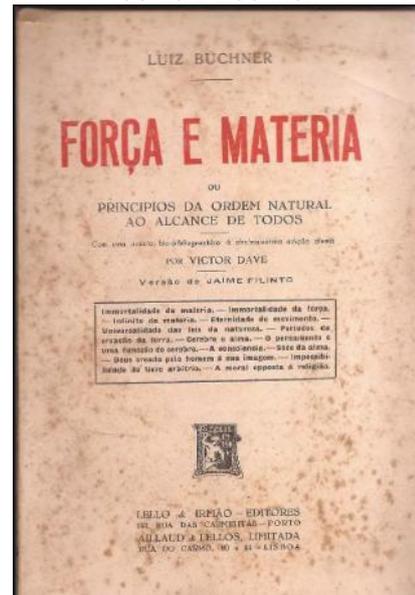
O mundo de leituras do Major compreende também livros de Medicina, Filosofia, Geografia e História. De Medicina, **O Formulário, Guia Médico e Dicionário de Medicina Popular**, de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz⁷⁵. De Filosofia, o livro **Força e Matéria**, de Luiz Büchner⁷⁶; de Geografia, o livro de Teodoro Sampaio⁷⁷, Tupi na **Geografia Nacional** e a **História do Rio Amazonas**, de Henrique A. Santa Rosa⁷⁸.

Figura 15: **Formulário e Guia Médico**, de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz



Fonte: www.traça.com.br. Traça Livraria e Sebo

Figura 16 – Livro: **Força e Matéria**, de Luiz Büchner



Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-714022260-livro-forca-e-materia-luiz-buchner-_JM

⁷⁴ Camille Flamarion (1842 – 1925). Espírita que viveu entre os séculos XIX e XX na França. Livros: **As Maravilhas Celestes, Deus na Natureza, Contemplações Científicas, Narrações do Infinito, Sonhos Estelares, A Morte e seus Mistérios**, entre outros.

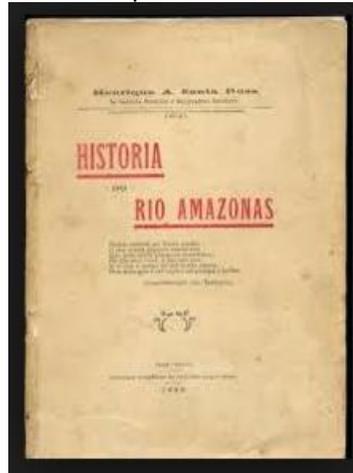
⁷⁵ Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1812-1881). Foi médico e editor polonês e imigrou para o Brasil em meados do século XX. Publicou Formulário e Guia Médico e Dicionário de Medicina Popular e das ciências Acessórias. Conforme informações de GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. **Civilizando as artes de curar: Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

⁷⁶ Luis Büchner foi médico e filósofo alemão (1824-1899). No livro **Força e Matéria** comenta sobre diversos assuntos e, dentre eles, há um destaque para a questão do racismo manifestado por Friedrich Carl Christian Ludwig Büchner. Informações obtidas em: <http://www.filosofia.org/ave/001/a229.htm> Acesso em 20/07/2019.

⁷⁷ Teodoro Sampaio (1855 – 1937). Foi engenheiro, escritor e historiador brasileiro.

⁷⁸ O livro **História do Rio Amazonas** (1926) foi editado pelas Oficinas Gráficas Guajarina

Figura 17 – Livro: **História do Rio Amazonas**, de Henrique A. Santa Rosa



Fonte: <https://www.estantevirtual.com.br/livros/henrique-a-santa-rosa/historia-do-rio-amazonas/232319745>

Das leituras do personagem Alfredo em **Três casas e um rio**, destacam-se o Livro de mitologia, os catálogos, a Bíblia, o Dicionário prático Ilustrado, o livro de Anatomia e o segundo volume do livro de Felisberto Carvalho. Na pesquisa sobre o livro de Felisberto Carvalho⁷⁹, descobriu-se que ele foi denominador comum na iniciação à leitura e que contribuiu para a leitura pedagógica com uma série didática que versava sobre variados assuntos.

Figura 18 – Livro: **Segundo Livro de Leitura**, de Felisberto de Carvalho



Fonte: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/francisco150.html>

⁷⁹ Maiores informações sobre a produção de Felisberto Carvalho podem ser obtidas em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/felisber.htm>

Em **Três casas e um rio** também são citados os personagens Dona Violante, que representa uma costureira que lia e fazia observações e críticas aos noticiários jornalísticos; Dr. Bezerra na leitura de ópera, cita a Can-can⁸⁰ e o músico do teatro Caruso, um Cavaleiro de Chapéu⁸¹, que lê apenas Walter Scott, não cita livro, apenas o escritor, e o personagem Farausto que lê apenas o Livro dos Mortos⁸². Provavelmente o escritor Dalcídio Jurandir tenha derivado o nome Farausto do Fausto⁸³, personagem protagonista de uma lenda popular alemã que teria feito um pacto com o demônio e foi utilizado em peças de Johann Wolfgang Von Goethe e na ficção de Thomas Mann, além de ser representado no cinema e no teatro.

⁸⁰ Can-can faz referência à composição de abertura da opereta **Orfeu no inferno** (1858) do compositor francês Jacques Offenbach (1819 -1880). As composições de Offenbach são alimentadas por uma verve rítmica e humor burlesco. Conforme <https://classicos.mus.br/bio/offenbac.htm>.

⁸¹ Um Cavaleiro de Chapéu é um personagem que não foi nomeado em **Três casas e um rio**.

⁸² O livro dos Mortos do Egito Antigo era uma coletânea de orações, feitiços e cânticos, ou seja, obrigações que os mortos deveriam cumprir para ajudá-lo na viagem até o além.

⁸³ Fausto foi baseado na história de Johannes Georg Faust (1480-1540).

4 A DESAGREGAÇÃO DE LEITORES NUM HORIZONTE EM RUÍNAS NO NÚCLEO URBANO

A página branca indicará o discurso
 Ou a supressão o discurso?
 [...]
 O texto visível é o texto total
 O antetexto o antitexto
 Ou as ruínas do texto?
 [...]
 Morrer: perder o texto
 Perder a palavra/o discurso
 Morrer: perder o texto
 Ser metido numa caixa
 Com texto
 Sem texto
 (Murilo Mendes)⁸⁴

Nesta seção, serão investigadas as leituras feitas por personagens-leitores nos livros do segundo núcleo: **Belém do Grão-Pará**, 1960; **Passagem dos inocentes**, 1963; **Primeira manhã**, 1967. Em termos de enredo, esses livros dão continuidade ao percurso do personagem Alfredo, na área urbana e periférica da cidade de Belém do Pará. No entanto, o personagem fará retornos a sua cidade de origem, na zona rural, durante as férias ou por meio de retornos memorialísticos. As leituras praticadas no núcleo urbano não se realizam com a mesma força que as do núcleo marajoara, visto que existe uma desagregação entre leitores e leituras.

Convém lembrar que o dorso da análise sobre a figuração de leitura no Ciclo, principia com os personagens Major Alberto, Eutanázio e Alfredo, no livro **Chove nos campos de Cachoeira**, romance destacado por Dalcídio Jurandir como livro embrião do ciclo, a partir do qual resultaram os outros volumes. Desta forma, o personagem Alfredo, nos primeiros romances, é um leitor principiante, pouco hábil no processo de compreensão de contextos diversos, mas atento à realidade que o circunda.

O processo de adensamento das leituras ocorre quando o personagem protagonista consegue chegar à cidade de Belém, episódio narrado no livro **Belém do Grão-Pará**, local que o fará conhecer outras leituras e adquirir novas experiências.

⁸⁴ A ideia de desagregar ganha vários sentidos na leitura da poesia moderna de Murilo Mendes, já que é possível desagregar e agregar sentido. Conforme: Micheletti, Guaraciaba; Sparano, Magalí E. (orgs). Estilística: texto, discurso e ensino. São Paulo: Editora Terracota, 2016.

A desagregação do processo de leitura pode ser observada, especialmente, a partir das ações do personagem Alfredo na capital, visto que ali ele inicia uma nova fase de leituras. A imagem do Chalé, com uma saleta de leitura, espaço representativo de leitura na ilha do Marajó, começa a se diluir gradativamente nas águas da Baía do Guajará⁸⁵. A travessia de Alfredo, do espaço rural para o urbano, vai revelar que a unidade de leitores que existia na comunidade do Marajó difere da que Alfredo encontrará na capital, visto que ele entrará em contato com outros leitores, de forma descontínua, em diversas casas e bairros da capital do Pará. Assim, algumas vezes, ele reviverá os momentos do chalé e as leituras na saleta, por meio da memória.

A partir do livro **Belém do Grão-Pará**, o personagem Alfredo conhecerá, de fato, a capital Belém, já que sua visão sobre a cidade era controversa, por conta das informações que recebia na cidade de Cachoeira. Contudo, a concretização de seu desejo de estar na capital irá mudar, visto que conhecerá a verdadeira Belém, uma cidade que se apresentará a ele com todas as suas mazelas.

Alfredo ia ouvindo apitos, cornetas, sinos, pregões, trem. Queria achar uma semelhança entre as pessoas de Belém e as de Cachoeira. As fisionomias até que pareciam-se mas jeitos e conversações tão diferentes. E as casas da cidade? Janelas fechadas, persianas, os fios de luz e delas saía uma gente apressada sem nunca dar um bom dia a ninguém. Como as pessoas na cidade se desconheciam! Abram as janelas, casas. Tão juntas, e parecem de mal, tão distantes umas das outras, se cumprimentem! (JURANDIR, 1960, p. 56).

A partir de sua chegada à capital, Alfredo começa a estabelecer comparações entre Cachoeira e Belém, e faz observações que demonstram seu desencanto pela cidade com que tanto sonhou. Jurandir desenha para Alfredo uma realidade que é muito comum para os jovens do Brasil, que é sair do interior e ir para a cidade, em busca de condições melhores de ensino e emprego. Além dos romances produzidos na comunidade de leitores da ilha do Marajó, o leitor Alfredo será focalizado transitando em mais sete romances: **Belém do Grão-Pará**, **Passagem dos inocentes**, **Primeira manhã**, **Ponte do galo**, **Os Habitantes**, **Chão dos Lobos** e **Ribanceira**, sendo este último aquele em que se fará o arremate do ciclo.

Assim, a quantidade e a qualidade de leituras que o protagonista praticará no ciclo serão diversificadas, uma vez que esta ocorrência resulta das explorações que

⁸⁵ A baía do Guajará é formada pela foz dos rios Guamá e Acará e banha a cidade de Belém.

ele empreende nos arredores da cidade de Belém, em visita a diversos locais, dentre os quais se destacam os bairros: Guamá, São Braz, Nazaré e Umarizal, além do Mercado do Ver-o-Peso.

O contato com variados personagens dispostos nos romances, aliado ao conhecimento da topografia de Belém origina, no personagem Alfredo um leitor diferente do visto no Marajó, posto que neste novo momento ele irá experimentar outros suportes de leitura, além do livro e uma aprendizagem de vida que nunca seria conseguida apenas na escola.

Nos livros **Belém do Grão-Pará**, **Passagem dos Inocentes** e **Primeira Manhã** destacam-se os personagens-leitores de Dalcídio Jurandir na área urbana do ciclo do Extremo Norte, sendo apresentado o leitor Alfredo, seguindo um trajeto que supostamente o levaria a alcançar o tão sonhado ensino de qualidade. No entanto, ele percorre um caminho sinuoso ao se estabelecer na Capital do Pará, uma dificuldade que é comum a estudantes que saem do interior do estado e passam a residir na capital.

No livro **Belém do Grão-Pará**, o personagem Alfredo recebe abrigo na casa dos Alcântara, família economicamente falida, que aparecerá em dois endereços, ambos localizados na área central da cidade de Belém.

Em **Passagem dos Inocentes** o estudante é acolhido na casa de D. Celeste, prima de Major Alberto e conhecida como D. Cecé. No Marajó, esta personagem divulga que mora na rua Mac Donald mas, na verdade, a rua é uma passagem de nome Passagem dos Inocentes, localizada na periferia.

Em **Primeira manhã**, Alfredo hospeda-se na casa da família do Coronel Braulino Boaventura, localizada na Travessa José Pio, uma confluência entre os bairros do Telégrafo⁸⁶ e Umarizal. Na época do romance o bairro do Umarizal era periférico, mas com a verticalização da cidade de Belém, as classes mais ricas empurraram as classes mais pobres para áreas mais afastadas⁸⁷.

⁸⁶ O bairro do Telégrafo era anteriormente conhecido como Telégrafo sem fio.

⁸⁷ Conforme informações em O Liberal.com. <https://www.oliberal.com/belem/tel%C3%A9grafo-bairro-de-contrastes-e-das-ruas-que-falam-1.46239>. Acesso em 31.12.2018.

4.1 As leituras em Belém do Grão-Pará

O livro **Belém do Grão-Pará** ocupa o quarto lugar no ciclo do Extremo Norte; é o terceiro que apresenta o leitor Alfredo e o primeiro romance urbano do ciclo. É nele que se efetiva a transferência do leitor protagonista para a cidade de Belém, que passa a residir na casa da Gentil Bittencourt, 160, residência dos Alcântara, uma família de cearenses que entrou em franca decadência após a queda do Intendente de Belém, Antonio Lemos⁸⁸. No entanto, a narrativa está situada historicamente na década de 20, período de crise econômica em que o governador do Pará era Sousa Castro⁸⁹, que foi incentivador da revista paraense **Belém Nova**⁹⁰, dirigida pelo poeta Bruno de Menezes, contemporâneo de Dalcídio Jurandir.

Algumas alusões ao governador Sousa Castro estão expressas por personagens no romance em foco, em relação à grave situação do estado⁹¹, pelo atraso no pagamento do funcionalismo, fornecedores e dívidas internas e externas, conforme comentários de D. Inácia Alcântara: “o decreto de Sousa Castro reduz[ia] as despesas [...] [é fruto] do calote e bolso furado” (JURANDIR, 1960, p. 75). No livro, ficam ainda registrados, de forma bem enfática e por meio mnemônico, alguns fatos históricos da cidade de Belém, referidos pelos personagens, a exemplo da divergência entre laurismo⁹² e lemismo⁹³ e a decadência da economia da borracha.

A cidade de Belém, que é apresentada ao protagonista Alfredo, é a do início século XX, uma cidade que está se ajustando à escassa economia e que sofrerá cortes extremos para se reerguer, conforme já informamos, mas que ganha ares de personagem, conforme Furtado, 2010:

⁸⁸ Antonio Lemos (1843 – 1913) foi intendente de Belém do Pará no período de 1897 a 1911 durante a gestão de três governadores: José Paes de Carvalho (1897 a 1901), Augusto Montenegro (1901 a 1909) e João Antonio Luís Coelho (1909 a 1913) que implantou a modernização no centro de Belém.

⁸⁹ Antonino Emiliano de Sousa Castro (1875 - 1951) foi governador do Pará (1921 – 1925) e um correligionário político do ex-governador Lauro Sodré, no período de 1917-1921. A crise econômica durante o seu período de governo não o deixa executar grandes obras, apenas se encarrega de cumprir algumas leis deixadas por seu antecessor, o governador Lauro Sodré, como a lei que cria a Assistência Pública no Estado do Pará (HPSM-MP e Serviço 192).

⁹⁰ A revista **Belém Nova** foi fundada em 1923 e abordava as manifestações artísticas regionais do estado do Pará, circulou em Belém entre os anos de 1923-1929, conforme pesquisa na Fundação Cultural do Pará.

⁹¹ Conforme CASTRO, Ribamar (org.). **Atos dos Governadores**, volume 1: 1891 a 1930 (Edição comemorativa dos 111 anos do Diário Oficial do Estado). Belém: Imprensa oficial, 2002.

⁹² O termo laurismo faz referência aos seguidores de Lauro Sodré que governou o estado do Pará durante duas gestões (1891 a 1897 – 1917 a 1921).

⁹³ O termo lemismo indica aos seguidores de Antônio Lemos, intendente de Belém entre 1897 a 1911.

Agora entra em cena, como espaço central e com força de personagem, a cidade de Belém, primeiramente musa do personagem Alfredo, a quem aparecerá sempre com nuances de espaço encantado, onde ele poderia realizar sonhos e se distanciaria do cotidiano repetitivo e pobre de Cachoeira. (FURTADO, 2010, p.90).

A capital do Pará, cidade em que Alfredo pretendia construir sua formação escolar, é apresentada por Dalcídio Jurandir conforme sua própria perspectiva, já que não teve como objetivo dar voz a uma elite instalada em Belém na segunda década do século XX, mas que procurou dar voz aos menos favorecidos, sendo essa uma das propostas do escritor.

Em trechos do livro **Belém do Grão-Pará**, são representadas leituras de personagens que reproduzem comparações entre o poeta de elite e o poeta do povo, que denota o foco do escritor. Em trecho lido e comentado por D. Inácia, há a recuperação desse escopo pretendido pelo escritor: “enojados de ouvir as diatribes de semelhantes burgueses [...]olha estes versos, [...] o poetinha dos prados em flor [...] Esse poeta vai falar dos Alcântaras morando nas ruínas” (JURANDIR, 1960, p. 181-182). Os personagens espelham na literatura algumas situações sociais dos residentes em Belém da década de 20.

Em relação à forma de apresentar as leituras encontradas no livro **Belém do Grão-Pará** e também nos demais romances, Jurandir exhibe uma sutileza ímpar na imagem das leituras. Um exemplo é a citação da obra shakespeariana: “D.Inácia olhava as águas iluminadas e atirava serpentina, não mais Inácia Alcântara, mas dama veneziana ou moura ao pé do Doge”, uma referência implícita à obra **Otelo, o mouro de Veneza**, de William Shakespeare. No decorrer da leitura das obras do ciclo, são percebidos fragmentos de outras obras da literatura Universal, onde desfilam autores de diversas nacionalidades.

Os personagens do livro **Belém do Grão-Pará** apresentam inusitadas preferências de leitura. No entanto, essas preferências podem sofrer variações de acordo com o personagem. Dos personagens do livro, foram selecionados seis, que podem ser somados ao narrador. Isto porque o narrador, a partir deste livro, também vai figurar nas indicações de títulos de leitura. Assim, os livros desta seção serão dispostos em quadros por gênero, tais como: didáticos, periódicos, literatura

nacional e estrangeira, no suporte livro. Mas também aparecem leituras em outros suportes, tais como o teatro, cinema e música⁹⁴, conforme veremos a seguir:

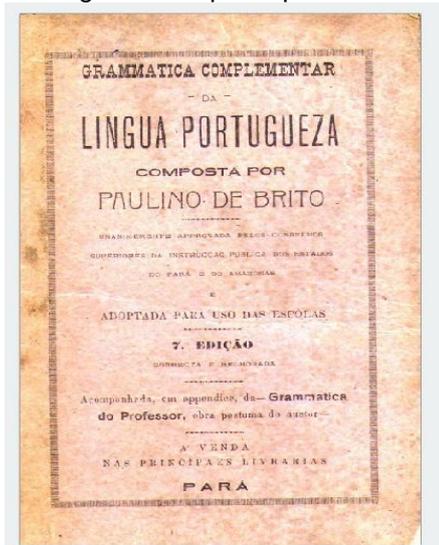
Quadro 04 – Leituras em **Belém do Grão-Pará (1960)** - Didáticos

DIDÁTICOS	PERSONAGEM-LEITOR
	ALFREDO
Gramática de Paulino de Brito	X
Aritmética do Trajano	X
Dicionário Prático Ilustrado	X

Fonte: COSTA, R.B. abril/2019

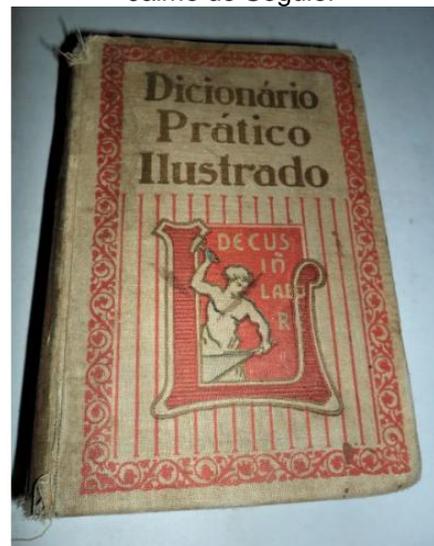
O quadro ilustra as leituras da categoria denominada didáticos, praticada apenas pelo personagem Alfredo, que é o grande leitor em **Belém do Grão-Pará**. Desta forma, ele aparecerá nos quadros seguintes, despontando na prática de leitura. Neste quadro, serão elencados os livros de caráter pedagógico, que evidenciam o acesso de Alfredo à escola. Inicialmente, o personagem estuda na escola Barão do Rio Branco, e figura nesta quarta narrativa do ciclo de Jurandir lendo os seguintes livros: **Gramática de Paulino de Brito**, **Aritmética do Trajano** e **Dicionário Prático Ilustrado**.

Figura 19 – Gramática Complementar da Língua Portuguesa composta por Paulino de Brito



Fonte: Fundação Cultural do Pará

Figura 20 – Dicionário Prático Ilustrado – Jaime de Seguíer



Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1279343670-dicionario-pratico-ilustrado-ano-1956-lello-irmo-_JM

⁹⁴ O cinema e a música são considerados leituras visto que nestes suportes existe a transmissão de novos conhecimentos.

Na pesquisa realizada para verificação da existência real dos livros lidos por Alfredo, nesta categoria foi encontrado o **Dicionário Prático Ilustrado**, à venda em sebos pela Internet e a **Gramática de Paulino de Brito**,⁹⁵ encontrada no acervo da Fundação Cultural do Pará, obra doada pela família do poeta Bruno de Menezes⁹⁶. A Gramática era adotada nas escolas do município de Belém e acompanhava um apêndice para o professor.

O quadro nº 05 apresenta jornais e revistas editados com certa regularidade, indicando alguns periódicos que circulavam na década de 20, em Belém e em outras capitais do país. São jornais e revistas que eram editados com certa regularidade e expressavam o momento histórico vivido pela população de Belém, e também pelas personagens do romance **Belém do Grão-Pará**.

Quadro 05 - **Belém do Grão-Pará (1960)** - Periódicos

PERIÓDICOS	PERSONAGENS-LEITORES					NARRADOR
	VIRGILIO ALCÂNTARA	D. INÁCIA ALCÂNTARA	EMÍLIA ALCÂNTARA	ALFREDO	Sr. LÍCIO	
Jornal Diário da União ⁹⁷	X					
Jornais Cearenses	X					
J. A Província do Pará ⁹⁸	X					
Diário Oficial ⁹⁹						X
Jornal Folha do Norte ¹⁰⁰	X	X	X	X		
Revista O Malho ¹⁰¹			X			X
Revista Cena Muda ¹⁰²				X		
Diário do Congresso	X					
O Semeador, Sonetos de Luna ¹⁰³		X			X	X

Fonte: COSTA, R.B. abril/2019

⁹⁵ BRITO, Paulino de. Grammatica complementar da língua portugueza. 7. ed. corr. melhor. Pará: Papelaria Suisso, 1928. vii, 137 p.

⁹⁶ O poeta Bruno Bento de Menezes Costa(1893-1963) foi o divulgador do estilo modernista na região amazônica e companheiro de Dalcídio Jurandir na composição da academia Peixe Frito, um grupo formado por escritores e intelectuais que atuou na imprensa e no meio artístico de Belém, a partir da década de 1920.

⁹⁷ **Diário Oficial da União**, periódico que data de 1862 e tem origem desde a transferência da corte portuguesa para o Brasil.

⁹⁸ O Jornal "**A Província do Pará**"era receptivo ao Intendente Antônio Lemos. Circulou em Belém durante 125 anos (1876 - 2001) e, durante a economia da borracha, pertenceu a Antônio Lemos. Voltou a circular em 2018, adquirido pelo empresário Carlos Santos em formato tablóide, com 20 páginas (10 no tamanho standart) de forma quinzenal, a princípio em formato eletrônico.

⁹⁹ **O Diário Oficial** era um periódico que circulava em Belém e por um tempo funcionava como jornal comum que trazia não só notícias governamentais, mas também uma série de outras notícias do dia a dia da cidade.

¹⁰⁰ O Jornal **Folha do Norte** (1896 – 1974) era receptivo a Lauro Sodré que se manifestava contrário a Antônio Lemos. O Jornal foi vendido em 1973 para Romulo Maiorana, que dá nova feição ao jornal.

¹⁰¹ Revista **O Malho** (Rio de Janeiro) surgiu em 1902 e circulou por mais de 50 anos; trazia como principal característica a sátira política e o humor.

¹⁰² Revista **Scena Muda** (março de 1921 a 1955) especializada em cultura. No livro está grafado Cena Muda.

¹⁰³ **O Semeador**, jornal panfletário popular que também publica poesias. Jornal fictício

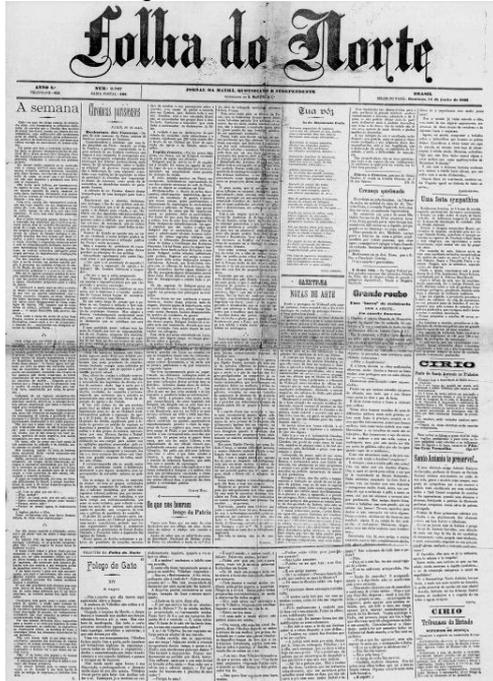
Em pesquisa realizada na Fundação Cultural do Pará e na Biblioteca Nacional, foi constatado que a maioria dos periódicos referenciados pelos personagens-leitores, no livro **Belém do Grão-Pará**, realmente existiram, com exceção do periódico “**O Semeador**”, que não foi encontrado durante as pesquisas. Importa dizer que esses jornais e revistas, acima referenciados, eram porta-vozes dos acontecimentos sociais, políticos e culturais da época. Dos jornais expressos no quadro, destacamos **A Província do Pará** e **Folha do Norte**, por fazerem parte do história no estado do Pará, e por estarem ligados a políticos que se revezaram no poder.

Na virada do século XIX para o XX, o jornalismo, no estado do Pará, era bem influente, visto que era representado pelos herdeiros da economia manifestada pelo ciclo da borracha que fez prosperar, no Norte, um mercado jornalístico/editorial muito forte, especialmente em Manaus e Belém, principais capitais da Amazônia. Desta forma, os jornais **A Província do Pará** e **Folha do Norte** foram frutos desta economia, e apoiavam seus dirigentes.

O jornal **A Província do Pará** apoiava o intendente municipal Antônio Lemos (1897-1911), ao passo que a **Folha do Norte** e o jornal **Estado do Pará**¹⁰⁴ apoiavam o governador Lauro Sodré (1858-1944). No romance, a família Alcântara recebeu benefícios do intendente Antônio Lemos. Por este motivo, a queda do Intendente significou também a queda da família Alcântara. Os feitos e fatos do intendente são lembrados pelos personagens no romance, especialmente o incêndio que consumiu o prédio de **A Província do Pará**, episódio ocorrido no momento de saída do intendente do cenário político de Belém.

¹⁰⁴ O Jornal não aparece no romance.

Figura 21 – Folha do Norte



Fonte: Biblioteca Nacional digital¹⁰⁵

Figura 22 – A Província do Pará



Fonte: Fundação Cultural do Pará

Dos personagens que liam periódicos no romance, se destacam seu Virgílio Alcântara, D. Inácia Alcântara, Emília Alcântara, Alfredo e Sr. Lício, além do narrador fazer citações de periódicos. O personagem Virgílio lia com regularidade o **Diário Oficial da União**, Jornais Cearenses não especificados, **A Província do Pará**, **Folha do Norte** e **Diário do Congresso**. A personagem D. Inácia lia **Folha do Norte** e **O Semeador**. Este último, encartava notícias políticas e encartes culturais com publicação de poesias. O personagem seu Lício compartilhava com D. Inácia a leitura de **O Semeador**, com destaque para a leitura de versos do Dr. Inácio Moura, especialmente os sonetos “Luna”.

A personagem Emília, filha do casal Alcântara, lia **Folha do Norte** e a revista **O Malho**. A aquisição dos periódicos para leitura era feita por meio de empréstimos na vizinhança. Em relação à revista lida pela personagem, foram encontrados exemplares na Fundação Biblioteca Nacional/Digital. **O Malho** surgiu no Rio de Janeiro, no ano de 1902, e circulou por mais de 50 anos; trazia como principal característica a sátira política e o humor. Para Emília, interessava ler, no jornal **Folha do Norte**, as poesias de Zito Neiva e os encartes sociais e se interessou pela

¹⁰⁵ O periódico em arquivo pela Biblioteca Nacional digital <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/folha-norte/101575> e http://memoria.bn.br/pdf/101575/per101575_1903_02707.pdf

revista **O Malho** quando soube da publicação do soneto “Ausência”, de autoria do referido poeta.

Figura 23 - Revista **O Malho** (1920, edição: 0903)



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional Digital

O personagem Alfredo lia o jornal **Folha do Norte** e a revista **Cena Muda**. Na **Folha do Norte**, eram lidos os artigos do professor de latim Menendez, do Ginásio Paes de Carvalho, sobre a miséria dos caboclos. Alfredo checava fatos políticos, fazendo a releitura do jornal. Ele lia o jornal a pedido da personagem D. Inácia Alcântara, com o objetivo de exercitar a pronúncia e empostar a voz. Em relação à Revista **A Scena Muda**, ele recebia, como doação, algumas revistas do colega de curso Joãozinho Rangel. Em pesquisa na Fundação Biblioteca Nacional Digital, descobriu-se que a Revista **A Scena Muda** foi um periódico que circulou ente 1921 e 1955 e trazia nos seus inúmeros romances, comédias, contos, charadas, anedotas, gramática literária, páginas de arte, informações e conselhos sobre economia doméstica.

Figura 24- Revista **A Cena Muda**
(Nº 01, de 31 de março de 1921 - Rio de Janeiro)



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional Digital

O quadro **Belém do Grão-Pará / Música, Cinema e Teatro** - apresenta um diferencial em relação ao processo de prática de leitura, posto que outros suportes de leitura estarão sendo apresentados aos personagens-leitores. Nos livros da área rural, apresentados na seção anterior, as categorias música, dança e teatro aparecem nas memórias dos personagens-leitores, ao passo que nesta seção, a partir de **Belém do Grão-Pará**, os personagens vivenciarão a experiência de participar das representações de cinema e teatro, envolvendo-se com a magia das produções, desde a divulgação dos eventos nos jornais e revistas até a exibição no cinema ou teatro¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Cabe ressaltar que optou-se em envolver a arte de maneira geral como manifestação da prática de leitura, haja vista que a arte está ligada à atividade humana que realiza uma comunicação de forma estética por meio de linguagens tais como a pintura, a literatura, a música, a dança, o teatro, o cinema, a arquitetura e o desenho.

Quadro 06 - **Belém do Grão-Pará (1960)** / MÚSICA, CINEMA E TEATRO

MÚSICA, CINEMA E TEATRO	PERSONAGENS-LEITORES		NARRADOR
	EMÍLIA	ALFREDO	
Romanza ¹⁰⁷ , do maestro Gurjão	X		X
Paisagem de Girard ¹⁰⁸	X		
Valsa Miosótis	X		
William Farnum ¹⁰⁹		X	
Mãe Murray ¹¹⁰		X	
Theda Bara ¹¹¹		X	
Pina Minichelli ¹¹²		X	

Fonte: COSTA, R.B. abril/2019

A música, o cinema e teatro são os segmentos culturais apreciados pelos personagens Alfredo e Emília, com formas independentes de preferências. Emília aparecerá na categoria música e pintura, enquanto Alfredo apreciará os artistas de teatro e cinema.

A personagem Emília participa ativamente da vida cultural na cidade de Belém, frequentando cinema e teatro. Ela conseguia ingressos, por meio de ajuda da costureira, prima de Alfredo. No entanto, seus conhecimentos culturais eram superficiais. No texto ela figura como leitora de poesias, periódicos e na alusão à música e pintura, o que não significa ser ela uma erudita. A importância da personagem nesta pesquisa ocorre por mostrar a Alfredo as programações culturais do cinema e teatro, que se configuram em outros suportes de leitura, além do texto escrito. Vale ressaltar que os objetivos dos personagens, nas programações culturais, eram divergentes. Enquanto Emília ia para se mostrar à sociedade e talvez conhecer um futuro marido, Alfredo ia para conhecer e entender as novidades da cidade.

Em **Belém do Grão-Pará**, a personagem Emília possui um piano¹¹³, objeto que na maioria das vezes ficava sem uso por ela não ter conseguido concluir as

¹⁰⁷ Romanza é uma peça musical de caráter lírico, escrita para voz e instrumento. No livro, o escritor sugere o maestro Gurjão.

¹⁰⁸ Noel Jules Girard (1816 -1886) foi escultor e pintor francês. É autor de pinturas e aquarelas.

¹⁰⁹ Ator americano de teatro e cinema. Alfredo vendo os artistas no Cine Olympia.

¹¹⁰ Atriz, dançarina, produtora de cinema e roteirista norte-americana.

¹¹¹ Atriz americana.

¹¹² Atriz italiana e estrela do cinema mudo.

aulas de piano, já que “a queda do velho Lemos havia lhe interrompido as aulas” (JURANDIR, 1960, p. 28). Emília fazia experimentações de cunho didático no piano, mas suas tentativas eram inúteis: “começou a ensaiar a ‘Romanza’ do maestro Gurjão, ‘As doces crenças do primeiro amor’, a mão não dava.” (JURANDIR, 1960, p. 28).

Dos conhecimentos acerca do instrumento piano, a valsa Miosótis era a única que Emília arriscava tocar as primeiras notas, quando muito solicitada pela família. Além do piano, o narrador faz referência à “paisagem de Girard” (JURANDIR, 1960, p. 29), exposta na parede da casa dos Alcântara e espanada por Emília todas as manhãs e assim, para o piano, não lhe dava a devida importância.

Outra fonte de leitura sugerida na obra de Jurandir se dá com o surgimento do cinema, um símbolo da modernidade em Belém e na obra. O cinema Olympia, resquício do ciclo da borracha, ostentava uma das melhores salas de exibição fílmica da época e era frequentado por importantes personalidades de diversas categorias que atribuíam significados distintos ao texto fílmico assistido pelo espectador/receptor. Desta forma o cinema:

alterou de forma expressiva a escrita. As crônicas confirmam a influência do cinema nos hábitos e costumes da época, o cinema agindo com forte influência sob o imaginário de seus espectadores. Essa influência também foi sentida na escrita de alguns intelectuais daquele momento. Existia uma preocupação na divulgação de notícias sobre o mundo do cinema, o que nos permite pensar que o cinema não só já se instituíra como importante forma de lazer como também era alvo da preocupação de grupos letrados da cidade. Através de em uma leitura mais atenta da produção literária desse período, pode-se perceber a forma como foram incorporados à escrita, alguns elementos desse impacto tecnológico. Os processos de montagem, linguagem e estilo são apenas alguns dentre os vários elementos que ajudaram a compor essa inovadora forma de se escrever. (CARNEIRO, 2011, p.50)

Em **Belém do Grão-Pará**, o personagem Alfredo faz alusão aos seguintes ídolos do cinema: William Farnum, Mãe Murray, Theda Bara e Pina Minichelli. Em Belém, conforme pesquisa, os atores e atrizes cinematográficos eram amplamente

¹¹³ Segundo Carvalho (2011) o piano ganhou uma nova função social. Saiu dos salões nobres das dependências das classes mais abastadas para as classes menos favorecidas e preenchiem [...] os ambientes menos refinados, como as gafieiras, as orquestras do teatro de revista e mesmo as salas de exibição e/ou de espera dos cinemas, já numa conjuntura de modernização no alvorecer do século XX (CARVALHO, 2011, p. 89)

divulgados nos jornais já referenciados na pesquisa e nas revistas que circulavam por Belém, tais como: **A Semana, Belém Nova, Caraboo, Gente Nova e Guajarina.**

Figura 25 - Revista **A semana** nº 95 24 de janeiro de 1920



Fonte: Fundação Cultural do Pará

Figura 26 - Jornal **O Estado do Pará.** 1922, nº 4141 pagina 02 – 31 de outubro



Fonte: Fundação Cultural do Pará

No quadro **Belém do Grão-Pará / Literatura estrangeira** - figura um narrador que se reveza com personagens no texto para mostrar leituras que estão subjacentes.

Quadro 07 - **Belém do Grão-Pará (1960) - Literatura Estrangeira**

LITERATURA ESTRANGEIRA	PERSONAGENS-LEITORES			NARRADOR
	D. INÁCIA	ALFREDO	ALBUQUERQUE	
Otelo, o mouro de Veneza, de Willian Shakespeare ¹¹⁴	X			X
Mil e uma noites ¹¹⁵				X
Cinderela		X		X
O romance d'um homem rico			X	X

Fonte: COSTA, R.B. abril/2019

Este quadro demonstra um narrador que apresenta as leituras mesclando falas de personagens às leituras durante a construção do texto, com perspicaz

¹¹⁴ No texto: “este Guajará é o Adriático, o Senador (Antônio Lemos) é o Doge.

¹¹⁵ No texto de Jurandir a referência partiu de “Mil e uma tardes”

habilidade. Um exemplo é a relação de Belém com a Veneza da obra de Shakespeare, apontada no trecho abaixo:

Veneza poderia, de súbito, boiar com o seu Adriático nas águas do Guajará. Ao clarão das girândolas e ao som das valsas a bordo, D. Inácia olhava as águas iluminadas e atirava serpentinas, não mais Inácia Alcântara, mas dama veneziana ou moura ao pé do Doge. (JURANDIR, 1960, p.19).

A circunstância apresentada no trecho revela momentos de reflexão em que o personagem Virgílio recordava a esposa repetindo a frase: “Guajará é o Adriático e o senador¹¹⁶ é o Doge” (JURANDIR, 1960, p. 19). A frase pronunciada por D. Inácia faz alusão à obra **Otelo, o mouro de Veneza**, de William Shakespeare, que sugere a temática da traição e do ciúme, e propõe subliminarmente que o ciúme é o mais intolerável dos tormentos da alma humana, da mesma forma que a vida atormentada de Virgílio, em decorrência de ciúmes que tinha de D. Inácia com o senador.

As histórias encantadas invadem a residência dos Alcântara, e Alfredo reproduz em Libânia o conto da Gata Borracheira, especialmente percebido no episódio do sapato, pelo fato de Libânia espelhar, nesta passagem, a moça pobre e malvestida, que trabalha com serviços domésticos:

Lisonjeada, Libânia andou no calçamento, apoiou-se no tronco da mangueira, fez menção de que ia pular corda. Alfredo se lembrou da Borracheira, de que lhe falava a nhá Lucíola. A questão que Libânia não tinha o pé tão pequenino. Enfim, tão maltratado, se agasalhava. A estória de Lucíola? Os pezinhos da Borracheira? (JURANDIR, 1960, p. 250).

O livro de histórias das **Mil e uma noites** se faz presente na vida do personagem Virgílio Alcântara, quando este faz alusão de que as “Mil e uma tardes ali se reproduziam no mesmo quadro, e noites” (JURANDIR, 1960, p. 21), conforme sugere o narrador.

Outra referência é figuração da decadência de um homem arrematada pelo romance de Camilo Castelo Branco, que ocorre no episódio em que Alfredo ouve as palavras de Sr. Albuquerque, após uma visita a Virgílio Alcântara: “Alfredo apenas escutou estas palavras [...] um pouco interrompidas pelo bonde que passava fazendo faíscas no fio: ‘E viu que o barro do homem se recoze ao fogo da

¹¹⁶ Referência ao Senador Antônio Lemos.

desgraça” (JURANDIR, 1960, p. 348). O trecho pronunciado pelo personagem Albuquerque pertence ao livro **O romance d’um homem rico (1861)**, do escritor português Camilo Castelo Branco, em alusão à situação miserável em que se encontrava o Sr. Virgílio Alcântara.

No quadro **Belém do Grão Pará / Literatura Nacional** - figuram cinco personagens na divulgação de textos escritos:

Quadro 08 - **Belém do Grão Pará (1960) / Literatura Nacional**

LITERATURA NACIONAL	PERSONAGENS-LEITORES					NARRADOR
	VIRGÍLIO	D. INÁCIA	ALFREDO	ALBERTO	CIANA	
Bíblia	X		X	X		
Bíblia - Rei Salomão / Eclesiastes ¹¹⁷		X				
O Bernal Francês ¹¹⁸		X				X
Cobra Norato ¹¹⁹					X	
Tobias Barreto						X
Álbum de Belém ¹²⁰			X			

Fonte: COSTA, R.B. abril/2019

Os textos religiosos são os preferidos dos quatro personagens deste quadro, visto que são leitores da Bíblia, coletânea de textos religiosos dos quais avulta o livro Eclesiastes, citado com maior veemência pela personagem D. Inácia. Há referência a esse livro no episódio em que é registrada a busca de Salomão pelo significado e propósito na vida, havendo a descoberta de que tudo não passa de "Vaidade de vaidades, tudo é vaidade" (BÍBLIA, Eclesiastes, 1:2).

A personagem D. Inácia é constantemente flagrada pelo marido falando a expressão: “Matai-me, matai-me, marido, que eu a morte mereci” (JURANDIR, 1960, p. 117). Em pesquisa, encontramos a expressão pronunciada por D. Inácia, no conto **O Bernal Francês**, da coletânea **Contos Populares do Brasil**, de Silvio Romero. O trecho pronunciado por D. Inácia pode ser somado aos techos em que foi apontado o ciúme do Sr. Virgílio, conforme citação de Otelo, o mouro de Veneza.

¹¹⁷ Eclesiastes é um livro poético e sábio do antigo testamento.

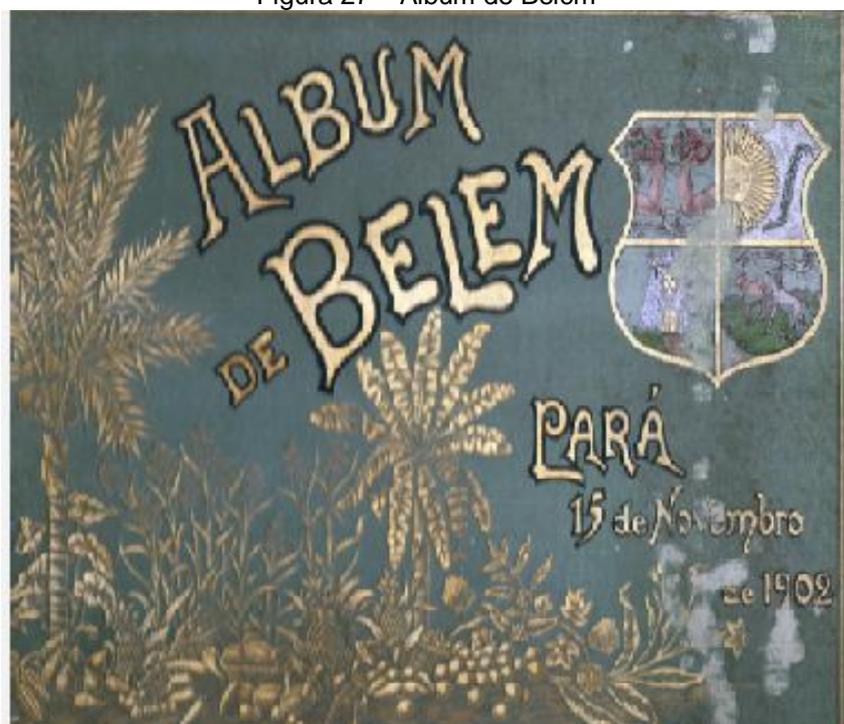
¹¹⁸ O Bernal Francês, coletado por Silvio Romero é publicado em contos populares do Brasil. - Matai-me, marido, matai-me qu’eu a morte mereci: Se tu era meu marido não me davas a conhecer.” (Romero, 1883, l: 5-7).

¹¹⁹ Livro Cobra Norato, de Raul Bopp (1931)

¹²⁰ Álbum de Belém. Conforme: Belém, Intendente Municipal (1898-1911: A. J. de Lemos). Álbum de Belém: 15 de novembro de 1902. Paris: P. Renouard, 1902. 104p.

O leitor Alfredo, durante sua leitura da cidade de Belém, “reconheceu velhas fotografias de sua intimidade: O Teatro da Paz, o Grande Hotel, a estátua da República, todo o “Álbum Comemorativo do Centenário de Belém’ de corpo presente” (JURANDIR, 1960, p. 65). O Álbum de Belém foi editado em Paris e está disponível na hemeroteca da Fundação Cultural do Pará, elaborado durante a administração do Intendente Antônio Lemos, em comemoração ao centenário de Belém.

Figura 27 – Álbum de Belém



Fonte: Fundação Cultural do Pará

O narrador também faz lembrar o texto **Cobra Norato**, de Raul Bopp (1931), um drama épico / mitológico, com focalização na Amazônia, que também é contado tradicionalmente como lenda. O narrador ainda discorre sobre Tobias Barreto¹²¹, para mostrar as novidades sobre o Direito em Belém ante as importações da Europa pelo intendente Antonio Lemos.

¹²¹ Tobias Barreto (1839 - 1889) foi filósofo, poeta, crítico, jurista e é um importante pensador sergipano. É, ainda hoje, reconhecido na faculdade de Direito. Segundo Arnaldo Godoy Tobias Barreto contribui para a construção de um pensamento jurídico brasileiro, no contexto do culturalismo, dando sequência a uma tradição interpretativa que remonta a Miguel Reale.

4.2 As leituras em *Passagem dos Inocentes*

Passagem dos inocentes (1963) é o quinto livro do ciclo e o quarto livro que narra a saga de Alfredo em busca de um estudo de melhor qualidade. A partir desse romance, a ação vai deslocar-se para a área periférica da capital do Pará, posto que no romance anterior, **Belém do Grão-Pará**, as ações aconteciam na área central de Belém.

O menino Alfredo, em **Passagem dos Inocentes**, experimenta seu segundo ano na capital do estado, e passa a residir com uma sobrinha de seu pai, D. Celeste, ou simplesmente D. Cecé, moradora de uma casa humilde na Passagem MacDonald, localizada em área suburbana de Belém. O leitor Alfredo conhecerá a periferia de Belém, novas pessoas e grandes dificuldades, muito comum aos habitantes de uma área sem infraestrutura.

Os leitores de **Passagem dos Inocentes** foram agrupados em cinco quadros, denominadas de: Didáticos, Periódicos, Literatura, Religiosos e Diversos:

Quadro 09 – Leituras em **Passagem dos Inocentes (1963)** - Didáticos

DIDÁTICOS	PERSONAGENS-LEITORES	
	ALFREDO	NORMALISTA
Gramática de Paulino de Brito	X	X
Dicionário Prático Ilustrado	X	
Antologia		X
Álgebra		X

Fonte: COSTA, R.B. abril/2019

Neste romance, Alfredo ainda é estudante do Barão do Rio Branco e lê os livros didáticos oferecidos pela escola, tais como: a **Gramática do Paulino de Brito** e o **Dicionário Prático Ilustrado**, livros já informados no romance anterior. A maneira de ler do personagem Alfredo é explicada pela mãe dele, D. Amélia, quando ela relembra admirada a maneira que o filho lê: “o ler dele, o jeito de desfolhar o jornal, perna em cima da perna, abrir a estante do pai, um pouco impaciente e um ar convencido de quem falasse assim: vocês, livros, serão meus” (JURANDIR, 1963, p. 60).

A personagem normalista do quinto ano, também utilizava a mesma gramática que Alfredo, a **Gramática Paulino de Brito**. Inferimos esta informação a partir da recuperação em pesquisas que essa gramática era adotada nas escolas do estado. Além da gramática, ela possuía um livro de Antologia e outro de Álgebra, livros que não são identificados no romance. Ficamos sabendo das leituras da normalista a partir do episódio da cavalaria:

D. Romana [...] muito calma estoriava: um piquete de cavalaria assalta a Passagem, só faltou entrar cavalo adentro pela barraquinha onde está seu filho? onde está seu filho?» carregando livros e entre estes a Gramática, a Antologia, a Álgebra que a normalista atrás dos cavalarianos gritava que devolvessem. (JURANDIR, 1963, p. 215).

A Passagem MacDonald foi monitorada pela cavalaria da polícia, com o objetivo de encontrar livros que não estivessem de acordo com o pensamento dos políticos da época. Os livros encontrados eram jogados no forno da Cremação, local que incinerava o lixo da cidade de Belém. Esta informação é obtida pelo personagem Marrocos, que faz críticas a episódios desta natureza.

— Voltaste, sim, Marrocos. Tens ainda uma perna, tens ainda uma perna.
 — ... e voltei com uma porção de livros no baú que a polícia me tomou e jogou no forno da Cremação.
 — ... para livro tem sempre fogo na Cremação.
 — ... enterrar debaixo do lixo aquela conferência e o Estado!
 (JURANDIR, 1963, p. 212 - 213).

O personagem Marrocos faz menção ao forno da Cremação, local onde eram incinerados os lixos da cidade de Belém, atualmente Cremação é um bairro e no local onde estava instalado o forno crematório existe hoje uma praça denominada de Dalcídio Jurandir.

O quadro, a seguir, condensa as leituras de periódicos em **Passagem dos inocentes**. Dos personagens listados no quadro, constam: o Major Alberto, personagem que se fará presente na narrativa por meio de lembranças de Alfredo; Bibiano, personagem analfabeto, mas conhece os conteúdos de leituras por meio de Benevenuto e Maria Eulália; o Cara – Longe e Marrocos.

Quadro 10 - **Passagem dos Inocentes** (1963) / Periódicos

PERIÓDICOS	PERSONAGENS-LEITORES			
	MAJOR ALBERTO	BIBIANO ¹²² (BENEVENUTO E MARIA EULÁLIA)	CARA-LONGE	MARROCOS
Almanaques		X		
Revista Chácaras e Quintais ¹²³	X			
Revista La Hacienda	X			
Como fiquei rico criando galinhas	X			
Catálogos “fogões e panelas”	X			
Seleta clássica ¹²⁴	X			
Jornais			X	
Almanaques Beltrand			X	
Jornal Comuna do Porto				X

Fonte: COSTA, R.B. abril/2019

O personagem Major Alberto em **Passagem dos Inocentes** desponta como ex-assinante das revistas **Chácaras e Quintais** e **La Hacienda**, periódicos que já foram historiados no primeiro livro do ciclo do Extremo Norte em que o personagem despontava como assinante das revistas.

Na presente narrativa, o diferencial em relação ao primeiro romance é o acréscimo de dados sobre os volumes lidos pelo personagem e a real situação do periódico no Brasil, visto que a revista **Chácaras e Quintais** informava a seus assinantes, por meio de anúncios na própria revista ou nos jornais, a existência de almanaques e livros, que eram editados pela editora da revista, dentre os quais, o **Como fiquei rico criando galinhas**, livro lido por Major Alberto.

No decorrer da pesquisa, comprovou-se a existência de suplementos que acompanhavam o periódico, conforme verificamos nas figuras abaixo:

¹²² Bibiano era personagem analfabeto, mas que lia por meio dos conhecimentos de Benevenuto e Maria Eulália.

¹²³ Major Alberto nesta narrativa já é ex-assinante de revistas, mas continua revendo e relendo os antigos números.

¹²⁴ Seleta clássica, catálogo sobre corrida de touros em Salvaterra, que provavelmente estaria inserido na revista do Marajó.

Figura 28 - Anúncio na revista Chácaras e Quintais



Fonte: Acervo da Biblioteca de Ciências Biomédicas da FIOCRUZ. Figura 19. Anúncio de livro de Wilson da Costa da Editora Chácaras e Quintais. In WELTMAN, 2008.

Figura 29 - Anúncios no Estadão



Fonte: Reclames Estadão. HTTP:// www. za. pinterest.com

O Major ainda se interessava por outros periódicos como o **Seleta Clássica**, que abordava assuntos relacionados a corridas de touros em Salvaterra. Provavelmente, este periódico seria parte ou uma transfiguração da **Revista Marajó**, posto que este era um periódico que tratava desses assuntos. Não foi possível recuperar maiores informações sobre o **Seleta Clássica**, de forma que este periódico pode, também, ser considerado fictício. Da mesma forma que **Seleta Clássica**, os catálogos **Fogões e Painéis** também não foram encontrados e podem ser apenas periódicos figurativos.

As leituras, no livro **Passagem dos Inocentes**, chegavam a ser terceirizadas. O caso ocorre com o personagem Bibiano, pai de D. Amélia, que não sabia ler, mas gostava de ouvir as leituras dos almanaques e, constantemente, solicitava ao compadre Benevenuto ou à afilhada Maria Eulália, para que lessem para ele.

O personagem Cara-Longe é um morador da Inocentes, que figura no romance lendo jornais não identificados, o Velho Testamento e almanaques Beltrand¹²⁵:

¹²⁵ No livro de 1963 consta a grafia Beltrand; no entanto, o almanaque encontrado é denominado Bertrand.

morador da Inocentes, o Cara-Longe, o rosto recuado, todo para trás, nas distâncias da pessoa com quem falava. Lia os jornais, o Velho Testamento, colecionava os almanaques Bertrand, atravessava mercadorias no Ver-o-Peso, benzia unheiro. (JURANDIR, 1963, p. 167 – 168).

O Almanaque Bertrand é até hoje editado pela Livraria Bertrand, de Portugal, uma das mais antigas livrarias do mundo em funcionamento. Esses almanaques datam do ano de 1900, publicados anualmente e continham calendário, sugestões de livros, mapas, crônicas, histórias, poemas, contos, passatempos e adivinhações.

Figura 30 - Almanagues Bertrand



Fonte: <https://www.bertrand.pt/template/almanaquebertrand>

O personagem Marrocos, leitor e correspondente de **A Comuna**¹²⁶, aparece na narrativa representando um revolucionário e durante seus manifestos, o personagem Alfredo era seu atento observador.

— ... de bordo quando me deportaram desta terra eu disse, repito agora: voltarei porque a revolução avança sempre. Escrevi isto na «Comuna do Porto», jornal de que sou correspondente. O navio em que vou, volta. Voltei ou não voltei? [...] e voltei com uma porção de livros no baú que a polícia me tomou e jogou no forno da Cremação¹²⁷ (JURANDIR, 1963, p. 213).

¹²⁶Um antigo quinzenário de **A Aurora**, do Órgão Libertário.

¹²⁷No forno da Cremação eram incinerados os lixos da cidade de Belém, atualmente Cremação é um bairro e no local onde estava instalado o forno crematório existe hoje uma praça denominada de Dalcídio Jurandir.

Figura 31 - A Comuna



Fonte: <http://arepublicano.blogspot.com/>.

A COMUNA. Porto, Ano I, nº6, de 6 de Junho de 1920

No quadro de Literatura em **Passagem dos Inocentes**, encontramos as citações de sete textos e de um autor, realizadas por quatro personagens e um narrador que menciona três obras:

Quadro 11 – Leituras em **Passagem dos Inocentes (1963)** - Literatura

LITERATURA	PERSONAGENS-LEITORES				NARRADOR
	MAJOR ALBERTO	AMÉLIA	ANTONINO	Sr. LICIO	
Prometeu acorrentado	X				
Lenda do Curupira		X			
Malazarte	X				
A bela e a fera			X		
Mitologia			X		X
As mil e uma noites					X
Gata borralheira					X
Tolstoi				X	

Fonte: COSTA, R.B. abril/2019

Entre os livros de literatura referidos na obra, consta uma alusão à tragédia grega **Prometeu Acorrentado**, de Ésquilo, definida na fala de Major Alberto e regionalizada e apropriada na fala de D. Amélia como a **Lenda do Curupira**:

Ao vê-la com um pedaço de fígado fresco na mão, sangrando ainda, seu Alberto saía com esta: tu assim preta, rapariga, és o abutre com o fígado do homem. [contraondo] Seu Alberto doido! Fígado do homem! Já me virei então no curupira de dente verde viciado em comer fígado dos homens no mato, como estoria o Sebastião? (JURANDIR, 1963, p. 52).

No fragmento, é possível notar a distância cultural entre eles, visto que enquanto o Major Alberto falava em clássicos da mitologia grega, D. Amélia exibia conhecimento regional a respeito das Lendas na Amazônia.

O conhecimento literário do Major Alberto alcança a conversa informal quando ele fazia comparações entre personagens do romance e um Malazarte¹²⁸, personagem que figura nos contos populares da Península Ibérica e também da cultura brasileira como burlão invencível, astucioso e cínico, segundo Câmara Cascudo (2002).

O personagem Antonino, marido de D. Cecé, possui predileção por leituras de textos da mitologia grega, motivo pelo qual utiliza os termos gregos para dar nomes a animais ou para fazer referência a pessoas, tais como o seu filho que era chamado de Belerofonte, conforme os trechos: “Tu, tu, que adivinhas, me dá o paradeiro do Zéfiro. Que diz tua pitonisa?”, ou no trecho: “falava nas façanhas de Hércules como se fossem suas” (JURANDIR, 1963, p. 190). Às vezes Antonino recorria aos contos de fadas em suas falas, ao se referir à esposa e ao filho: “A bela e a fera¹²⁹ dormem” (JURANDIR, 1963, p. 189) ou “Pégaso, o cabo de vassoura de Belerofonte, as tochas molhadas no querosene ardendo na galinha, no topo da cerca. Belerofonte é belo.” (JURANDIR, 1963, p. 216).

Nesta categoria de leituras, o narrador também desempenha função importante, já que faz referência a três leituras: **Mitologia**, **As mil e uma noites** e **Gata borralheira**, todas pertencentes ao imaginário infantil e vêm somar com as leituras dos personagens.

¹²⁸ O personagem é conhecido como Pedro Malasartes, Malazartes, ou das Malasartes, ou ainda Malasarte e Malazarte.

¹²⁹ **A Bela e a Fera** ou **A Bela e o Monstro** é um conto de fadas francês, escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot, ou a Dama de Villeneuve. Em 1756, o conto foi resumido e modificado por Jeanne-Marie LePrince de Beaumont ganhando maior notoriedade.

O escritor russo Liev Nikoláievich Tolstoi também é lembrado em conversas do personagem Sr. Lício, que compartilha com o escritor a visão realista da sociedade e certo ar revolucionário.

Vale salientar que o escritor Dalcídio Jurandir era leitor da obra de Tolstói e, provavelmente, absorveu dele algumas estratégias para a produção de seus romances, bem como as técnicas de criação de personagens, já que o escritor russo criava personagens à sua imagem, tais como o Príncipe Andrei, de **Guerra e Paz** ou Levin, de **Anna Karenina**. Desta forma, os romances russos nas mãos de um revolucionário não estão na narrativa por acaso; há certa intencionalidade na criação dos personagens para deixar o leitor explicar.

Quadro 12 - **Passagem dos Inocentes (1963)** - Religiosos

RELIGIOSOS	PERSONAGENS-LEITORES					NARRADOR
	MAJOR ALBERTO	ANTONINO	LÍCIO	CARA - LONGE	CECÉ	
Catecismo	X					
Bíblia / velho testamento				X		
Livro ocultista					X	
Alan Kardec		X	X			X

Fonte: COSTA, R.B. abril/2019

Dos livros religiosos, referidos por personagens em **Passagem dos Inocentes**, constam o **Catecismo**, que é um livro que traz instruções da religião cristã, e a **Bíblia**, especialmente o antigo testamento, que era usado para exemplificações de termos ou comportamentos de alguns personagens. No entanto, foram encontradas referências a religiões consideradas ocultistas, como, por exemplo, o espiritismo: “D. Celeste falava nos espíritos, na expiação das culpas, nos livros ocultistas, sobre a vaidade do mundo, tudo, tudo pura vaidade, somos um puro pó” (JURANDIR, 1963, p. 189).

No romance **Passagem dos Inocentes** há, também, referência ao nome de Allan Kardec, francês que se notabilizou por codificar o Espiritismo, sendo que seu nome é citado duas vezes pelo personagem Sr. Lício e, em outros momentos, pelo narrador na divulgação das conversas do personagem Antonino.

Quadro 13 – Leituras em **Passagem dos Inocentes (1963)** - Diversos

DIVERSOS	PERSONAGENS-LEITORES					NARRADOR
	ALFREDO	MAJOR ALBERTO	D.AMÉLIA	D. CECE	Sr.LÍCIO	
Opúsculo sobre pirotecnia ¹³⁰		X				
Volumes Portugueses sobre pirotecnia/ Catálogos sobre pirotecnia		X				
Química		X				
Livros sobre culinária		X	X			
Opereta Viúva Alegre				X		
O capital	X				X	X
O Homem-Leão						X

Fonte: COSTA, R.B. abril/2019

A paixão do Major Alberto pela arte de ver e produzir fogos e/ou explosivos manipulados é tão grande, que ele chega a produzir o livro **Opúsculo**, sobre pirotecnia. Para isso, estudava em livros sobre **Química** e consultava os **Volumes Portugueses** sobre pirotecnia. Na região do Marajó, o personagem é reconhecido por sua arte pirotécnica, e também pela diversidade de conhecimentos e de leituras, a ponto de indicar livros sobre culinária, à esposa Dona Amélia, que era leitora inábil:

seu Alberto [...] despejava em cima daquela ignorante de Areinha toda uma sabedoria em comer e beber. Dava-lhe livros, verdadeiros dicionários, verdadeiras bíblias de cozinhar e fazer doce e até que ela ia lendo com o pouco ou nada que sabia — ia adivinhando — de leitura e definição daqueles nomes, palavras, receitas, explicações em efes e erres, tanta prosápia e suas finuras, uma nomeação tão estrangeira, ora, quando tudo ia para um só fim. (JURANDIR, 1963, p. 51 - 52).

Já Dona Cecé, demonstra conhecer as representações teatrais, posto que aparece em cenas da narrativa cantando a ária “**A viúva Alegre**”, opereta do compositor Franz Lehár, que representa uma história acontecida em Pontevedrino, em que o governo trama um plano para casar a viúva com um pontevedrino “bon-vivant” e, assim, a fortuna da viúva permaneceria no país, fato que, de certa forma, se aproxima com a situação de D. Cecé, que é explorada pelo marido em relação à casa do Marajó.

¹³⁰ Escrito, lido e relido pelo personagem Major Alberto. p. 45.

Por que o seu Antonino Emiliano [...] Casou com a d. Celeste depois daquela viagem no «Trombetas», por que? Então sonhou para o «Zéfiro» fretes mágicos que pudessem trazer vestidos, leques e sapatos àquela esquecida sob as tristes palhas do 268. Dias atrás ouviu-a cantando. Não essas modinhas, mas partes da Viúva Alegre. Árias, como explicou. (JURANDIR, 1963, p. 189).

Seu Lício, Alfredo e o narrador dividem a definição da palavra Capital. Em um parágrafo, a palavra é ostensivamente pronunciada por cinco vezes, o que demonstra que ela não foi colocada ao acaso. Isso traz a significação da crítica à economia política da época, até porque a discussão do parágrafo gira em torno da revolta pelas mortes de crianças na cidade de Belém, e a relação com o poder público em não tomar providências. Possivelmente, é uma referência ao conjunto de livros que constituem **O Capital** (1867), do alemão Karl Marx, nos quais aborda os aspectos da produção capitalista.

O Capital? Mais mistérios aqui que os da d. Celeste. O Capital? Nunca ouviu do pai no chalé definição de semelhante palavra assim disparada pelo seu Lício, um monstro Herodes? Das crianças morrerem, a culpa do Capital? Seu Lício não explicava. Só brandia sua valentia (JURANDIR, 1963, p. 207).

No fragmento, há um jogo com a palavra Capital que tem a função de despistar o leitor. No entanto, quem está efusivamente se referindo ao Capital é justamente o Seu Lício que já comprovou com outros títulos sua preferência de leitura.

A expectativa em torno dos passeios empreendidos pela personagem Dona Cecé levanta algumas apostas dos moradores vizinhos em querer saber os locais do passeio, mas o trajeto da personagem faz a apresentação de alguns aspectos da cidade de Belém. Um exemplo está nos cartazes e nas indicações cinematográficas da época: “entra no Íris, não, sessão só à noite, os cartazes, «O Homem-Leão» 3/4 episódios” (JURANDIR, 1963, p. 195).

4.3 As leituras em *Primeira Manhã*

O livro **Primeira Manhã** (1967) é o sexto do ciclo do Extremo Norte. Nele, temos a apresentação do início da vida como estudante do ginásial¹³¹ do personagem Alfredo, período no qual esse personagem inicia as suas “perambulações de ginásiano culpado” (FURTADO, 2009). Isto porque Alfredo, em **Primeira Manhã**, vai morar na casa do coronel Braulino Boaventura, que ficava localizada na Travessa José Pio, no bairro do Telégrafo. O coronel construiu a casa para abrigar a filha Luciana que iria estudar o ginásial em Belém; no entanto, devido a um “tropeço”, foi castigada, desprezada pela família e sumiu sem deixar rastros. Alfredo vai carregar a culpa de estar assumindo um lugar que não lhe pertencia.

Nesta narrativa, Alfredo experimenta seu primeiro dia de aula, num repertório de muitos atropelos: vai para a escola oito dias depois do início das aulas, passa a estudar em uma série divergente de sua idade, uma vez que tinha dezesseis anos no primeiro ano ginásial, e atrasa-se para assistir à primeira aula. Tais fatos provocaram profundos constrangimentos no personagem.

Na nova residência, o jovem Alfredo experimenta outros conhecimentos e vivencia experiências singulares. O leitor da narrativa fica sabendo dessas novas investidas do personagem por meio do intenso fluxo de memória de Alfredo, além do contato com novos personagens. Tais experiências promovem no protagonista uma série de reflexões e digressões. No final de **Primeira Manhã** Alfredo se pergunta: “Sigo sem rumo ou vou na Ponte do Galo?” (JURANDIR, 1967), fato que irá antecipar o novo título da obra que dará sequência a esta narrativa.

O livro apresenta uma série de questões sociais que são próprias da arte lítero-social de Jurandir, tais como: o crescimento da periferia em Belém, o analfabetismo, a violência familiar, o caráter negativo de alguns professores e a corrupção de autoridades. Assuntos recorrentes em outras obras do ciclo, só que visualizadas de formas diferentes.

¹³¹ Segundo o Decreto-Lei N. 4.244 - de 09 de abril de 1942, o ensino secundário era ministrado em dois ciclos: o primeiro, compreendia um só curso - o ginásial e o segundo, compreendia dois cursos paralelos: o clássico e o científico. O ginásio correspondia aos quatro anos finais do atual ensino fundamental. Para ascender ao ensino ginásial, era necessária a realização de um exame de admissão, depois de finalizado o ensino primário. O ginásio tinha uma duração de quatro anos, findos os quais, o aluno poderia ascender ao colégio, que constituía o terceiro ciclo de estudos. Em 1971, o ginásio foi fundido com o ensino primário, dando origem ao ensino de 1º grau. Na LDB de 1996, o ensino de 1º grau foi substituído pelo ensino fundamental.

A seguir, serão apresentados quadros de leituras dos personagens-leitores, no livro **Primeira Manhã**, distribuídas por categorias: literatura, religiosos, didáticos, periódicos, música, teatro, folclore e diversos.

Quadro 14 – Leituras em **Primeira Manhã (1967)** - Literatura

LITERATURA	PERSONAGENS-LEITORES							NARRADOR
	MAJOR ALBERTO	ALFREDO	DAMÉLIA	AVÓ JURUEMA	LUCIANA	MANDUCA	ABIGAIL	
Coleção Portuguesa ¹³²	X							
Antologia poética. Alexandre Herculano	X							
Romeu e Julieta	X							
Camões	X							
Victor Hugo	X	X						X
Julio Verne		X						X
Valjean ¹³³		X						X
O corcunda de Notre Dame		X						X
Marina e Alonso ¹³⁴		X						X
Acalanto de Silvana			X					
Trebizonda ¹³⁵		X						
Le crime de Sylvestre Bonnard, de Anatole France (1881)		X						
Barca Bela, Almeida Garrett		X						
História verdadeira da Princesa Magalona		X						
As Minas de Prata, J. Alencar								X
Paulo e Virginia					X			
Carlos Magno (Os doze pares de França)					X			
Los Cavalos de los conquistadores ¹³⁶						X		
O moço loiro, Joaquim Manuel de Macedo (1845)							X	
Obras completas de Luiz Augusto Rabelo da Silva / A torre de Caim / lenda do século XI				X			X	

Fonte: COSTA, R. B. abril/2019

Na análise do quadro sobre leitores em **Primeira Manhã**, destacamos o personagem Major Alberto, na leitura da **Coleção Portuguesa da Biblioteca do**

¹³² Coleção Portuguesa da Biblioteca do povo e das Escolas.

¹³³ É um personagem de **Os miseráveis**, de Victor Hugo.

¹³⁴ Grafado no original como **A força do Amor** ou **Alonso e Marina** (1916).

¹³⁵ **Trebizonda** faz referência à Princesa de Trebizonda no Primeiro livro de **Corcunda de Notre Dame** e também aparece no livro **A rua dos cataventos**, primeiro livro de poesia de Mario Quintana no poema “Eu nada entendo da questão social”, “No meu vago País de Trebizonda”

¹³⁶ **Los caballos de los conquistadores**, poema de José Santos Chocano (1875-1934)

povo e das Escolas, obra que continha informações para portugueses e brasileiros. Ele lia a coleção com a finalidade de aprimorar sua arte de pirotecnia. Na habitual conversa com os demais personagens do romance, folheava uma antologia de Alexandre Herculano ou de outro escritor. O amor pela leitura era tão grande que muitas vezes o Major comparava os personagens dos livros que lia aos personagens/moradores de Cachoeira. Seu cotejo era complementado com algumas pitadas de críticas. Eis o que comenta sobre os personagens Celina e Raul:

Seu Alberto diz que é o Romeu e a Julieta montados no boi velho, atrás da copudeira. Sendo que de família só a Julieta. Raul, coitado, realza dele é pintando cruz, canoa, santo, máscara de carnaval, os paus de embandeiramento... (JURANDIR, 1967, p. 38).

Major Alberto gostava de declamar versos de Camões, dizia: “Dai-me uma fúria grande e sonora” (JURANDIR, 1967). Uma referência à obra **Os Lusíadas**, canto I, quinta estância. Este costume de citar a obra de Camões foi copiada pelo filho Alfredo, que pronunciava: “agora é tarde. Inês é morta” (JURANDIR, 1967, p. 132), quando enfrentava dificuldades entre os ginásios. A expressão faz referência à Inês de Castro, que foi imortalizada por Camões, em **Os Lusíadas**, no Canto III, “aconteceu da mísera e mesquinha, que depois de ser morta foi rainha”.

Seguindo a estratégia do pai, o personagem-leitor Alfredo faz combinações com os personagens dos livros de Júlio Verne, de Victor Hugo, jogando com os personagens de **Os Miseráveis**, **O corcunda de Notre Dame**, inserindo no romance **Primeira Manhã**, um entrecruzamento de personagens num habilidoso jogo, conforme trecho:

Agarrou-se a um **Júlio Verne**, ao lourinho preto de pólvora, romance de **Victor Hugo**, cozido a tiros na parede, onde estavam os heroísmos, onde as barricadas?. **A cigana Esmeralda**, na ponta do pé, saltava do outro livro de capa portuguesa, caminhava pela perna do leitor, como uma ponte sobre a baía de Marajó, e caía debaixo dos jenipapeiros não mais cigana de **Notre Dame** mas **Andreza** sem tirar nem pôr. O corcunda de Notre Dame o levava para os sinos onde, vestida de Arcebispo, mais gorda, brandindo o cacto, blasfemava a madrinha-mãe. (JURANDIR, 1967, p. 43, grifo nosso).

O narrador em **Primeira Manhã** se alterna com o personagem Alfredo na citação de leituras e menciona, ainda, o personagem Jean Valjean, de **Os miseráveis**, dando sequência ao jogo literário num entrelaçar da obra francesa à brasileira: “o **Valjean** carregando este jovem pelos canos do esgoto para os braços

de Andreza?” (JURANDIR, 1967, p. 68, grifo nosso); ou ainda, “dança na escada da Basílica, cigana Esmeralda, é **o concunda** dependurado nos carrilhões ou é o padre Afonso?” (JURANDIR, 1967, p. 68, grifo nosso).

A composição literária que estabelece esse jogo entre narrador e personagem, conforme indicado no trecho anterior, se estende no decorrer do romance **Primeira Manhã**, já se verificaram outras ocorrências desta combinação entre os livros de Jurandir.

Em **Primeira Manhã**, são retomados os personagens Ramiro e Ormindá que faziam par romântico em **Marajó**, para recuperar o romance popular da literatura Ibérica **Dona Silvana** ou **Acalanto de Silvana**¹³⁷. Neste caso, acontece incorporação do romance ibérico aos romances amazônidas, já que os personagens de **Marajó** serão revividos em **Primeira Manhã** e trarão consigo o “*rimance* popular **Dona Silvana**, de tradição ibérica [que] se incorporou ao folclore brasileiro” (SALLES, 1992, p. 371, grifo nosso), conforme apontou o folclorista Vicente Salles.

Em **Primeira Manhã**, o personagem Alfredo ouve D. Amélia comentar a história da personagem Ormindá, de **Marajó** entoando o **Acalanto de Silvana**:

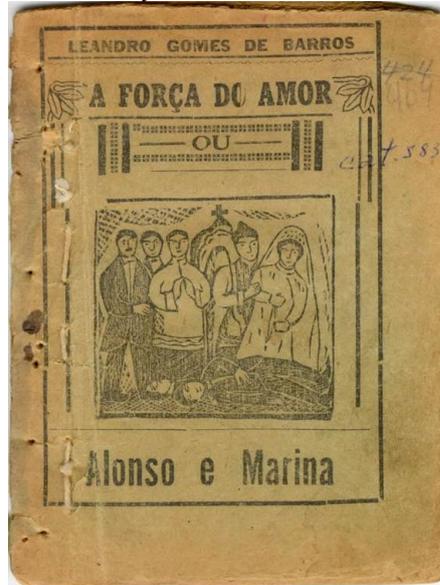
Lá na torre os traços da pecadora, que ali se deu, e ali ficou a forma de seu corpo; morta foi mais tarde, por seus pecados, ouvindo cantarem o acalanto de Silvana, cavaleiro do meu pai me dá um jarrinho d'água... Se tem céu, repetia a mãe no chalé, a Ormindá vai é remando pra lá. (JURANDIR, 1967, p. 27).

O trabalho de investigação das obras referidas no ciclo do Extremo Norte comporta certa dificuldade quando encontramos casos como o do cordel e/ou do folheto **Alonso e Marina**, visto que o texto referido pelo narrador faz uma inversão no título: “quem soletra o folheto de **Marina e Alonso** ao pé do mastro?” (JURANDIR, 1967, p. 51, grifo nosso). Em pesquisa na hemeroteca Casa de Rui Barbosa, foi encontrada a pesquisa de Leandro Gomes de Barros¹³⁸ (1865-1918), apresentando a narrativa com o título: **A força do Amor** ou **Alonso e Marina** (1916), com assunto girando em torno da sátira social e do herói casual

¹³⁷ No livro **Primeira Manhã** de Dalcídio Jurandir o romance é grafado **Marina e Alonso**.

¹³⁸ As informações acerca do folheto de Leandro Gomes de Barros foram obtidas em <http://hdl.handle.net/20.500.11997/1730.rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/1730?mode=full>. Acesso em: 06 junho 2019. Nele é informado da existência de uma versão idêntica ao folheto raro de Leandro, e que apesar de o nome do autor constar na primeira página do texto e na capa, esta apresenta uma xilogravura, que indica a reimpressão da história por outro autor e em época mais recente.

Figura 32 - A força do Amor ou Alonso e Marina



Fonte:
<http://hdl.handle.net/20.500.11997/1730.rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/1730?mode=full>.

Sobre o texto **Alonso e Marina** é oportuno lembrar que ele é citado no primeiro livro do ciclo jurandiano, **Chove nos Campos de Cachoeira** (1941), no trecho em que o personagem analfabeto João Galinha ouvia a história de **Alonso e Marina** narrada por Elias Seixas.

A utilização de fluxo de consciência nos romances do Extremo Norte é progressiva. Nos primeiros romances, o uso é embrionário, mas à medida que os romances do ciclo vão ganhando volume, a presença da técnica ganha forma mais densa, como é possível observar no trecho:

Que ao menos me indaguem sobre o pátio, souberam? Ou me queiram falar... sim, o interesse pela casa, saber da janela fechada, quem sabe? Sim, podia ser. Sabendo da presença dele na casa, que é dela, Luciana manda-lhe um recado, que as senhoras trazem por pura abelhudice e sem a ciência dos maridos, saboreando assim um risco, próprio de pessoas mantidas em proibição. O casamento proíbe muito. Mas, d. Abigail e d. Iváina a isso não se prestam, tementes que são de seus maridos, sabem de Luciana quanto sei de Trebizonda. (JURANDIR, 1967, p. 151).

No excerto anterior, Alfredo utiliza a palavra “Trebizonda” para refletir sobre uma questão não conhecida. Na pesquisa, foram encontrados usos da palavra no primeiro livro de Victor Hugo, **O Corcunda de Notre Dame**, para se referir à princesa de Trebizonda e também no livro de Mario Quintana, **A rua dos**

cataventos, no poema “Eu nada entendo da questão social”, “No meu vago País de Trebizonda”, o que demonstra a possibilidade de leitura dos textos para inserção no contexto da narrativa, na expressão do conteúdo fictício do vocábulo.

Nas aulas de Alfredo, o professor comenta sobre o livro **Le crime de Sylvestre Bonnard**, de Anatole France¹³⁹, numa demonstração ostensiva de erudição com a finalidade de constranger os alunos ante seus conhecimentos:

O catedrático levanta-se, [...] Desceu, voltou ao estrado, abriu o livro de capa amarela.

— Aqui o Silvestre Bonnard. O Silvestre Bonnard...

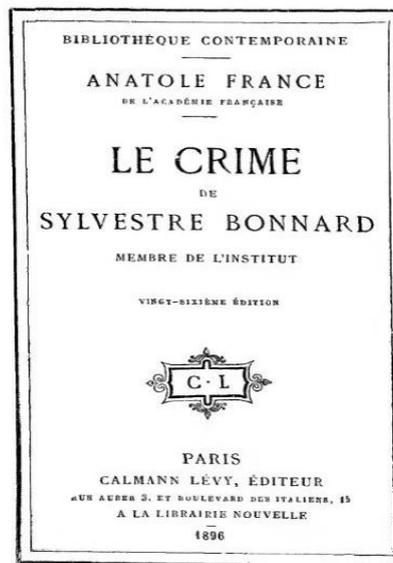
E espalmou um gesto de pouco preço.

— Os senhores ignoram, ignoram. O Bonnard.

Fechou o livro, marchando sobre a aula, o dedo no ar:

(JURANDIR, 1967, p. 241).

Figura 33 - Le crime de Sylvestre Bonnard, de Anatole France



Fonte: Biblioteca Nacional da França
https://fr.wikisource.org/wiki/Livre:Anatole_France_Le_Crime_de_Sylvestre_Bonnard,_1896.djvu

Em seguida, o poema **Barca Bela**, de Almeida Garret, aparece em **Primeira Manhã**, numa conversa de ambientação bucólica entre Alfredo, Odaléa e a lavadeira

¹³⁹ The Sylvestre Crime Bonnardd, 1896, djvu. Publicado Clamann – Levy, Paris, 1896. Disponível Biblioteca Nacional da França , fac-similes djvu https://fr.wikisource.org/wiki/Livre:Anatole_France_Le_Crime_de_Sylvestre_Bonnard,_1896.djvu

Tertuliana. No texto de Jurandir, a lavadeira Tertuliana participa do diálogo, entoando ‘Barca Bela’, na forma de cantiga: “no capim os lençóis alvejavam, a rede se estendeu num azul desmaiado. A lavadeira cantava: pescador da barca bela” (JURANDIR, 1967, p. 78). No trecho, percebe-se uma aproximação entre a poesia de Almeida Garret e o texto de Dalcídio Jurandir, na ambientação, paisagem, simplicidade da linguagem, cena e poesia.

Ela, no que viu, cruzou as mãos, suspensa, virou-se para os fundos da casa num súbito receio, deixou cair o ingá. Com a pressa de tirar do envelope o papel imprevisto, caiu-lhe o broche que lhe atava o peito da blusa, oh pescador da barca bela, ah barca bela, Alfredo intimamente repetia, agora confuso, a lavadeira pendurava de novo na cerca aquelas intimidades. (JURANDIR, 1967, p. 78).

Na poética cena narrada, Alfredo repete intimamente a canção entoada por D. Tertuliana, em que narrador e personagem se unem para expor uma profusão de sentimentos, de forma espontânea e natural. Na cena, a lavadeira e o personagem Alfredo demonstram conhecer os versos do escritor português, sem que para isso tenham que citá-lo. Desse modo, transformam os versos lusitanos em versos populares brasileiros.

O personagem Alfredo, em meio a conversas, cita uma das mais tradicionais narrativas medievais, a **História verdadeira da Princesa Magalona, filha D’el-rei de Nápoles e do nobre e valeroso cavaleiro Pierres, Pedro de Provença**. É uma narrativa que data do século XIV, aproximadamente, e é conhecida em vários idiomas. O texto se originou na Europa, atravessou o Atlântico e se amalgamou no imaginário brasileiro, por possuir ingredientes que agradavam: narrativa de castelos, princesas e cavaleiros.

— Espera... assim. Tira a mão dos olhos, assim na luz do castiçal tua feição me lembra. É a princesa Magalona?
 — Varre, varre, vassourinha. Me belisca a mão? Me belisca a mão? Belisca? Brincar de vassourinha, vamos?
 — Varre a casa do rei e da rainha.
 — Pico pico maçarico quem te deu tamanho bico?
 — Se sou bicudo, és espinhuda. Varre, varre, vassourinha.
 (JURANDIR, 1967, p. 92).

Figura 34 - História verdadeira da Princeza Magalona, filha D'el-rei de Napoles e do nobre e valeroso cavalheiro Pierres, Pedro de Provença



— 32 —

lho, entrou Magalona para seu aposento, e deixando os vestidos rusticos se vestiu com os ricos, e se compoz como Princeza que era, assim sôhiu para a camera onde os condes estavam, e tanto que a viram tão formosa, perguntaram a seu filho quem era aquella dama tão ricamente adornada.

Pierres sem dar resposta, tanto que o viu, se levantou e a tomou pela mão com grande reverencir e respeito, e disse: Meus paes e meus senhores muito amados, saibam Vossas Altezas, que esta é aquella por quem me ausentei; e é filha de El-Rei de Napoles, a qual tem podido muitos trabalhos por amor de mim, e quer ser minha esposa, e eu assim lho tenho prometido e salvado a sua honra, e assim peço a Vossas altezas que o tenham por bem, e nos mandem receber nesta Igreja.

Quando os condes tal ouviram, ficaram muito admirados e muito mais da virtude da Princeza, e logo mandaram chamar o Bispo que os recebeu com grande solemnidade, e se foram para palacio, deixando no Hospital pessoas que continuassim naquella santo ministerio. E logo mandaram fazer grandes festas em todos os seus estados, e escreveram a El-Rei de França, e a El-Rei de Napoles, dando-lhe noticia do successo, os quaes o festejaram muito, e El-Rei de Napoles mandou dizer que o primeiro filho que tivesse, que lho mandassem para lhe succeder no Reino, pois não tinham outro herdeiro.

O primeiro filho que tiveram foi varão, e depois de alguns annos o mandaram para Napoles, aonde foi um grande e virtuoso Rei: os condes paes de Pierres, viveram alguns annos com muito contentamento, e depois de sua morte lhe succederam Pierres e Magalona, que governaram com grande applauso de seus vassallos todo o discurso da sua vida, e sempre viveram honesta e virtuosamente; e por sua morte foram enterrados, assim elles como os condes seus paes, na Igreja de São Pedro, aonde está o Hospital.

Aonde Magalona edificou este Hospital, está agora uma Igreja muito formosa da vocação de São Pedro e São Paulo, junto de Moupeher a qual se chama até agora a Igreja de Magalona; porque ella foi a primeira fundadora, e depois assim Pierres como ella, a augmentaram com edificios e grandes rendas; de sorte que agora é uma muito sumptuosa casa. Assim acabou a historia verdadeira dos amantes tão bons Pierres conde de Provença, e Magalona filha de El-Rei de Napoles.

FIM.

Vende-se na loja de livros de Costa Sanches — Rua Augusta N.º 125.

Fonte: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=90928>

O livro sobre a Princesa Magalona, edição de 1851, contém 33 páginas, foi impresso sem indicação do autor e é destinado à categoria infantojuvenil. Encontramos a narrativa impressa em muitas variações, dentre as quais destacamos a autoria diversificada, em uma delas o ilustrador aparece como autor e o destaque vai para a divulgação sobre a venda da obra, que é feita no rodapé da última página. Na edição de 1851, feita na tipografia de Antonio Joaquim da Costa, tem a venda anunciada para a loja de livros de costa Sanches, Rua Augusta nº 125, Portugal.

O Personagem Manduca¹⁴⁰ faz referência à poesia do peruano José Santos Chocano, também conhecido como “O cantor das Américas”. É um escritor que inaugura novas técnicas da poética modernista. Seu lirismo está expresso na poesia **Los cavalos de lós conquistadores** em que destaca a importância dos cavalos nas conquistas e a lealdade. O texto de Chocano aparece num episódio de conversa que gira em torno de possíveis revoltas e grandes falcatruas:

Ah mas vou ao Supremo, justiça choldra, quem entra no Foro sai fedendo. Mas foi pênalti escarrado... Aquelas peles de lontra? Esta coalhada azedou, como tudo nesta cidade, azedou, volta com ela, azedou. Telefone para o sr., dr. Osvaldo. O Manduca exhibia os jogadores de futebol, a legalidade e a

¹⁴⁰ Personagem secundário que aparece apenas 03 vezes na obra

subversão, o tribuno que recitava nas sessões cívicas: Los cavalos de los conquistadores, los cavalos de los conquistadores. O solicitador Samanajás, ao peso de sua papada; o eminente leprólogo; o Procurador Geral, cavanhaque e colete e um ar colonial e um tom amortalhado; e sendo muito cumprimentado, por mais uma nomeação nova, entra o dr. Bragantino, o Barata Branca do Palácio, cabide de empregos e de interinidades, também suplente do Juiz Seccional; sentou um padre, levantou-se o quiromante, roçando a sobrecasaca e o croasê do desembargador Fulgêncio; saltou da mesa o auditor de guerra, irmão mariano, atrás da enchapelada [...] (JURANDIR, 1967, p. 65).

Para apresentar a personagem Eunice, em **Primeira Manhã**, o narrador utiliza a descrição feita da “sinhazinha”, em **As Minas de Prata**, de José de Alencar (1862),

Eunice, de lilás, mais roxa no pó-de-arroz, entrava na igreja, ver uma sinhazinha de Alencar nas Minas de Prata, mas roxa, e saía, esguia comendo suspiro, o doce; um redondinho rosto sobre o arraial, e menos que um repente flechava o rapaz ali só te olhando ao pé do xarão de pastel, tocou a banda, Eunice fugindo-lhe. (JURANDIR, 1967, p. 76).

Os romances brasileiros do século XIX, além de aparecerem na descrição de personagem do narrador, também aparecem nas leituras de muitas personagens de Jurandir, dentre elas, a Dona Abigail, que compara um personagem da obra de Joaquim Manuel de Macedo, trazendo à baila **O Moço Loiro**, romance de 1845. No excerto, percebe-se que a personagem pode estar fazendo referência tanto à obra quanto ao personagem central dela.

Que é que não diz o nosso cavalheiro? Até que me lembrando do Moço Loiro, comparo este com um mancebo... Mas mancebo é palavra que se acabou. Me lembro duma fantasia que eu tive. Eu me vesti de mancebo, gibão de seda, a espada de papelão na cinta. Foi num baile de máscara, na casa que hoje se afundou debaixo da nova do fazendeiro. (JURANDIR, 1967, p. 171).

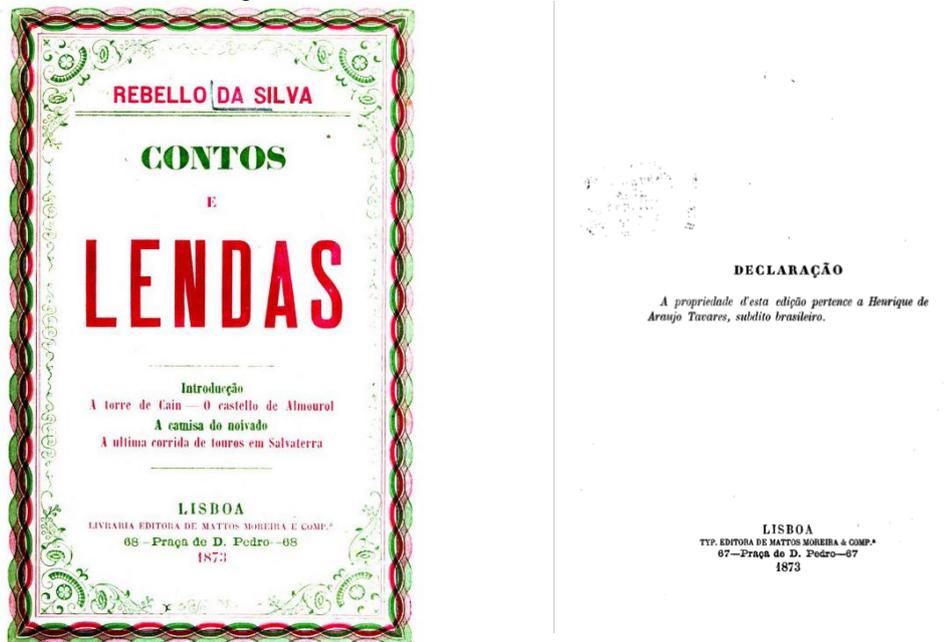
A partir da frase “[P]or que chora a bela Auzenda?”, repetida ostensivamente por D. Abigail, em recordação ao avô, o velho Juruema, foi possível recuperar as obras de Luiz Augusto Rabello da Silva, especificamente os **Contos e Lendas**, em que está inserida **A torre de Caim**, lenda do século XI.

— **Por que chora a bela Auzenda?** Era o que o meu avô dizia ao ver neta chorando. O avô? Tinha um falar tão antigo. [...] Sim, eu, Abigail Juruema, com aquela casa em pé, aqui não caminhava. Mas já não sou Juruema, não

passo de uma Aguiar e ando atrás deste meu pobre sobrenome, por estes buracos. Ando atrás ou vou deixando? Fugindo dele? **Por que chora a bela Auzenda?** (JURANDIR, 1967, p. 179, grifo nosso).

Um dado curioso é que o livro de **Contos e Lendas**, de Rabello da Silva, foi editado em Lisboa, pela Editora de Mattos Moreira & Companhia, mas a propriedade da edição pertence a Henrique de Araujo Tavares, “súbdito” brasileiro, com declaração na parte inicial do livro, o qual foi feito a partir de compilação póstuma de narrativas históricas, anteriormente publicadas em periódicos como **O Panorama**, **O Cosmorama Literário**, a **Revista Universal Lisbonense** e o **Arquivo Universal**.

Figura 35 - Contos e lendas, Rabello da Silva



Fonte: https://books.google.com.br/books?id=TIpbAAAacAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_

A presença da obra francesa no Brasil é também marcada pela circulação da **História do imperador Carlos Magno e os doze pares de França**, atribuída a Nicolau de Piemonte, que foi traduzida e adaptada pelo português Jerônimo Moreira de Carvalho, entre os anos de 1728 e 1737, e que, segundo Luís da Câmara Cascudo (1953), foi popular no Brasil durante o século XIX e início do século XX.

Em **Primeira Manhã**, a personagem Luciana faz do livro **História do imperador Carlos Magno e os doze pares de França**, uma de suas leituras diletas, visto que se empenha em adquirir um exemplar do livro que provavelmente já

conhecia. Nos romances do Extremo Norte, outros personagens farão a leitura desta obra, dentre os quais se destaca o Major Alberto.

Também sepultaste o livro, de que fala a d. Santa, o **Carlos Magno**? Foi num barco, de passagem pelo Mutá, Luciana vê o livro na camarinha “Um leitão por esse livro, sim?” Alfredo via o livro na cilha, no colo de Luciana montada no rosilho, debaixo do tabocal. (JURANDIR, 1967, p. 216).

Figura 36 - História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França



Fonte: <https://www.livrariafernandosantos.com/produto/historia-do-imperador-carlos-magno-e-dos-doze-pares-de-franca/>

O pesquisador Rivair Macedo (2008) informa que, no Brasil, existe uma tradição revivida em festejos na área rural por ocasião das festas juninas, especialmente os festejos de São João e São Pedro ou da Festa do Divino, que fazem alusão à **História do imperador Carlos Magno e os doze pares de França**. Segundo ele, os festejos são precedidos de missa e procissão, e concluídos com jogos de equitação (cavalhadas), confraternização e fogos de artifício.

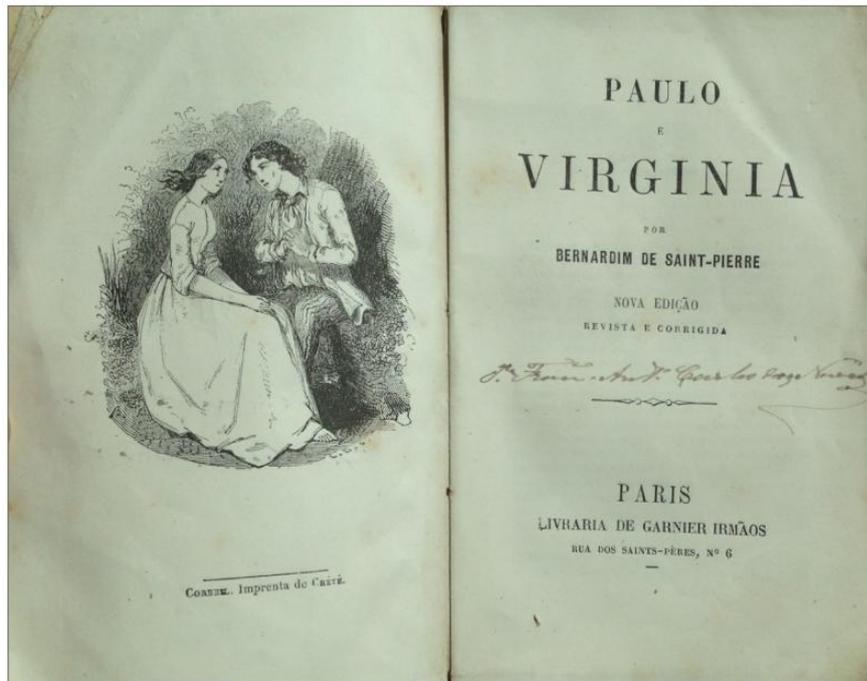
A personagem Luciana também elegeu o romance **Paulo e Virgínia**, de Jacques-Henri Bernadin de Saint-Pierre (1788), como um de seus prediletos. Esta narrativa teve grande circulação no Brasil e foi leitura de outros personagens no

romance. O assunto do romance gira em torno da história de duas crianças criadas como irmãos por suas mães. Na juventude, se apaixonam e são separadas culminando a narrativa com a morte de Virgínia, que espelha, desta forma, o destino de Luciana.

D. Dudu [...] apanha o Alfredo no caminho do portão, cochichou-lhe: pois não correu que o tio dela, o nosso Coronel Braulino Amanajás Boaventura, havia mandado abrir uma cova num retiro da fazenda com cruz e as iniciais da caçula? Bonecas da menina, os cadernos de escola, o barrete de ouro, o romance de **Paulo e Virgínia**, a carta em que o pai dizia que a casa era dela, os vestidos, até aquele, que vestiu na derradeira vez que vem para o último dia da festa de Nazaré, olhando os fogos... ali sepultou. (JURANDIR, 1967, p. 129).

Luciana será o objetivo de Alfredo, enquanto estiver morando na casa que foi construída para dar suporte a ela, no período em que estivesse estudando, mas que não chegou a usufruir. O personagem andará pelas ruas de Belém em busca de pistas que possam chegar a ela, mas serão infrutíferas.

Figura 37 - **Paulo e Virgínia**, de Jacques-Henri Bernadin de Saint-Pierre



Fonte: <https://www.livrariafernandosantos.com/produto/paulo-e-virginia/>

No quadro, denominado Leituras em **Primeira manhã** / Religiosos, constatamos que a **Bíblia** ou **Sagrada Escritura** é o livro religioso em destaque no

romance **Primeira Manhã**. Ele é citado 17 vezes na obra lida, principalmente, por três personagens. No entanto, há a menção de outros personagens que experimentaram a leitura desse texto religioso, ou executaram a leitura ouvida dos textos sagrados, ocorrência comum entre os personagens analfabetos.

Quadro 15 – Leituras em **Primeira manhã (1967)** - Religiosos

RELIGIOSOS	PERSONAGENS-LEITORES				NARRADOR
	PASTOR	ALFREDO	D. IVAÍNA	LUCIANA	
Bíblia (Moisés e Job)	X				X
Bíblia (Cirineu) ¹⁴¹		X	X		
Bíblia (Salomão)		X		X	
Bíblia (cap. 47, versículo 1)		X			
Catecismo	X				

Fonte: COSTA, R. B. abril/2019

De acordo com o **Guinness**¹⁴², a **Bíblia** é o livro mais vendido e lido em todos os tempos, com venda e distribuição extrapolando a casa dos seis bilhões de cópias. Na linha de vendagem o **Livro Vermelho**¹⁴³ ocuparia o segundo lugar; o **Alcorão**¹⁴⁴, o terceiro e o quarto e quinto lugares estariam destinados aos literários: **Dom Quixote**, de Miguel de Cervantes e o **Conde de Monte Cristo**, de Alexandre Dumas, respectivamente. Dos livros citados no **Guinness**, a **Bíblia**, **Dom Quixote** e o **Conde de Monte Cristo**, que aparecem nos primeiros lugares, são preferências de leitura dos personagens no ciclo do Extremo Norte.

A compreensão da mensagem bíblica pelos personagens é muito controversa, isto porque os entendimentos dos ensinamentos bíblicos possuem diferentes interpretações, aspecto que evidencia a leitura rudimentar do personagem e consequente má interpretação, ou até de leituras feitas para efetuar uma crítica de dados reais ocorridos na comunidade do personagem.

O texto bíblico constitui-se num importante documento doutrinário e de valor sagrado para os cristãos. É dividido em livros com cerca de 40 autores que escreveram em épocas diferentes e com inúmeras traduções. A variação de autores

¹⁴¹ Alfredo em conversa com D.Ivaína.

¹⁴² Guinness é o livro dos recordes

¹⁴³ **Livro Vermelho**, de Mao Tse-tung, trata das explicações pessoais de Mao Tse-tung sobre a ideologia do partido comunista chinês.

¹⁴⁴ **Alcorão**, de Maomé é o texto sagrado do Islã que traz revelações de Alá (divindade muçumana).

se dá em razão de existirem diferentes versões para católicos¹⁴⁵ e protestantes. É o que se constata em **Primeira Manhã**, em que o narrador deixa clara a existência das duas versões: “a Bíblia não era dos padres, era dos crentes, que importava?” (JURANDIR, 1967, p. 108).

A personagem Luciana usa a leitura da Bíblia para sustentar suas ações que foram, mais tarde, analisadas por Alfredo: “Luciana apoiava a cabeça na Bíblia, como se quisesse dizer: saíram deste livro as coisas que me perderam” (JURANDIR, 1967, p. 108). A personagem lamenta pelo cruel destino que teve após envolvimento amoroso com o pastor Severino. Em conversa com D. Dudu, Alfredo faz apostas a respeito da leitura efetuada por Luciana: “[q]uem sabe não leu o cantar de Salomão, não, D. Dudu?” (JURANDIR, 1967, p. 108).

O Cantar de Salomão permite a interpretação de um amor físico ou metafísico. Para Alfredo, a interpretação do Cântico é de um amor físico, que permite os encontros dos enamorados ao ar livre, até constituírem matrimônio e, conforme relato de D. Dudu, eram inúmeros e demorados “passeios” da personagem Luciana pelo tabocal, local em que foi encontrada e castigada pela mãe. No tabocal, Luciana dizia a Severino:

O senhor não vai me levar com o senhor, se não quiser, está no seu querer, que no meu, eu vou. Me diga que vai, que desço já deste cavalo sua mulher, me carregue com o senhor, na sua posse, na sua religião, me mande batizar na sua fé, por mim o senhor é mesmo que meu esposo, não que já tenha me conhecido, que do meu corpo o senhor tocou foi só na minha mão, mas é pelo céu meu amante, o homem que Deus me mandou, tenha isto no seu juízo (JURANDIR, 1967, p. 12 - 13).

A personagem Luciana será lembrada por vários personagens no romance e se tornará a principal imagem que acompanhará Alfredo em Belém, a partir do momento que ele se muda para a Travessa José Pio, bairro do Telégrafo, na casa do Coronel Braulino Boaventura e conhece a triste história da personagem desabençoada.

Alfredo lembrava o pai, o Major Alberto, nas leituras da Bíblia e também do Catecismo¹⁴⁶, “o pai trazia da Bíblia e do catecismo e debaixo das batinas as

¹⁴⁵ Para os católicos os livros de Tobias, Judite, Sabedoria, Baruc, Eclesiástico (ou Sirácida), 1 e 2 Macabeus, além de Ester 10,4-16 e Daniel 3,24-20; 13-14 fazem parte da Bíblia; no entanto, os protestantes retiraram esses livros da bíblia protestante.

¹⁴⁶ Catecismo é o livro para os católicos que traz ensinamentos sobre as passagens da Bíblia, a vida na igreja, os dogmas, tradições mandamentos, histórias religiosas e de padres e santos homenageados pela igreja católica.

sagradas impurezas que não convertiam a mãe” (JURANDIR, 1967, p. 161). As elucidações de Alfredo sobre as leituras do pai se dão pelo fato de o Major ler um livro religioso e praticar atos que estavam em desacordo com o livro e, por motivo dos preceitos religiosos, não conseguem alcançar a mãe contra o vício do álcool.

Dos mandamentos contidos no Catecismo, Alfredo questiona o décimo, no que diz respeito à cobiça, especialmente, a cobiça de mulheres.

O não desejarás a mulher do próximo, nunca tinha entendido ao certo, um vago mandamento no catecismo, numa e noutra conversa do pai; sabia agora melhor aquelas malícias, não era só de seriedades que ali no chalé se conversava, [...] desfilavam na varanda as mulheres cobiçadas, e Sodoma, Roma, Bagdá, o pai folheava o seu catálogo de pecados. [...] estas são as mulheres de que fala o catecismo, são do próximo, o próximo que elas procuravam, que louvam e depreciam, maldizem, bendizem, menos ciumentas que ofendidas, mais inclinadas a parecerem culpadas que vítimas. (JURANDIR, 1967, p. 161).

O personagem Alfredo questiona e compara algumas passagens bíblicas, mas isto não significa que ele seja um devotado religioso cristão; pelo contrário, ele se interessa especialmente por cultos religiosos oriundos da religião africana, posto se identificar como afrodescendente.

No quadro de Didáticos será focalizada a língua latina e todos os elementos que fazem parte do seu ensino: o professor de latim, o aluno Alfredo, as expressões e orações latinas proferidas pelo pai, o dicionário e a gramática latina.

Quadro 16- Leituras em **Primeira manhã (1967)** / Didáticos

DIDÁTICOS	PERSONAGENS-LEITORES	
	MAJOR ALBERTO	ALFREDO
Dicionário de Latim	X	X
Gramática Latina		X

Fonte: COSTA, R. B. abril/2019

Os eventos narrados em **Primeira Manhã**, sobre o protagonista Alfredo, evidenciam suas experiências como ginasião e o entusiasmo por ser estudante do Ginásio Paes de Carvalho, conforme carta enviada à mãe. “mamãe, nem sabe como fiquei mudado vestindo a farda do G. P. C.” (JURANDIR, 1967, p. 21).

A expectativa pela aula de latim, com o professor Menendez, fez o personagem solicitar o dicionário de latim do pai. No entanto, reconhecia que o

dicionário era para o pai um companheiro mitológico, de onde “irrompiam [...] aquelas vozes mortas que tantos séculos falaram a língua ali sepultada” (JURANDIR, 1967, p. 21). Conseguia descrever e localizar o dicionário de latim do pai: “grossão, lombada rota, taciturno, na segunda prateleira da estante envidraçada, à esquerda, a vinte séculos do chalé. Vitam impendere vero. Ó tempora... Regina Angelorum, rezava o pai” (JURANDIR, 1967, p. 14).

O vazio que a falta do dicionário causaria no pai, pesou mais que o desejo de tê-lo, fazendo com que ele declinasse da ideia. Porém, não abdicou do desejo de cumprir a promessa feita para a personagem do livro **Belém do Grão-Pará**, D. Inácia Alcântara, de promover um mal-estar no professor Mendenez por conta de seus artigos nos jornais.

No quadro de periódicos encontraremos novidades do mundo editorial, diferentes formatos para um mundo editorial que estava se modernizando.

Quadro 17 - **Primeira manhã (1967)** - periódicos

PERIÓDICOS	PERSONAGENS-LEITORES			NARRADOR
	MAJOR ALBERTO	ALFREDO	LÍCIO	
Revista Tico-Tico				X
Catálogos	X			
Jornal (?)		X		
Folhetos da Guajarina		X		
Guajarina (Editora/revista)		X		
Jornal O Semeador			X	
Jornal Folha do Norte		X		

Fonte: COSTA, R. B. abril/2019

A evolução das atividades editoriais na virada do século XX é percebida por meio das leituras dos personagens e/ou pela voz do narrador, quando esta se funde para mostrar ações e pensamentos dos personagens:

Com um frio, um suor, feito o antigo paludismo, entrou no primeiro ano, rebaixado, agora sim, sem dúvida o mais velho, o marmanjo magralhão, o fora de idade entre as bem bonitinhas de azul e branco e os bem penteados soldadinhos mal saídos do couro e d'O Tico-Tico... Abateu-se na carteira dos fundos. (JURANDIR, 1967, p. 24-25).

No fragmento, o narrador compara os alunos com soldadinhos da revista **Tico-tico**¹⁴⁷. A revista **Tico-tico** seguia um padrão editorial comum, no início do século XX, que era professar a moda francesa já que a cidade de Paris era considerada a capital símbolo da modernidade, na época. É interessante destacar que a revista continha histórias infantis, passatempos, temas da história do Brasil, contos literários em capítulos seriados e obras estrangeiras de autores como: Mark Twain, Júlio Verne, Miguel de Cervantes, William Shakespeare, Jonathan Swift, Daniel Defoe dentre outros.

Figura 38 - **O Tico-Tico**: Semanário das crianças



Figura 39 - **O Tico-Tico / Verso** da capa

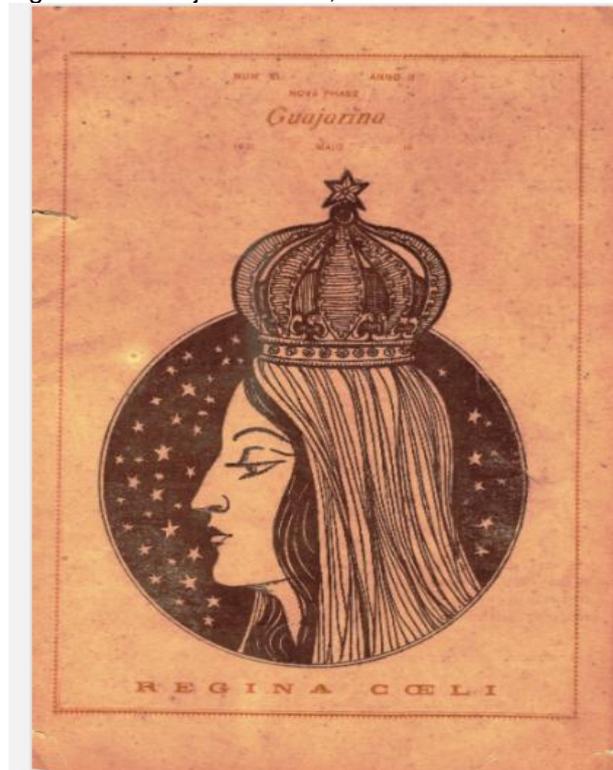


Fonte: Fundação biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital Brasileira.
O Tico-tico: Semanário das crianças (RJ) – 03 de janeiro de 1923, nº 900

¹⁴⁷ A revista **O Tico-Tico** foi a primeira e mais importante revista em quadrinhos do Brasil e era dedicada ao público infantojuvenil. Lançada pelo jornalista Luis Bartolomeu de Souza e Silva, no Rio de Janeiro, mas com circulação em todo território Nacional. Circulou no Brasil de 1905 a 1977, seguindo o modelo da revista francesa **La Semaine de Suzette**.

Além da revista **O tico-tico**, a revista **Guajarina** também alcançou grande popularidade, desta feita no Norte do país, especialmente por trazer ao público as transformações culturais da época. A revista era publicada pela Editora Guajarina¹⁴⁸, uma das maiores e mais conhecidas folhetarias dedicadas à literatura sertaneja no Brasil, segundo Lúcia Gaspar, da Fundação Joaquim Nabuco. A Editora era responsável pela edição de folhetos de cordel, livros de oração, pequenas narrativas em prosa e também alguns periódicos, entre os quais **O Martelo**, um jornal crítico-humorístico; **O Mondrongo**, também humorístico, além da revista quinzenal **Guajarina**.

Figura 40 - Guajarina nº 51, maio de 1931



Fonte: Fundação Cultural do Pará. Hemeroteca da Biblioteca Arthur Vianna

O editor da Guajarina percebeu a possibilidade de investimento em publicações no Norte do país, em virtude da economia da borracha estar em alta, fato que propiciou a chegada de muitos nordestinos que trouxeram consigo a cultura da região nordestina: cordéis, tradições orais, músicas etc. No entanto, além de temas clássicos do nordeste, como Lampião, cangaço, padre Cícero, também abordavam

¹⁴⁸ A Editora Guajarina foi fundada em 1914, na cidade de Belém, Pará, pelo pernambucano Francisco Rodrigues Lopes (Olinda, PE, 1883 – Belém, 1947).

temas locais, como: O círio de Nazaré, a vida do seringueiro, temas nacionais e até internacionais. O editor lançou, também, diversas coleções como a série **Ao Som da Lyra** (1929); **Cancioneiro do Norte** (1929 e 1936); **O Trovador** (1929 a 1935); **Lyra do Cantor** (1932 a 1938); **O Violão** (1932) e a série **Cantor Brasileiro** (1938 a 1946).

Segundo Vicente Salles, “a maioria dos lançamentos da Guajarina era de literatura popular em versos, em forma de narrações, contos, aventuras, fatos, romancetes, novelas e pajelanças” (SALLES, 1971, p.92). A editora publicou uma quantidade inumerável de impressos: almanaques, orações, novenários, rótulos xilográficos, cantorias etc. Conforme trecho: “Mas o número o senhor bem sabe, lhe dei por escrito, em breve terá cartão meu, vou mandar confeccionar cem na Guajarina com o meu nome. Dê o número a quem tiver uma precisão de mandar chamar” (JURANDIR, 1967, p. 198).

As publicações da **Guajarina** podiam ser compradas na sede da Editora, no Mercado do Ver-o-Peso, na Praça Pedro II e nas feiras de São Braz e da Marambaia. A editora possuía uma rede de revendedores em diversas cidades do Pará, Manaus e da região Nordeste. Desta forma, os personagens-leitores em Dalcídio Jurandir consumiam as publicações oriundas da Guajarina: “Cantavam no tabuleiro os folhetos de **Guajarina**, no Mercado de Ferro a \$200 cada.” (JURANDIR, 1967, p. 51).

O Semeador é um periódico lido não só em **Primeira Manhã**. Ele começa a despontar nas leituras dos personagens, a partir de **Belém do Grão-Pará**. O personagem Sr. Lício é quem produz o periódico e destina a ele conteúdos político-sociais. No decorrer da pesquisa, não foi possível encontrar exemplares do periódico. Desta forma, ele pode ser enquadrado como um periódico fictício. Conforme podemos observar no trecho abaixo:

Aí Mãe Ciana embrulhou a língua. Vergadinha, carregando o cesto de cheiro, mas mais carregada do seu Lício, de quem andava à procura, sempre. Aonde o seu Lício, Mãe de Deus? Diga, diga, diga logo à velha, ou não tem Mãe de Deus? Na travessa de Alenquer, à porta do funileiro? Na Dr. Assis, imprimindo “O Semeador”? ou por dentro, perdido, do palacete Pinho, entre os pombos do telhado e os urubus da família? (JURANDIR, 1967, p. 62).

A **Folha do Norte** é um periódico com grande aceitação entre os personagens, conforme já foi historiado em **Belém do Grão-Pará**. Neste periódico, eram comuns publicações de toda ordem. No trecho a seguir, o Coronel Braulino Boaventura paga para noticiar o batizado de um afilhado: “Na Folha. Coronel Braulino Boaventura, presidente do Conselho Municipal de Cachoeira. Delabençoe, meu afilhado.” (JURANDIR, 1967, p. 221).

Em **Primeira Manhã**, a inserção do cinema se apresentará com maior força na preferência do personagem Alfredo. O quadro abaixo apresenta a os títulos preferidos por ele:

Quadro 18 – Leituras em **Primeira manhã (1967)** - cinema

CINEMA	PERSONAGENS-LEITORES	
	ALFREDO	NINI
Cine Teatro (Repres. do Tangará)	X	
A Estrada da vida (filme de Feline 1954, personagem Gelsomina)	X	X
Filme da Vida de Cristo	X	X
The Hurricane (filme O Furacão, 1937)	X	

Fonte: COSTA, R. B. abril/2019

As manifestações de culturas em **Primeira Manhã** são diversificadas, já que desfilam neste livro um elenco de revistas, jornais, folhetos, livros, filmes, além das tradições culturais, tais como o Boi-Bumbá de Cachoeira, conhecido em outras regiões como Bumba Meu Boi¹⁴⁹, e o repertório de Chulas¹⁵⁰ do personagem Ramiro. No mês de junho, as tradições culturais se intensificam com representações de pássaros juninos, bois e teatros juninos: “vamos ver no cine-teatro poeira do barrigudo seu Messias a representação do Tangará. No palco, a feiticeira, com seus colares, suas pussangas, era num bosque, coitadinho do Tangará” (JURANDIR, 1967, p. 48).

O filme **A Estrada da Vida (1954)**¹⁵¹ ou **La strada** é um drama italiano de singular importância para a caracterização do cinema moderno. O filme foi o primeiro grande sucesso de Frederico Fellini (1920-1993), um dos mais importantes

¹⁴⁹ O Bumba Meu Boi é de origem europeia, uma tradição luso-ibérica que por sua vez foi inspirada em comédias populares italiana e inglesa, mas no Brasil incluiu aspectos da cultura africana e indígena.

¹⁵⁰ A chula marajoara foi adaptada a partir da chula do Rio Grande do Sul e da chula portuguesa.

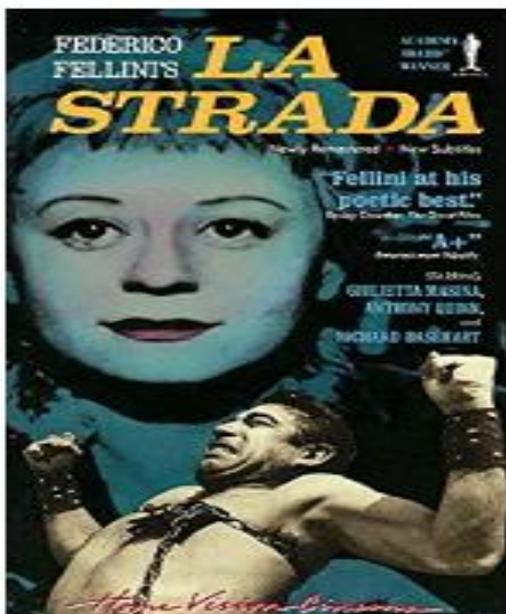
¹⁵¹ O filme obteve diversos prêmios, dos quais se destaca o Leão de Prata de Veneza e o Oscar para o diretor Fellini na categoria melhor filme estrangeiro.

cineastas italianos. Este cineasta tinha a capacidade de proferir críticas à sociedade, mas sem deixar a magia do cinema desaparecer, exemplo de artista que conseguiu conciliar arte e crítica social, assim como fez Dalcídio Jurandir na literatura.

No texto de Jurandir, o personagem Alfredo faz referência à personagem Gelsomina de um livro italiano que ele leu no Marajó. No entanto, na pesquisa, não foi encontrado o livro, mas o filme de Fellini de 1954 corresponde com as informações de Alfredo. Neste filme, a personagem Gelsomina representa um ser frágil e luta pela restauração da moral e da humanidade:

Gelsomina. Gelsomina, repete Alfredo devagar, como fugir deste orfanato? Gelsomina. — Bonita? Nini parece ofender-se. Alfredo apanha, lá em Cachoeira, o livro, aquele, da Itália. Leu no livro Gelsomina? Cabeça de Nini era ver a outra, em dia de círio, de cera, no carro das promessas. — Baile havia no orfanato? Te botaram entre as que desfilavam para a escolha da noiva? Nunca? (JURANDIR, 1967, p. 126).

Figura 41 - La Strada (VHS)



Fonte: <https://www.amazon.co.uk/La-Strada-VHS/dp/B000001A5E>

Alfredo expõe seus conhecimentos comparando Nini à personagem Gelsomina, de **A Estrada da vida**. E Nini, por sua vez, revela a faceta cultural do orfanato e informa que o filme exibido no orfanato: “**Vida de Cristo** [...] Cinema só-só a **Vida de Cristo**” (JURANDIR, 1967, p. 127).

Para Alfredo, “os sobrados lembravam [...] a Belém das primeiras tardes de piano, da fita **O Furacão**, o sonho de ali morar” (JURANDIR, 1967, p. 187). O filme **The Hurricane**, de 1937, ou **O Furacão**, foi dirigido por John Ford e exhibe a devastação de uma ilha da Polinésia Francesa, assim como no enredo do romance aconteceu a devastação ou ruína de um sonho que começou a desmoronar junto com a casa da Avenida Nazaré e foi seguido por uma sucessão de destruições.

No quadro de Diversos, encontraremos publicações que não poderiam ser inseridas em outros quadros, a começar por dois títulos da área de medicina: **Formulário e Guia Médico**, de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, livro que foi pesquisado na seção anterior e **La Clefs Du Diagnostic Individualite**, Paul Carton, lidos por Major Alberto e Alfredo.

Quadro 19: Leituras em **Primeira manhã (1967)** / Diversos

DIVERSOS	PERSONAGENS-LEITORES		
	MAJOR ALBERTO	ALFREDO	PROF. PENAFIEL
Formulário e Guia Médico, de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz ¹⁵²	X	X	
La Clefs du Diagnostic de l'individualité, Paul Carton (medicina 1934)	X	X	
Tratado da Civilidade e Etiqueta, Condessa Gencé	X	X	
Flamarion	X		
Diógenes	X		
Código do cidadão			X

Fonte: COSTA, R. B. abril/2019

Os livros da área de Medicina de Chernoviz e Paul Carton eram de consulta do Major Alberto para socorrer nas urgências da área de saúde: “seu Juanico, sabedor dos males na cabeça, ouve também o Major Alberto que consulta o Chernoviz, com os catálogos embaixo da rede” (JURANDIR, 1967, p. 34). Alfredo reencontra em Belém o livro que o pai lia no Marajó: “o senhor, meu pai, ‘**La clef du diagnostic**’, tão empoeirado, as traças comiam” (JURANDIR, 1967, p. 239).

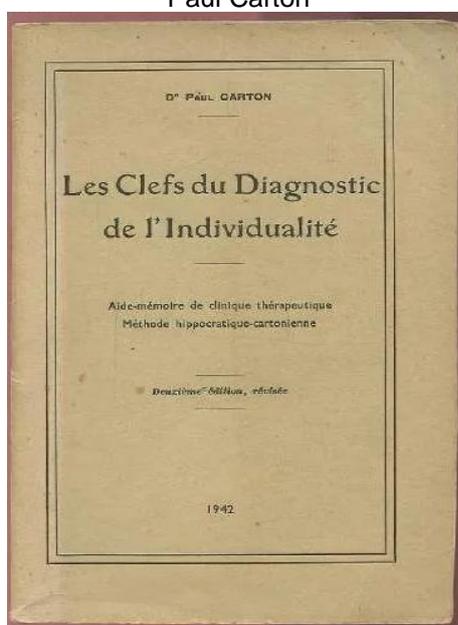
Ao fazer referência ao livro, o personagem Alfredo deixa vazios a serem preenchidos, isto porque, no livro **La Clefs du Diagnostic de l'individualité**, de Paul Carton, há uma indicação de pluralidade para situações individuais, ao passo

¹⁵² Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1812 –1881) foi um médico, acadêmico e editor polonês que desenvolveu sua carreira e fama no Brasil.

que na memória do personagem a lembrança do livro é mencionada no singular inúmeras vezes no texto, o que indica a procura de uma única solução para sua vida, isto é, a chave (La Clef).

Por outro lado, enquanto Major Alberto está lendo os livros de medicina para buscar soluções de doenças, D. Amélia continua a receitar seus conhecimentos populares para curar enfermidades dos pobres na ilha do Marajó. Na narrativa, há o encontro do popular e do erudito: Major Alberto busca nos livros de medicina informações para a cura de certas doenças, enquanto Dona Amélia já informa seus conhecimentos populares para a cura de doenças.

Figura 42 - La Clefs du Diagnostic de l'individualité,
Paul Carton



Fonte:

<https://fr.shopping.rakuten.com/offer/buy/362132714/les-clefs-du-diagnostic-de-l-individualite-aide-memoire-de-clinique-therapeutique-methode-hippocratique-cartonienne-de-paul-carton.html>

Na primeira aula de francês, o personagem Alfredo relembra do livro em francês que o pai consultava, **La clef du diagnostic**. A recordação do pai em atividade com a língua francesa era mais presente e didática do que o esforço da professora para ensiná-lo:

[...] subiu para a aula de francês, a primeira. Francês! E não estás aqui, Luciana, nem ao pé da janela, — quanto apreciavas! — o senhor, meu pai, “La clef du diagnostic”, tão empoeirado, as traças comiam. Mas de onde vem esta, balançando as argolas, endureceu no estrado, uma estaca de gola gema de ovo, sapato alto, o dedo sobre a aula como um

verme?[...]Toda ela é um giz de saia [...] o catarro didático” (JURANDIR, 1967, p. 239).

No decorrer da leitura, outros nomes de escritores são citados, tais como: Flamarion e Diógenes. Esses eram antigos “moradores” da estante do Major Alberto:

Para achar, por exemplo, a gravatinha de elástico, percorria o universo, as filosofias e o telhado, pois ocorreu uma tarde que os ratos levaram a gravata para um recanto de telha, meio limoso e secreto lá pelas bandas da dispensa. Por isso, na cozinha, a mãe ouviu falar de Flamarion e Diógenes. O Major ia se sentir de menos ao dar por falta do velho habitante. Farejaria a ausência no ar, tinha um pressentir, a estante avisava. (JURANDIR, 1967, p. 22).

Camille Flamarion foi um espírita francês de grande cultura e erudição que viveu durante os séculos XIX e XX, amigo de Allan Kardec e Diógenes de Sinope, também conhecido como Diógenes, o cínico, um filósofo da Grécia Antiga. O Major Alberto os tinha como referências na sua estante, posto que se encontram citações sobre eles em outros livros do ciclo do Extremo Norte.

No quadro de Diversos, Alfredo ainda faz referência ao Tratado da Civilidade e Etiqueta, da Condessa Gencé: “vamos primeiro retirar da estante, no chalé, aquele Tratado da Civilidade e Etiqueta, da Condessa, descoberto por acaso, folheia aqui e ali” (JURANDIR, 1967, p. 122) e o professor Penafiel ao Código do cidadão: “Cidadão é toda pessoa que está em condições de ser útil à Pátria”, leu num magrinho e mofento “Código do Cidadão”, folheado ao pó e escurume morno do sebo da Santo Antônio. (JURANDIR, 1967, p. 235).

Na edição de **Primeira Manhã**, elaborada pela EDUEPA em 2009, a pesquisadora Marlí Furtado em “**Primeira Manhã**: As culpas soterradas de Alfredo”, chama atenção para uma colagem no texto de Jurandir retirada do conto **O voluntário**, de Inglês de Souza, do livro **Contos Amazônicos**, de 1893. O fragmento que segue é de **O Voluntário**, colado no texto de Jurandir.

É naturalmente melancólica a gente da beira do rio. Face a face toda a vida com a natureza grandiosa e solene, mais monótona e triste do Amazonas, isolada e distante da agitação social, concentra-se a alma num apático recolhimento, que se traduz externamente pela tristeza do semblante e pela gravidade do gesto. O caboclo não ri, sorri apenas; e a sua natureza contemplativa revela-se no olhar fixo e vago... . (JURANDIR, 1967, p. 69).

O trecho retirado é exatamente igual ao do texto de Inglês de Souza e isto confirma que o escritor aproveitava as produções locais para construir ou reconstruir os seus textos. O fragmento destacado não utiliza personagens para leitura; no entanto, ele vem somar com o quantitativo de livros lidos pelo escritor Dalcídio Jurandir.

5 O CICLO DA FÊNIX NO EXTREMO NORTE: UM SENTIDO PARA A DESTRUÇÃO DE CIDADES, LIVROS, LEITURAS E ESTUDOS?

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota
e adiar para outro século a felicidade coletiva.
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.

(Carlos Drummond de Andrade)¹⁵³

Nos livros **Ponte do Galo**, **Os habitantes**, **Chão dos Lobos** e **Ribanceira**, Dalcídio Jurandir ainda focaliza a zona periférica de Belém; no entanto, percebe-se que nesses romances há um declive que leva a uma possível dissolução, ou seja, as leituras são menos densas, ocorrência percebida a partir de **Ponte do Galo** em que alguns personagens como Salu, grande leitor de folhetins, abandona suas leituras e os livros são encontrados em ruínas. O protagonista Alfredo continua na busca de uma chave – La clef, para seguir um caminho.

A busca do protagonista por uma direção na vida o faz viajar para o Rio de Janeiro, local em que experimenta mais dissabores; após esta experiência, ele retorna a Belém para seguir rumo a Ribanceira, uma pequena cidade em ruínas localizada às margens do Rio Amazonas. Lá, o protagonista se depara com cidade e comunidade deterioradas, mas consegue aprimorar sua instrução para a vida, tomando como princípio a relação com a sociedade e sua contribuição para reestruturá-la.

O ciclo da Fênix¹⁵⁴ encontra convergência no ciclo do Extremo Norte, uma vez que encontramos a nítida ideia de destruição, nas imagens narrativas que vão do sétimo ao nono livro e a tênue ideia de renascimento, presente no final do décimo livro de Dalcídio Jurandir.

A pergunta que abre a quinta seção e aponta para o sentido de destruição de cidades, livros, leituras e estudos pode ser respondida se analisarmos os quatro últimos livros do ciclo de Jurandir. Isto porque, a ideia de esfacelamento carrega também o sentido de decadência, queda, ruína, fragmentação, encontrado na

¹⁵³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do mundo. Elegia 1938.

¹⁵⁴ Fênix representa um pássaro da mitologia grega que, quando morria, entrava em autocombustão e, passado algum tempo, ressurgia das próprias cinzas. A Fênix tornou-se um símbolo de força, da imortalidade e do renascimento.

composição do texto jurandiano, visto que o “esfacelamento”, segundo a pesquisadora Marlí Furtado “é um dos traços de composição [na obra de Dalcídio Jurandir]” (FURTADO, 2010, p. 174), especialmente observado em **Ribanceira**, onde o escritor responde artisticamente à pergunta com trechos engenhosamente elaborados que darão vazão à hipótese cíclica de renovação, renascimento.

As leituras praticadas no núcleo urbano periférico passam de desagregadas a esfaceladas, até chegar à dissolução para alguns personagens, como Salu, que passará de leitor intensivo para leitor desencantado com as leituras. Os caminhos dissolutos passam pela periferia da **Ponte do Galo**, seguem os mesmos caminhos periféricos em **Os habitantes e Chão dos Lobos** e rumam para **Ribanceira**, onde Dalcídio Jurandir termina o desenho social das comunidades amazônicas.

5.1 As Leituras em Ponte do Galo

Ponte do Galo é o sétimo romance dos dez que compõem o ciclo do Extremo Norte e está dividido em duas partes: na primeira, Alfredo vai passar férias na cidade de Cachoeira e se envolve em algumas ocorrências com parentes e moradores da cidade; e, na segunda, Alfredo volta a Belém para novas aventuras em suas periferias, especialmente empreende a busca por Luciana, a filha do coronel Braulino.

O título do livro é muito representativo no sentido de figurar a existência de um trânsito - ponte - que liga dois universos periféricos ou não hegemônicos: Marajó, ilha periférica em relação à capital e um bairro periférico de Belém.

Neste romance, as leituras não serão evidenciadas de forma ostensiva como nos outros romances; pelo contrário, os personagens vão mostrar-se menos afeitos à leitura, como se estivessem cansados ou desgastados. Isto será percebido pela maneira de descrição dos livros de ex-leituras. Dos personagens que demonstram este aspecto, Salu é o exemplo mais marcante.

Um grande número de leituras citadas em **Ponte do Galo** são repetições de textos já percorridos nos romances anteriores, motivo pelo qual as obras repetidas não serão estudadas, exceto alguma referência que tenha importância no romance. Assim, a novidade fica por conta de doze obras inéditas neste estudo do ciclo jurandiano, que serão descritas em um quadro que foi composto para o romance de 1971.

Quadro 20 – Leituras em **Ponte do Galo** (1971)

TEXTOS	PERSONAGENS-LEITORES						NARRADORA
	MAJOR ALBERTO	ALFREDO	SALU	DUDU	BRASILIANA	AMÉLIA	
Oh que aspérrimo dezembro – poema	X						
Escrich ¹⁵⁵			X				X
Manuscrito Materno			X				
Rainha e mendiga			X				X
Pardaillan ¹⁵⁶			X				
Rocamble ¹⁵⁷			X				
Julio Verne			X				X
História do imperador Carlos Magno e os doze pares de França ¹⁵⁸			X				X
Psiche ¹⁵⁹	X	X					
Rapunzel							X
O lago, de Lamartine		X					
O francês sem mestre		X					
Grandes Enigmas da Natureza	X	X					
Provocações e debates	X	X					
Como fiquei rico criando galinhas	X	X					
A gazetinha	X						
Jornal Cachoeira Nova							X
Cristo nunca existiu	X	X					
A vida de Sta Rita de Cássia	X						
Sumé – Contos Pátrios							X
Amor de perdição	X						
Ópera – O guarani	X					X	
Diário oficial					X		
O conde de Monte Cristo					X		X
Flamarion	X						
Cobra Norato		X		X			
Le Clef Du diagnostic							X
Vida doméstica					X		

Fonte: COSTA, R.B. abril/1919

Em **Ponte do Galo** são reproduzidas muitas leituras que já foram arroladas nos livros anteriores com os mesmos leitores. No entanto o romance apresenta uma particularidade, por apresentar leitores e um ex-leitor, o personagem Salu, visto que o entusiasmo do personagem pela leitura, tão evidente no livro **Chove nos campos**

¹⁵⁵ A torre de Escrich é a definição para a quantidade de livros do Escritor Escrich lidos por Salu.

¹⁵⁶ **Les Pardaillan** é o nome do primeiro livro de Michel Zevaco

¹⁵⁷ Rocamble é o personagem criado por Ponson du Terrail **Les Drames de Paris** (1857-1860) publicados sob forma de folhetins diários

¹⁵⁸ A leitura deste livro é feita por personagens nos livros **Marajó** e **Primeira Manhã**.

¹⁵⁹ Psiche, Psyché ou Psique é a divindade que representa a personificação da alma humana. O mito foi narrado em O Asno de Ouro, de Apuleio, segundo Zeferino Rocha.

de **Cachoeira**, se desfaz em **Ponte do Galo**, Salu aparece no romance sem estímulo para leitura. O personagem Alfredo percebe a mudança e comenta “o seu Salu já não lê. Pra ele, os livros já morreram” (JURANDIR, 1971, p. 53). Salu confirma as suspeitas de Alfredo e comenta que “ler já se foi o tempo. Leitura, agora, cupim quem faz [...] mostrou o **Manuscrito Materno**, roído a maior parte” (JURANDIR, 1971, p. 23).

Como vimos no primeiro romance do Ciclo do Extremo Norte, Salu se apresenta com euforia pelas leituras, mas esta se perde com o passar do tempo. Em **Ponte do Galo**, o comércio de Salu denota uma imagem tenebrosa; no entanto, é possível computar mais leituras realizadas por ele, posto que esta não foi arrazoada no primeiro romance de Jurandir:

a taberninha — uma caverna de folhetins, romance por toda a parte, fascículos de tantos anos que Salu lia sem-fim. E espiou pela janela de lado, como se ali espiasse tudo que se inventou de façanha e enredo, um arquivo de peripécias. Entre as barras de sabão borboleta desmoronava o **Rocamble**. A torre de Escrich inclinava-se sobre um urinol de louça ali à venda, conte tempo, nem Alfredo tinha nascido. À volta do paneiro de farinha aberto, o **Pardaillan** pela metade. (JURANDIR, 1971, p. 23, grifo nosso).

O Rocamble citado no trecho é mais um personagem folhetinesco criado por Ponson Du Terrail, agora em **Les Drames de Paris** (1857 – 1860), com aproximadamente treze episódios publicados no formato folhetim e depois editados em volumes, segundo Nunes (2016)¹⁶⁰.

No mesmo trecho da citação, há a referência a **Les Pardaillan**, de Michel Zevaco, um jornalista produtor de dez romances populares surgidos entre 1905 e 1918, no jornal **La Petite République socialiste e Le Matin**. Um dado explicitado no fragmento é que o livro estava “pela metade”, o que indica duas possibilidades: que ele foi parcialmente destruído ou que a leitura foi parada na metade do livro mas, de

¹⁶⁰ NUNES, Maíra de Souza. **As demolições de Paris: a Modernidade em “Rocamble”** (1857-1870). História: Questões & Debates, Curitiba, volume 64, n.2, p. 181-211, jul./dez. 2016. Explica que as aventuras de Rocamble compreendem aproximadamente 13 episódios principais publicados sob forma de folhetins diários e depois em volumes, conforme edição brasileira da Companhia Brasil Editora, de 1946, sob o título de Rocamble e composta por 12 episódios reunidos em oito volumes: TERRAIL, Ponson du. Rocamble. São Paulo: Companhia Brasil Editora, 1946. (Coleção Particular). Volumes: 1. A Herança Misteriosa; 2. O Clube dos Valetes de Copas; 3. As Proezas de Rocamble; 4. A Desforra de Baccarat / Os Cavaleiros do Luar / O Testamento do Grão de Sal; 5. A Ressurreição de Rocamble; 6. A Última Palavra de Rocamble; 7. As Misérias de Londres / As Demolições de Paris; 8. A Corda do Enforcado / As Maravilhas do Homem Pardo.

qualquer forma, a leitura nunca mais foi retomada, pois ele já não lia mais, conforme explicou Alfredo.

Seguindo ainda as indicações de trechos do livro **Ponte do Galo**, notamos a referência à obra **Enigmas da natureza** e à Psiche, encontradas por Alfredo na estante do pai, no Marajó. O livro **Enigmas da Natureza** não foi encontrado em nossa pesquisa, havendo uma obra que se aproxima dela: **Os grandes enigmas da Natureza**. Em relação a Psiche a pesquisa revelou que a palavra faz referência ao mito narrado em **O Asno de Ouro**, de Apuleio, neste caso a Psiche pode ser traduzida para Psiquê, uma personificação da Alma humana.

Do peixe, ou da água, nasceu o homem, dizia um antigo lá do longe tempo e agora o livro, folheado ao acaso na estante do pai. Na estante do pai, encadernações, feitas pelo Eutanázio, sobre a origem do homem, os “**enigmas da natureza**” e quem foi **Psiche**, o esperavam. (JURANDIR, 1971, p. 31, grifo nosso).

O Jornal **A Gazetinha**, comentado em **Três casas e um rio**, é novamente citado em **Ponte do galo**, motivado por entusiasmo do pai, Major Alberto ver seu filho no retorno às aulas. Apesar do jornal ter ficado um tempo parado, Major Alberto preparou uma edição do jornal com a seguinte notícia: “seguiu para Belém, a fim de continuar os seus estudos, o menino Alfredo Coimbra”. (JURANDIR, 1971, p. 07). O fato de ter um filho estudando na cidade era motivo de muito orgulho e pretexto para ser noticiado para que todos tomassem conhecimento do fato.

A respeito da atividade tipográfica em Cachoeira, os jornais estavam parados por conta da escassez de papel para produzir os periódicos, Alfredo observava a situação em que o jornal “**Cachoeira Nova**” [estava] esperando papel, à sua exasperação surda. (JURANDIR, 1971, p. 45). Em Cachoeira, é anunciada a existência de três jornais: **O Cachoeira**, referido em **Chove nos Campos de Cachoeira**, **Gazetinha**, informado em **Três casas e um rio** e **Cachoeira Nova**, que é citado em **Ponte do Galo**. Os jornais **O Cachoeira** e **Gazetinha** realmente existiram, conforme já referido na terceira seção.

O conto de fadas de **Rapunzel**, recolhido pelos irmãos Grimm, é revivido na imaginação de Alfredo, numa cena em que vê D. Brasiliana desenrolando o cabelo: “o secreto caminho o chamava? Será que a D. Brasiliana lhe desenrola o cabelo na janela até embaixo, e por ele subirá” (JURANDIR, 1971, p. 34). A cena desenvolve um senso maior de observação em torno de D. Brasiliana e seu secreto comércio

ilícito. Esta personagem é singular no texto jurandiano e é uma das representações do feminino nos textos do escritor, se mostrando à frente de seu tempo, conforme veremos adiante.

O personagem Alfredo manifesta interesse em conhecer a poesia francesa; para isso, precisava progredir nas aulas de francês para chegar rapidamente aos textos poéticos. Revelava, desta forma, que já conhecia a poética francesa, já que cita o poeta francês, do século XIX, Alphonse de Lamartine:

Esta e aquela correção de pronúncia trazia um acento oracular. Com que pressa queria o aluno passar para as últimas páginas do Francês Sem Mestre, grossa edição portuguesa, onde o esperavam os poetas, principalmente ‘O Lago’, de Lamartine. (JURANDIR, 1971, p. 31).

Na inspeção da estante do pai, durante as férias, Alfredo descobre novas leituras: “Abelhudou pela estante: **“Provocações e Debates”**, **“Como Fiquei Rico Criando Galinhas”**, **“Cristo nunca existiu”**”. (JURANDIR, 1971, p. 52). Dos livros encontrados na estante do pai, o livro **Como Fiquei Rico Criando Galinhas** aparece explanado no livro **Passagem dos Inocentes**. O livro **Provocações e Debates**¹⁶¹, de Silvio Romero, discute questões que muito interessavam ao personagem Alfredo: as questões sociopolíticas no Brasil. Um dado a ressaltar é que este livro foi encontrado na estante do pai, o que indica que os personagens Major Alberto e Alfredo se interessavam pelas mesmas questões. Por outro lado, a formação intelectual de Alfredo cresce no decorrer do enredo do ciclo do Extremo Norte.

A personagem Dona Brasileira apresenta um estilo inovador no grupo de leitoras femininas no texto de Jurandir. Ela era assinante de periódicos e procurava conhecer as discussões sobre a mulher num cenário tão fechado a este tipo de assunto. Ela se denominava leitora de jornais e revistas: “sabe que acabei de tomar uma assinatura do “Diário Oficial?” Agora o meu ler é o “Diário Oficial” e “Vida Doméstica”. (JURANDIR, 1971, p. 122).

¹⁶¹ O livro *Provocações e debates*, de escopos diversos. Silvio Romero analisa os autores Amelia de Freitas Bevilaqua, Matheus de Albuquerque, Maria Clara da Cunha Santos, Phaelante da Camara e Pinheiro Chagas. Discute problemas sócio-políticos no Brasil e também as contribuições de Edmond Demolins e Le Play para o pensamento brasileiro. Há, ainda, escritos sobre a questão ortográfica, a escola literária do Recife, a definição do vocábulo “caipira”, uma carta de desculpa à Congregação do Ginásio Nacional, uma conferência sobre Duque de Caxias e o discurso à recepção de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras. Disponível em [https:// digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4992](https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4992). Acesso em 10 julho de 2019.

Das leituras de Dona Brasileira é relevante destacar a revista **Vida Doméstica** (1920-1962), isto porque a revista apresentava debates em torno dos ideais feministas de emancipação. Segundo Cardoso (2009), a revista debate as formas de representação do feminino, numa época em que os discursos ficavam na fronteira entre tradição e modernidade:

Identificam-se discursos contraditórios que situam o periódico entre o tradicional e o moderno, bem como a emergência de representações plurais do feminino, quais sejam: a mãe/esposa/dona de casa, a trabalhadora, a feminista, a melindrosa e a consumidora. Considera-se que essas representações indicam o caráter ambíguo e contraditório da modernização das relações de gênero, no período em estudo, apontando a possibilidade de vivência da feminilidade para além da maternidade e do casamento obrigatórios (CARDOSO, 2009, p. 103).

Ao inserir uma personagem feminina que lê textos que buscam discutir os ideais femininos, o escritor Dalcídio Jurandir novamente coloca em foco questões sociais que o mostram à frente de seu tempo. Assim como fez com as temáticas sobre religião, racismo, analfabetismo, ele chama o leitor pra debater esses assuntos ou simplesmente para informá-lo que o assunto existe e que precisa estar em pauta nas discussões.

Figura 43: Revista Vida Doméstica, nº 487, outubro de 1958

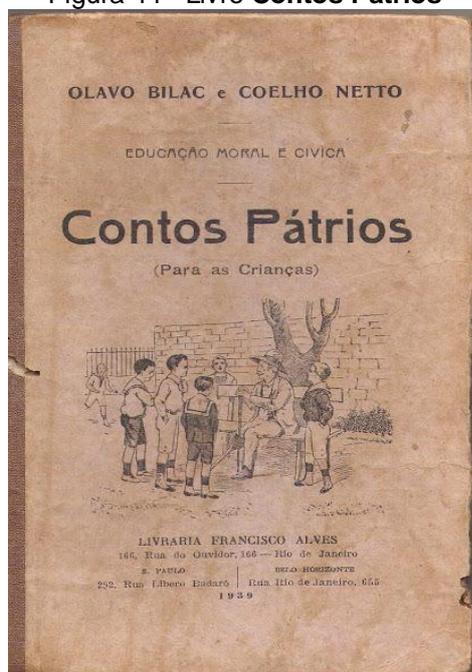


Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1126633403-revista-vida-domestica-out-58-_JM

Apesar dos personagens Alfredo e Alberto terem interesses comuns nas áreas de artes, literatura e política, há indícios de certa divergência no quesito religião, isto porque Alfredo procurava conhecer a religiosidade africana e embora o personagem consultasse a Bíblia e livros da religião católica, não manifesta inclinação para o cristianismo como o Major Alberto que era devoto de Santa Rita de Cássia e mantinha livros e um pequeno altar para a Santa, no chalé dos Coimbra. No entanto, o Major não desconhece a existência de outras religiões e estudos que vão de encontro a sua religião, como o livro **Cristo nunca existiu**, de La Sagesse.

O personagem Sebastião, marinheiro e tio de Alfredo, durante o relato de suas viagens, lembra de uma personagem do livro **Contos Pátrios**: “olhando o Comandante — mas já vi um parecido com esse — foste olhando e te lembrando duma figura de livro, sim, sim, o Sumé dos “Contos Pátrios”. (JURANDIR, 1971, p. 73). Sebastião é narrador de muitas histórias populares; no entanto, este é o único livro que é citado por ele no ciclo do Extremo Norte.

Figura 44 - Livro **Contos Pátrios**



Fonte: <http://www.blogdoconsa.com.br/2012/09/vovo-bie-encanta-criancas-de-escolas.html>

A referência ao livro **Contos Pátrios**, de Olavo Bilac e Coelho Neto, não acontece por acaso, visto que a edição de 1939 indica que é um livro para Educação Moral e Cívica. A disciplina Educação Moral e Cívica se estabeleceu no Brasil, no ano de 1936, embora ela já existisse antes dessa data. A adoção da disciplina no

currículo escolar data de 1940, durante o governo de Getúlio Vargas. No ano de 1969, a disciplina foi retomada pela ditadura militar (1964 – 1985), com o objetivo de controlar os jovens estudantes. Este governo adotou uma linha nacionalista e atingiu o ápice em 1970, período em que houve censura em todos os meios de comunicação.

O livro **Ponte do Galo** foi publicado em 1971, ano em que entrou em vigor a segunda versão da Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Com ela, a Comissão de Moral e Civismo, criada em 1970, foi transformada em órgão de doutrinação, que passou a controlar o ensino de forma absoluta.

5.2 As leituras em Os habitantes

O romance **Os habitantes** é o oitavo romance dos dez que integram os livros do Extremo Norte. Foi publicado em 1976 e é ambientado na periferia de Belém. A narrativa retrata a década de 1920 e o personagem Alfredo é focalizado envolvido na vida cotidiana do subúrbio belenense e ainda persegue a trilha que desvenda o mistério sobre o desaparecimento de Luciana.

No livro, é retratado o dia-a-dia na periferia, onde antigos problemas são levantados, como a questão das moscas na cidade e a morte de pessoas; e a situação sanitária em Belém, nos primeiros anos do século XX, com péssimas condições de higiene e saneamento básico precário. A saúde pública aparece em muitas páginas do livro, com referências aos hospitais existentes em Belém, como a Santa Casa de Misericórdia, o Hospital da Ordem Terceira, o hidroterápico Beneficente Portuguesa e o Asylo de Tucunduba ou Hospício dos Lázaros.

As leituras e autores encontrados no romance **Os Habitantes** seguem as já praticadas pelos mesmos personagens em títulos descritos nas seções anteriores, tais como: **O Francês sem mestre**, os romances folhetins, **D. Quixote**, **Os Miseráveis**, **História do imperador Carlos Magno**, jornal **Folha do Norte**, revista **O Malho** e **Os Lusíadas**. A novidade fica por conta da ênfase dada ao livro **Os Miseráveis**, de Victor Hugo, **Vozes D’Africa**, de Castro Alves, **Jornal Utopia** e ao autor **Kroptkine**.

Os textos e autores são rerepresentados em quadros de leitura se novas informações ou complementações de análises se fizerem necessárias, conforme já informado; desta forma, a repetição se fará por acréscimo de dados.

No quadro a seguir, serão relacionados quatro personagens-leitores: Alfredo, Major Alberto, Salu e Laudelino e um narrador que também apresenta grande parte dos títulos de leitura no quadro.

Quadro 21: Leituras em **Os Habitantes** (1976)

TEXTOS	PERSONAGENS-LEITORES				NARRADOR
	ALFREDO	MAJOR ALBERTO	SALU	LAUDELINO	
O Francês sem mestre	X				X
Romance Folhetim: Manuscrito Materno, de Escrich	X		X		X
D. Quixote	X	X ¹⁶²			
Vozes D'Africa, de Castro Alves	X				
Os Miseráveis, de Victor Hugo	X				
História do imperador Carlos Magno e os doze pares de França ¹⁶³			X		
Jornal Utopia	X				X
Jornal Folha do Norte					X
Jornal A imprensa				X	X
Revista O malho					X
Os lusíadas					X
Kopotkin ¹⁶⁴					

Fonte: COSTA, R. B. abril/2019

As inquietações de Alfredo em torno da afrodescendência e da luta pelo social estavam mais presentes. O fragmento abaixo, meio codificado, explicita a luta para esclarecer a população sobre os seus direitos e suas verdadeiras lutas. No trecho da página 21 e da página 29 é mostrado que tanto o leitor quanto o tipógrafo eram observados e censurados.

Alfredo calou-se, receoso, sabendo até onde Utopia era o Catu, o tipógrafo, que compunha e imprimia na fabriquinha os rótulos dos sacos de papel. A toda hora, em casa, era Nini com o nome dele, e o que Catu sabia da rua,

¹⁶² Faz comparações de Alfredo com o D. Quixote

¹⁶³ A leitura deste livro já foi analisada nos livros **Marajó, Primeira Manhã**, em **Ponte do Galo** é lembrada.

¹⁶⁴ Piotr Kropotkin (1842-1921) foi um anarquista revolucionário. A grafia do nome do escritor difere da encontrada no livro **Os Habitantes**, de 1976

das tipografias, do querer, jurado, ter uma oficina, dono dela um dia. Alfredo se chegava: Nini, bem que Catu podia ficar com aquela tipografia de Cachoeira, anos fechada, um dia roubada inteira. Durante anos, os ratos ali imprimiam seus jornais de telhado, os morcegos compunham pasquins mal-assombrando a vila. Uma madrugada, chega o dono da tipografia, mete a chave, vira, custou, sacudiu a porta, abre, e nada encontra senão um rato podre e as letras B e S no cimento. Parte para o chalé, indaga do Major, o Major num espanto, tudo sumiu? Correu que tinha sido Edgar Menezes, e só Rodolfo, o tipógrafo no chalé, lastimava aquele fim. Era um patrimônio cachoeirense. (JURANDIR, 1976, p. 21).

O escritor Dalcídio Jurandir intensifica seu projeto social apresentando em **Os Miseráveis**, de Victor Hugo e **Vozes D’Africa**, de Castro Alves, as ideias com temáticas socialistas, de liberdade, igualdade e o desejo de mudança:

O estudante [...] encontra no chão o Francês sem Mestre, o segundo volume de Os Miseráveis, a oração de Santa Rita dos impossíveis para mandar ao pai, o Castro Alves, as cartas de Raul — Nini mexeu ou não me lembro se deixei assim desarrumado. Sem abrir a luz no quarto, abriu o atlas, abriu na África, aquela costa, ali, aqui, de onde, de onde o brigue que trouxe aquele bisavô e a que preço? O deserto, o oceano, os leões, a esfinge, pulavam, bêbados, na lição de geografia. (JURANDIR, 1976, p. 29)

O personagem Alfredo encontra os livros com temáticas socialistas jogados no chão e desarrumados. Verificamos neste trecho, uma sutileza ao tratar sobre a perseguição que sofriam os intelectuais que se dispunham a estudar o assunto.

Com ideias socialistas, o personagem Seu Lício, que representa um revolucionário na narrativa, escrevia e lia, sob as luzes das velas na Igreja da Sé. **O semeador**, muito comentado por ele, era um periódico que representa suas ideias. Na igreja, também lia os livros de Piotr Kropotkin: “passavam pela Sé onde o seu Lício, lá dentro, frente ao altar, usando as velas, lia beatificamente o seu Kropotkine agora encadernado”. (JURANDIR, 1976, p. 95). Segundo MORAES (2015). O aspecto central na teoria política de Kropotkin centra-se na crítica ao capitalismo dominado politicamente pelo Estado e economicamente pelo sistema do salário.

5.3 As leituras em Chão dos Lobos

O ano de 1976 é profícuo para o escritor Dalcídio Jurandir. Ele lança a segunda edição de **Chove nos Campos de Cachoeira**, pela Editora Cátedra, publica **Os Habitantes**, pela editora Artenova e **Chão dos Lobos** pela Editora Record, que se configura como nono romance do ciclo do Extremo Norte.

Em **Chão dos Lobos**, o personagem ainda está em busca de um norte para a sua vida. Neste romance, Alfredo tem a certeza que perdeu o ginásio e empreende uma viagem para o Rio de Janeiro. Lá, experimenta muitas adversidades e resolve retornar para a periferia de Belém.

Quadro 22: Leituras em **Chão dos Lobos (1976)**

TEXTOS	PERSONAGENS-LEITORES										
	ALFRDO	VIOLANTE	PEREIRINHA	ODAEA	MAJOR ALBERTO	ZANOIA	ITALIANO ¹⁶⁵	SEBAS TIÃO	RIBEIRO	RODRIGUES	IMACULADA
Ah, que aspérrimo dezembro!					X						
História do Imperador Carlos Magno e os doze pares de França ¹⁶⁶	X	X				X					
Folhetos da Guajarina						X					
Bíblia					X						
Amor de Perdição					X					X	X
O monge de Cister										X	X
Nelly La gigolette											
Revista Belemita											
Olavo Bilac											
Augusto dos Anjos			X								
A divina comédia			X								
Lord Byron			X								
A condessa cega						X					
A condenada a morte						X					
A Carne (Júlio Ribeiro) ¹⁶⁷	X										
Quo Vadis ¹⁶⁸	X										
Poema Luxo								X			
Petrarca							X				
As noites na taberna									X		

Fonte: COSTA, R. B. abril/2019

¹⁶⁵ O personagem Italiano é filho da Catânia

¹⁶⁶ Solicitou livro a Alfredo para ler.

¹⁶⁷ Alfredo solicitou o livro a seu Ribeiro para ler

¹⁶⁸ Alfredo solicitou o livro a seu Ribeiro para ler

Das leituras encontradas no nono romance, a novidade fica por conta de 14 novas leituras que não foram referidas nas seções anteriores: Revista **Belemita**, Olavo Bilac, Augusto dos Anjos, **A divina comédia**, Lord Byron, **A condessa cega**, **A condenada à morte**, **A Carne**, **Quo Vadis**, Poesia **Luxo Lixo**, Petrarca, **As noites na taberna**, **Monge de Cister** Nelly La gigolete. Algumas leituras e autores encontrados em **Chão dos Lobos** já foram explanados nas seções anteriores, tais como: a poesia **Ah! Que aspérrimo dezembro**, **História do Imperador Carlos Magno**, **Folhetos da Guajarina**, **Bíblia** e **Amor de Perdição**. No entanto, surgem novos leitores para A história do imperador Carlos Magno e Amor de Perdição: Violante, Zanoia, Rodrigues e Imaculada.

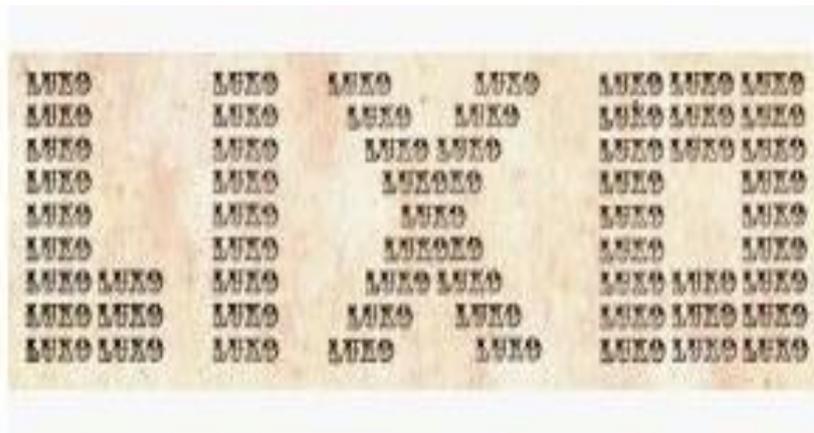
A Revista **Belemita**, provavelmente, é uma criação ficcional de Jurandir, posto que dela não foi encontrado registro físico. No romance de 1976, o narrador informa que a revista é manuscrita e que Pereirinha apreciava poesias, especialmente as de Olavo Bilac, Augusto dos Anjos e Dante Alighieri. No caderno de matemática de Pereirinha estavam grafados alguns versos de **A Divina Comédia**,

Alfredo afasta-se, avista o Pereirinha que fazia no Marco da Légua revista manuscrita Belemita, sem nunca trazê-la no Ginásio. Sempre com o Bilac debaixo do braço. Por dentro dos livros um e outro soneto de Augusto dos Anjos e escrito, repetido, no caderno de matemática: L'Amor che move il sole e l'altre stelle¹⁶⁹ (JURANDIR, 1976, p. 27).

No mesmo romance, são citados ainda a poesia de Lord Byron, poeta romântico Inglês, do Ultrarromantismo, o poeta Italiano Francesco Petrarca e o poema concreto 'Luxo', de Augusto de Campos. Este último, numa citação indireta em conversas entre personagens:

¹⁶⁹ O verso: L'Amor che move il sole e l'altre stelle. (O amor que move o sol e as outras estrelas) é de composição de Dante Alighieri, Paraíso XXXIII, V. 145

Figura 45 – Poema Luxo (1965)



Fonte:file:///C:/Users/Rbc/Downloads/Dialnet-OPoetaDaExperimentacao-6072173.pdf

A personagem Zanoia lia romances para a mãe, que tinha veneração por leituras; no entanto, não sabia ler. Dos livros lidos, ela se refere à **A condessa cega e A condenada a morte**. Na pesquisa, **A condessa cega** foi encontrada com o título de **A Condessa cega e a máquina de escrever**: uma história da Itália do século XIX, de Carey Wallace, publicado em 2011. Assim, não é possível precisar que se trata do mesmo volume lido por Zanoia. Na pesquisa, não foi possível saber se a publicação de Wallace remonta a algum título antigo que estivesse guardado em alguma biblioteca e, quanto ao livro **A condenada a morte**, não foram encontradas pistas em relação a ele.

O senhor tem por aí aquele do Imperador Carlos Magno e os doze Pares? [...] A mãe queria ouvir romance toda hora ou folhetos da Guajarina, onde achar? Andava pelos vizinhos catando este e aquele, agora lia A Condessa Cega, A Condenada à morte, lia com muita pausa, rendendo, retardando o mais possível, e a mãe, pelas noites, a escutar, adeus, sono, escutando, nunca satisfeita, então parecia que a vizinhança dormindo escutava também (JURANDIR, 1976, p. 52).

Na leitura de Zanoia, os modos de leitura podem ser observados, já que o narrador informa que ela lia com muita pausa para render a leitura e também para que a mãe pudesse escutar e entender o texto lido.

O personagem Alfredo se importa com as preocupações literárias da leitora Zanoia e se dispõe a conseguir livros. Assim, surgem novos títulos, como **A Carne**,

de Júlio Ribeiro, o **Carlos Magno**, já referenciado e **Quo Vadis**¹⁷⁰. Em outro trecho, seu Ribeiro está relendo “**As Noites na Taberna.**” (JURANDIR, 1976, p. 72).

Correu na casa do seu Ribeiro.

— Tem aí um romance qualquer?

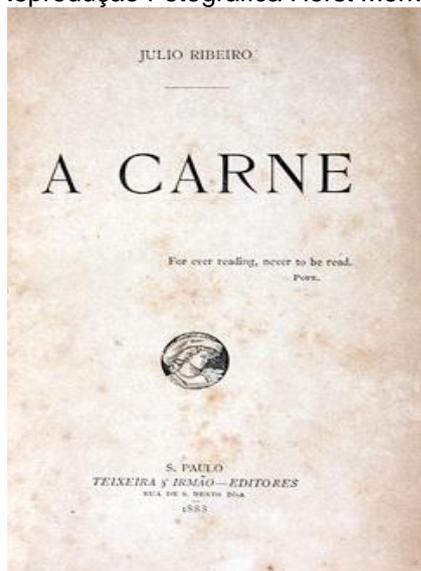
— A Carne? A Carne?

— De moça ler e velha ouvir. Um. Mas bem enorme. Tem o Carlos Magno?

— Bem enorme? Quo Vadis? Serve? (JURANDIR, 1976, p. 59).

O episódio sobre a busca de um livro para oferecer à leitora Zanoia, confirma que tanto Alfredo quanto Ribeiro conheciam o conteúdo do livro, posto que ele rejeita a sugestão de Ribeiro na oferta do livro de Júlio Ribeiro, dizendo que queria um livro de “moça ler e velha ouvir” (JURANDIR, 1976, p. 59). O episódio de leituras de Zanoia também relembra os títulos de leituras lidos por Salu.

Figura 46 – Livro **A carne** (1888), de Júlio Ribeiro
Reprodução Fotográfica Horst Merkel



Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa607286/julio-ribeiro>¹⁷¹

Sobre Nelly La Gigolette, foi encontrado um cartaz que informa se tratar de uma atriz que encenou diversos filmes italianos.

¹⁷⁰ Quo Vadis? Pode ser traduzido “Para Onde vais?”. É livro épico clássico, de Henryk Sienkiewicz

¹⁷¹ JÚLIO Ribeiro. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa607286/julio-ribeiro>. Acesso em: 25 de Jul. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Odaléa [...] Canta baixinho:
 À noite convida o apache
 A gigolete, a gigolete...
 — Já sabemos o que é apache, o que é gigolete, Odaléa?
 (JURANDIR, 1976, p. 20)

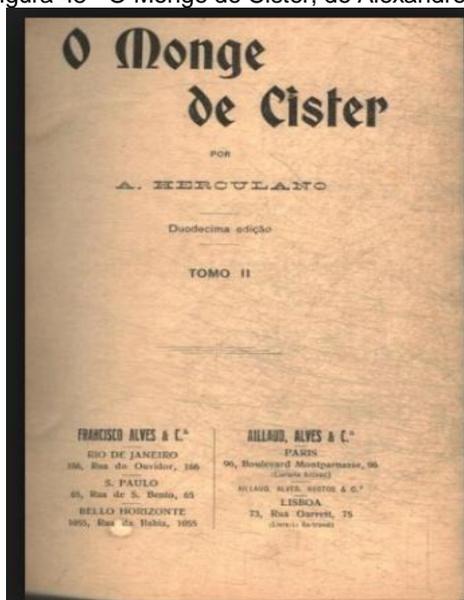
Figura 47 - Nelly La Gigolete



Fonte: <http://www.lombardiabeniculturali.it/stampe/schede/6x010-03073/>

Em **Chão dos Lobos**, o personagem Rodrigues sempre lia junto à esposa Imaculada. Um dos livros referidos pelo personagem foi **O Monge de Cister**, de Alexandre Herculano.

Figura 48 - O Monge de Cister, de Alexandre Herculano



Fonte: <https://www.traca.com.br/livro/1001400/monge-cister/>

O leitor Rodrigues era alcoólatra e se desfazia dos livros de sua biblioteca vendendo-os no sebo e, aos poucos, ia fragmentando sua fonte de cultura: “Monge

de Cister, Rodrigues? Também foi no lote que levaste ao sebo para tuas águas, rapaz? Onde o puseste? Já bebeste o Monge?” (JURANDIR, 1976, p. 79). O sentido de beber explícito no fragmento é figurado, não tem relação com leitura e sim, com o hábito de Rodrigues de vender os livros no sebo para beber e se embriagar.

Na fala Imaculada, da esposa de Rodrigues, ela deixa claro que o marido vendia os livros no sebo, ou seja, na loja de livros usados. Desta forma, a livraria, loja referenciada no primeiro livro do ciclo, cede lugar ao sebo, ratificando, assim, a informação da decadência e até do local onde eram comercializados os livros.

5.4 As leituras em Ribanceira

O romance **Ribanceira** (1978) é o décimo e último livro do ciclo do Extremo Norte e dá nome à cidade fictícia em que Alfredo vai trabalhar, detalhada como uma pequena cidade em ruínas, localizada às margens do Rio Amazonas. Lá, o protagonista se depara com uma comunidade deteriorada, mas é neste lugar que ele conclui sua instrução para a vida, sem grandes idealismos, porém sempre conduzidos pelos princípios sociais que o formaram.

Neste romance, há uma suposta decomposição da figuração da leitura no ciclo. As evidências para esta culminância começam a ganhar forma em **Ponte do Galo** e, gradativamente, vão gerando sentido a começar pela definição que se pode extrair do título do romance, como sinônimo de precipício, abismo ou margem declivosa, direcionando-se para uma orientação de perda de esperança em relação às leituras e ao analfabetismo. No entanto, dentre as leituras encontradas neste sinuoso romance, aparece uma Cartilha de ABC na lista de compra de mercadorias dos madeireiros, que pode representar uma esperança, diante de tantas leituras já referidas no ciclo jurandiano. Assim, o ciclo da Fênix, referido no início desta seção converge para as ideias de destruição e para ideia de renascimento.

O leitor de **Ribanceira** também faz círculos de avanços e retrocessos, visto que se depara com um texto que apresenta diferentes graus de dificuldade em decorrência da técnica narrativa empregada pelo escritor para apresentar a ficção. No texto que abre esta seção, Furtado (2010) informa que o esfacelamento é o traço composicional do escritor, isto porque há uma pulverização de informações que dificulta a obtenção de respostas do texto. Na verdade, o texto se deixa liberto para ser ressignificado pelo leitor, sem dar respostas prontas.

Na pesquisa de personagens-leitores em **Ribanceira** foram elencados apenas cinco leitores; contudo, estes leitores são somados ao narrador que também faz referência a títulos de livros. Esses dados estão disponíveis em um único quadro, visto a inexpressiva quantidade de obras arroladas no texto.

No quadro que indica leituras e personagens-leitores em **Ribanceira** (1978), são apresentados os personagens-leitores: Alfredo, coronel Cássio, capitão, Seu Dó e Intendente, além de um narrador-leitor. A quantidade de textos é distribuída de forma desproporcional aos leitores fictícios, haja vista que somam onze textos, na seguinte distribuição: cinco para o coronel Cássio, dois para o capitão, um para Alfredo, um para o Senhor Dó, um para o Intendente e um para o narrador.

Quadro 23 – Leituras em **Ribanceira** (1978)

TEXTOS	PERSONAGENS-LEITORES					NARRADOR
	ALFREDO	EX-INTENDENTE CEL. CÁSSIO	CAPITÃO	SEU DÓ	INTENDENTE	
O Guarani – José de Alencar						X
O Guarani – Protofonia de Carlos Gomes ¹⁷²			X			
Livro “O Francês sem mestre”	X					
Le Grand Larousse Encyclopédique en dix volumes		X				
Catálogo da Galeria Lafaiete ¹⁷³		X				
Jornal O País		X				
Pepita Calvo ¹⁷⁴		X				
Bruges, a morta		X				
Leitura de cartas				X		
Lovelace ¹⁷⁵					X	
Anais da biblioteca e arquivo público, Correio do Município ¹⁷⁶			X			

Fonte: COSTA, R. B. abril/2019

¹⁷² A ópera “O Guarani”, criada por Carlos Gomes e baseada no livro homônimo de José de Alencar, foi o primeiro sucesso de uma obra musical brasileira no exterior. Cf. <https://www.bn.gov.br/explore/destaques-do-acervo/guarani-carlos-gomes>

¹⁷³ Revistas informativas sobre os produtos de Loja de departamentos francesa – A Galeries Lafayette

¹⁷⁴ <http://hemeroteca.abc.es/nav/navigate.exe/hemeroteca/madrid/abc/1929/11/13/040.html>. Atriz

Pepita Calvo Velasquez

¹⁷⁵ Referência à atriz Linda Susan Boreman (Linda Lovelace) do filme Garganta Profunda de 1972.

¹⁷⁶ Leituras que o Capitão faz em voz alta

O personagem Alfredo, grande leitor nos oito romances do ciclo, neste romance lê aspectos sociais da cidade e o livro “**O Francês sem mestre**”, que já foi explorado em outras obras do ciclo. O personagem Alfredo surge, também, no texto do narrador: “aqui Alfredo já se fazia **Peri** diante das duas, palmeira escolhida para salvá-las da enchente, dos miasmas, da vila no escuro com o sino batendo e o defunto no Trapiche pedindo lhe devolvessem o fígado” (JURANDIR, 1978, p. 27, grifo nosso). O narrador emprega o nome de um personagem – Peri - da obra **O Guarani**, de José de Alencar, para caracterizar o personagem Alfredo, durante a narração de uma cena. No mesmo fragmento, há, ainda, alusão a Promeu em “pedindo que lhe devolvessem o fígado”.

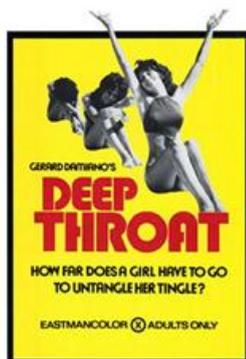
Seu Dó é um personagem vidente e curandeiro que lia, pelas cartas, os acontecimentos passados e futuros e, analfabeto, comentava com emoção suas leituras: “Isto que aqui se deu, compadre, vi escrito, eu não sei o A, foi antes quando aqui ninguém cismava no que ia suceder.” (JURANDIR, 1978, p. 51). As leituras de seu Dó eram de adivinhações de um passado ou futuro, representando outro tipo de leitor.

O intendente faz referência a um fiscal que é denominado de Lovelace, “o Fiscal, o velho Lovelace, não empine tanto a crista, contando com o triunfo” (JURANDIR, 1978, p. 75). A alcunha do fiscal de Lovelace pode ser relacionado à Lovelace¹⁷⁷, atriz pornô que iniciou a luta feminina contra a pornografia nos anos 70. Em **Ribanceira** (1978), o fiscal Lovelace estava envolvido no caso de sedução de uma menor: “[E]la nega a sedução. Não se deu por seduzida nem diz ao certo se foi ele o primeiro ou não [...]” (JURANDIR, 1978, p. 75).

O filme Garganta Profunda (Deep Throat), de 1972, foi protagonizado por Linda Lovelace e foi uma das maiores rendas em bilheteria nos EUA no ano de 1972. Neste período, acontecia o movimento de libertação social e feminismo em ascensão. Assuntos que interessavam ao escritor Dalcídio Jurandir.

¹⁷⁷ Linda Susan Boreman (1949 – 2002), conhecida como Linda Lovelace, foi atriz de filmes pornôs americanos nos anos 70 e ativista dos direitos femininos. Conforme dissertação de: SEMIN, Nancy Leigh. **An Examination of Linda Lovelace and her Influence on Feminist Thought and the Pornographic Industry in America.** Disponível em: <http://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/4009/semind99028.pdf?sequence=2> e <http://nucleogenerosb.blogspot.com/2011/01/historia-de-linda-susan-boreman-de.html>. Acesso em janeiro 2020.

Figura 49 – Cartaz original do filme Garganta Profunda



Fonte: <http://nucleogenerosb.blogspot.com/2011/01/historia-de-linda-susan-boreman-de.html>.

O cartaz do filme apresenta a ideia de liberdade feminina, mas era muito distante da vida da atriz, já que ela faz comentários na época que filmou as cenas de sexo, no filme, sob a mira de um revólver, e só em 1980 é que consegue expor a situação vivida por ela no livro **Ordeal** ou **Provação**, após provar que estava falando a verdade ao passar por um detector de mentiras.

Em **Ribanceira**, o Capitão gostava de ler em voz alta os Anais da biblioteca e arquivo público e também apreciava músicas, visto que: “sentou praça por paixão da Banda de Brigada, ouvindo aqueles dobrados, fez letra e música de duas marchas militares, tinha em casa, infelizmente quebrado, o disco do **Guarani**, a Protofonia” (JURANDIR, 1978, p. 81).

Figura 50- Partitura de O Guarani



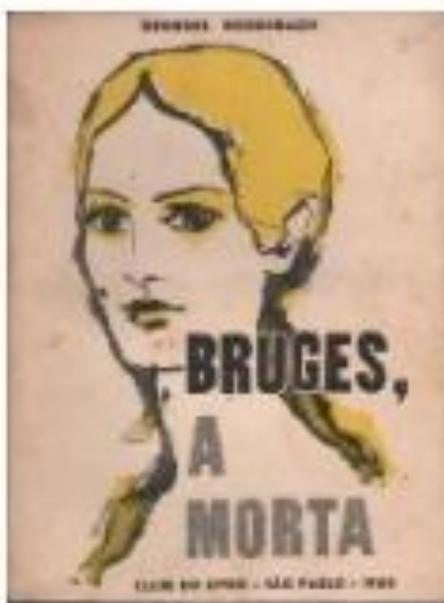
O Guarani (Partitura)

Fonte: <https://www.bn.gov.br/explore/destaques-do-acervo/guarani-carlos-gomes>

O personagem faz referência à profonia¹⁷⁸, da ópera “O Guarani”, criada por Carlos Gomes e baseada no livro homônimo de José de Alencar. Foi o primeiro sucesso de uma obra musical brasileira no exterior, que teve estreia no Teatro Alla Scalla de Milão, na Itália.

O Coronel Cácio apreciava folhear os livros trazidos da Europa. Os livros adquiridos pelo Coronel apontam para “a estampa de **Bruges, a morta**, [...] o **Larousse** e o **catálogo da Galeria Lafaiete, 1912**” (JURANDIR, 1978, p. 81, grifo nosso). A estampa de **Bruges, A Morta** (1892), refere-se ao livro de Georges Rodenbach (1855-1898), escritor belga inserido na estética simbolista que descreveu em seus livros o ambiente de sua região natal.

Figura 51 – **Bruges, a morta**



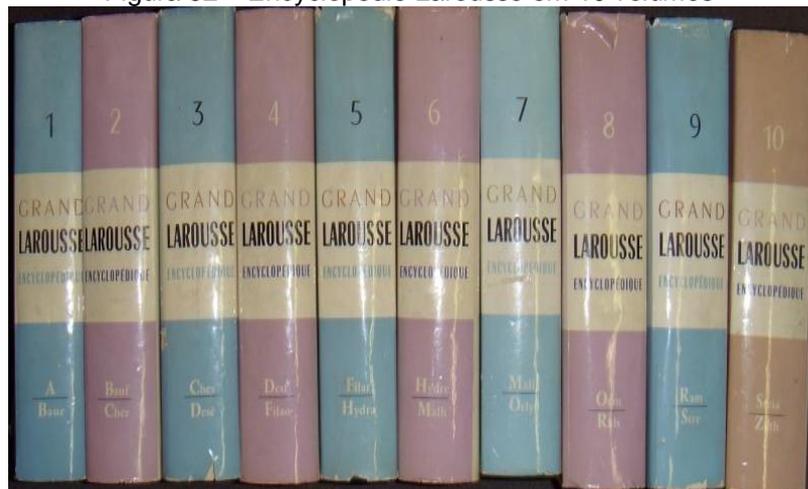
<https://www.estantevirtual.com.br/livros/georges-rodenbach/bruges-a-morta/1226406623>

O personagem tinha uma **Larousse**¹⁷⁹, enciclopédia contendo livros de diversos ramos de conhecimento, em dez volumes. As indicações na leitura de **Ribanceira** mostram que o Coronel possuía a versão francesa, visto que a brasileira só desponta no mercado a partir do ano de 1998.

¹⁷⁸ Introdução orquestral de ópera.

¹⁷⁹ Le Grand Larousse Encyclopédique en dix volumes. Uma espécie de dicionário enciclopédico.

Figura 52 – Encyclopedie Larousse em 10 volumes



Fonte: <http://www.leclinicum.com/encyclopedie-larousse-en-10-volumes/>

Figura 53 – Catálogo da Galeria Lafayette¹⁸⁰

Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-842657856-mostruario-catalogo-revista-aux-galeries-lafayette-paris-913-_JM

Os catálogos folheados pelo Coronel pertenciam à Galeria Lafayette, uma grande loja de departamento francesa que tem sua marca presente em vários locais da França e em outros países.

Os catálogos da Galeria faziam parte da estratégia utilizada para a aceleração de venda de suas mercadorias. O coronel ostentava, junto aos miseráveis moradores da cidade de Ribanceira, um idioma que eles estavam longe de conhecer.

Chama atenção em Ribanceira uma profusão de línguas e linguagens. No entanto, **O Francês Sem Mestre** marca sua presença nos caminhos percorridos por

¹⁸⁰ No livro **Ribanceira** está grafado Lafaiete e na pesquisa encontramos Lafayette.

Alfredo, embora o necessário para estar na cidade Ribanceira era simplesmente sentir, por ser um universo diferente e caótico.

Assim, encontrou-se em **Ribanceira** uma variedade de trechos que apontam para a profusão de línguas e linguagens que também podem ser entendidas como leituras:

Do francês:

Alfredo se espicha para a rua a fingir impaciência: o padre demorando. Nisto, o Coronel Promotor Público.
— **Vualá!** Temos carne, Secretário? **La viande?**
(JURANDIR, 1978, p. 306, grifo nosso).

No leme da igarité — **Mon bateau! Mon bateau!** — o Coronel Promotor bebendo na garrafa, cachimbo aceso, manda o tapuinho encurtar os cabos da bijarruna e Alfredo olha a nuvem que ameaça feio a travessia. Soltando foguete, leme na mão, garrafa entre as pernas, o Coronel Promotor: A Paris! A Paris! Tempo arria, a custo entram no afluente. (JURANDIR, 1978, p. 313, grifo nosso).

Do latim:

Consta que São Benedito anda farto de morar em casa alheia, a casa é do Santo Antônio. Mas agora não tem remédio. Os dois santos **se tolerem secula seculorum** debaixo do mesmo telhado.
(JURANDIR, 1978, p. 33, grifo nosso).

Do Regional:

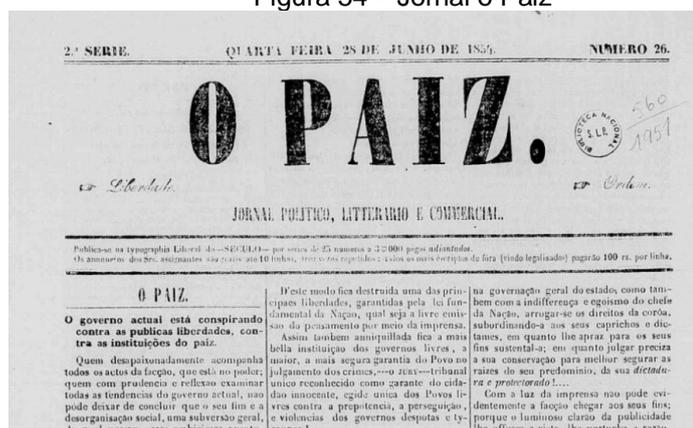
Ao sair, sozinho, dá com a espiã, a indiarana, fugindo.
— **Lobisomando** a comadre Idalina do Itaperera, Secretário?
(JURANDIR, 1978, p. 313, grifo nosso)

Do artístico:

Tambariramba! Tambariramba! Vinte homens rolam toros à luz dos tachos na várgea. Tambariramba! Vira! Tufa! Maracajá Vamoembora, rã! Estremece, pau! Rompe, Faustino! Ah, pau macho! Rô! Hu! Rá! Tambariramba! Tambariramba! O facho mostra aquela argamassa de ombros e lama, faúlham os paus na estiva. Esta luz divide o mundo. Vinte, curvados e retesos, rolando no atoleiro o seu castigo. (JURANDIR, 1978, p. 323).

Retornando aos personagens, o coronel lia o Jornal **O País**¹⁸¹ (1884 -1934). Era um periódico carioca que se destacou por apresentar participação nas campanhas abolicionistas e republicanas. O primeiro redator-chefe do jornal foi Rui Barbosa. Sobre o jornal, ainda cabe destacar o subtítulo de jornal político, literário e comercial.

Figura 54 – Jornal o Paiz



Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital> 15/02/2018

E, por fim, o Coronel guardava um cartaz de Pepita Calvo. “é a Calvo, a Pepita. [...] Cantou no Teatro da Paz na opereta... Já nem lembro...” (JURANDIR, 1978, p. 81). Depreende-se que o coronel frequentava teatro, visto que guardava cartazes das apresentações no Teatro da Paz. A história de Pepita Calvo Velázquez foi muito difícil de recuperar. As informações sobre a atriz são imprecisas, mas confirmou-se que, de fato, existiu entre 1910 – 1970¹⁸².

Para provocar o cenário de ruína em Ribanceira, Jurandir insere um trecho em que figuram os livros de leitura das **Mil e uma noites**, visto que estes são encontrados com teias de aranha, sinal que deixaram de ser manuseados:

Pelos fundos da loja, encontra num baú sem tampa três volumes das **Mil e Uma Noites**. Véus de teia de aranha cobrem a moça do califa escoltada pelos morcegos (JURANDIR, 1978, p. 325).

Em **Ribanceira**, os madeireiros fazem a lista de aviamentos do que vão precisar e o curioso é que, no final da lista, está relacionada a compra de uma **Cartilha de ABC**.

¹⁸¹ No livro **Ribanceira** está grafado País e no periódico encontrado na biblioteca nacional destaca a grafia Paiz.

¹⁸² O ano da morte de Pepita Calvo é impreciso. Na pesquisa encontramos as datas de 1966 e 1970.

Mede com o Francom os madeiros trazidos ao barracão.
Cada palmo daquela coaruba retém sumo de vinte peitos e ombros. Agora
no trapiche os vinte se banham de silêncio e cachaça.

3 alqueires de farinha
1/2 saca de sal
5 molhos de tabaco
10 metros de brim
50 g de linha americana
50 g de maná
6 cáfi aspirinas
6 chapéus de carnaúba
1 maço de cera
1 barra de sabão amarelo
3 purgantes de ipeca
1 pente cook
3 m pano americano grosso
1 dedal
1 maço de abade
3 carretéis de arame viola
1 pó joane
250 g de sal amargo

1 cartilha de abc

Olhando os aviamentos, folheando a carta de abc, o madeireiro velho: - Lá
no Alto, sim, é de lei, o cedro reina. Lá, terra preta, chão de cedro. Cedro!
Uma árvore tão só, sem um ninho, com a sua desgraça de ser grande.
(JURANDIR, 1978, p. 324-325, grifo nosso)

O velho madeireiro emite um comentário ao folhear a cartilha de ABC, em que relaciona o Cedro com alfabetização, visto que o cedro é madeira de lei, com grande valor comercial, e se desenvolve sozinha, pelo porte alto que possui; no entanto, tem um gosto amargo. A representação da Cartilha de ABC seria um retrocesso ou uma perspectiva futura de reinício das leituras? É a pergunta deixada pelo fragmento do livro de Dalcídio Jurandir.

Figura 55 - Cartilha método ABC



Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1021404820-cartilha-metodo-abc-antigo-material-escolar-anos-70-me-_JM?quantity=1

A esse respeito, cabe, por fim, destacar um estudo feito por Furtado (2017), explicando sobre a mediação de leitura em textos de Dalcídio Jurandir.

nem tudo precisa ser explicitado, as vezes, as pistas são mais interessantes, pois incita a imaginação e a ansiedade do leitor, daí os finais em aberto da maioria dos enredos do Extremo Norte ou a linguagem entremeada do que chamo de notações líricas, com imagens carregadas de luz, cor e movimento. (FURTADO, 2017, p. 115)

O livro **Ribanceira** traz exemplo desse argumento de Furtado, em que se fazem presentes as notações líricas. O leitor deste livro não pode ficar preso ao plano textual mas, sobremaneira, em captar os diálogos imprecisos, os pensamentos inconclusos, além da música e do movimento.

As leituras do ciclo, neste estudo, vão desaparecendo assim como desaparecem as histórias narradas por Nhá Fé.

— Nhá Fé, nos estorie uma. Aquela-uma.
 Nhá Fé os olhos na cumeeira onde pendurou a memória:
 — Raspam tudo que foi de recordância de dentro da mea cabeça, sa gente. Noutro da, sim? Memória na cumeeira, rato comeu. Me deixem esperar meu sono mascando meu tabaco. [...]
 — eu tinha um alqueire, delas [histórias] agora é só o paneiro sem fundo.[...] Escoou-se um silêncio (JURANDIR, 1978, p. 16).

A personagem Nhá Fé afirma que colocou sua seleção de histórias “num paneiro sem fundo” de difícil acesso, para justificar que sua memória estava fraca. A citação da personagem serve como epitáfio no estudo sobre as leituras dos personagens, na certeza de que ainda existe muita leitura implícita no “alqueire” de textos escritos por Jurandir.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso acusar e desmontar, praticamente, a força e a miséria que negam a arte e a cultura [...] a condição econômica, - arriou sobre nós um peso enorme de tédios, ânsias mórbidas, burocracias, deformações irreparáveis.... A cultura virou boemia. [...]. Continuamos a lutar pelo pão, mas a arte vem lutar ao nosso lado, compreendendo que do resultado dessa luta depende o seu futuro, a sua maior expressão de liberdade e de vida!

Dalcídio Jurandir¹⁸³

A leitura das obras do Ciclo do Extremo Norte, de Dalcídio Jurandir, proporcionou, a cada novo deciframento de texto e/ou retomada de releitura, descobrir extraordinárias significações nos escritos encontrados e, ainda, percorrer caminhos que levam a conhecer melhor um dos objetivos traçados pelo escritor marajoara que é contribuir para a sociedade, com sua arte literária que o consolida como um verdadeiro cidadão amazônida.

Na pesquisa, foram recuperados alguns textos que ajudaram a compreender o trânsito de leituras no Estado do Pará e também no Brasil, visto que foi preciso resgatar a origem e o trajeto de algumas edições para então entender que algumas citações não foram feitas ao acaso mas, que por trás delas existiam novas apropriações.

A atenção dada ao texto foi fundamental, no sentido de realmente decifrá-lo para encontrar autor e títulos. Desta forma, palavras ou segmentos frasais, que às vezes pareciam não ter nenhuma importância, carregavam uma carga de significação de grande alcance e, na maioria das vezes, se direcionava para um novo texto e na exploração de um novo livro. Todavia, foi comprovado nas pesquisas que alguns textos lidos por personagens não passavam de figurações, posto que nunca existiram e outros existiram, mas não puderam ser comprovados por não estarem disponíveis nas bibliotecas físicas ou virtuais e em acervos particulares.

¹⁸³ Carta de Dalcídio Jurandir a Bruno de Menezes por ocasião da publicação de À Margem do “Cuia Pitanga”. In. MENEZES, Bruno de. Obras completas. v. 2. Belém: SECULT: Conselho Estadual de Cultura, 1993. (Série Lendo o Pará, 14), p. 379 -380.

É relevante destacar que na execução do trabalho de pesquisa foi necessário realizar visitas a bibliotecas do estado do Pará, em especial a da Fundação Cultural do Estado do Pará (física e virtual), A biblioteca do Grêmio Literário Português, bibliotecas do Marajó, em Cachoeira do Arari e Ponta de Pedras, o Memorial do Livro Moronguetá, a Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional (física e virtual), além de consultas a bibliotecas virtuais francesas, portuguesas e espanholas.

A importância do trabalho de retomadas de títulos serviu para realizar um cotejo entre os textos encontrados na ficção e os encontrados no ambiente real e, assim, poder dimensionar os ganhos para a pesquisa e para o público, visto que a partir do estudo foi possível saber, por exemplo, sobre a existência de livros, revistas, almanaques, dicionários, catálogos e jornais que circularam em municípios do estado do Pará e no Brasil, oriundos de países como Portugal, França, Rússia, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos.

As leituras dos textos do escritor, jornalista, tradutor, crítico literário e de arte, Dalcídio Jurandir, permitiram construir três categorias de leitores: a primeira, focaliza o leitor-escritor; a segunda, resultado da primeira, que é o do narrador nos textos do Extremo Norte; e a terceira, que também derivada da primeira, é a dos personagens-leitores.

A primeira categoria, a do leitor-escritor emerge, neste trabalho, na edificação de uma biblioteca sem muros em que recuperamos grande parte no acervo da Casa de Rui Barbosa. Deste acervo, constam: 34 correspondências familiares, 17 correspondências de terceiros, 134 correspondências pessoais recebidas por Dalcídio Jurandir, entre os anos de 1930 até 1979, de diferentes locais do Brasil e do exterior, por expressivas personalidades do mundo artístico literário que, de alguma forma, alavancaram seu processo de leitura e escrita. Ressaltamos que a importância das cartas se deve às citações de obras para leitura e estudo utilizados na composição de seus personagens.

É relevante destacar a produção intelectual do escritor Dalcídio Jurandir que está “dormindo” nas estantes da Casa de Rui Barbosa, que somam um total de 311 produções, incluindo 02 artigos, 29 contos, 07 diários, 03 discursos, 01 ensaio, 01 entrevista, 01 letra de música, 10 notas, 01 partitura musical, 242 poemas, 07 prosas, 01 revisão de texto, 01 relatório, 01 revista, 03 romances e 02 trovas. Além desses trabalhos, ainda tomamos conhecimento de artigos do escritor como crítico

de literatura e arte, produções que não são conhecidas do público. O destaque, muitas vezes até reiterado, é por conta da relevância de uma vasta produção de um artista da região Norte ter um fabuloso acervo e ser conhecido apenas como o romancista do Extremo Norte.

A segunda categoria, a do leitor narrador, que se originou do leitor escritor, foi destacada neste estudo, contribuindo para a narrativa, motivo pelo qual este narrador leitor aparece nos textos e figura nos quadros de leituras ao lado dos personagens-leitores.

A terceira categoria, que também derivada da primeira, é a dos personagens-leitores. Foi por meio dela que chegamos à primeira, ou seja, ao ler os textos jurandianos percebeu-se o quanto de citações de títulos de livros existia e, assim, foi iniciado o trabalho de investigação que resultou na composição de 23 quadros para dez livros do Extremo Norte, isto porque, alguns livros possuem mais leituras e menos leitores e outros possuem mais leitores com quantidade de leituras variável.

Para organizar a conformação dos leitores em quadros, foi preciso entender a relação social entre eles na configuração de núcleos, de acordo com os livros. Desta forma, fizemos a distinção de forças hegemônicas e não hegemônicas entre os principais núcleos em que se estabeleceram personagens, destacando Belém com força hegemônica em relação às cidades do Marajó mas, ao mesmo tempo, a cidade de Belém-centro atua como força hegemônica em relação à cidade de Belém-periferia.

Na composição dos núcleos, apontamos os estudos de FURTADO (2010) e reconfiguramos os três núcleos. Desta forma, o primeiro núcleo se consolidou com os livros **Chove nos campos de cachoeira, Marajó e três casas e um rio**; o segundo núcleo, com os romances **Belém do Grão-Pará, Passagem dos Inocentes, Primeira manhã**; e o terceiro núcleo, com **Ponte do Galo, Os Habitantes, Chão dos Lobos e Ribanceira**.

No primeiro núcleo, emerge um desejo de conhecimento, uma verdadeira “comunidade de leitores”, na Ilha do Marajó, isto porque essa vontade de conhecimento é manifestada e executada pelas personagens, especialmente pelos leitores da família de Major Alberto, que expõem a necessidade da leitura e a situação das escolas e professores nas cidades do interior. Exceção feita ao livro **Marajó**, em que se destacam as matrizes sociais e em que não figuram os

componentes da família do Major como personagens. Deste primeiro núcleo, obteve-se o seguinte resultado: 26 leitores para 109 títulos.

No segundo núcleo, os personagens-leitores figuram na cidade de Belém, local em que as leituras se encontrarão dispersas, daí serem denominadas de “desagregadas”, visto que o número de leitores cresce; por outro lado, a evolução dos suportes de leituras também cresce e somam-se novos elementos ao objeto livro, como o cinema, o teatro e a música. Isto mostra uma modernização da cultura ao longo do ciclo. Deste segundo núcleo, obteve-se o seguinte resultado: 57 leitores para 105 títulos.

No terceiro núcleo, acontece um choque ou aniquilamento em relação à cultura. Nos livros deste núcleo, a ideia que desponta é de ruína e extermínio. Neste sentido, assistimos à derrocada da leitura, onde os assinantes de revistas se tornam ex-assinantes, os livros se tornam empoeirados, roídos, ou são vendidos em sebos e o estudante Alfredo tem a certeza que perdeu o ginásio. As ações acontecem na periferia de Belém e numa cidade em ruínas no interior, local onde Alfredo inicia sua carreira assumindo um cargo correlato ao do pai. Nesta cidade, latifundiários compram mercadorias na galeria Lafaiete e livros franceses que não leem enquanto madeireiros vivem num sistema escravocrata comprando mantimentos em pequenos comércios e compram cartilhas de ABC para ler. Deste terceiro núcleo, obteve-se o seguinte resultado: 26 leitores para 70 títulos.

Ao comparar o número de leituras e leitores no Extremo Norte, observa-se que houve impulso inicial, no primeiro núcleo, e depois esse número foi enfraquecendo a ponto de ficar desbotado. Esse resultado difere da expectativa de um resultado positivo para a educação no país. No entanto, esse desenho social da Amazônia foi previsto na literatura por Jurandir e isso é moderno e contemporâneo se compararmos com dados atuais de alfabetizados no Brasil, haja vista que, segundo dados do dia 19/06/2019, o Brasil ainda tem 11,3 milhões de analfabetos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) / suplemento de educação da Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua)¹⁸⁴.

Em relação à situação do analfabetismo no Brasil, foi uma questão social discutida por Jurandir e por grandes intelectuais da época, que lutavam por essa

¹⁸⁴ Jornal o Globo – Sociedade, do dia 21/06/2019 disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-ainda-tem-113-milhoes-de-analfabetos-23745356>

causa. O enfoque que merece destaque neste estudo foi a produção de revistas agrícolas para incentivar a venda de produtos, divulgar novas técnicas e vender revistas, utilizando expedientes como a distribuição de brindes aos assinantes. Também acompanhavam as revistas os almanaques e suplementos literários para estimular e intensificar a leitura, num país quase analfabeto.

Além da questão do analfabetismo, Jurandir chamou atenção para a situação do negro, no estado do Pará. Para ele, o assunto merecia um estudo mais aprofundado e travou contato com pesquisadores da época para entender melhor sobre a questão do negro e também sobre o cultivo da religião africana, conforme foi observado nas cartas. Tratou de forma séria a discriminação do negro ante a figura de descendentes europeus, a situação dos indígenas e a dos nordestinos que se estabeleceram em terras paraenses, durante o período áureo da economia da borracha.

Dentre as questões que o escritor Dalcídio Jurandir provocou em seus textos desponta, também, a situação da mulher, tema hoje muito discutido, ao que ele dedicou especial atenção. Desta forma, criou personagens que representavam a figuração feminina e imprimiu nelas resistência e força. Dos vários exemplos que existe no ciclo, Dona Brasileira é a personagem que merece destaque e, embora se apresente como secundária na narrativa, consegue se impor e mostrar ser uma mulher independente que lê produtos literários relevantes para o público feminino, como a revista *Vida Doméstica* (1920-1962), que apresentava debates em torno dos ideais feministas de emancipação e debatia também acerca das formas de representação do feminino, numa época em que os discursos ficavam na fronteira entre tradição e modernidade.

Por fim, Dalcídio Jurandir foi um escritor que esteve entre duas ditaduras brasileiras, a do Estado Novo (1937 – 1945) e a do Regime Militar (1964 – 1985). Durante este período, muitos intelectuais foram cerceados em sua arte; no entanto, Jurandir escreve o ciclo de 1941 a 1978, sem nunca ter sido censurado ou perseguido em seu trabalho de escritor, o que nos faz reconhecer valores em produto literário, visto que conseguiu falar e debater, nos textos, aquilo que era necessário divulgar. Assim, cabe à academia do Norte, especialmente UFPA, continuar o belíssimo trabalho que vem desenvolvendo para reconstrução das nossas identidades sociais pela Literatura. O produto deste trabalho certamente contribuirá para o resgate de uma literatura esquecida dos cânones, mas que está

ativa na academia do Norte, visto que ainda existe muito a ser explorado e divulgado sobre a Amazônia, que não representa o fim do mundo, mas que dela muito se pode conhecer e investigar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marcia. **Circulação de livros entre Europa e América**. Polifonia. V. 14. p. 161-174. Cuiabá. 2017.
- ABREU, Marcia. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.
- ANTUNES, Acácio. **O estudante alsaciano** - Monólogo. Lisboa: Editor Arnaldo Bordalo, 1914.
- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **As literaturas locais e o sistema literário nacional**. X Congresso ABRALIC 2006. Disponível em: www.abralic.org.br. Acesso em 18.07.2019
- ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Regionalismo, Modernismo e crítica social na Literatura Brasileira**, Nankin 2013
- ARDEL, Henri. **A dor de amar (Le mal d'aimer)**. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1920.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--]
- ASSIS, Machado de. **A mão e a luva**. São Paulo: Ática, 2010.
- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 2012.
- ASSMAR, Olinda Batista. **Dalcídio Jurandir: um olhar sobre a Amazônia**. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2003.
- AUGUSTI, Valéria. **Coleções de romances franceses na rota do atlântico**. In ABREU, Márcia (Organizadora). **Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2016.
- AUGUSTI, Valéria. **Coleções editoriais de baixo custo e traduções de romances franceses no acervo do Grêmio Literário Português do Pará**. Gêneros textuais / discursivos: ensino, aprendizagem e avaliação na educação básica n. 58 (Jun. 2019) Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11753/7182>. Acesso em: dez 2020.
- AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta: a moreninha e os dois amores**. 1998. Dissertação (Mestrado)-Universidade de Campinas, Campinas, SP, 1998. Disponível em: www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/pdf. Acesso em: 22 ago 2013.
- BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 3 ed. Trad.: J. Ginsburg. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Trad.: Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BAUDELAIRE, Charles. **Paraísos artificiais: o haxixe, o ópio e o vinho**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007.

BEDIAGA, Begonha. **VÁRIA HISTÓRIA**, Belo Horizonte, vol. 29, nº 49, p.169-195, jan/abr 2013 (p. 169 a 195)

BILAC, Olavo & NETTO, Coelho. **Contos Pátrios**. Francisco Alves, RJ, 1931. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/15contos.htm>. Acesso em 10 julho de 2019.

BOLLE, Willi. **Entre o ginásio e a escola da rua: oficina teatral com romances de Dalcídio Jurandir**. Revista USP, (96), 90-102. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i96p90-102> (2013).

BOLLE, Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1994.

BOLLE, Willi. **Uma enciclopédia mágica da Amazônia? O Ciclo Romanesco de Dalcídio Jurandir**. In LEÃO, Allison (org). *Amazônia: literatura e cultura*. Manaus: UEA Edições, 2012.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3 ed., São Paulo: Cultrix, 1981.

BRANCO, Camilo Castelo. **Amor de perdição**. São Paulo: Ática, 1976.

BRANCO, Camilo Castelo. **O romance d'um homem rico**. Porto: Typografia da Revista, 1861.

BRANDÃO, Ruth Silviano; OLIVEIRA, José Marcos Resende. **Machado de Assis leitor: uma viagem à roda de livros**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

BRASIL, Joaquim Francisco de Assis. **A cultura dos campos**. Paris: Mounier Jeanbin & Cia, 1905.

BRITO, Paulino de. **Grammatica primaria da língua portuguesa: para uso das escolas**. 31 ed. Belém: Falangola, 1959.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: EDUSP; Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e subdesenvolvimento**. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Entre o tradicional e o Moderno**: Os femininos na revista **Vida Doméstica**. Rio de Janeiro: **Revista Gênero** – UFF. Niterói, V.09, nº02, p. 103-134, 1. Sem. 2009.

CARNEIRO, Edison. **Religiões negras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

CARNEIRO, Eva Dayna Felix. **Belém entre filmes e fitas: a experiência do cinema, do cotidiano das salas às representações sociais nos anos de 1920**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História. Orientadora: Franciane Gama Lacerda, co-orientadora Maria de Nazaré Sarges, Belém 2011.

CARPEAUX, Otto Maria. Introdução. In: DOSTOIÉVSK, Fiódor. **Os irmãos Karamázov**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CARVALHO, HENRI DE. **A obra de Ernesto Nazareth**: síntese da particularidade histórica e da música brasileiras. Musica e Artes. Projeto história n 43. Dezembro de 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Informação sobre a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França**. In: **Cinco livros do povo**. Rio de Janeiro, 1953, p. 441.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 11. ed. ilustrada. São Paulo: Global, 2002.

CASTILHO, Antonio Feliciano de. **Outono, coleção de poesias**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1863.

CASTILHO, Visconde de. **Tratado de metrificação portugueza**. Porto: Livraria Moré-Editora, 1874.

CASTRO, Fábio Fonseca. **A cidade Sebastiana**: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade. Belém: Edições do autor, 2010.

CASTRO, Ribamar (org.). **Atos dos Governadores**, volume 1: 1891 a 1930 (Edição comemorativa dos 111 anos do Diário Oficial do Estado). Belém: Imprensa oficial, 2002.

CELINE, Annete; GOLD Christopher. **CD Cantigas**. Selo Brana Records, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1 Arte de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **Ler: uma operação de caça**. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2003.

CERVANTE Y SAAVEDRA, Miguel de. **D. Quixote de La Mancha**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL: 1988.

CHARTIER, Roger. **Do código ao monitor: a trajetória do escrito**. Est. Avan. Vol. 8 no. 21 São Paulo May/Aug. 1994. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012. Acesso em: 18.07.2019

CHARTIER, Roger. **Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVII)**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI - XVIII**. São Paulo: UNESP, 2007.

CHARTIER, Roger. **(org). Práticas da leitura. São Paulo. Estação Liberdade, 1996.**

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores e bibliotecas na França entre os séculos XIX e XVIII**. Brasília: Editora UNB, 1994.

CHARTIER, Roger. **Crítica textual e História cultural: o texto e a voz, séculos XVIXVIII**. Leitura: teoria e prática, Campinas, p. 67-75, n.30, 1997.

CHARTIER, Roger. **Por uma Sociologia Histórica das Práticas Culturais**. In: CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHATEAUBRIAND, François René de. **Gênio do Cristianismo**, tradução Camilo Castelo Branco, 1860.

CONTRERAS, António. **Rainha e mendiga**. Tradução César da Silva. Lisboa: João Romano Torres1908. v.III

CONTRERAS, António. **Rainha e mendiga**. Tradução César da Silva. Lisboa: João Romano Torres1910. v.I

CONTRERAS, António. **Rainha e mendiga**. Tradução César da Silva. Lisboa: João Romano Torres1907. v.II

COSTA, Regina Barbosa da costa. **Imagens de Leitura em Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir**. 2014. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Pará 2014.

CRUZ, Miguel Evangelista Miranda da. **Marajó, essa imensidão de ilha**. Guarulhos: Parma, 1987.

DALLENBACH, Lucien. **Intertexto e autotexto**. In: Intertextualidades. Tradução de Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979, p. 51-76.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DAYAN, Daniel. **Os mistérios da recepção**. IN: NÓVOA, Jorge, FRESSATO, Soleni Biscouto, FEIGELSON, Kristian (org.) Cinematógrafo: um olhar sobre a história. Salvador: EDUFBA; São Paul: Ed. da UNESP, 2009.

DIDEROT. Éloge de Richardson In: **Oeuvres Esthétiques**. Paris: Éditions Garnier, 1968.

DOM CASMURRO, ano 4, n. 160, p. 01, 1940.

DUMAS, Alexandre. **O conde de Monte Cristo**, [n.d.].

ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção**. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ESCRICH, Henrique Perez. **A mulher adúltera**. Lisboa: Typographia Portugueza, 1873. v. I, II.

ESCRICH, Henrique Perez. **A mulher adúltera**. Lisboa: Liv. Ed. Mattos Moreira & Comp., 1973. v. III, IV.

ESCRICH, Henrique Perez. **O manuscrito materno**: romance de costumes. São Paulo: Edições Spiker, 1956. 3 v.

FAILLACE, Vera Lúcia Miranda. **Arquivo Arthur Ramos**: inventário analítico. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004. Disponível em: <<http://www.bn.br/>>. Acesso em: 05 maio 2014.

FARIA, Otávio de. “**Dois romancistas: Jorge Amado e Amando Fontes**”. In: Boletim de Ariel. Rio de Janeiro, (I,18) 1933. p. 7-8.

FARIAS, Fernando Jorge Santos. **Representação de educação na Amazônia em Dalcídio Jurandir**: (des) caminhos do personagem Alfredo em busca da educação escolar. Dissertação (Mestrado)-Belém: Universidade Estadual do Pará, 2009.

FERREIRA, Cássio Dandoro Castilho. **Leitura e literatura no século XIX**: considerações nas cartas e crônicas de Aluísio Azevedo. Disponível em: www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem04/COLE-_4320.pdf. Acesso em: 10 jul. 2013.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Os vândalos do apocalipse e outras histórias**: arte e literatura no Pará dos anos 20. Belém: IAP, 2012.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Tradução Cláudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FORSTER Edward Morgan. **Aspectos do Romance**. São Paulo: Globo, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FURTADO, Marlí Tereza. **Primeira Manhã**: As culpas soterradas de Alfredo. In JURANDIR, Dalcídio. **Primeira Manhã**. Belém: EDUEPA, 2009.

FURTADO, Marlí Tereza. **Chove nos campos de Cachoeira**: “A força bárbara e caótica de Dalcídio Jurandir na figuração da Amazônia. In ALBUQUERQUE, Gabriel; NASCIMENTO, Maria de Fátima (Orgs.). **Poesia e ficção na Amazônia brasileira**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

FURTADO, Marlí Tereza. **Dalcídio Jurandir e o realismo socialista**: primeiras investigações. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: Tessituras, Interações e convergências, 12,. 2008, [São Paulo]. **Anais ...** [São Paulo]: USP, 2008.

FURTADO, Marlí Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

GALLET, Luciano. **Canções Populares brasileiras**: Modinha Piano e canto. Editora Carlos Webrs & Cia, 1997.

GASPAR, Lúcia. **Editora Guajarina**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 04 julh. 2019.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. Trad. Maria da Penha Villalobos e Iolilo Lourenço de Oliveira. São Paulo: T.A. Queiroz , EDUSP, 1985

HOLANDA, Sílvio. **A tematização do ato de ler em Dalcídio Jurandir**: anotações em torno de Chove nos campos de Cachoeira. In: **Asas da Palavra-Revista de Letras**, Belém, v. 13, n. 26, 2010-2011.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Cotia: Ateliê, 2010.

IANNACE, Ricardo. **A leitora Clarice Lispector**. São Paulo: EDUSP, 2001.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2004.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão Pará**. 2. ed. Póvoa de Varzim: Europa-América, 1982.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. 2. ed. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2001.

JURANDIR, Dalcídio. **Nota sobre o centenário de Cervantes**. Literatura, ano 2, n. 5, jul/set. 1947.

- JURANDIR, Dalcídio. **Ponte do galo**. São Paulo: Martins: 1971.
- JURANDIR, Dalcídio. **Três Casas e um Rio**. 3. ed. Belém: Cejup, 1994.
- JURANDIR, Dalcídio. **Chão de lobos**. Rio de Janeiro: Record, 1976.
- JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vecchi, 1995.
- JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. 4. ed. Belém: CEJUP, 1941.
- JURANDIR, Dalcídio. **Linha do Parque**. 2. ed. Belém: Falangola Editora, 1987.
- JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. 3. ed. Belém: Cejup, 1992.
- JURANDIR, Dalcídio. **Os Habitantes**. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1976.
- JURANDIR, Dalcídio. **Passagem dos Inocentes**. 2. ed. Belém: Falangola Editora, 1984.
- JURANDIR, Dalcídio. **Primeira manhã**. São Paulo: Martins: 1967
- JURANDIR, Dalcídio. **Ribanceira**. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- KLEIMAN, Ângela. **O conhecimento prévio da leitura**. In: KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008. p. 13.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2011.
- KRIJANOWSKI, Wera. **A vingança do judeu**. De J. W. Rochester, [n.d].
- LAJOLO, Marisa. **A Leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.
- LINHARES, Temístocles. **História crítica do romance brasileiro: 1729-1981**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. Volume II
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.
- LLOSA. Vargas. **Folha de São Paulo**, 14/08/1995, p. 12
- MACEDO, José Rivair. **Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no Novo Mundo**. Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre | BUCEMA [En ligne], Hors-série n° 2, 2008.

MAIA, Maíra oliveira. **Para além da decadência – a aristocracia do pé no chão na Belém de Dalcídio Jurandir**. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Pará. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de pós-graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2017.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revistas: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da USP: Fapesp, 2008.

MCKENZIE, Don F. **Bibliografía y sociología de los textos**. Traducción de Fernando Bouza. Madrid: Ediciones Akal, S.A. 2005

MENDES, Murilo. **Convergência, 1963/1966: 1 — convergência; 2 — sintaxe**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

MENDONÇA, Simone Cristina. **Letras e livros em Belém (1822-1850)**. São Paulo: Scortecci editora, 2016.

MENEZES, Bruno de. **Obras completas**. v. 2. Belém: SECULT: Conselho Estadual de Cultura, 1993. (Série Lendo o Pará, 14)

MEYER, Marlyse. **Folhetim: Uma história**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.
MICHELETTI, Guaraciaba; SPARANO, Magali E. (orgs). **Estilística: texto, discurso e ensino**. São Paulo: Editora Terracota, 2016.

MORAES, Wallace dos Santos de. **Kropotkin – história intelectual de um anarquista revolucionário**. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5007/1980-3532.2014n12p64>. Acesso em 10 de julho de 2019.

NADAF, Yasmin Jamil. **O romance folhetim francês no Brasil: um percurso histórico**. Letras, Santa Maria, v. 19, n. 2, p. 119-138, jul./dez. 2009 Disponível em: http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r39/artigo39_008.pdf. Acesso em: 22 ago 2013.

NEJAR, Carlos. **História da Literatura Brasileira: Da carta de caminha aos contemporâneos**. São Paulo: Leya, 2011.

NOBRE, Izenete Garcia. **Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém oitocentista**. Belém, 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)-Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

NUNES, Benedito. **Crivo de papel**. São Paulo: Ática, 1999.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 2003.

NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (Org.). **Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia: literatura & memória**. Belém: SECULT, [Rio de Janeiro]: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2006.

NUNES, Maíra de Souza. **As demolições de Paris: a Modernidade em “Rocambole” (1857-1870)**. História: Questões & Debates, Curitiba, volume 64, n.2, p. 181-211, jul./dez. 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011.

PANTOJA, Edilson. **Morte, desamparo, nihilismo e liberdade: abalo e entusiasmo ante Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir**, Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

PEREIRA, Arthur Ramos de Araújo. **Negro brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

PEREZ, Renard. **Escritores Brasileiros Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

PETIT, Michele. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2012.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. **Os romances de Enrique Perez Escrich: Cotidiano de leituras na Biblioteca Provincial do Ceará**. Disponível em: http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/romances_enrique.doc. Acesso em: 22 ago. 2013.

PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. **Um lugar para o tempo dos letrados: leituras, leitores e a Biblioteca Provincial do Ceará na segunda metade do século XIX**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará, 2014.

PRESSLER, Gunter Karl. **O maior romancista da Amazônia: Dalcídio Jurandir - e o mundo do arquipélago de Marajó**. In: PRESSLER, Gunter Karl. **Amazônia: região universal e teatro do mundo**. São Paulo: Globo, 2010.

QUEIRÓS, Eça de. **O primo Basílio**. São Paulo: Ática, 1998.

REBECHI JUNIOR, Arlindo. **O poeta da experimentação: Augusto de Campos e a crise do verso**. Comunicação e Educação. Ano XX, Número 02, jul/dez 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Rbc/Downloads/Dialnet-OPoetaDaExperimentacao-6072173.pdf>. Acesso em 12/06/2019.

REIS, Carlos. **Pessoas de livro: Estudo sobre a personagem**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de narratologia**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2002.

ROCHA, João Cezar de Castro Rocha. **Culturas Shakespearianas - Teoria mimética e os desafios da mimesis em circunstâncias não hegemônicas**. São Paulo: É Realizações, 2017.

RODRIGUES, Alcir de Vasconcelos. **Leitores e práticas de leitura em Ponte do galo, de Dalcídio Jurandir**. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAQs0AI/leitores-praticas-leitura-ponte-galo-dalcidio-jurandir>. Acesso em: 20 ago. 2013.

RODRIGUES, Almir Pantoja. **Crônicas portuguesas em jornais paraenses na segunda metade do século XIX**; orientadora, Germana Sales. 2008. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2008. Programa de Pós-Graduação em Letras

SAINT-PIERRE, Bernardin de. **Paulo e Virgínia**. Disponível de: <http://licrisdevaneiosliterarios.blogspot.com/2010/01/paulo-e-virginia-bernardin-de-saint.html>. Acesso em: 22 ago. 2013

SALES, Germana; NOBRE, Izenete. **Mercadorias e livros: entre fumo de rapé e aguardente, na Belém do século XIX**. MOARA, Belém, n. 31, p. 11-29, jan. Jun., 2009.

SALLES, Vicente. **Chão de Dalcídio**. In JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. Belém: CEJUP, 1992.

SALLES, Vicente. **Guajarina, folhetaria de Francisco Lopes**. Revista Brasileira de Cultura, n. 9. p. 87-102, jul./set. 1971.

SALLES, Vicente. Um quadro de vivências marajoaras. In: ASSIS, Rosa (Org.). **Estudos comemorativos Marajó: Dalcídio Jurandir, 60 anos**. Belém: UNAMA, 2011.

SANTOS, Edimara Ferreira. **Dumas, Montépin e Du Terrail: a circulação dos romances folhetins franceses no Pará nos anos de 1871-1880**; orientadora, Germana Maria Araújo Sales. 2011.110 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Letras.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Dores do Mundo**. Lisboa: Santos & Vieira, [1913].

SÉGUIR, Jaime. **Dicionário Prático Ilustrado**. Disponível em: http://img1.mlstatic.com/raridade-1968-dicionario-ilustrado-urups-3-edico_MLB-O-139823613_4010.jpg. Acesso em: 22 ago. 2013.

SEMIN, Nancy Leigh. **An Examination of Linda Lovelace and her Influence on Feminist Thought and the Pornographic Industry In America**. Disponível em: <http://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/4009/semind99028.pdf?sequ>

ence=2 e <http://nucleogenerosb.blogspot.com/2011/01/historia-de-linda-susan-boreman-de.html>. Acesso em janeiro 2020.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. São Paulo: Disal, 2005.

SILVA, Luís Augusto Rebello da. **Contos e lendas**. Lisboa: Editora Lisboa Mattos Moreira, 1873.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e letramento**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUSA, Inglês de. **O voluntário**. In **Contos Amazônicos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

STAËL, Germaine de. **Essai sur lês fiction suivi de l'influence dês passions sur le bonheur des individus et dês nations**. Paris: Éditions Ramsay, 1979.

TORRES, Antônio; MARANHÃO, Haroldo; GALVÃO, Pedro. **Um escritor no purgatório**. Revista Escrita, ano 1, n. 6, 1976.

VELOSO, Ivone dos Santos. **Um bulício de crianças, picado de risos e gritos: a infância desvalida em Dalcídio Jurandir**. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará 2019.

WELTMAN, Wanda Latmann. **A educação do Jeca: ciência, divulgação científica e agropecuária na Revista Chácaras e Quintais (1909 -1948)**. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde)-Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://arca.icit.fiocruz.br/handle/icit/3979>. Acesso em: 23 maio 2014.

ZILBERMAN, Regina. **O leitor moderno no Brasil**. In: SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia (Org.). **A historiografia literária e as técnicas de escrita**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004.

ANEXOS

ANEXOS A
Correspondência Pessoal – Dalcídio Jurandir

Nº	REMETENTE	DESTINATÁRIO	DATAS	QT
01	ABREU, Brício	JURANDIR, Dalcídio	26 jul. 1940	1 doc.
02	ABUFAIAD, Eva Maria Daher	JURANDIR, Dalcídio	Areia, 28 maio a 31 jul. 1978	12 doc.
03	Academia Brasileira de Letras	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 27 maio 1972 a 17 dez. 1976	4 doc.
04	Adahir	JURANDIR, Dalcídio	Cidade da Vigia, 14 fev. 1932	1 doc.
05	Adelino	JURANDIR, Dalcídio	Santarém, 27 jul. 1940	1 doc.
06	Alice	JURANDIR, Dalcídio	São Paulo, 14 jan. 1936	1 doc.
07	AMADO, Jorge	JURANDIR, Dalcídio	Chile, Índia, Salvador, Londres (e outros), de 18 maio 1953 a 13 fev. 1979	26 doc.
08	AMADO, Zélia Gattai	JURANDIR, Dalcídio	S.l., 8 dez. 1973 a 1977	2 doc.
09	Assembleia Legislativa do Estado do Pará	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 23 jun. 1972	1 doc.
10	Associação Brasileira de Defesa dos Direitos	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 11 dz. 1953	1 doc.
11	AUBER, Jacques	JURANDIR, Dalcídio	Recife, dez. 1970	1 doc.
12	BALCELLS, Carmen	JURANDIR, Dalcídio	Barcelona, 30 set. 1977	1 doc.
13	Banco de Crédito Real de Minas Gerais S.A.	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 3 jul. 1968	1 doc.
14	BARATA, Mário	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 1979	1 doc.
15	BARATA, Ruy	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 16 jan. 1967	1 doc.
16	BASTOS, Abgvar	JURANDIR, Dalcídio	Belém, São Paulo, 25 jul. 1940 e 10 ago. 1940	2 doc.
17	BERNARDO, Cléo	JURANDIR, Dalcídio	5 maio 1940 a 30 maio 1978	42 doc.
18	BIA, Guiomar	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 25 maio 1972 a 18 jul. 1974	3 doc.
19	Biblioteca Nacional	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 1973	1 doc.
20	BOGEA, José Arthur	JURANDIR, Dalcídio	Vitória, 10 fev. 1978	1 doc.
21	BRAGA, Francisco	JURANDIR, Dalcídio	Rio Grande, ago. 1952	1 doc.
22	BRAGA, Rubem	JURANDIR, Dalcídio	Florença, 20 dez. 1944	1 doc.
23	BRITO, Maria Leonora Menezes de	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 4 jan. 1977	1 doc.
24	Câmara Municipal de Belém	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 9 maio 1972	1 doc.
25	CAMPOMIZZI FILHO, José	JURANDIR, Dalcídio	Ubá, 4 jul. 1976	1 doc.
26	CANDURA, Abelardo	JURANDIR, Dalcídio	Belém, s.d.	1 doc.

Correspondência Pessoal – Dalcídio Jurandir

Nº	REMETENTE	DESTINATÁRIO	DATAS	QT
27	CARDOSO, Abílio Lobato	JURANDIR, Dalcídio	S.l., s.d.	1 doc.
28	Carmem	JURANDIR, Dalcídio	S.l., 28 jun. 1953	1 doc.
29	CASTIEL, Marise	JURANDIR, Dalcídio	S.l., s.d.	1 doc.
30	CASTRO, Fernando de	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 16 nov. ?	1 doc.
31	CHVARTS, Ruth	JURANDIR, Dalcídio	Recife, 13 set. 1976 a 24 mar. 1979	3 doc.
32	COELHO, Machado	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 8 abro 1939	1 doc.
33	Coelho Neto	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 1932	1 doc.
34	Conselho Estadual de Curitiba	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 12 maio 1972 a 10 jan. 1979	5 doc.
35	COSTA, Sílvia Maria da	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 4 mar. 1976	1 doc.
36	COUTO, Mário	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 10 ago. 1940	1 doc.
37	Dalila	JURANDIR, Dalcídio	Salvador, 5 ago. 1950	1 doc.
38	Distribuidora Record S.A.	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 5 maio 1978	3 doc.
39	Divina	JURANDIR, Dalcídio	Goiania, Paris, 2 ago. 1954 a 22 out. 1976	6 doc.
40	DRUMMOND, Leda	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 15 jun. 1943	1 doc.
41	DUARTE, Floriano	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 17 abro 1979	4 doc.
42	Editora Artenova S.A.	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 12 jul. 1976	1 doc.
43	Editora Record S.A.	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 15 fev. 1978 a 16 ago. 1978	3 doc.
44	Editora Vecchi	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 3 maio 1941 a 8 out. 1941	10 doc.
45	Embaixada da URSS	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 5 nov. 1976 a 14 dez. 1978	3 doc.
46	Fagundes	JURANDIR, Dalcídio	Recife, 27 jun. 1966	1 doc.
47	FERREIRA, Otávio	JURANDIR, Dalcídio	Belém, dez. 1973	1 doc.
48	FRANCO, Georgenor	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 26 maio 1972 a 10 jan. 1979	3 doc.
49	FREITAS, Luís Paula	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, jul. 1972	2 doc.
50	Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 3 Out. 1978	1 doc.
51	GARCIA, José Godoy	JURANDIR, Dalcídio	Belém, S.d.	1 doc.
52	GOES, Oliveira	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 3 out. 1941	1 doc.
53	GOMES FILHO, José	JURANDIR, Dalcídio	S.l., S.d.	1 doc.
54	Grupo Estrella D'Alva	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 6 jun. 1938	1 doc.

Correspondência Pessoal – Dalcídio Jurandir

Nº	REMETENTE	DESTINATÁRIO	DATAS	QT
55	Guaraciaba	JURANDIR, Dalcídio	Rio Grande, 4 jul. 1951 a dez. 1961	3 doc.
56	JAMES, Victorino	JURANDIR, Dalcídio	Itabira, 1984	1 doc.
57	Josué	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 28 ago. 1941	1 doc.
58	JURANDIR, Dalcídio	BERNARDO, Cleo	Rio de Janeiro, 11 nov. 1971	2 doc.
59	JURANDIR, Dalcídio	Carmen	Rio Grande do Sul, 1950	1 doc.
60	JURANDIR, Dalcídio	CASTRO, Maria Werneck de	Rio de Janeiro, jan. 1961	1 doc.
61	JURANDIR, Dalcídio	COUTINHO, Afrânio	Rio de Janeiro, 29 jan. 1979	1 doc.
62	JURANDIR, Dalcídio	Henrique	S.l., S.d.	1 doc.
63	JURANDIR, Dalcídio	LACERDA, Jorge Baleeiro	Pará, 15 abr. 1979	1 doc.
64	JURANDIR, Dalcídio	MENEZES, Bruno de	S.l., S.d.	2 doc.
65	JURANDIR, Dalcídio	MENEZES, Maria de Belém	Rio de Janeiro, Belém, 5 dez. 1971 a 12 maio 1978	2 doc.
66	JURANDIR, Dalcídio	MOURA, Ribamar	Belém, 1929 a 1944	7 doc.
67	JURANDIR, Dalcídio	PORTINARI, Cândido	S.l., S.d.	1 doc.
68	JURANDIR, Dalcídio	SALYK, Ivan	Rio de Janeiro, 1972	1 doc.
69	JURANDIR, Dalcídio	SCHUARTS, Ruth	Rio de Janeiro, 3 abro 1958	1 doc.
70	JURANDIR, Dalcídio	[Não identificado]	S.l., S.d.	11 doc.
71	KONDER, Valéria	JURANDIR, Dalcídio	S.l., 21 ago. 1961	1 doc.
72	LEAO, Herundino	JURANDIR, Dalcídio	Belém, S.d.	1 doc.
73	LiNDANOR, Celina	JURANDIR, Dalcídio	Belém, Paris, Lile, ago. 1961 a 1979	16 doc.
74	Livraria Martins Editora S.A.	JURANDIR, Dalcídio	São Paulo, 21 nov. 1970	1 doc.
75	LOPES, Monteiro	JURANDIR, Dalcídio	Belém, set. 1941	1 doc.
76	LUXARDO, Líbero	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 13 fev. 1978	1 f.
77	MAIA, Hermes	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 5 out. 1941	1 doc.
78	Maria	JURANDIR, Dalcídio	Sevilha, Istambul, 14 jun. 1956 a 12 nov. 1966	2 doc.
79	MARTINS, José de Barros	JURANDIR, Dalcídio	São Paulo, ago. 1961	1 doc.
80	Mary	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 28 nov. 1955	4 doc.
81	MEIRA, Cecil	JURANDIR, Dalcídio	Santarém, 27 jul. 1940	1 doc.
82	MENDES, Francisco Paulo	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 5 maio 1940 a ago. 1961	5 doc.
83	Mendonça	JURANDIR, Dalcídio	S.l., 27 jul. 1940	1 doc.

Correspondência Pessoal – Dalcídio Jurandir

Nº	REMETENTE	DESTINATÁRIO	DATAS	QT
84	MENEZES, Bruno de	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 27 mar. 1942 a 10 dez. 1958	4 doc.
85	MENEZES, Marília. Irmã	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 24 fev. a 28 mar.1977	2 doc.
86	MENEZES, Maria de Belém	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 10 jul. 1967 a 18 abro 1979	95 doc.
87	MENEZES, Maria Plutti	JURANDIR, Dalcídio	S.l., 15 nov. 1965	1 doc.
88	MONT'ALEGRE, Omer	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 27 out. 1940	1 doc.
89	MOREIRA, Eidorfe	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 4 mar. 1972	1 doc.
90	MAROJA, Rainero	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 1º abro 1956	1 doc.
91	MOURA, Raymundo	JURANDIR, Dalcídio	Belém, ago. 1961	1 doc.
92	MOURA, Ribamar	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 27 jan. 1931 a 28 abro 1933	3 doc.
93	Neide	JURANDIR, Dalcídio	Belém, s.d.	1 doc.
94	Núcleo de Promoção Cultural e do Turismo do Estado do Pará	JURANDIR, Dalcídio	Belém, maio 1977	1 doc.
95	OLIMPIO, José	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, ago. 1961	1 doc.
96	OLINCI, Marquesa dos Oitis	JURANDIR, Dalcídio	S.l., s.d.	1 doc.
97	OLIVEIRA, Ana Maria	JURANDIR, Dalcídio	Resende, 16 ago. 1975	1 doc.
98	Oséas	JURANDIR, Dalcídio	S.l., 21 fev. 1942	1 doc.
99	PAULO, Antônio	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 7 jun. 1972	1 doc.
100	PEREIRA, José Maria Varela	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 9 nov. 1977	1 doc.
101	PEREIRA, Nunes	JURANDIR, Dalcídio	Salvador, 23 jan. 1941 a 28 mar. 1977	11 doc.
102	PEREIRA, Ritacínio Ramos	JURANDIR, Dalcídio	Belém e Rio de janeiro, 9 fev. 1943 a 10 abr. 1979	13 doc.
103	PEREZ, Renard	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 18 dez. 1969	1 doc.
104	Permínio	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 1941	1 doc.
105	PINON, Nélida	JURANDIR, Dalcídio	Washington, s.d.	2 doc.
106	PINTO FILHO, Augusto Corrêa	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 19 abro 1972 a 19 jul. 1976	5 doc.
107	PORTINARI, João Cândido	JURANDIR, Dalcídio	Brodowski, Paris, 31 dez. 1952 a 22 dez. 1967	5 doc.
108	PORTINARI, Maria Martinelli	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 20 maio 1954	1 doc.
109	RAMALHETE, Clóvis	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 2 set. 1941	1 doc.

Correspondência Pessoal – Dalcídio Jurandir

Nº	REMETENTE	DESTINATÁRIO	DATAS	QT
110	RAMOS, Raimundo	JURANDIR, Dalcídio	Cachoeiras do Arari, 16 abri 1966	1 doc.
111	RAMOS, Silva	JURANDIR, Dalcídio	S.l., s.d.	1 doc.
112	Rancho "Não Posso me Amofina"	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 28 ago. 1937	1 doc.
113	RANIER, Muniz	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 16 dez. 1955	1 doc.
114	REGO, Clóvis Silva de Morais	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 1979	1 doc.
115	Rita	JURANDIR, Dalcídio	Caxias, 18 jan. 1954	1 doc.
116	ROCHA, Cândido Marinho da	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 3 mar. a 5 jul. 1976	1 doc.
117	ROSA, Maria	JURANDIR, Dalcídio	Buenos Aires, 15 jul. 1952 a 1955	1 doc.
118	SANTOS, José dos	JURANDIR, Dalcídio	S.l., 4 abri 1930	1 doc.
119	Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 18 dez. 1978	1 doc.
120	SILVA, Roberto	JURANDIR, Dalcídio	Rio Grande do Norte, 11 jan. 1977 a 2 fev. 1977	2 doc.
121	Sindicato dos Escritores no Estado da Guanabara	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 22 dez. 1973 a fev. 1974	1 doc.
122	SOUZA, Daniel Coelho de	JURANDIR, Dalcídio	Belém, S.d.	1 doc.
123	SOUZA, F. Ramos de	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, s.d.	1 doc.
124	SOUZA, J. Ramos de	JURANDIR, Dalcídio	S.l., s.d.	1 doc.
125	Sport Club de Salvaterra	JURANDIR, Dalcídio	S.l., 19 ago. 1939	1 doc.
126	STEINER, Ruth e Rodolfo	JURANDIR, Dalcídio	Belém, Natal, 24 mar. 1976	3 doc.
127	STELEO, Menezes	JURANDIR, Dalcídio	S.l., s.d.	1 doc.
128	Sulma	JURANDIR, Dalcídio	Rio Grande, 4 abro a 4 jul. 1951	2 doc.
129	TAVERNARD, Antônio	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 19 mar. 1930	1 doc.
130	Teixeira	JURANDIR, Dalcídio	Rio Grande, 2 abri 1951	2 doc.
131	Uberabinha Sport Club	JURANDIR, Dalcídio	Belém, 24 set. 1937	1 doc.
132	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 1979	1 doc.
133	VILLAÇA, Antônio Carlos	JURANDIR, Dalcídio	Rio de Janeiro, 4 jul. 1972	1 doc.
134	[Não identificado]	[Não identificado]	Belém, Rio de Janeiro, 1939 a 1973	23 doc.

ANEXOS B

Produção Intelectual de terceiros

Nº	AUTOR	ESPÉCIE	TÍTULO	DATAS	QT.
01	ALMEIDA, Manoel P.	Trova	A guerra do grilo com o leão	S.I., s.d.	8 f.
02	AMADO, Jorge	Discurso	“Sr. Presidente, com o maior prazer saúdo o romancista Dalcídio Jurandir”	Belém, 1972	1 f.
03	AZEVEDO, J. Eustáchio	Poema	Poema Yayá publicado em Literatura Paraense	Belém, 1943	1 f.
04	BASTIDE, Arbousse	Conferência	A psicologia e as ciências humanas	S.I., s.d.	3 f.
05	BASTOS, Abguar	Poema	Poesias de Abguar Bastos	S.I., s.d.	13 f.
06	BATISTA, Juarez da Gama	Monografia	A contraprova de Tereza, Favo de Mel	Paraíba, 25 S.I., s.d. mar; 1973	15 f.
07	CAMPOS, Ápis	Poema	Bruno – Alegria	Belém, 1974	4 f.
08	CASTRO, Moacir Wernek de Castro	Palestra	Sobre a primeira visita da delegação de brasileiros à Geórgia Soviética	S.I., 17 maio 1952	1 f.
09	CAVALCANTI, Rodolfo Coelho	Trova	O encontro de Rodolfo Cavalcante com Dr. Café Filho	Salvador, jul. 1955	6 f.
10	DIAS, Francisco de Paula	Trova	Décima sobre a luta dos ferroviários	S.I., s.d.	1 f.
11	LEAL, Monsenhor	Artigo	Erros Históricos	Belém, 13 ago. 1972 a 26 jan. 1973	6 f.
12	MARIA, Leda	Conto	Redação de Leda Maria, 11 anos, 5ª série	Belém, s.d.	1 f.
13	MARIA, Lília	Conto	Redação feita por Lília Maria, 13 anos, 7ª série – “Rufus”	S.I., s.d.	1 f.
14	MARIGHELLA, Carlos	Depoimento	O estudante Manghella nas prisões do Estado Novo	Rio de Janeiro, 1947	12 f.
15	MENEZES, Bruno de	Poema	Belém e o seu poema	Belém, s.d.	1 f.
16	MENEZES, Marília. Irmã	Letra de música	Encontro (das águas do Amazonas com o Tapajós)	Belém, s.d.	1 f.
17	NETO, João Palma	Crônica	Algumas palavras aos escolares brasileiros	S.I., s.d.	1 f.
18	NUNES, Benedito	Ensaio	O amor na obra de Guimarães Rosa	S.I., 1962	22 f.
19	PAULA, Samuel de	Romance	Linha do Parque	Rio de Janeiro, 24 mar. 1966	2 f.
20	PEREIRA, Alfredo Nascimento	Poema	A mater Dei	Ponta de Pedras, 1938 (?)	1 f.
21	PEREIRA, Guiomarina	Diário	Salva terra	S.D., 11 ago. 1937	1 f.
22	PEREIRA, Ivaina Freire	Poema	“Impressão”	S.I., s.d.	1 f.
23	PEREIRA, João Sérgio Freire	Conto	O tema	S.I., s.d.	2 f.

Produção Intelectual de terceiros

Nº	AUTOR	ESPÉCIE	TÍTULO	DATAS	QT.
24	PEREIRA, João Sérgio Freire	Diário	Diário de João Sérgio Freire Pereira	Rio de Janeiro, 7 jul. 1961	3 f.
25	PEREIRA, João Sérgio Freire	Notas	Caderno de notas I	S.l., 10 fev. 1954	50 f.
26	PEREIRA, João Sérgio Freire	Notas	Caderno de notas II	S.l., 30 set. 1958 a 24 jun. 1961	91 f.
27	PEREIRA, João Sérgio Freire	Poema	Teu último soneto	S.l., 16 maio 1952	1 f.
28	PEREIRA, João Sérgio Freire	Poema	Poemas de João Sérgio Freire Pereira	Rio de Janeiro, 195	32 f.
29	PEREIRA, José Maria Varella	Romance	Tipacoema	Belém, 1976	102 f.
30	PEREIRA, José Roberto Freire	Artigo	Egoísmo (Doutrina do Ego)	S.l., s.d.	4 f.
31	PEREIRA, José Roberto Freire	Artigo	Morte	S.l., s.d.	3 f.
32	PEREIRA, José Roberto Freire	Conto	Estrada do Mal	S.l., s.d.	6 f.
33	PEREIRA, José Roberto Freire	Conto	As lágrimas de Ricardo	S.l., s.d.	2 f.
34	PEREIRA, José Roberto Freire	Conto	Mnemônica	S.l., s.d.	2 f.
35	PEREIRA, José Roberto Freire	Conto	Primeiro Beijo	S.l., s.d.	1 f.
36	PEREIRA, José Roberto Freire	Diário	Reflexões Pessoais	São Paulo, de 9 a 29 jan. 1961 (10 doc)	25 f.
37	PEREIRA, José Roberto Freire	Letra de música	Zé Ketí não passou pra faculdade	S.l., s.d.	1 f.
38	PEREIRA, José Roberto Freire	Notas	Caderno de notas	S.l., s.d.	30 f.
39	PEREIRA, José Roberto Freire	Notas	Levanta-se Regina e vai ao encontro	S.l., s.d.	1 f.
40	PEREIRA, José Roberto Freire	Notas	Crônica solta	S.l., s.d.	1 f.
41	PEREIRA, José Roberto Freire	Notas	Ideias para um romance	S.l., s.d.	2 f.
42	PEREIRA, José Roberto Freire	Notas	Notas avulsas	S.l., s.d.	29 f.
43	PEREIRA, José Roberto Freire	Notas	Por que me olham assim? Por acaso estão surpresos?	S.l., s.d.	1 f.
44	PEREIRA, José Roberto Freire	Notas	A Pugna	S.l., s.d.	1 f.
45	PEREIRA, José Roberto Freire	Notas	Tímida crônica	S.l., s.d.	1 f.
46	PEREIRA, José Roberto Freire	Poema	O Iniciado do vento, Atordoo-me com incertezas; Juntos.; Uma fragrância de desejos; D. Chiquinha um homem não tinha	S.l., s.d.	4 f.
47	PEREIRA, José Roberto Freire	Poema	Levo a tristeza bem longe	S.l., s.d.	1 f.

Produção Intelectual de terceiros

Nº	AUTOR	ESPÉCIE	TÍTULO	DATAS	QT.
48	PEREIRA, José Roberto Freire	Peça de teatro	Uma noite de tempestade	S.l., s.d.	1 f.
49	PEREIRA, José Roberto Freire	Peça de teatro	Sua aparência agitada envolvida numa explosão	S.l., s.d.	3 f.
50	Pereira Neto	Conto	Manhã do papagaio selvagem	S.l., s.d.	5 f.
51	PEREIRA, Nunes	Artigo	A tartaruga verdadeira do Amazonas	Rio de Janeiro, 1958	17 f.
52	PEREIRA, Ritacínio Ramos	Relatório	Sobre as crises do Mal de Parkinson	S.l., s.d.	1 f.
53	PEREZ, Renard	Artigo	Dalcídio Jurandir	Rio de Janeiro, 1964	4 f.
54	PINAGÉ, Rodrigues	Poema	Homenagem a Bruno de Menezes	24 jun. 1972	1 f.
55	PINTO, Corrêa	Conto	Palavras a Aloysio Chaves e Clóvis Morais	S.l., mar. 1975	2 f.
56	PINTO, Corrêa	Conto	Itinerário de uma vida	Rio de Janeiro, 1976	2 f.
57	PINTO FILHO, Augusto Corrêa	Conto	Perenidade da Poesia	Rio de Janeiro, 1975	14 f.
58	RIBEIRO, Anazildo	Poema	Guanabarino	Rio de Janeiro, 1965	20 f.
59	RIPOL, Lila	Poema	Primeiro de Maio – Cadernos da Horizonte	Porto Alegre, 1954	20 f.
60	RODRIGUES, Narciso Ramos	Poema	Poemas de Narciso Ramos Rodrigues	S.l., 27 nov. 1973	36 f.
61	SALES, Herberto	Nota	Notas sobre o livro “Chove nos Campos de Cachoeira”	S.l., s.d.	1 f.
62	SALLES, Vicente	Artigo	Chão de Dalcídio Jurandir – Revista de Cultura do Pará	S.l., jul. dez. 1979	9 f.
63	SANTOS, José Martins dos	Trova	Os arigóes no comércio	S.l., s.d.	8 f.
64	SILAR, Carlos	Poema	Notas sul-baianas nº 3 e nº 4	1941	4 f.
65	TINOOCO, Dr. Cícero	Poema	Vila Rica Lírico	S.l., s.d.	1 f.
66	VIANA, Reginaldo	Conto	O homem que não quis morrer	S.l., s.d.	1 f.
67	ZECA, José Augusto Pereira	Romance	Mãe terra	S.l., s.d.	296 f.
68	Não identificado	Discurso	Discurso do presidente da Academia; Discurso quando do recebimento da Comenda do Mérito do Grão-Pará	Belém, Brasília, 1972 e 10 de abr. 1978	2 doc., 8 f.
69	Não identificado	Ensaio	Jorge de Lima depois de sua festa de despedida	S.l., s.d.	1 f.

Produção Intelectual de terceiros

Nº	AUTOR	ESPÉCIE	TÍTULO	DATAS	QT.
70	Não identificado	Notas	Número de telefone de Ronalina; A aposta; Jul. impossible; Escola de Jagarájô; O escritor; Esborço de um slogan de propaganda política; os moleques que soltaram os cachorros	Rio de Janeiro, 27 out. 1954	7 doc, 7 f.
71	Não identificado	Conto	Delírio; Uma cena da Cabanagem (texto do pai de Dalcídio Jurandir); não e meu	S.I., s.d.	3 doc, 20 f.
72	Não identificado	Poema	Criação Indefesa; Ao farmacêutico; O monstro; Morrer mil vezes melhor; Pré-sensação; Recalques; Sei que és feliz;	S.I., 1937 a 1987	8 doc. 19 f.
73	Não identificado	Prosa Poética	Mãe, Luz eterna	S.I., s.d.	1 f.
74	Não identificado	Resenha	Ribanceira	Rio de Janeiro, 1978	1 f.
75	Não identificado	Rubrica	Rubricas	S.I., s.d.	1 f.
76	Não identificado	Sumário	Sumário "Terra, trabalho e conflito na literatura brasileira"	S.I., s.d.	1 f.

ANEXO C**POESIAS DATERCEIRA SEÇÃO****A VINGANÇA DA PORTA**¹⁸⁵**Alberto de Oliveira**

Era um hábito antigo que ele tinha:
entrar dando com a porta nos batentes
— "Que te fez esta porta?" a mulher vinha
e interrogava... Ele, cerrando os dentes:

— "Nada! Traze o jantar." — Mas à noitinha
calmava-se; feliz, os inocentes
olhos revê da filha e a cabecinha
lhe afaga, a rir, com as rudes mãos trementes.

Uma vez, ao tornar à casa, quando
erguia a aldrava, o coração lhe fala
— "Entra mais devagar..." Pára, hesitando...

Nisso nos gonzos range a velha porta,
ri-se, escancara-se. É ele vê na sala
a mulher como doida e a filha morta.

Fonte: http://www.releituras.com/aoliveira_porta.asp . Acesso em 16/02/2018

¹⁸⁵ Leitura no livro **Chove nos campos de Cachoeira**

O CORVO¹⁸⁶

Por Edgar Allan Poe,
traduzido por Machado de Assis

Em certo dia, à hora, à hora
Da meia-noite que apavora,
Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina, agora morta,
la pensando, quando ouvi à porta
Do meu quarto um soar devagarinho,
E disse estas palavras tais:
"É alguém que me bate à porta de
mansinho;
Há de ser isso e nada mais."

Ah! bem me lembro! bem me lembro!
Era no glacial dezembro;
Cada brasa do lar sobre o chão refletia
A sua última agonia.
Eu, ansioso pelo sol, buscava
Sacar daqueles livros que estudava
Repouso (em vão!) à dor esmagadora
Destas saudades imortais
Pela que ora nos céus anjos chamam
Lenora.
E que ninguém chamará mais.

E o rumor triste, vago, brando
Das cortinas ia acordando
Dentro em meu coração um rumor não
sabido,
Nunca por ele padecido.
Enfim, por aplacá-lo aqui no peito,
Levantei-me de pronto, e: "Com efeito,
(Disse) é visita amiga e retardada
Que bate a estas horas tais.
É visita que pede à minha porta entrada:
Há de ser isso e nada mais."

Minh'alma então sentiu-se forte;
Não mais vacilo e desta sorte
Falo: "Imploro de vós, — ou senhor ou
senhora,
Me desculpeis tanta demora.
Mas como eu, precisando de descanso,
Já cochilava, e tão de manso e manso
Batestes, não fui logo, prestemente,
Certificar-me que aí estais."
Disse; a porta escancarou, acho a noite
samente,
Somente a noite, e nada mais.

Com longo olhar escruto a sombra,
Que me amedronta, que me assombra,
E sonho o que nenhum mortal há já
sonhado,
Mas o silêncio amplo e calado,
Calado fica; a quietação quieta;
Só tu, palavra única e diletta,
Lenora, tu, como um suspiro escasso,
Da minha triste boca saís;
E o eco, que te ouviu, murmurou-te no
espaço;
Foi isso apenas, nada mais.

Entro coa alma incendiada.
Logo depois outra pancada
Soa um pouco mais forte; eu, voltando-me a
ela:
"Seguramente, há na janela
Alguma cousa que sussurra. Abram os,
Eia, fora o temor, eia, vejamos
A explicação do caso misterioso
Dessas duas pancadas tais.
Devolvamos a paz ao coração medroso,
Obra do vento e nada mais."

Abro a janela, e de repente,
Vejo tumultuosamente
Um nobre corvo entrar, digno de antigos
dias.
Não despendeu em cortesias
Um minuto, um instante. Tinha o aspecto
De um *lord* ou de uma *lady*. E pronto e reto,
Movendo no ar as suas negras alas,
Acima voa dos portais,
Trepou, no alto da porta, em um busto de
Palas;
Trepado fica, e nada mais.

Diante da ave feia e escura,
Naquela rígida postura,
Com o gesto severo, — o triste pensamento
Sorriu-me ali por um momento,
E eu disse: "O tu que das noturnas plagas
Vens, embora a cabeça nua tragas,
Sem topete, não és ave medrosa,
Dize os teus nomes senhoriais;
Como te chamas tu na grande noite
umbrosa?"
E o corvo disse: "Nunca mais".

¹⁸⁶ Leitura no livro **Chove nos campos de Cachoeira**

Vendo que o pássaro entendia
 A pergunta que lhe eu fazia,
 Fico atônito, embora a resposta que dera
 Difícilmente lha entendera.
 Na verdade, jamais homem há visto
 Cousa na terra semelhante a isto:
 Uma ave negra, friamente posta
 Num busto, acima dos portais,
 Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
 Que este é seu nome: "Nunca mais".

No entanto, o corvo solitário
 Não teve outro vocabulário,
 Como se essa palavra escassa que ali disse
 Toda a sua alma resumisse.
 Nenhuma outra proferiu, nenhuma,
 Não chegou a mexer uma só pluma,
 Até que eu murmurei: "Perdi outrora
 Tantos amigos tão leais!
 Perderei também este em regressando a
 aurora."
 E o corvo disse: "Nunca mais!"

Estremeço. A resposta ouvida
 É tão exata! é tão cabida!
 "Certamente, digo eu, essa é toda a ciência
 Que ele trouxe da convivência
 De algum mestre infeliz e acabrunhado
 Que o implacável destino há castigado
 Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,
 Que dos seus cantos usuais
 Só lhe ficou, na amarga e última cantiga,
 Esse estribilho: "Nunca mais".

Segunda vez, nesse momento,
 Sorriu-me o triste pensamento;
 Vou sentar-me defronte ao corvo magro e
 rudo;
 E mergulhando no veludo
 Da poltrona que eu mesmo ali trouxera
 Achar procuro a lúgubre quimera,
 A alma, o sentido, o pávido segredo
 Das sílabas fatais,
 Entender o que quis dizer a ave do medo
 Grasnando a frase: "Nunca mais".

Assim posto, devaneando,
 Meditando, conjeturando,
 Não lhe falava mais; mas, se lhe não falava,
 Sentia o olhar que me abrasava.
 Conjeturando fui, tranquilo a gosto,
 Com a cabeça no macio encosto
 Onde os raios da lâmpada caíam,
 Onde as tranças angelicais
 De outra cabeça outrora ali se desparziam,
 E agora não se esparzem mais.

Supus então que o ar, mais denso,
 Todo se enchia de um incenso,
 Obra de serafins que, pelo chão roçando
 Do quarto, estavam meneando
 Um ligeiro turíbulo invisível;
 E eu exclamei então: "Um Deus sensível
 Manda repouso à dor que te devora
 Destas saudades imortais.
 Eia, esquece, eia, olvida essa extinta
 Lenora."
 E o corvo disse: "Nunca mais".

"Profeta, ou o que quer que sejas!
 Ave ou demônio que negrejas!
 Profeta sempre, escuta: Ou venhas tu do
 inferno
 Onde reside o mal eterno,
 Ou simplesmente naufrago escapado
 Venhas do temporal que te há lançado
 Nesta casa onde o Horror, o Horror profundo
 Tem os seus lares triunfais,
 Dize-me: existe acaso um bálsamo no
 mundo?"
 E o corvo disse: "Nunca mais".

"Profeta, ou o que quer que sejas!
 Ave ou demônio que negrejas!
 Profeta sempre, escuta, atende, escuta,
 atende!
 Por esse céu que além se estende,
 Pelo Deus que ambos adoramos, fala,
 Dize a esta alma se é dado inda escutá-la
 No éden celeste a virgem que ela chora
 Nestes retiros sepulcrais,
 Essa que ora nos céus anjos chamam
 Lenora!"
 E o corvo disse: "Nunca mais".

“Ave ou demônio que negrejas!
Profeta, ou o que quer que sejas!
Cessa, ai, cessa! clamei, levantando-me, cessa!
Regressa ao temporal, regressa
À tua noite, deixa-me comigo.
Vai-te, não fique no meu casto abrigo
Pluma que lembre essa mentira tua.
Tira-me ao peito essas fatais
Garras que abrindo vão a minha dor já crua”.
E o corvo disse: "Nunca mais".

E o corvo aí fica; ei-lo trepado
No branco mármore lavrado
Da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.
Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
Um demônio sonhando. A luz caída
Do lampião sobre a ave aborrecida
No chão espraia a triste sombra; e, fora
Daquelas linhas funerais
Que flutuam no chão, a minha alma que chora
Não sai mais, nunca, nunca mais!

Fonte:

[https://pt.wikisource.org/wiki/O_Corvo_\(tradu%C3%A7%C3%A3o_de_Machado_de_Assis\)](https://pt.wikisource.org/wiki/O_Corvo_(tradu%C3%A7%C3%A3o_de_Machado_de_Assis)).
Acesso em 16/02/2018.

ESPUMAS FLUTUANTES¹⁸⁷

Antonio de Castro Alves

SUB TEGMINE FAGI

A Melo Morais

Dieu parle dans le calme plus haut
que dans la tempête.

Mickiewicz

Deus nobis haec otia fecit.

Virgílio

Amigo! O campo é o ninho do poeta...

Deus fala, quando a turba está quieta,

Às campinas em flor.

— Noivo — Ele espera que os convivas saiam...

E n'alcova onde as lâmpadas desmaiam

Então murmura — amor —

Vem comigo cismar risonho e grave...

A poesia — é uma luz... e alma — uma ave...

Querem — trevas e ar.

A andorinha, que é a alma — pede o campo

A poesia quer sombra — é o pirilampo...

Pra voar... pra brilhar.

Meu Deus! Quanta beleza nessas trilhas...

Que perfume nas doces maravilhas,

Onde o vento gemeu!...

Que flores d'ouro pelas veigas belas!

... Foi um anjo co'a mão cheia de estrelas

Que na terra as perdeu.

Aqui o éter puro se adelgaça...

Não sobe esta blasfêmia de fumaça

Das cidades para o céu.

E a terra é como um inseto friorento

Dentro da flor azul do firmamento,

Cujo cálice pendeu!...

Qual no fluxo e refluxo, o mar em vagas

¹⁸⁷ Depreendido no livro **Marajó**

Leva a concha dourada... e traz das plagas
 Corais em turbilhão,
 A mente leva a prece a Deus — por pérolas
 E traz, volvendo após das praias cérulas,
 — Um brilhante — o perdão!

A alma fica melhor no descampado...
 O pensamento indômito, arrojado
 Galopa no sertão,
 Qual nos estepes o corcel feroso
 Relincha e parte turbulento, estoso,
 Solta a crina ao tufão.

Vem! Nós iremos na floresta densa,
 Onde na arcada gótica e suspensa
 Reza o vento feral.
 Enorme sombra cai da enorme rama...
 É o Pagode fantástico de Brama
 Ou velha catedral.

Irei contigo pelos ermos — lento —
 Cismando, ao pôr-do-sol, num pensamento
 Do nosso velho Hugo.
 — Mestre do mundo! Sol da eternidade!...
 Para ter por planeta a humanidade,
 Deus num cerro o fixou.

Ao longe, na quebrada da colina,
 Enlaça a trepadeira purpurina
 O negro mangueiral...
 Como no Dante a pálida Francesca,
 Mostra o sorriso rubro e a face fresca
 Na estrofe sepulcral.

O povo das formosas amarílis
 Embala-se nas balsas, como as Wilis
 Que o Norte imaginou.
 O antro — fala... o ninho s'estremece...
 A dríade entre as folhas aparece...
 Pã na flauta soprou!...

Mundo estranho e bizarro da quimera,
 A fantasia desvairada gera
 Um paganismo aqui.

Melhor eu compreendo então Virgílio...
E vendo os Faunos lhe dançar no idílio,
Murmuro crente: — eu vi! —

Quando penetro na floresta triste,
Qual pela ogiva gótica o antiste,
Que procura o Senhor,
Como bebem as aves peregrinas
Nas ânforas de orvalho das boninas,
Eu bebo crença e amor!...

E à tarde, quando o sol — condor sangrento —,
No ocidente se aninha sonolento,
Como a abelha na flor...
E a luz da estrela trêmula se irmana
Co'a fogueira noturna da cabana,
Que acendera o pastor,

A lua — traz um raio para os mares...
A abelha — traz o mel... um treno aos lares
Traz a rola a carpir...
Também deixa o poeta a selva escura
E traz alguma estrofe, que fulgura,
Pra legar ao porvir!...

Vem! Do mundo leremos o problema
Nas folhas da floresta, ou do poema,
Nas trevas ou na luz...
Não vêes?... Do céu a cúpula azulada,
Como uma taça sobre nós voltada,
Lança a poesia a flux!...

Boa Vista, 1867

DELGADINA¹⁸⁸

Un padre tenía tres hijas
 más hermosas que la playa,
 y la más chiquirritita
 Delgadina se llamaba.
 Un día, estando en el campo,
 su padre la remiraba:
 –¿Por qué me remiras, padre,
 y tan atento en la cara?
 –Te remiro, Delgadina,
 porque has de ser mi enamorada.
 –No lo querrá Dios del cielo,
 ni la Virgen Soberana.
 –¡Andad, todos mis criados,
 a Delgadina a encerrarla,
 en un cuarto muy oscuro
 que no tenga ni ventanas!
 Y no dadla de comer
 más que sardinas saladas,
 y no dadla de beber
 más que zumo de retama.
 A eso de los ocho días,
 Dios la abre una ventana;
 desde allí ve a su madre,
 que está barriendo la casa:
 –¡Por Dios, madrecita mía!,
 ¡Por Dios, un vaso de agua!,
 Que el corazón me lo pide,
 y la vida se me acaba.
 –Te lo daría, Delgadina,
 pero de muy buena gana;
 pero si padre se entera,
 la cabeza nos cortara:
 a ti, porque lo bebías,
 y a mí, porque te lo daba.
 Ya se mete Delgadina,
 tan triste y desconsolada.
 A eso de los quince días,

Dios la abre otra ventana.
 Desde allí ve a su hermana,
 que está fregando la casa:
 –¡Por Dios, hermanita mía!,
 ¡Por Dios, dame un vaso de agua!,
 que el corazón me lo pide,
 y la vida se me acaba.
 –Te lo daría, Delgadina,
 pero de muy buena gana;
 pero si padre se entera,
 la cabeza nos cortara:
 a ti, porque lo bebías,
 y a mí, porque te lo daba.
 Ya se mete Delgadina,
 muy triste y desconsolada.
 A eso de un mes,
 Dios la abre otra ventana;
 desde allí ve a su padre,
 paseando por la playa:
 –¡Por Dios, padrecito mío!,
 ¡Por Dios, un vaso de agua!,
 Que el corazón me lo pide,
 y la vida se me acaba.
 –Te lo daré, Delgadina,
 si eres mi enamorada.
 Ya se mete Delgadina,
 muy triste y desconsolada.
 Y a eso de un mes y medio,
 ya doblaban las campanas.
 Se preguntaba la gente:
 –¿Por quién doblan las campanas?
 –Doblan por Delgadina,
 que ha muerto desconsolada.
 Y debajo de Delgadina
 hay una fuente que mana;
 y la Virgen la está guarda

¹⁸⁸ Estudio de una versión del romance de Delgadina obtenida de la tradición de la Vega de Santa María (Ávila), poniéndola en relación con otras versiones peninsulares y de la tradición judeosefardí, y con alguna otra tradición fuera del ámbito hispánico, a través del método comparativo. GÓMEZ GARRIDO, Luis Miguel. “Una versión del romance de Delgadina tradicional en la Vega de Santa María (Ávila)”. Culturas Populares. Revista Electrónica 4 (enero-junio 2007), 10pp. <http://www.culturaspopulares.org/textos4/articulos/gomezgarrido.pdf> ISSN: 1886-5623

LA FLOR DE LILALÁ¹⁸⁹

Cuento de la Flauta Mágica
Matilde Oliva López. (Almansa)

Eran una vez, unos Condes que tenían una hija que era princesa, la cual, coge una enfermedad muy mala. Entonces, la llevan a todos los médicos que conocían, pero ya viendo la imposibilidad, piensan de llevarla al extranjero. Entonces, este médico les dice, que con lo único que se podía curar era con una hierba llamada la flor de Lilalá. Entonces, claro, vienen al pueblo, lo publican y todos los chicos jóvenes querían conseguir la hierba, porque proponen, del que llevara la hierba se casaría con ella. Entonces, hay una familia de cinco personas -este matrimonio tenía tres hijos- y piensan de irse los tres a ver cual encontraba la hierba. Entonces los dos pequeños optan por irse más juntos y el mayor dice:
—yo me separo de vosotros, me voy a buscarla solo. Entonces tiene la suerte que este mayor encuentra la hierba; cuando ya al mucho tiempo se vienen a casa y se encuentran por el camino los tres y piensan los dos pequeños; dice:
—oye, sabes lo que podíamos hacer, quitársela, matarlo y llevarla nosotros.-
Y uno estaba muy dispuesto a ello, pero el otro parece que eso no lo veía, pero lo convence y dice:
—te das cuenta lo que será casarnos nosotros con ella, uno, lo echaremos en suertes y al que le toque...- Bueno se ponen de acuerdo y lo matan; hacen un gran hoyo y lo entierran y se presentan con la flor de Lilalá. Pasa un tiempo y del alma de este muchacho nace una caña. Y pasa un día un tío sartenero por allí y dice:
—¡Uh!, que caña, que color tiene, parece que me dice algo. Dice:
—mira la voy a cortar y me voy a hacer un pito... Y se hace un pito. Y empieza a pitar y decía:
Toque, toque, sartenero,
toque, toque, sin cesar,
Mis hermanos me mataron
por la flor de Lilalá.
Y dice el sartenero:
—ves como esta caña yo sabía que decía algo, ¡juy!
pues esto tengo yo que ventilarlo, haber esto lo que es.

¹⁸⁹ Tradición y Cultura. Tradición Oral en la Provincia de Albacete, 1993. p. 19 – 21
(<http://biblioteca2.uclm.es/biblioteca/ceclm/libros/tradoral.pdf>, acessado em 09/08/18).

Entonces, se va al pueblo y va cantando el hombre con su pito. Y ya claro, llega a esta familia y dice:
 —¡Uh!, ¡señor!, ¿qué es esto?. ¡Sartenero! ¡venga!, ¡venga!, que queremos tocar ese pito.
 Y lo coge el padre y claro al pitar:
 Toque, toque, padre mío
 toque, toque, sin cesar.
 Mis hermanos me mataron
 por la flor de Lilalá.
 Y la madre, fíjate... Lo vuelve a tocar la madre:
 Toque, toque, madre mía
 toque, toque sin cesar.
 Mis hermanos me mataron
 por la flor de Lilalá.
 Claro, ya llaman a los muchachos y les hacen que toquen el pito. Y lo coge uno de ellos y le dice:
 Toca, toca hermano mío
 toca, toca sin cesar.
 Tu mismito me mataste
 por la flor de Lilalá.
 Y luego le hacen que lo toque el otro:
 —Toca, toca hermano mío / toca, toca sin cesar. / Tú ayudaste a matarme / por la flor de Lilalá.
 Claro, se descubre que estaba ahí la verdad.
 Entonces, les piden cuentas y que se vayan a acompañar, a ver dónde entierran al muchacho y van y precisamente, cavan donde era y claro, ahí estaba el muchacho.
 Entonces, sacan al muchacho de allí y bueno, como cosa de cuento, el cuento mi abuela cuando me lo echaba, dice, que resucita el muchacho, claro, los cuentos son así, y... nada, le coge la hierba y le lleva la hierba él a la reina.
 Entonces, castigan a los muchachos, los dos que lo hacen, un castigo duro, fuerte, y ya llega este muchacho, se casa con ella y son felices y comen perdices.

ROMANCE DE SILVANA¹⁹⁰

Juana Sánchez Martínez. (Almansa)

Silvana se paseaba
 por sus altos corredores
 su padre la estaba viendo
 recreándose en amores.
 —Silvana si tú quisieras,
 ser de tu padre querida,
 de oro te vistería,
 de plata te calzaría,
 la camisa de Vichy
 las mangas de seda fina.
 —Y los pecados q'hubiera
 padre ¿quién los quitaría?
 —Y hay un padre Santo en Roma
 que a los dos perdonaría.
 (32)—También hay Dios en los cielos
 que a los dos castigaría.
 Silvana baja sus alas
 muy triste y descolorida,
 ¿Qué tiene mi hija Silvana?
 ¿qué tiene mi hija querida?
 —¿Qué quiere que yo le cuente?
 ¿Qué quiere que yo le diga?
 Que el canalla de mi padre
 quiere que sea su querida.
 - —Hija si tu asín quisieras
 todo se remediaria
 los cambiaríamos de ropa
 día de Pascua Florida.
 Silvana se quita el traje,
 su madre se lo ponía,
 sube a la sala del Rey
 y hablaba con cortesía.
 —Buenos días tenga padre
 —Muy buenas Silvana mía
 —Yo no soy tu hija Silvana,
 que soy tres veces nacida:

Primero nació Isabel
 y la segunda María
 y la tercera Silvana
 la que tienes por querida.
 Y al decir estas palabras,
 cayó al suelo de rodillas,
 le echan agua por la frente,
 por ver si en sí volvía.
 Y apenas que en sí volvió,
 estas palabras decía:
 -¿Dónde está mi hija Silvana?
 ¿dónde está mi hija querida?
 (33)Que ha de ser la protectora
 de los bienes de mi vida,
 porque ha sabido guardar
 su honra y también la mía.
 Fin

¹⁹⁰ Las relaciones incestuosas son materia de amplio trato en el romancero tradicional. En Silvana centran la relación entre padre-hija. La madre toma parte activa en el desenlace y evita la trágica relación suplantando a su hija en el lecho. Según Menéndez Pidal el poeta neo-hebreo Israel Nagara, ya cita los versos "paseábase Silvana" en su *Semiot Israel* (los cantos de Israel) en 1587. Tradición y Cultura. Tradición Oral en la Provincia de Albacete, 1993. p. 31 – 33 (<http://biblioteca2.uclm.es/biblioteca/ceclm/libros/tradoral.pdf>, accessed on 09/08/18).

ANEXO D
FIGURA DA QUARTA SEÇÃO

Galeria Lafayette



Fonte: <https://hausmann.galerielafayette.com/pt-br/cultura-e-patrimonio-2/> . Acesso em 15/02/2018

ANEXO E

POESIAS DA QUARTA SEÇÃO

Texto de consulta

1

A página branca indicará o discurso
Ou a supressão o discurso?

A página branca aumenta a coisa
Ou ainda diminui o mínimo?

O poema é o texto? O poeta?
O poema é o texto + o poeta?
O poema é o poeta – o texto?

O texto é o contexto do poeta
Ou o poeta o contexto do texto?

O texto visível é o texto total
O antetexto o antitexto
Ou as ruínas do texto?
O texto abole
Cria
Ou restaura?

2

O texto deriva do operador do texto
Ou da coletividade — texto?

O texto é manipulado
Pelo operador (ótico)
Pelo operador (cirurgião)
Ou pelo ótico-cirurgião?

O texto é dado
Ou dador?
O texto é objeto concreto
Abstrato
Ou concretoabstrato?

O texto quando escreve
Escreve
Ou foi escrito
Reescrito?

O texto será reescrito
Pelo tipógrafo / o leitor / o crítico;
Pela roda do tempo?

Sofre o operador:

O tipógrafo trunca o texto.
Melhor mandar à oficina
O texto já truncado.

3

O texto é o micromenabó do poeta
Ou o poeta o macromenabó do texto?

4

A palavra nasce-me
fere-me
mata-me
coisa-me
ressuscita-me

5

Serviremos a metáfora?
Arquivaremos a?

Metáfora: instrumento máximo;
CASSIRER,

A própria linguagem do homem.
ORTEGA Y GASSET
Invenção / translação

6

A palavra cria o real?
O real cria a palavra?
Mais difícil de aferrar:
Realidade ou alucinação?

Ou será a realidade
Um conjunto de alucinações?

7

Existe um texto regional / nacional
Ou todo texto é universal?
Que relação do texto
Com os dedos? Com os textos alheios?
Giro NÉ POUR D'ÉTERNELS
Com o texto a tiracolo
PARCHEMINS
(MALLARMÉ)

Sem o texto

Não decifro o itinerário,

Toda palavra é adâmica:
 Nomeia o homem
 Quem nomeia a palavra.
 Querendo situar objetos
 Construimos um elenco vertical.
 Enumeração caótica?
 Antes definição.
 Catalogar, próprio do homem.

8

Morrer perder o texto
 Perder a palavra / o discurso

Morrer: perder o texto
 Ser metido numa caixa
 Com têsto
 Sem texto.

9

Juízo final do texto:
 Serei julgado pela palavra
 Do dador da palavra / do sopro / da chama.

O texto-coisa me espia
 Com o olho de outrem.

Talvez me condene ao ergástulo.

O juízo final
 Começa em mim
 Nos lindes da
 Minha palavra.

Roma, 1965¹⁹¹

¹⁹¹ In: MENDES, Murilo. **Convergência, 1963/1966: 1 — convergência; 2 — sintaxe**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

“MATAI-ME, MARIDO, MATAI-ME QU’EU A MORTE MERECI”¹⁹²

“A tradição brasileira apresenta igualmente versões com essa postura da esposa:

- Matai-me, marido, matai-me qu’eu a morte mereci:

Se tu era meu marido não me davas a conhecer.”

(Romero, 1883, l: 5-7)

(NASCIMENTO, 2004, p. 327)

NASCIMENTO, Braulio do. Estudos sobre o romanceiro tradicional. Editora Universitária, UFPB, 2004.

Fonte : <https://books.google.com.br/books?isbn=8523705457>. Em 23/02/2018

O Bernal Francês, coletado por Silvio Romero e publicado em contos populares do Brasil, disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/O_Bernal_Francês. Acesso em: 15/08/2018

O BERNAL FRANCÊS

O Bernal Francês, coletado por Sílvio Romero

Fonte: https://pt.wikisource.org/wiki/O_Bernal_Francês

Publicado em Cantos populares do Brasil. (Rio de Janeiro)

“Quem bate na minha porta,
Quem bate, quem está aí?
—É Dom Bernaldo Francês,
A sua porta mande abrir.

No descer da minha cama
Me caiu o meu chapim ;
No abrir da minha porta
Apagou-se o meu candil.
Eu levei-lhe pelas mãos,
Levei-o no meu jardim;
Me pus a lavar a ele
Com água de alecrim;
E eu como mais formosa
Na água de Alexandria.
Eu lhe truxe pelas mãos,

Levei-o na minha cama.
Meia noite estava dando.
Era Dom Bernaldo Francês;
Nem sonava, nem movia,
Nem se virava pra mim.
"O que tendes, D. Bernaldo,
O que tendes, que maginas?

Si temes de meus irmãos,
Eles estão longe de ti;
Si temes de minha mãe,
Ela não faz mal a ti;
Si temes de meu marido,
Ele está na guerra civil.

—Não temo de teus irmãos,
Qu'eles meus cunhados são;
Não temo de tua mãe,
Qu'ela minha sogra é;
Não temo do teu marido,
Qu'ele está a par contigo.
**"Matai-me, marido, matai-me;
Qu'eu a morte mereci;**
Si tu eras meu marido
Não me davas a conhecer.

—Amanhã de pra minhã
Eu te darei que vestir;
Te darei saia de ganga,
Sapato de berbotim,
Trago-te punhal de ouro
Para te tirar a vida...

¹⁹² Depreendido a partir da leitura de textos em Belém do Grão-Pará, Página 126

O túmulo que a levava
 Era de ouro e marfim;
 As tochas que acompanhavam
 Eram cento e onze mil,
 Não falando de outras tantas
 Que ficou atrás pra vir.

"Aonde vai, cavaleiro,
 Tão apressado no andar?"

—Eu vou ver a minha dama
 Que já há dias não a vejo.
 "Volta, volta, cavaleiro,
 Que a tua dama já é morta,
 É bem morta que eu bem vi,
 Si não quereis acreditar
 Vai na capela de São Gil.
 "Abre-te, terra sagrada,
 Quero me lançar em ti.
 "Para, para, Dom Bernaldo,
 Por mode ti já morri."

—Mas eu quero ser frade
 Da capela de São Gil;
 As missas que eu disser
 Todas serão para ti.
 "Não quero missas, Bernaldo,
 Que são fogo para mim:
 Nas filhas que vós tiver
 Botai nome como a mim;
 Nos filhos que vós tiver
 Botai nome como a ti.

Fonte primária:

O livro Romanceiro Português do Canadá, de Manuel da Costa Fontes. Da Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra: Editora Atlantida Pedrulha, 1979.

VIII. Regresso do marido. Parte 43 . Recitado por Sofia Ribeiro, 77 anos de idade, natural de Cais do Pico, Pico (20/05/78) páginas 36 e 37

Fonte: https://books.google.com/books/about/Romanceiro_português_do_Canadá.html?id...

ANEXOS F

REVISTA BELÉM NOVA

Belém Nova. Belém: Empreza Belém Nova, n.13, v.1, 3 maio 1924. 32p.



Fonte: <http://www.fcp.pa.gov.br/2016-12-13-19-40-20/belem-nova>

Revista paraense fundada em 1923, abordando as manifestações artísticas regionais. O diretor era o poeta Bruno de Menezes. Contou com a colaboração da jovem intelectualidade paraenses e nacional. Circulou de 15 de setembro de 1923 até 15 de abril de 1929. 1924. nº 17, V. 1, junho